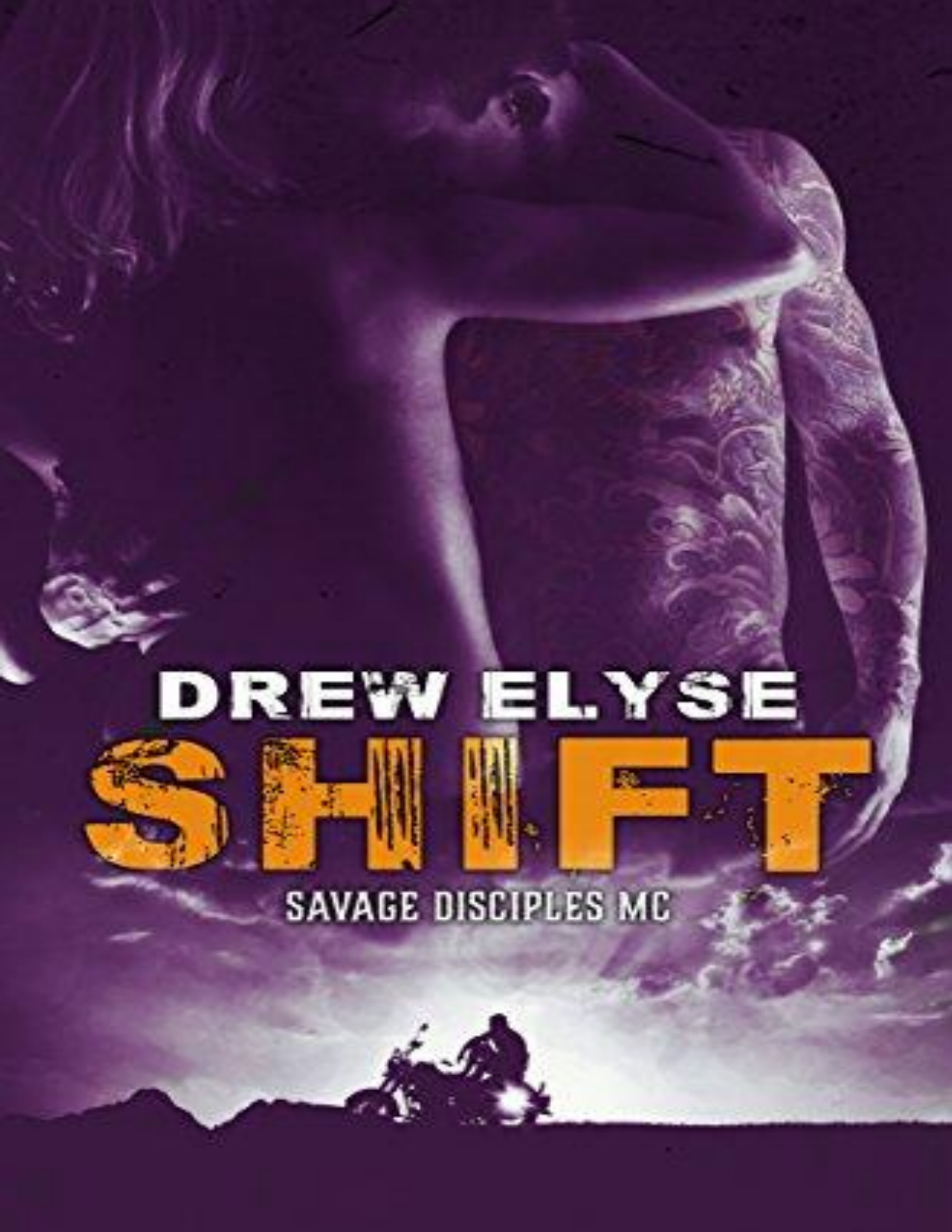




DREW ELYSE

SHIFT

SAVAGE DISCIPLES MC



Tradução: Brynne
Revisão: Yardeen
Formatação: Addicted's

Fevereiro/2019

Uma vez um Disciple, para sempre um Disciple.

Ao perder o pai, Ash aprendeu uma lição importante:
ser um Disciple é perigoso.

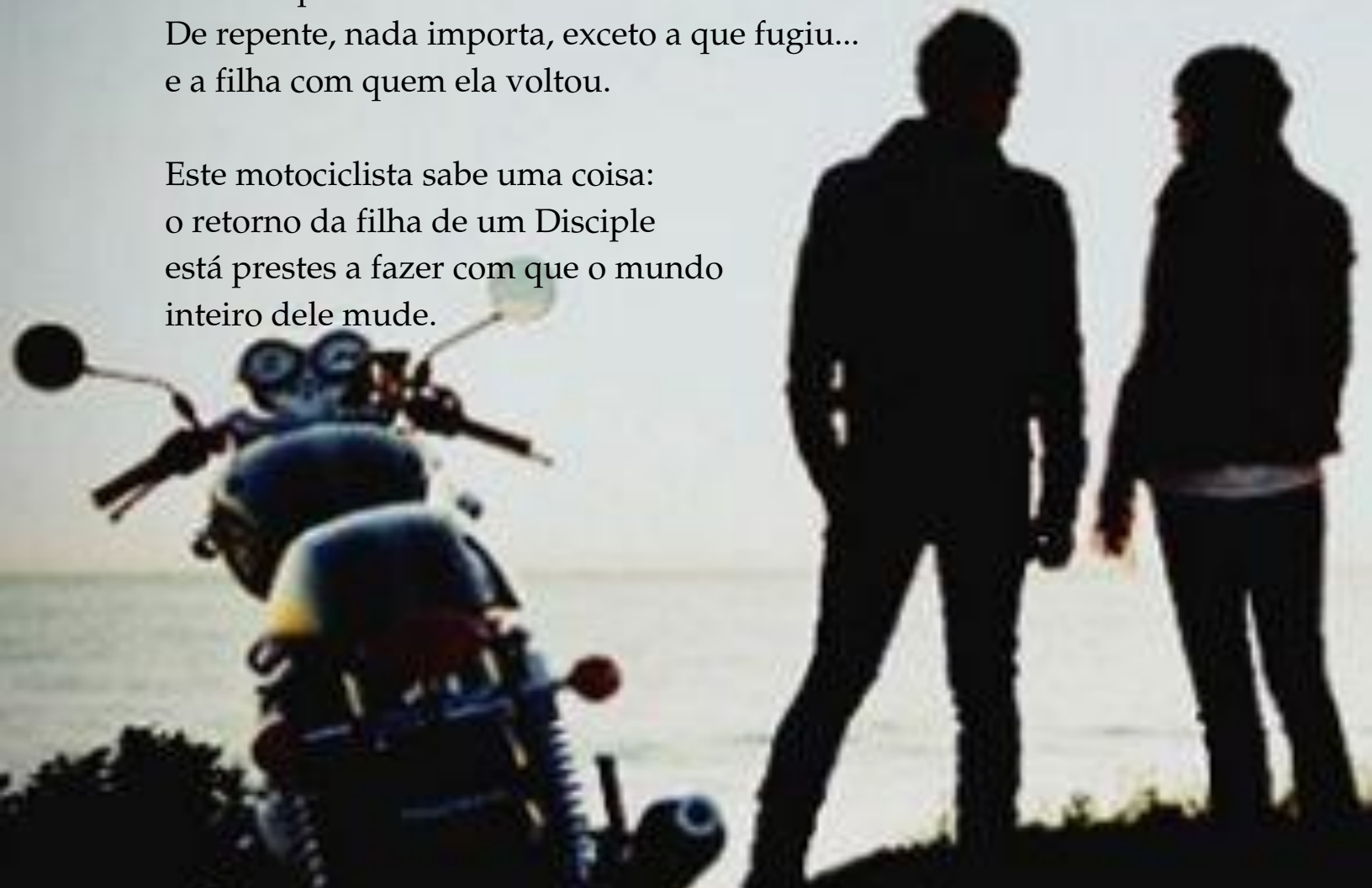
Ela não podia ficar e esperar o clube levar
o homem que amava também.

Mas quando uma ameaça ao clube a coloca em perigo,
ela não tem escolha a não ser retornar ao mundo
que deixou para trás.

Um Disciple lutará como um selvagem pelo que é dele.

Sketch tem o que ele precisa: sua tatuagem, o clube e sua moto.
Querer mais era apenas um sonho que morreu quando Ash partiu.
Agora, ela está voltando para casa -
mas não por escolha e não sozinha.
De repente, nada importa, exceto a que fugiu...
e a filha com quem ela voltou.

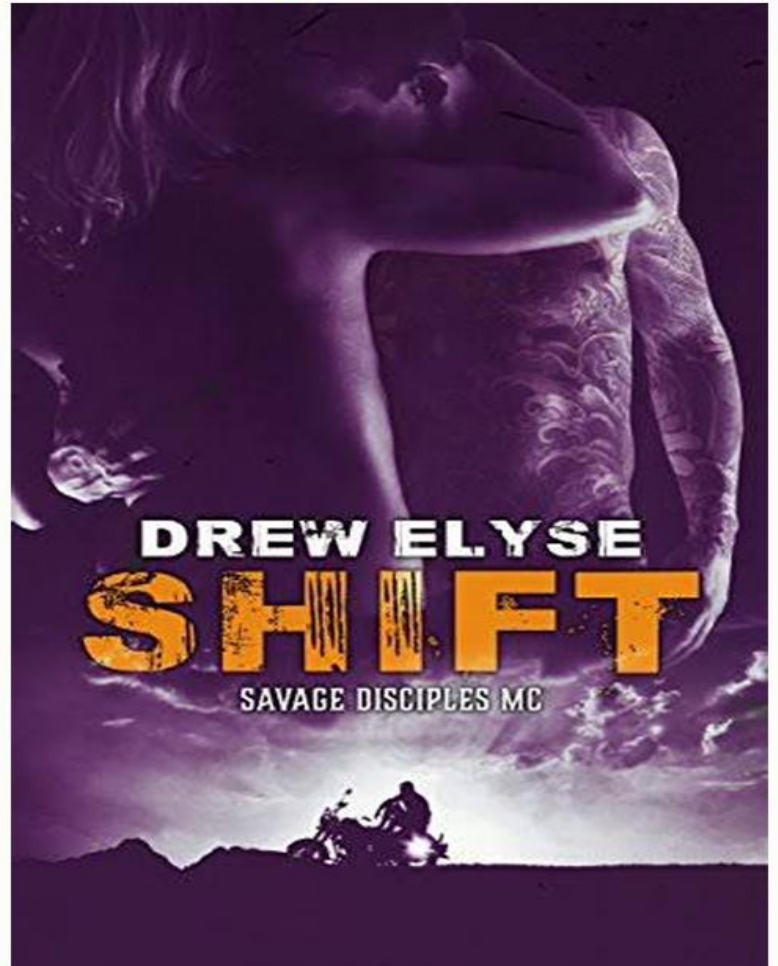
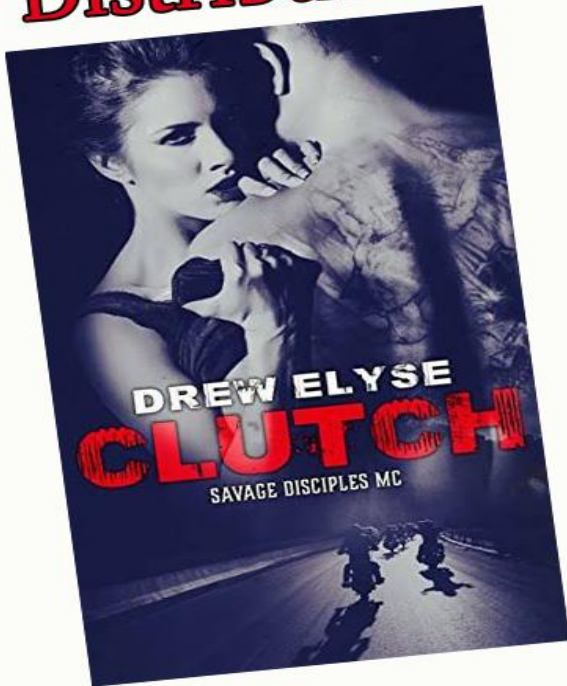
Este motociclista sabe uma coisa:
o retorno da filha de um Disciple
está prestes a fazer com que o mundo
inteiro dele mude.



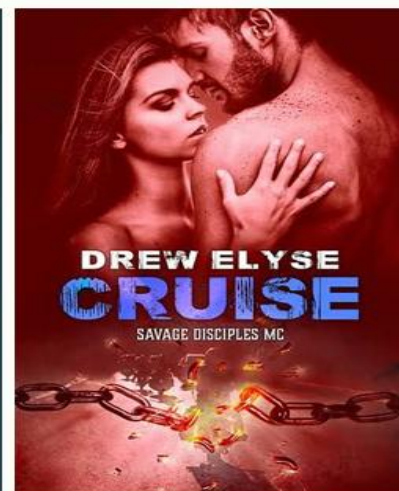
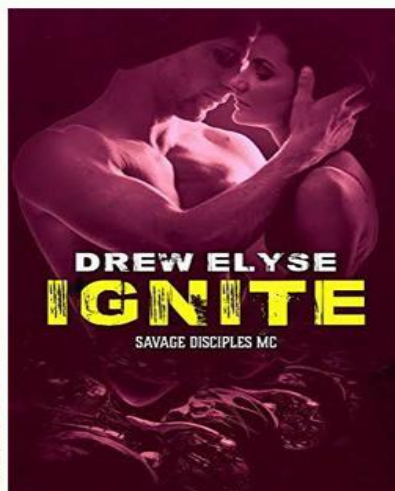
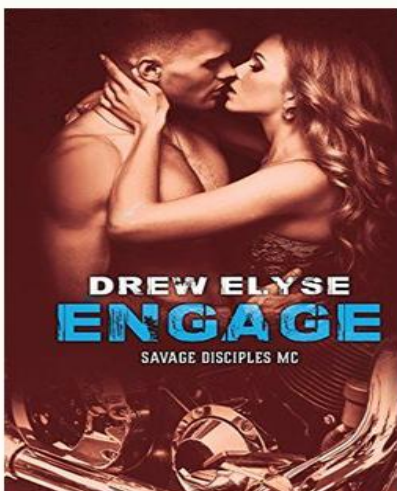


Lançamento

Distribuido



Em Breve





Para Margarita - Meu Pancake

Por que esse livro tem todas as referencias

Que sei que você vai pegar.

E porque eu perdi nosso aniversario

De 10 anos de melhores amigas,

Então o 11º terá que acontecer.

PRÓLOGO

Gabe



CINCO ANOS ATRÁS

"Você não está falando sério."

Eu disse as palavras, mas olhando para a garota na minha frente, poderia dizer que ela estava. Minha Ash estava calada. Suas emoções estavam sempre escondidas sob a superfície e romperam apenas algumas vezes.

Naquele momento, seu desespero não estava escondido.

"É perigoso", ela insistiu.

Tentei ficar calmo, raciocinar com ela. "Ash, querida, na semana passada você estava tão empolgada quanto eu, em conseguir um patch de prospecto. Eu sempre quis ser um Disciple e era o que você queria também".

"Isso foi antes de eles matarem meu pai!"

Porra.

Sua cabeça estava totalmente fodida por isso.

"Você sabe que eles não fizeram. Eles estão de luto tanto quanto eu, tanto quanto você. Ele morreu e é, absolutamente, terrível, mas sabe que qualquer um desses homens daria a própria vida, para trazê-lo de volta. Se você se acalmar, saberá que é verdade."

Lágrimas caíam de seus olhos azuis, olhos manchados de vermelho, por mais de uma semana. Nada fazia um homem se sentir mais impotente, do que assistir sua mulher chorar constantemente e não ser capaz de fazer nada sobre isso. Eu não menti;

qualquer um dos homens do Savage Disciples MC iria desistir de sua vida em um instante, para trazer seu irmão caído de volta, para devolvê-lo à Ash. Eu levaria uma bala, naquele momento, só para fazê-la parar de sofrer.

"Eles podem não querer que ele morra, mas é culpa deles. A porra do clube é a razão pela qual ele se foi!" Ela continuou trabalhando.

Naquele momento, eu queria ser capaz de retroceder, mais do que poderia colocar em palavras. Apenas uma semana antes, estávamos felizes. Tudo estava bem. Porra, tudo estava indo, exatamente, como deveria.

Era um prospecto para o clube, o primeiro passo para meu sonho de ser membro, por toda minha vida. Meu tio Gunner colocou o corte em mim. Era tudo que eu queria, desde que me lembrava da primeira vez que Gunner me trouxe ao redor do clube, quando criança.

A primeira coisa que fiz? Fui para Ash.

Ela era filha de um Disciples, cresceu com o clube. Os irmãos eram sua família, assim como eram meus. Desde que tinha seis anos e a conheci, ela sabia que o patch era tudo que eu queria. Quatorze anos depois, era real.

Ash estava fodidamente excitada. Minha Vagalume sorriu tão brilhante quanto eu, quando a vi. Ela se jogou em meus braços e não conseguia parar de olhar para o corte nos meus ombros, a prova visual de que estava, realmente, acontecendo. Pelo menos, ela não conseguia parar de olhar, até que eu conseguisse tirá-lo de mim, para que pudéssemos, realmente, comemorar.

Mas naquela noite, com Ash enrolada ao meu lado na cama, meu celular tocou. O primeiro sinal ruim foi a ligação das três da manhã. A segunda, foi a maneira como Gunner me cumprimentou.

"Ash está com você?"

Eu não sabia por que ele precisaria perguntar isso. Ash estava quase sempre comigo. O Indian pode não gostar, mas sua filha tinha dezoito anos. E, de qualquer

forma, ela esteve comigo todas as noites, mesmo antes disso. Então, sim, se não estivesse em casa com o Indian, estava na minha cama.

Foi inesperado que ele perguntasse, porque não havia como o Indian dizer que ela não estava em casa.

Também não esperava que precisasse acordar minha garota no meio da noite e dizer a ela que seu único membro da família foi embora.

Já esperava, no entanto, que Ash desmoronasse com a notícia. Estava mesmo preparado para o fato de que ela não iria se recuperar disso, imediatamente. Seguir em frente seria um longo caminho para ela, eu sabia disso.

Ainda assim, nunca poderia ter adivinhado que ela pensaria nas coisas que estava dizendo para mim.

"Então, o que, Ash? Você quer que eu saia do clube? Desistir de ser um prospecto e apenas decolar? "Ela não podia significar isso.

"Sim." Nem mesmo um momento de hesitação.

"O clube é da família."

"Eu sei que seu tio é."

"Não. Ash, *o clube é da família*. Todos eles, não apenas meu tio. Os irmãos são nossa família.

Ela olhou para mim e algo sobre seus olhos assustou-me muito.

"Não. Eu não tenho mais uma família."

Porra. Foi muito pior do que eu pensava.

"Baby, os irmãos ainda são sua família. Eles ajudaram a te criar. Pode, honestamente, dizer que Roadrunner, Tank, Gunner, Stone, nenhum desses homens, é sua família? Eles te amam."

Suas lágrimas vieram com mais força, mas não houve rendição nela. "Não importa. Eu não posso ficar aqui e esperar o clube tirar qualquer outra pessoa de mim." Um

solução a abalou, antes que pudesse dizer: "Não posso ficar aqui e esperar até que levem você".

Tentei dar a ela distância. Tentei ficar do outro lado da sala, como ela pediu, para que pudesse falar, mas eu não estava mais fazendo essa merda. Em um segundo, coloquei meus braços em volta dela, seu rosto enterrou-se no meu peito e ela soluçou. Era uma posição familiar para nós dois.

"Vagalume, me escute," eu disse em seu cabelo. "Sei que está sofrendo, mas isso não está certo. não posso sair do clube. E não vou. Uma vez que essa dor não for tão nova, não vai querer também. Nós vamos passar por isso, querida. Apenas se segure em mim."

Ela não disse nada. Não discutiu mais. Eu a levei para a cama, pensando que a convenci a sair desse estado. Nós estávamos ficando, exatamente, onde deveríamos estar.

Acordei de manhã, descobrindo que estava muito, muito errado.

CAPÍTULO 1

Ash



"Pedido está pronto", Rocco chamou da cozinha.

Claro que o meu pedido estava pronto. Deus me livre obter meio segundo para me encostar no balcão e respirar. Imediatamente girei em direção à janela e peguei os dois pratos de Rueben, para o Sr. e a Sra. Jensen, que vinham toda quinta-feira para comê-los. Havia algumas coisas na vida que poderia contar, os Jensen nunca perderam um encontro de quinta-feira, Rueben era um deles.

"Agente firme", Rocco instruiu. "Apenas mais duas horas e você está fora."

"Não essa noite. Cassidy ligou e me pediu para pegar a primeira metade de seu turno. Tenho mais seis horas, antes de sair daqui, " respondi.

Ele me deu um olhar simpático, quando me virei. História da minha vida. Tinha certeza que parecia tão cansada, quanto me sentia. Minha pele pálida, geralmente um risco de mostrar o menor rubor, sempre destacava os círculos escuros, sob meus olhos.

Exaustão foi apenas par para o curso, outra daquelas coisas da vida que você poderia contar. Mal conseguia lembrar a última vez que não estava cansada o suficiente para adormecer em pé. Na verdade, isso não era verdade. Foi há cinco anos, quando eu tinha tudo.

Passei as cinco horas seguintes, constantemente mudando de mesa em mesa. Apreendi a forçar um sorriso, apesar dos meus pés doloridos e dor nas costas, há muito tempo atrás. Quando comecei meu trabalho como garçoneiro, descobri que um grande sorriso significava uma gorjeta maior. Precisava daquelas gorjetas, então e agora. Nenhum cliente meu nunca soube que eu ficava emocionada em atendê-los. Não importava se eles eram rudes ou se os homens, que chegavam à noite bêbados, ficavam

de mãos boba ou, se a única pessoa que eu menos queria que entrasse, viesse por aquela porta. Nada disso importava. Eu era perfeitamente encantadora, do começo ao fim de cada turno.

Com pouco menos de uma hora, antes de sair para o dia, mergulhei no banheiro. A exaustão que eu bati de volta, dia após dia, estava assumindo. Joguei um pouco de água fria no rosto. Depois que fizesse meu turno, demoraria apenas algumas horas, antes que pudesse cair. Claro, então tinha que acordar bem cedo, para fazer isso de novo.

Limpando a umidade com uma toalha de papel, tentei não me concentrar no fato de que uma rápida ida ao banheiro era uma das partes mais tranquilas do meu dia. Levei um momento para refazer meu rabo de cavalo e capturar os cabelos errantes, que tinham escapado. Meu cabelo loiro encaracolado, sempre foi mantido amarrado, não havia nenhuma maneira que eu estava mexendo com a bagunça, antes de um turno de 6:00 a.m. Era um negócio arriscado, irritando aquela fera. Balancei, lembrando-me que meu turno estava quase acabando. Eu fiz o pior, poderia fazer isso. Colei o sorriso, que eu passei anos aperfeiçoando, desenhando a única coisa no mundo, que fez toda a luta valer a pena.

No minuto em que voltei para a lanchonete, esse sorriso desapareceu.

Sentado em uma das cabines de vinil vermelho, estava alguém que eu, absolutamente, não queria ver. O engraçado? Eu nem sabia quem era. Tudo o que sabia era o logotipo da foice e da motocicleta, nas costas do colete de couro e as palavras costuradas acima: Savage Disciples.

Deixei os Disciples para trás, cinco anos atrás, quando perdi meu pai, quando eles o colocaram no chão, com o mesmo patch nas costas. Meus olhos percorreram toda a lanchonete, procurando por qualquer coisa que pudesse impedir-me de me aproximar daquela mesa. Talvez pudesse encontrar uma maneira de estar, realmente, ocupada, servindo outros clientes, até que Cassidy aparecesse... Olhei para o relógio e vi que eram 5:21 da tarde. Eu poderia fazer isso trinta e nove minutos, sem verificar a mesa, certo? Talvez?

Sim, não vai acontecer, especialmente quando só tinha meia dúzia de outros clientes para atender, a maioria dos quais eram regulares. Do jeito que estava, meu misterioso Disciples era a única pessoa no lugar que, provavelmente, precisaria da minha atenção.

Com alguma sorte, quem quer que fosse, não me reconheceria. Deixei cinco anos atrás. Eu mudei, os Disciples mudaram. Pode ser alguém novo, que nunca conheci. Evidentemente, era improvável, mas precisava convencer-me de algo, se fosse me aproximar.

Endireitando a espinha, aproximei-me. "Olá. O que eu posso pegar pra você? "

Não olhei diretamente para ele. Mantive meus olhos no bloco de notas, que raramente usava. Nós tínhamos um menu de uma página e eu conseguia lembrar de ordens, sem escrevê-las.

"Que tal olhar para mim, Vagalume?" Ele resmungou de volta.

Aquele nome. Meu coração congelou e, em seguida, decolou no meu peito. Meu pai me chamava assim, desde pequena.

"Roadrunner", sussurrei, finalmente encontrando seus olhos.

"Ash", ele respondeu.

Eu não pude evitar, senti meus olhos começarem a arder. Considerei todos os irmãos para ser meus tios, quando crescia. Eles eram irmãos do papai, afinal de contas. Roadrunner, no entanto, foi especial para mim. Ele era a única pessoa que eu conhecia, que me amava tanto quanto meu próprio pai. Nunca me deixaria pensar sobre o quanto sentia falta dele, até que olhei para seu rosto um pouco mais velho.

"Oi", sufoquei.

Ele estava de pé, em um piscar de olhos, puxando-me para um abraço de urso. "Oi, querida."

Absorvi seu conforto por um minuto, afastando as lágrimas, antes de me afastar. "O que está fazendo aqui?"

Ele se sentou e disse: "Quando você sai?"

"Que tal responder a minha pergunta?" rebati.

"Tenho muito a dizer, Ash. Seria melhor se não estivesse trabalhando."

"Estou ocupada, depois do trabalho", evitei. Dizer isso me fez perceber o pouco tempo que me restava. Ele precisava começar a falar e sair daqui o mais rápido que eu conseguisse.

"Isso é importante", ele insistiu.

"Então diga-me", continuei empurrando.

"Droga. Você é tão teimosa quanto Indian," ele resmungou.

Quatro anos depois, ainda me destruía ouvir o nome da estrada do papai. Ele era exclusivamente Indian. Eu era a única exceção. Chamei-o de papai.

A devastação absoluta, que esse nome exalava no meu coração, deve ter mostrado na minha expressão. Roadrunner estendeu a mão para agarrar a minha mão, um movimento que eu estava muito retraída em minha dor para perceber, até que senti o seu aperto.

"Eu também sinto falta dele", admitiu.

Sabia que era verdade. Ele e papai foram melhores amigos... se os badass motociclistas se referissem a outro homem como seu "melhor amigo". Eles eram irmãos, como todos os Disciples, mas o vínculo deles era mais do que isso. Foi por isso que Roadrunner era meu padrinho. Não havia ninguém na terra em que meu pai confiasse mais, do que o homem à minha frente e eu sabia que Roadrunner sentia o mesmo.

"Por favor", implorei, não querendo ficar mais tempo com esse assunto, "apenas me diga porque está aqui."

Ele me deu uma longa olhada e seus olhos falaram muito sobre como estava tentando encontrar como dizer. Então, bateu-me com palavras para as quais não estava preparada. "Você precisa voltar para casa."

Casa. Eu não sabia mais o que era casa. Alguma parte de mim ainda pensava no clube, no Oregon, onde estavam enraizados, como lar, mas vinha tentando, durante anos, fazer um novo lar aqui em Portland.

"Não posso."

Roadrunner balançou a cabeça, coçando o lado da mandíbula peluda. "Eu te deixei fazer esse jogo, Ash. Porra, quase me matou fazer isso, mas deixei você. Agora, estou dizendo que não pode continuar, tem que confiar em mim aqui."

A gravidade de sua voz fez-me hesitar. "O que não está dizendo?"

Beliscando a ponte do nariz, ele suspirou. "Tem merda acontecendo. Merda que é complicada e preciso de tempo para explicar isso. Merda, vou explicar, uma vez que me dê uma chance, enquanto não estamos no meio de uma lanchonete."

"O que isso tem a ver comigo?"

Ele me nivelou com um olhar, que me disse que sua resposta não era uma que ia querer ouvir. "Você não está segura."

Porcaria.

"Não estou mais no clube há anos. Quem soube como me encontrar?"

"Demorou menos de uma semana", admitiu ele.

Levou menos de uma semana, mas ninguém tinha vindo atrás de mim antes. Ninguém.

"Como me achou?" questionei.

"Este é o território do Mayhem. Consegui aqueles garotos para te farejar," explicou.

Eu sabia disso, claro. Os Mayhem Bringers eram aliados dos Disciples. Bem, agora estavam, de qualquer maneira. Uma estrada sangrenta trouxe-os para lá, mas eles forjaram essas alianças, antes de eu sair. Considerei a possibilidade de que pudessem me encontrar, mas quando me estabeleci na cidade, achei que estava bem claro que ninguém estava olhando.

"Certo", murmurei.

"Conclusão, garotinha, não podemos protegê-la aqui. Eu pedi aos meninos Mayhem para fazer isso, mas eles estão no fundo de suas próprias merdas. Tê-los por perto pode lhe trazer mais problemas. Você precisa voltar para casa, onde podemos mantê-la a salvo.

Merda de novo. Ele estava certo. Se houvesse uma ameaça, eu precisava de proteção. Mas como iria encará-lo? Como explicaria...

O sino, acima da porta, soou e, por instinto, virei-me. Quando fiz, congelei. Entrando em cena, uma pequena mulher afro-americana e uma garotinha com cachos loiros, segurando a mão dela.

Minha Emmaline.

Porcaria. Porcaria. Porcaria.

Ela não deveria estar aqui ainda.

"Mamãe", meu bebê chamou, afastando-se de Jasmine e correndo para mim.

Eu a peguei imediatamente, minha mente ficando louca com pensamentos sobre o que ia fazer agora. Roadrunner estava bem ali. Ele a viu. Ele a ouviu chamar-me de "mamãe".

Nenhum dos Disciples sabia sobre ela. Minha Emmy. Só minha.

Agora, Roadrunner sabia. Se o que ele me contou sobre a nossa segurança fosse verdade, todos a conheceriam em breve. Se fosse apenas eu, talvez não concordasse em estar sob a proteção deles, mas não me arriscaria com a minha filha.

"Sinto muito, estamos um pouco adiantados", disse Jasmine. "Minha mãe ligou e precisa da minha ajuda."

"Tudo bem", disse a ela. Honestamente, ela toma conta de minha filha o tempo todo, enquanto estou no trabalho e mal me deixa pagar por isso. Chequei meu relógio. Meia hora depois de ter Emmy sentada em uma cabine, enquanto fico de olho nela, dificilmente é um problema, comparado a tudo o que Jasmine fazia por mim.

"Você precisa de mim amanhã?" Ela perguntou.

Eu olhei para Roadrunner e do canto do meu olho, vi Jasmine também. Ele disse que precisávamos sair. Conhecendo os Disciples, sua cabeça dura e impaciência, talvez eu já não esteja na cidade amanhã.

"Vou te ligar", decidi.

Ela assentiu, dando-me seu sorriso brilhante. Então, ela olhou para Emmy. "Mais tarde, mana".

"Mais tarde," Emmy ecoou, em sua voz de garotinha.

As duas levantaram as mãos e jogaram o cabelo por cima do ombro, com floreio, antes de rebatê-los na direção um do outro, dizendo: "Parem com isso".

Essa era a sua jogada. Sempre. Ela veio de um dos shows da Emmy e ficou claro que meu bebê achou que ela era mais legal, quando fazia isso. Pequena diva.

Com isso, Jasmine foi embora. Inclinei-me, colocando Emmy em meus braços, feliz por notar sua pequena mochila rosa nos ombros.

"Trouxe alguma coisa para fazer?" Jasmine ficava com Emmy na minha casa, então tinha acesso a todas as coisas da minha filhinha. Eu sabia que ela estaria preparada.

"Sim. Trouxe um livro colorido, Emmy respondeu.

"Livro para colorir", corrigi, em um tom suave.

"Colori livro", ela emendou. Quase. Ainda estava lutando com palavras que terminam em "ndo".

"Bem. Vai ter que sentar perto do bar, para que eu possa ficar de olho em você," disse a ela. Eu a deixaria escolher seu estande, mas apenas dentro da razão.

Então, Roadrunner falou atrás de mim. "Eu posso observá-la."

Voltei para ele, quase esquecendo que estava lá. Ele não estava olhando para mim, olhava diretamente para Emmy. Seus olhos estavam mais expressivos do que já os vi. Só por esse olhar, eu sabia que ele já a amava. Também pude ver a sugestão de tristeza.

Eu não tinha certeza se era porque três anos de sua vida já se passaram, sem ele tê-la conhecido, ou porque seu melhor amigo nunca conheceria a neta.

Se eu fosse honesta comigo mesma, provavelmente seria uma mistura de ambos.

Essa tristeza, não importa o quanto ele tentou enterrá-lo, atingiu-me como uma faca no intestino. Roadrunner deveria ter conhecido Emmy. Ele deveria ter sido capaz de vê-la como um bebê, vê-la se tornar a princesinha atrevida que era agora. Ela já deveria conhecê-lo, pensar nele como um avô. Eu os mantive separados. Esse era o meu fardo para suportar, exatamente como havia sido, por quase quatro anos.

Roadrunner enterrou a surpresa, a tristeza, tudo, menos pura felicidade, enquanto sorria para Emmy. "Olá menina. Qual o seu nome?"

"Emmaline", ela respondeu, virando o rosto para meu pescoço, mas mantendo os olhos para cima e para o lado, para vê-lo. Ela não era tímida. Minha Emmy não tinha um osso tímido no seu corpo. Era o meu oposto total, nesse sentido. Não, o ato tímido foi ela afundando em seu gancho. Como aprendeu a fazer isso, eu não tinha a menor ideia. Ainda assim, ela usou à perfeição toda vez.

"Emmaline", Roadrunner repetiu em um sussurro e essa tristeza rastejou de volta, antes de enterrá-lo. "Sou Roadrunner."

"Esse é um nome engraçado", ela disse a ele.

"Eu sei. Sou um cara engraçado."

Com isso, ela abriu um sorriso completo. Ele ficou deslumbrado. Era difícil não ficar. Ela brilhou mais que o sol, quando sorriu. Ela o tinha e sabia disso.

"Você pode me chamar de Emmy", ela disse a ele, apontando-o com que eu chamaria de um jeito provocador, se ela fosse vinte anos mais velha. Emmy disse como se fosse um privilégio que ela concedeu a ele. Diva, absolutamente.

Sabendo que tinha muito tempo para terminar de afundá-lo, enquanto eu completava meu turno, interrompi: "Você está bem em sentar com Roadrunner? Ele é amigo da mamãe."

Bem, isso foi um eufemismo muito sério, mas era algo em que teríamos que entrar mais tarde. Emmy não sabia nada sobre os Disciples e só falei um pouco sobre o avô dela.

"Sim", ela respondeu, já se contorcendo para descer. Claro que estava bem com isso, ela poderia dizer que ele seria fácil de envolver em torno de seu dedo. Aqueles eram seu tipo favorito de pessoas. O fato de que Roadrunner era enorme, todo vestido de preto, com uma barba cheia, e uma confusão de tatuagens, não significava nada para ela.

Fiz o que me pediu e a coloquei no chão. Ela, imediatamente, deu um passo em direção a Roadrunner, agarrando sua mão e indo direto para um dos bancos da cabine. Tirou a mochila e a entregou, como se ele tivesse a sorte de segurar suas coisas. Sem uma palavra, subiu no banco e se aproximou e deu um tapinha no lugar ao seu lado. "Você senta aqui."

"Emmaline", repreendi, "o que eu te disse sobre dizer às pessoas o que fazer?"

"Por favor, sente-se aqui?" Ela corrigiu, adicionando um flash de olhos de corça para ele.

Revirei os olhos, enquanto me afastava e voltava ao trabalho.

CAPÍTULO 2

Ash



Depois que meu turno acabou, saí, guardei minhas gorjetas e voltei para a mesa deles. Roadrunner tinha me marcado para pedir uma porção de batatas fritas e um shake de chocolate. Emmy insistiu que queria seu próprio shake. Sim, como isso ia acontecer. Ela dividiu um com Roadrunner, mesmo que eu tenha despejado em dois copos. E não foi uma divisão 50/50, também. Mais como 75/25. Ela tinha três anos e a última coisa que precisava era de muito açúcar.

No momento em que voltei, o lanchinho havia sumido e Roadrunner e Emmy estavam pintando, lado a lado, em páginas conjuntas. Para a maioria, a visão daquele motociclista corpulento, inclinado sobre um livro de colorir, com um lápis azul em sua enorme mão, seria chocante. Não foi para mim. Ele fez o mesmo comigo, quando era pequena. Ele era um pouco menos rude naquela época, mas não muito.

Limpei a garganta, ao lado da mesa deles, quando não me notaram. Emmy olhou para cima, sorriu, depois voltou a rabiscar. Roadrunner me deu toda sua atenção.

"Acho que precisamos conversar", eu disse.

Ele deu um rápido olhar para Emmy, por cima do ombro, depois voltou para mim. "Sim, nós precisamos, garota."

"Gostaria de voltar para nosso apartamento? Posso fazer algo para o jantar," ofereci.

"Que tal leva-las para sair?", Ele sugeriu, em vez disso.

"Chuck-E-Cheese!" disse Emmy que, claramente, não tinha saído da conversa por completo.

"Chuck-E-Cheese está longe, querida", eu disse a ela. "É tarde demais para ir para lá."

Seus lábios se ressentiram, em óbvia repugnância pela resposta.

"Que tal escolher outra coisa?" Roadrunner ofereceu.

"Pizza!" Ela respondeu, não dissuadida.

Roadrunner olhou para mim. "Tem algum lugar bom nas proximidades?"

"Não vamos sentar", eu disse a ele. "Podemos voltar ao nosso lugar e fazer o pedido".

"Parece bom."

Olhei para Emmy. "Arrume suas coisas, senhorita."

Ela, imediatamente, fez como lhe foi dito. Pode ser atrevida, mas não era uma pirralha.

Uma vez que foi embalada, dei um último aceno para a equipe, incluindo Rocco, que estava espiando da cozinha.

"Boa noite, princesa Emmy", ele chamou. Ela deu um pequeno aceno em retorno e Roadrunner riu.

Uma vez fora, virei-me para ele. "Onde sua moto está estacionada?"

"De volta a Hoffman. Trouxe a picape. Achei que poderíamos precisar da parte de trás, para mover suas coisas.

Certo, porque ele estava confiante de que eu viria e precisaria das minhas coisas.

"Certo."

"Onde está seu carro?" Ele retornou.

"Em casa", respondi. "Não está funcionando muito bem. E estamos a apenas alguns quarteirões de distância."

'Não correria muito bem' pode ter sido um eufemismo. Mais do que isso, é uma batalha, só para fazer o motor virar, quanto mais conseguir levá-lo a qualquer lugar.

Ainda assim, isso não era importante. Não está certo, de qualquer maneira. Eu não gostava que as pessoas vissem isso. Não gostava que as pessoas soubessem que não poderia fornecer um carro seguro e confiável para minha filha, se não para mim.

Ele me deu um longo e firme olhar, que sugeriu que viu através do meu eufemismo. Ele me conhecia desde o nascimento até os últimos anos, tenho certeza que sabia quando eu estava mentindo.

“Bem, que bom que estou aqui, então.”

Conseguir me safar, por agora. E eu sabia que seria apenas por agora.

Porcaria.



Roadrunner deixou a conversa pra lá, por um tempo... que foi, exatamente, o tempo que levou para chegar ao meu apartamento, pedir a pizza, espera-la chegar e comer. Enquanto esperávamos, Emmy fez uma apresentação, mostrando ao nosso hóspede o seu quarto. Ela o segurou pelo braço, arrastando-o, assim que seus sapatos se soltaram.

Ela o manteve ocupado lá, apresentando-o a seus bichinhos de pelúcia e lhe mostrando seus vários livros e materiais de arte.

"Você gosta de arte?" Roadrunner perguntou e meu estômago revirou com a pergunta.

"Sim", ela respondeu, com sua excitação típica. "Mamãe me deu a maior caixa de lápis de cor que eles têm, então, tenho *todas* as cores."

Eu estava feliz por estar na sala de estar, onde poderia evitar o olhar dele e sabia que haveria um. Muitas crianças gostavam de desenhar. Não significa nada, apesar do que ele, provavelmente, pensou.

Desliguei o resto da conversa, enquanto pegava os pratos e os colocava na pequena mesa de quatro lugares. Recuando em minha mente, pensei no que ia dizer. Roadrunner ia ter perguntas. Como ele não teria? Até sabia o que seriam, mas isso não significava que eu tinha respostas. Não houve respostas, não para isso. Não havia como explicar nada disso. Se houvesse, eu poderia tê-lo em minha vida o tempo todo.

Não era como se não tivesse pensado nisso. A partir do momento que descobri que estava grávida, considerei entrar em contato com ele. Era como um segundo pai para mim. Sabia que não poderia voltar para casa, mas pensei em pedir para vir até mim. Mas nunca fiz, porque não tinha ideia de como lidar com isso.

Quando a batida veio na porta, ainda estava no fundo da minha cabeça. Roadrunner chegou lá antes de mim, lançando-me um olhar confuso sobre por que alguém estava batendo. Eu sabia que seria o motorista de entrega. Havia uma porta trancada, com um sistema de interfone, na frente do nosso prédio, mas havia um código para destrancar a porta externa. Todo mundo sabia disso e ninguém no prédio parecia hesitar em compartilhá-lo com amigos, família... o cara da pizza. Por que se preocupar em atender a campainha primeiro ou descer até o saguão, quando poderia dizer ao motorista como entrar e levá-lo direto para você?

Roadrunner não gostaria dessa explicação, não comigo e Emmy morando sozinhas. Os Disciples não eram sexistas, nem nada, mas a maioria dos irmãos era antiquada, de certas maneiras. Uma mulher e sua jovem filha morando sozinhas, sem um homem para protegê-las e pior, sem segurança decente, era uma daquelas noções um pouco ultrapassadas.

Ele não estaria errado. Durante anos, gostaria de poder morar em um lugar mais seguro para Emmy, mas prédios com porteiros e sistemas de segurança de alto nível estavam fora do meu orçamento. Tivemos sorte de arranjar o apartamento, com uma porta externa, que deveria estar trancada, ainda dentro do meu orçamento.

Roadrunner pagou pela pizza, algo que me disse que não era negociável, antes que eu fizesse o pedido. Não era como se eu fosse discutir. Nossa família tinha um orçamento alimentar restrito e a entrega não fazia parte desta semana.

Nós comemos, com Emmy dominando a conversa, contando a Roadrunner tudo sobre tudo, em sua vida. Ela falou sobre seus filmes e shows favoritos, como Jasmine a assistiu, porque ela trabalhava em casa, como queria fazer aulas de dança, para que pudesse ser uma "bailalina". Ele tentou corrigir a maneira como ela disse "bailarina", sem sucesso. Eu tentei por um tempo. Ela chegaria lá sozinha, eventualmente.

Sua boca sempre correndo desacelerou, na hora em que terminamos de comer, pois já estava ficando cansada. Passava da hora de dormir, por isso consegui acertar a noite.

Depois que ela caiu, eu sabia que meu tempo para fugir terminara.

Entrei na sala para ver os olhos do Roadrunner em mim, seu olhar aguçado.

"Venha se sentar, Ash."

Bem, aqui não foi nada.

CAPÍTULO 3

Sketch



Acabei de pintar uma borboleta fúcsia no tornozelo de uma loira, quando meu telefone tocou no bolso. Eu conhecia o toque. Tinha um específico para os irmãos do clube, dessa forma eu saberia se a chamada valia a pena ignorar. Peguei e vi o nome de Stone no visor.

"Sim?" respondi.

"Está no trabalho?", Ele perguntou.

"Acabei de terminar."

"Precisamos discutir algo, cara a cara", disse-me. "No clube."

"Estarei lá em vinte minutos." desligando.

A loira, na minha cadeira, abaixou o queixo em direção a seus seios inflados e esbugalhou os olhos. Estava ansiosa, desde que entrou e me viu. Provavelmente teria feito sua vontade, apesar da aparência dos balões que estavam em sua camisa, parecia que iam explodir, com muita atividade, mas isso estava fora da mesa agora.

"Jess, na recepção pode fazer o check-out", eu disse a ela, em seguida, reiterei as instruções sobre como cuidar de sua nova tatuagem. Pela aparência de seu bronzado, ela ignoraria a sugestão de evitar o sol. Seu corpo, seu chamado. Não é como se essa tatuagem fosse uma verdadeira obra de arte.

Eu fiz arte. Fiz muitas tatuagens, que não eram nada além disso. Pinto arte na pele das pessoas, todos os dias. A borboleta que ela pediu não era arte. Era estúpido,

particularmente quando explicou que achava “fofo”. Não havia razão para isso, nem mesmo uma que ela não estivesse disposta a compartilhar. Mais uma vez, era o corpo dela. Nem toda tatuagem minha estava pingando de significado, mas eu não tinha conseguido nada “fofo” também.

Ainda assim, não é meu lugar para dizer a alguém para não ser tatuado.

“Você tem que ir?” Ela perguntou, ainda fazendo beicinho.

Por que diabos as mulheres faziam essa merda? Isso, realmente, funciona em alguns caras? Merda. Eu posso não ser super foda, mas nunca fui para uma mulher porque ela fez beicinho para mim. Nenhum beicinho no mundo me balançaria.

“Meu turno acabou”, respondi, já limpando minha estação.

“Você tem certeza que não pode...”

“Sim. Tenho certeza”, eu disse, interrompendo-a.

Com isso, ela pulou e foi até o balcão para pagar. Eu estava ainda mais certo, depois que ela jogou essa atitude. Obrigado, foda-se. Stone ligou e me esquivei dessa bala.

Saí cinco minutos depois, indo para onde estacionei meu Fat Boy, balançando-me. Minha garota ronronou para mim. Ela era a única mulher que eu precisava, em minha vida. A buceta fácil estava bem, mas eu não estava pronto para qualquer besteira. Se isso era atitude ou apego, não importava. Complicado era complicado.

Tive algo complicado uma vez. Na verdade, essa merda não foi nada complicada. Foi a coisa mais simples que já fiz, até o dia em que tudo estava tão fodido, que não havia como voltar atrás. Desde então, fiquei com a porra e deixando aquela outra merda na porta.

Entrei no clube dos Disciples bem na hora. Caminhei até o escritório de Stone, levantando o queixo para alguns irmãos, que andavam no mesmo caminho. O que quer que Pres precisasse, era prioridade. Também, claramente, não envolveu o resto dos caras.

Bati duas vezes, depois abri a porta, com a resposta de Stone. Fechando atrás de mim, sentei minha bunda, em uma das cadeiras na frente dele.

Stone era nosso presidente. Um ex-fuzileiro naval, ainda parecia que poderia atacar, em um país hostil e ter a merda sob controle em um dia. Ele não era um para foder ao redor, que todos nós apreciamos. Não decepcionou então.

"Você sabe que Roadrunner está em Portland, encontrando-se com Mayhem?"

Balancei a cabeça, mas não falei.

"Não é a única razão pela qual ele está lá."

Esperei. Stone diria o que tinha a dizer. A pausa não pareceu boa, no entanto.

"Ele está lá vendo Ash", continuou Stone.

Porra. Eu não esperava isso. Não tinha nada a dizer sobre isso.

Ele me leu e continuou. "Essa merda que temos com Barton, não podemos tê-la lá desprotegida. Recebi uma mensagem daquele filho da puta, alguns dias antes de Gauge e Cami se casarem. Fotos dela. Recentes. Nós sabemos do que essa porra é capaz. Conversei com Mayhem sobre proteção, mas eles estão muito preocupados com os italianos, tentando entrar em seu território. Não tem o poder do homem.

Eu ainda não disse nada. Que porra estava lá, para dizer a essa merda?

"Tenho que saber que você está bem, irmão", disse ele. "O melhor lugar que pegamos para ela é na fazenda, mas você já está lá. Se não estiver bem com isso, vamos descobrir alguma coisa, configurá-la em outro lugar.

"Estou legal", disse a ele. Eu estava fodendo gelo. Tenho gelo há cinco anos.

Ele não empurrou. Eu disse que estava bem, então estava bem. Não precisa de discussão.

"Ok."

"Quando vai chegar aqui?"

"Roadrunner me mandou uma mensagem cedo, disse-me que fez contato. Não soube se já voltou. Não posso imaginar que ela venha fácil," ele respondeu.

Não, Ash não viria fácil. Ela não queria estar aqui. Se fizesse, ela não teria decolado, na primeira porra do lugar.

Assenti. "Algo mais?"

Stone esperou um segundo. "Há algo que você deve saber sobre ela."

Eu parei, interrompendo-o. "Tenho alguns dias de folga na loja. Vou para fora, a menos que você precise de mim em alguma coisa."

"Cara", ele começou, mas o olhar que dei a ele fechou isso. Eu não precisava ouvir sobre o que Ash estava fazendo, desde que ela se afastou de mim. "Não. Está tudo bem."

Certo. Nós dois sabíamos o que isso significava. Ele não estava atrapalhando. Eu precisava decolar, ele me daria isso.

"Vejo você em alguns dias", eu disse, então saí.



Horas depois, estava no meu quarto, em casa. Bem, algo parecido com casa, de qualquer maneira.

A fazenda costumava ser o centro de todos os Disciples. Pertencia a um ex-presidente do clube e durante seu tempo, foi onde tudo aconteceu. Por fim, o clube investiu no depósito, que convertimos no hub atual. O clube ficava mais perto da cidade e da oficina do clube. Também tinha mais espaço para os irmãos e quem mais estivesse por perto.

Agora, a fazenda era um jogo justo, para os irmãos que queriam morar lá. Todos tinham quartos no clube, mas, geralmente, era tarde da noite quando precisava dormir. No momento, quatro moravam na fazenda. Porém, se Ash estivesse chegando, logo seriam cinco.

Porra.

Joguei de volta o resto da minha cerveja, incapaz de me impedir de ir para lá. Não importava o que eu disse para Stone, Ash voltando ia ser uma bagunça maldita. Não havia maneira de evitá-la.

Bem, havia uma maneira do caralho. Ela fez isso muito bem, nos últimos cinco anos, afinal.

Provavelmente, apenas agia como se nada tivesse acontecido. Como se não tivesse acabado de subir e desaparecer. Como nada, antes disso, importava. Porra, talvez não. Não para ela. Porra, isso importava pra mim. Uma vez.

Inferno, talvez fosse hora de fazer isso não importar para mim. Ela foi embora. Feito. O final do caralho. Tudo o que aconteceu, agora não importava.

Ela não importava.

Eu disse a mim mesmo isso, para pensar que seria verdade.

Ainda assim, quando estava no banheiro, depois de tomar banho, minha mão se moveu sobre a pele do meu peito. O espaço em branco, a tatuagem que nunca consegui, parecia mais uma cicatriz, do que qualquer outra coisa.

Ash estava voltando.

Porra.

CAPÍTULO 4

Ash



"Você vai explicar essa merda, Vagalume?" Roadrunner perguntou, depois de vários momentos com nada, além do noticiário local tocando na TV, para quebrar o silêncio entre nós.

Eu já tinha concordado em voltar para o clube com ele. Roadrunner me disse que Stone, o presidente do clube, queria sentar e discutir os detalhes, assim que eu estivesse lá. Nesse meio tempo, disse-me tudo o que precisava saber. Seja qual for a ameaça que o clube estava lidando, ficou claro que sabiam quem eu era e seria um alvo. Não me incomodei perguntando se era a única pessoa ameaçada, já que tinha certeza que não. O que importava, sendo um alvo, era colocar Emmy em risco. A ideia de voltar aterrorizava-me, mas nem de longe o suficiente para que considerasse colocar em perigo minha filha.

"Não sei o que dizer," admiti, sem olhar para ele.

"No interesse da revelação completa, o relatório que os meninos do Mayhem nos deram sobre onde você estava, incluía uma filha. Ainda assim, vê-la pela primeira vez foi um choque.

Imaginei que fosse.

"Gabe sabe?" Perguntei, completamente assustada. Não importaria, por muito tempo. Não havia como ele não descobrir mais sobre Emmy, quando estivéssemos lá. Ainda assim, não estava pronta para ele saber.

"Ainda não", Roadrunner respondeu e suspirei de alívio. "Ela é dele", afirmou.

"Eu não sei." Era uma admissão que não queria fazer, mesmo para mim mesma.

O corpo de Roadrunner estremeceu, mas não olhei. Eu não enfrentaria a confusão, a decepção... o que quer que fosse no rosto dele.

"Ash..."

"Por favor, não quero falar sobre isso." Não estava acima de implorar, não, quando se tratava disso.

O noticiário mudou para a notícia das tempestades que se aproximavam. Nada além de chuva, na previsão o mais longe que pudessem adivinhar.

Soou certo.

"Ok", Roadrunner finalmente disse, então mudou de direção. "Por que você não voltou? Não precisava fazer isso sozinha. Mesmo se não quisesse o clube, poderia ter-me ligado. Eu cuidaria de você."

Lágrimas brotaram nos meus olhos. Eu sabia que ele teria, mas também sabia que não havia Disciple sem o clube. O clube era uma parte dele; foi uma parte de todos eles.

"Sabe que não poderia ter vindo até você com ela e conseguir mantê-lo longe", eu disse.

Ele suspirou. "Ash, tenho questionado isso há muito tempo e não consigo entender. Por que queria mantê-lo longe?"

Esse foi o problema, não foi?

"Eu não queria. Quando saí..." Comecei, mas depois recuei para admitir a raiz de tudo. "Quando o pai morreu, eu não podia mais estar perto do clube. Sei que você não vê da mesma maneira, mas parece que o clube me custou meu pai. Ele era tudo para mim, sabe disso. Ele era o único..."

Porcaria.

Eu parei lá.

Quase disse "ele era a única família que eu tinha", mas isso não era verdade.

O homem ao meu lado, aquele que veio me encontrar, depois de cinco anos, porque eu não estava segura, aquele que estava com o coração partido, por tudo o que perdeu na minha vida, ele era da família.

Finalmente olhei em sua direção. Seus tristes olhos cor de uísque estavam nos meus. Ele sabia o que estava prestes a dizer. "Não. Desculpe-me," disse a ele.

"Eu sei querida."

Forcei-me a continuar. "Eu só... não pude mais encarar os Disciple. Eu não queria deixar Gabe. Nunca quis deixá-lo. Pedi a ele para vir comigo."

"O quê?" Roadrunner ficou chocado.

Dei um aceno triste. "Ele acabou de se tornar um prospecto. Você sabe o que o clube significa para ele, o que sempre significou. Ele não deixaria isso para trás. Implorou-me para ficar, mas não consegui."

"Tenho que te dizer, Ash, sua reação não parece ter havido muita discussão sobre isso."

Percebi isso. "Nós conversamos sobre isso, lutamos sobre isso. Implorei para ir embora comigo, ele tentou me fazer ficar. Eventualmente, eu sabia que não seria capaz de mudar de ideia. Desisti, parei de lutar sobre isso, então... parei."

"Você saiu", Roadrunner terminou para mim. "Ele pensou que você cedeu em ficar, mas você saiu sem dizer a ele."

Eu não conseguia mais parar as lágrimas. Não havia como. Tinha arrancado meu coração para sair. Essa ferida nunca sarou. Provavelmente nunca sararia.

"Porra", ele murmurou em seguida, seus grandes braços estavam ao meu redor. Eu não tinha sido mantida por ninguém, além de Emmy, em anos.

"Não sei como lidar com isso", admiti em seu peito. "Não sei o que posso dizer a ele."

Ele alisou uma mão para cima e para baixo, em minhas costas. "Você tem que lhe dar a verdade."

"Ele vai me odiar. Provavelmente, já me odeia."

Roadrunner suspirou. "Ele não é a mesma pessoa que era, antes de você sair. Então, perdemos o Gunner e..."

Levantei-me. "O que?"

"Merda. Esqueci que você não sabia."

Ele não poderia ter dito isso. Não poderia ser.

"Foi, provavelmente, cerca de oito meses depois que você saiu. Gunner estava de moto. Foi acertado por um motorista bêbado. Eles fizeram o que puderam no hospital, mas nós o perdemos, alguns dias depois. Quase destruiu o garoto."

Não.

Gunner.

Tio de Gabe.

A única família que ele tinha, que importava.

Não não não.

"Oh deus", soluzei.

Eu o deixei e então, ele foi forçado a enfrentar a mesma perda que tive.

O que fiz?

Esse pensamento, aquela realidade esmagadora caindo sobre mim, fez-me derramar tudo. Disse a ele quase tudo, ou tudo que eu podia. Disse a ele sobre sair, sobre me mudar, sobre descobrir que estava grávida. Disse a ele sobre criar Emmy sozinha e trabalhar em qualquer trabalho que pudesse conseguir, para nos apoiar.

Havia uma coisa que não contei a ele, no entanto. Uma coisa que eu sabia que ele queria perguntar, mas me recusei a ir para lá. Não pude.

Nós não discutimos quem era o pai de Emmy.



No dia seguinte, estava aproximando-me de um ataque de pânico, enquanto olhava para as caixas que tinha embalado. Havia quatro delas, embora mais quatro estivesse encostadas na parede, sem serem montadas. Roadrunner as trouxera naquela manhã para mim. Por que ele pensou que precisaríamos de oito caixas móveis, quando não estávamos nem trazendo tudo, estava além de mim. Não tenho certeza se tudo o que possuímos ocuparia oito caixas de mudança.

Algumas coisas, incluindo todos os móveis, ficavam no apartamento. O clube, segundo Roadrunner, pagaria a conta do aluguel, por enquanto. Eu não estava ansiosa para aceitar e disse a ele, mas não tinha ido bem. Estava perto de gritar com ele, por ser tão dominador, enquanto me acusava de ser muito teimosa para sobreviver. Acabei cedendo, quando ele apontou que não apenas não estaríamos em residência, por causa dos problemas do clube, mas também porque, ao deixar a cidade, também teria que deixar meu emprego. Não havia como eu pagar o aluguel e ele colocou a culpa disso nos Disciples.

Então, depois de passar a noite despejando minhas tripas em Roadrunner e discutindo sobre os detalhes da minha mudança, desisti. Emmy e eu estávamos saindo com ele, voltando para uma casa que mal conhecia e encarando um passado real e muito vivo, do qual vinha fugindo há anos.

Roadrunner teve uma reunião matinal com os Mayhem Bringers, parte do que o trouxe para Portland. Na noite anterior, disse-me que viria com as caixas cedo e eu precisava resolver tudo para que pudéssemos sair, quando voltasse, no início da tarde.

Fiz o que ele disse e comecei a manhã explicando para Emmy, que estávamos indo embora por um tempo. Essa foi a parte mais difícil.

"Onde estamos indo, mamãe?"

Como explicar tudo para ela? Não poderia dizer a ela que seu avô era um motociclista que morreu pelo clube e me deixou sozinha. Fui embora porque não consegui lidar com isso e agora, aquele clube estava envolvido em alguma confusão, deixando-nos inseguras. Primeiro, ela não teria entendido motociclistas ou o clube. Em segundo lugar, eu não estava prestes a dizer que estávamos em perigo.

Em vez disso, disse: "Há pessoas para onde vamos, que estão preocupadas com a gente. Você não os conheceu, mas eles conheciam seu avô. Nós vamos ficar com eles por um tempo."

Felizmente, ela aceitou isso como bom o suficiente. "OK."

"Preciso de você para ajudar a mamãe a empacotar," eu disse a ela.

"O que é empacotar?"

"Precisamos preparar seus brinquedos para levar conosco. Você pode me ajudar com isso?"

"Sim!"

Minha garota, sempre pequena ajudante da mamãe.

"Vou trazer essa caixa para o seu quarto. Preciso que pegue os brinquedos, da sua caixa de brinquedos e os coloque na caixa. OK?"

"Stuffies, também?"

"Stuffies, também", confirmei.

"OK!"

Eu não tinha ideia do estado real da caixa em que ela colocara seus brinquedos. Nada dela era frágil, então funcionaria. Fechei as abas e as coleí, sem pensar muito nela.

Enquanto ela arrumava os brinquedos, ruidosamente e fazia intervalos frequentes para brincar com eles, empacotei todo o resto. Trouxe todas as minhas roupas e da

Emmy, não querendo ficar sem, pois não tinha ideia de quanto tempo ficaríamos fora. Peguei casacos de inverno também, embora Emmy, provavelmente, perderá todos. Era março. As coisas tinham aquecido, mas o tempo estava estranho. Se o inverno fizesse um reaparecimento, queria estar pronta. Eu não teria escolha, a não ser aceitar o apoio financeiro do clube, enquanto estivéssemos lá, a menos que minha proteção fosse, suficientemente, solta, permitindo-me trabalhar. No entanto, isso não significa que queria pedir ao clube mais do que o necessário. Se pudesse evitar a necessidade de comprar roupas ou casacos, eu faria isso.

Arrumei a roupa de cama para nós duas, felizmente, encontrando lençóis não cor-de-rosa ainda no armário. Eu não usava lençóis há mais de um ano. De alguma forma, consegui colocar Roadrunner na porta, na noite anterior, sem ele se aperceber que durmo no sofá. O apartamento é um quarto e é tudo que posso pagar. Havia uma porta no corredor para um armário, então, presumo Roadrunner pensou que era a porta do meu quarto. Isso foi bom, ele parecia pouco à vontade com o estado do nosso lugar antigo, não havia necessidade dele explodir sobre mim dormindo no sofá. E eu sabia que ele explodiria, se descobrisse.

Não havia muito, além do essencial e dos brinquedos de Emmy, então, não foi problema colocar tudo em caixas, com tempo de sobra. O que era bom, visto que a embalagem não era tudo o que precisava fazer, antes de Roadrunner voltar.

Primeiro, tive que fazer uma viagem pelo corredor até Jasmine. Ela era a única amiga real que eu tinha e era como uma tia para Emmy. Merecia mais do que uma ligação, para explicar que estávamos saindo misteriosamente.

Jasmine sabia tudo sobre minha vida, antes de nos mudarmos pelo corredor. Antes que a saúde de sua mãe piorasse, ela olhou Emmy por uma noite, então, Jasmine e eu tivemos uma noite de garotas. Com lábios soltos, concedidos pela graça da vodca, ela me levou a contar tudo, desde crescer com o clube até perder meu pai, para tudo o que havia acontecido entre e desde então. Não demorou muito para que ela entendesse por que estávamos indo.

Ela tinha apenas uma preocupação. "Eles vão manter vocês duas seguros?"

"Sim." Minha resposta foi firme. Quaisquer reservas que eu tivesse a respeito disso tudo, sabia que os Discípulos nos protegeriam.

"Então," ela disse, seus olhos brilhando. Eu sabia o que estava por vir. *"Você vai vê-lo novamente. Gabe."*

"Sim." E o pensamento fez meu estômago revirar.

"Você está pronta para isso?"

Não, nunca. É impossível estar pronta para isso.

"Foi há muito tempo. Isso não importa mais."

Ela me deu um olhar divertido. "Mmhmm. Continue se dizendo isso."

Eu iria. Ia continuar dizendo a mim mesma, até acreditar nisso.

Depois de me despedir de Jasmine, tive que ligar para o restaurante. Odiava colocá-los nessa situação, sair sem aviso prévio, mas não havia nada a ser feito. Usando o disfarce de uma emergência familiar, expliquei que precisava sair da cidade imediatamente e não sabia quando voltaria. Obviamente, eles foram forçados a me deixar ir. Não é surpreendente, mas ainda doía. Eventualmente, Emmy e eu estaríamos voltando para casa, e o que eu faria, quando chegasse a hora?

Arquivei essa preocupação na pilha cada vez maior de problemas que não conseguia encarar, no momento. Não havia maneira de contornar as circunstâncias, então, não havia sentido em lembrar. Quando a hora chegasse, eu descobriria. Sempre fiz. Sou uma sobrevivente.

Uma batida forte na porta soou, um momento antes de se abrir. Roadrunner estava ali, seus olhos avaliando as caixas espalhadas na sala de estar. Dei a ele meu conjunto de chaves, antes que fosse embora, na noite passada, para que pudesse entrar.

Seus olhos vieram para mim. "Tudo pronto?"

Em termos de praticidade, sim. Porém, isso não disse nada para meus preparativos emocionais. Ainda assim, dei a ele um aceno de cabeça.

"Bom negócio", disse ele. "Tenho um amigo de Mayhem, lá embaixo, para ajudar a carregar o caminhão." Ele deu outro olhar ao redor. "Não tenho certeza se ele é necessário, no entanto. Tem certeza que isso é tudo que quer levar?"

Foi a minha vez de inspecionar o espaço. Vendo as poucas caixas colocadas ao nosso redor, que continham quase tudo que possuíamos, além da mobília, tinha certeza. "Sim, é isso."

Com a ajuda de Vic, o amigo de Roadrunner dos Mayhem Bringers, as caixas foram carregadas em menos de vinte minutos. Como eu achava, extremamente improvável que meu velho carro fizesse a viagem de duas horas, não foi difícil para Roadrunner me convencer a deixar para trás. Transferi o assento de carro de Emmy para o caminhão de Roadrunner e partimos.

Cerca de uma hora fora de Portland, Emmy estava com frio. Algo sobre o movimento de um carro, sempre derrubava minha garota com rapidez suficiente, o que era bom para mim. Não tinha certeza se tinha isso em mim, para fingir emoção por ela. Ela viu isso como uma aventura; Eu vi isso como se fôssemos direto para o inferno.

Outra hora passou, em relativo silêncio, além da música, que Roadrunner tocava bem baixo. Reuni coragem para fazer a pergunta que estava me atormentando a noite toda.

"Gabe sabe que eu vou?" Não olhei para ele, quando perguntei. Não queria ver o que sua expressão pudesse me dizer.

"Eles já lhe disseram", ele respondeu.

"Mas ele não fez parte dessa decisão", eu disse, preenchendo as informações que faltavam.

"Não, ele não fez."

Balancei a cabeça sem convicção, ainda olhando pela janela para o mundo que passava.

"O melhor é que você sabe agora, também", disse Roadrunner. Eu me virei para olhá-lo. "Ele não atende mais por Gabe. Não responderemos a isso. Tem o nome da sua estrada e não olhou para trás. Ele é Sketch agora."

Sketch. Um novo nome, para um homem que eu não conhecia mais.

CAPÍTULO 5

Ash



Chegando à casa da fazenda, na periferia de Hoffman, Oregon, senti-me como voltar no tempo. Apenas a visão da velha casa fez-me sentir como se fosse uma criança novamente, lembrando-me de meu pai, sempre pronto para cozinhar ou de um dos irmãos observando-me. Isso me fez relembrar meus anos de adolescência com outro homem ao meu lado, ou talvez ele ainda fosse apenas um garoto, quando íamos dirigir além da estrutura e encontrar lugares para desaparecer, por algumas horas.

"Onde estamos, mamãe?", Meu lembrete de que, definitivamente, não era eu mais jovem que estava chamando do banco de trás.

Virei-me para olhá-la, que estava usando seus pequenos punhos, em uma tentativa descoordenada de esfregar o sono que ainda restava. "É onde ficaremos," disse a ela.

"Onde estão todos os outros edifícios?"

Minha pobre menina protegida da cidade. Emmy só deixou os limites da cidade de Portland algumas vezes, em sua curta vida e aquelas eram viagens para os subúrbios. Ela nunca esteve em nenhum lugar, onde apenas um edifício era tudo o que se via.

"Eles estão todos muito longe", expliquei. "Roadrunner e seus amigos são donos de toda essa terra."

"Uau." Seu rostinho era a imagem da maravilha da infância.

"Há muito espaço para você correr por aí", disse Roadrunner.

Emmy balançou a cabeça, olhando pela janela em todos os ângulos possíveis, observando seu novo domínio. "Posso brincar em qualquer lugar?"

"As mesmas regras que o parque", eu disse, esperando que ela reiterasse a regra que a fiz memorizar. Ela não desapontou.

"Eu posso ser capaz de ver você."

"Boa menina".

Pelo menos essa era uma preocupação fora do caminho. As outras milhares de preocupações teriam que manter a tortura, por enquanto.

Quando Roadrunner parou em frente à casa de três andares, concentrei-me nas motos e em alguns carros estacionados na grama batida na frente. Tentei colocar um cavaleiro em cada moto, mas demorou muito, para ter certeza. O único que eu tinha certeza era a Harley FXR. Aquele pertencia a Roadrunner. Era óbvio, pelo emblema do personagem de desenho animado que compartilhava seu nome, a mesma imagem que adornava a parte de trás de seu carro premiado.

"Você está morando aqui agora?", Perguntei.

Roadrunner sempre foi do tipo que passava a maior parte do tempo no clube, mas também possuía uma pequena casa na cidade. Ficava a apenas um quarteirão da casa em que cresci.

"Não", ele respondeu. "Os garotos trouxeram minha garota para cá, em um dos leitos planos da garagem, assim, posso deixar o caminhão com você, para que tenha uma maneira de se locomover, até descobrirmos algo melhor. Ficarei com ela e o Bird, até separarmos algumas rodas," explicou.

"O Bird" era seu 1972 Plymouth Roadrunner. Seu primeiro amor. Eu não sei dizer quantas vezes eu o ouvi contar a história de encontrar a coisa mais surrada e o trabalho de amor que fez, restaurando à condição primitiva. Havia uma razão pela qual o nome da sua estrada era o que era. Esse carro era uma parte dele.

A perspectiva de dirigir a pick-up intimidava-me, desde que só estive atrás do volante de carros menores, mas estava longe de ser uma motorista de merda. Papai não teria suportado isso. Quando eu tinha dezesseis anos, era experiente atrás de uma roda ou de um conjunto de guidão.

"Obrigada", eu disse. Estava começando a soar como um refrão sem fim, mas isso não significava, que não valesse a pena repetir. Roadrunner estava fazendo mais do que eu poderia pedir. Milhares de obrigados não parecem arranhar a superfície.

Ele olhou para mim e vi a despedida pronta para sair de seus lábios, a certeza de que não precisava agradecer a ele novamente. Então seu rosto ficou tão macio, que congelou meus pulmões. "De nada, Vagalume."

Porcaria. Eu não ia começar nenhum sistema hidráulico. Segurei seu olhar por um momento, mas só isso, antes de me mover para abrir minha porta. Estar de volta à esta terra tinha minhas emoções girando o suficiente. Manter-me calma era prioridade número um.

Enquanto destrava minha ratinha do seu assento de carro, Roadrunner subiu os poucos degraus até a varanda e entrou no prédio. Um momento depois, emergiu com mais dois homens às suas costas. Ambos eram aqueles que eu reconhecia. O primeiro era Stone, o presidente dos Disciples. Stone era o tipo de gigante silencioso e mortal, que você poderia imaginar que estava no comando de um MC. Ele mantinha o cabelo grisalho cortado com precisão militar, mas sua barba não era mantida com o mesmo cuidado. Ele era enorme, uma parede sólida de músculos e podia fazer homens fortes fugirem como crianças assustadas.

Claro, ele era muito menos intimidante, quando estava sorrindo daquele jeito. Você não podia ver tanto o sorriso real, sob sua barba desgrenhada, mas o efeito ainda estava lá, na curva do bigode e nas linhas, ao redor dos olhos.

Logo atrás dele, com seu sorriso indecente e característico, estava Daz. Em um clube cheio de homens, que não estavam ligados por votos de celibato por qualquer extensão, Daz ainda conseguiu se destacar como um homem prostituto. E ele se divertiu no título. Foi em sua arrogância, no modo como tudo em sua aparência gritava "apenas fodido" e as insinuações esmagadoras que tecia, em conversas como preposições.

Daz me ofereceu um aceno de cabeça e continuou se movendo para a parte de trás do caminhão, para descarregar. Stone, no entanto, veio direto para mim.

Isso me surpreendeu, quando ele me puxou para um abraço apertado. Stone tinha estado em torno, toda a minha vida e não segurei nada do medo que ele inspirou, na maioria das pessoas, mas ele não costumava ser o mais delicado dos homens que eu chamava de meus tios.

"Bem-vinda de volta", disse, quando se afastou.

"É..." hesitei. Eu não poderia dizer que era bom retornar. Se pudesse ajudar, eu não estaria aqui.

"Tudo bem, você não tem que enfrentar. Estranho estar aqui de novo?" Ele me deixou fora do gancho.

"Muito."

"Quero que saiba que estamos trabalhando nisso", disse ele. "Juro para você, nós vamos mantê-la seguro, vamos conseguir essa..." ele parou e olhou Emmy, por um momento, "situação resolvida."

Balancei a cabeça, sem saber o que dizer. Eu ainda só tinha uma vaga ideia situação, já que era "negócio do clube". Nesse silêncio, Emmy decidiu que estava farta de estar fora da conversa.

"Oi", ela cumprimentou, com um sorriso brilhante.

"Olá, pequena", respondeu Stone.

"Sou Emmaline", disse ela, estendendo a mão. Como ela entendia os apertos de mão e apresentações, estava além de mim. Talvez estivesse assistindo muita TV.

Stone fez melhor. Estendendo a mão, virou a mão dela, de modo que as costas estivessem voltadas para cima e se inclinou para beijá-la. Se não fosse para o motociclista rude ganhar, poderia ter pensado que ele era um príncipe.

Emmy deu uma risadinha e gritou: "Faz cócegas!"

Stone sorriu, quando se afastou. "Eu sou Stone."

A mão de Emmy voltou para nós e ela colocou sobre o coração. Estava indo para matá-lo. "É tão bom conhecer você."

E lá se vai mais um.

Stone estava sorrindo para ela, maior do que já tinha visto. Para não ficar para trás, o próprio rei do charme apareceu.

"Bem, olá, moça bonita", disse Daz, piscando-lhe um sorriso insolente.

Por um momento, eu poderia jurar que Emmy estava avaliando a competição. Era como se ela pudesse dizer que Daz era um paquerador e tentaria superá-la e não estava prestes a ter isso.

Antes que ela pudesse se mover, Roadrunner falou. "Cuidado, Daz. Você pode ter encontrado seu par, com essa."

Em meus braços, Emmy começou a se agitar. Sua exigência silenciosa de ser posta no chão era estranha. Normalmente, era toda sobre vocalizar seus pensamentos. Ainda assim, coloquei-a para baixo, sem questionar. Ela, imediatamente, aproximou-se de Daz e estendeu os braços no ar. O olhar no rosto de Daz, o jeito em pânico de seus olhos se abrirem, fez-me morder os lábios, para não rir. Daz não era uma pessoa de criança. Acho que ficava desconfortável com elas, por causa do medo básico de uma mulher, que ele teve por uma noite, aparecer com um dos seus. Mas ele apenas congelou por um segundo, antes de levantar minha garota em seus braços cheios.

Sem hesitar, ela agarrou sua mandíbula sombreada e deu um beijo na bochecha direita.

"Bem... porra", Daz murmurou.

"Daz!" repreendi. "Você não poderia jurar na frente da minha filha de três anos de idade?"

"Certo. Desculpe. Merda... Seus olhos se arregalaram, quando fez isso de novo. "Quero dizer... Oops." Emmy riu. "Só não repita nada que seu tio Daz diga", disse ele. "Que tal isso?"

"Cio Daz é engraçado", ela continuou rindo.

"Tio", corriji.

"Cio", ela repetiu, enquanto acenava para mim, como se estivesse sob controle. Apenas balancei minha cabeça. Não havia como discutir com ela.

Daz olhou para Stone e Roadrunner. "Viu? Não posso manter as senhoras longe de mim." Então, virou-se com minha garota no colo e começou a andar para dentro.

"Você não pode ficar com ela, Razzle-Dazzle", Roadrunner chamou atrás dele.

Daz virou o Bird atrás das costas. "Eu sou o tio dela. É chamado de babá."

"Você não pode usar minha filha para pegar mulheres", eu disse a ele.

"O que tem de bom em ser um tio então?"

Ouvi o riso de Emmy. Poderia não ter entendido a conversa, mas a maneira animada como Daz falou foi o suficiente para ela. "Oh sim, isso é o que é bom sobre isso", ele murmurou.

Totalmente afundado. Ele era apenas mais uma vítima de seus encantos.

CAPÍTULO 6

Ash



Fiquei com Stone e Roadrunner, enquanto cada um deles pegou uma caixa na parte de trás do caminhão. Tinha a mochila de coisas da Emmy, para mantê-la ocupada no carro e uma sacola cheia de algumas necessidades básicas, que poderíamos precisar, antes de podermos desembalar.

Arrastando através da entrada, mantive meu olhar para baixo, como eu segurava a porta aberta para ambos os homens. Precisava daquele momento para me preparar. Sem dúvida, sabia que olhar para a sala de estar da fazenda seria difícil. Passei mais dias do que podia contar naquela sala e sabia, assim como conhecia os Disciples, não teria mudado muito. Os irmãos não eram, exatamente, decoradores de interiores. A menos que uma peça de mobília quebrasse além do reparo, ela permanecia onde estava. A constância tinha sido reconfortante, quando criança, mas me encontrei desejando que não fosse mais verdade.

Quando os dois homens atravessaram a porta, respirei fundo, entrei na sala...

E congelei.

Flores. Em toda parte. No sofá, empilhadas nos cantos da sala, por toda a sala de estar.

"O que..."

"Sim, isso vai acabar em breve", disse Stone por cima do ombro. "Deni organizou para levá-las ao hospital."

"Mas de que são todas elas?"

"O casamento", ele respondeu.

Antes que pudesse perguntar que casamento, Roadrunner falou. "Esqueci de te contar sobre isso. Gauge e Cami tiveram seu casamento aqui, no fim de semana. "

Espere. Gauge e Cami?

"Cami, como a..."

"Como minha filhinha se envolveu com um Disciples", Tank me interrompeu. Eu me virei para vê-lo saindo da cozinha, com os braços cheios de... um garotinho? Antes que pudesse perguntar, Tank continuou falando. "Desculpe, não pude te encontrar na porta. O pequeno Levi decidiu que precisava comer agora."

"Levi?" Perguntei, já fazendo o meu caminho em direção a ele.

Tank sorriu para mim, como se ele fosse o rei do mundo. "Meu neto."

Larguei o saco e a mochila no chão, enquanto os braços grandes de Tank estendiam o menino em minha direção. Acho que tinha cerca de um ano de idade. Ele era maior do que Emmy foi nessa idade, mas Gauge não era um homem pequeno. Não havia dúvida de quem era o pai dele, apesar de ter passado anos, desde que eu vira Gauge. Levi tinha a coloração bronzeada profunda de seu pai, seus olhos escuros e sua bagunça de cabelos negros. A semelhança era tão absoluta, que não via a mãe dele nele.

"Os genes de Gauge foram dominantes, hein?" Pensei.

"Obrigado porra por isso." Minha cabeça se levantou em confusão com as palavras de Tank. Ele leu imediatamente. "Ele não é da Cami. Não pelo sangue, pelo menos. Mas os papéis acabaram de passar e agora é seu filho."

Nossa. Muita coisa aconteceu.

"Eu nem sabia que Cami e Gauge se conheciam."

Cami também cresceu com o clube. Ela era alguns anos mais velha que Gabe e eu, mas éramos como primos. Não havia muitas crianças por perto, por isso as diferenças de idade foram postas de lado. Cami partiu para a faculdade aos dezoito anos e, essencialmente, nunca voltou. Pelo que eu sabia, antes de sair, ela começou a ver um

cara que Tank não gostava muito e estavam vivendo juntos. Ela nunca voltou para visitar e Gauge não se tornou um irmão, até depois que ela saiu.

"Isso foi o meu feito", disse Tank, uma nota de orgulho em sua voz. "Deixarei Cami contar a história, quando ela voltar para a cidade. Gauge levou-a em um passeio, por alguns dias, como lua de mel. Não queria deixar Levi por muito tempo. Eles estarão de volta amanhã à noite.

Eu estava prestes a formular uma versão de como estava ansiosa para vê-la, então, não causaria um silêncio constrangedor, que era minha maneira padrão de lidar com as coisas, quando Emmy entrou correndo na sala.

"Mamãe! Mamãe, é tão linda! Você tem que ver!"

Não tendo ideia do que poderia ser "bonito" em uma casa cheia de motociclistas, entreguei Levi de volta a Tank e a segui pelo corredor. A maioria dos quartos ficava no andar de cima, mas havia um casal, no final do andar principal. No passado, eles eram usados como depósitos. Gabe costumava nos esgueirar pelo mesmo corredor, para os quartos não utilizados. Ninguém ia nos procurar lá...

Porcaria, precisava fechar isso.

Concentrei-me em Emmy e sua excitação palpável, quando nos aproximamos de um dos quartos. A porta estava aberta, então a segui, quando ela se virou.

Eu não podia acreditar no que estava vendo.

Um novo conjunto de móveis encheu a sala. Tinha que ser, porque ninguém morando na casa usaria uma cama de dossel em madeira branca, com cortinas cor-de-rosa. As prateleiras de um lado e a cômoda com pequenas alças em forma de tiara, também não estavam em alta demanda.

Eles fizeram isso por nós. Saíram do seu caminho para fazer um quarto adequado para uma princesa.

Eu podia imaginar um grupo desses homens, usando jeans e cortes de couro bem gastos, barbudos e tatuados, entrando em uma loja de móveis e pedindo o set mais

bonito que tinham. A imagem foi engraçada o suficiente para conter as lágrimas ameaçadoras.

"É um quarto de princesa!" Emmy declarou, no caso de eu não ter conseguido isso.

"Eu vejo isso, baby."

Meus olhos varreram todo o quarto novamente, meu peito contraindo-se. Nunca fui capaz de dar isso a ela. Tentei. Todos os dias, desde que descobri que estava grávida, tentara fornecer tudo para minha filha. Nós passamos, mas nunca consegui dar a ela algo tão luxuoso. Todos os móveis que tínhamos eram de segunda mão. Conseguimos o que podíamos em lojas de revenda e vendas de garagem. Seu quarto, em casa, era um pesadelo incompatível, mas foi o que podia pagar.

Por um momento, a sensação esmagadora de que estivera falhando, fez com que me sentisse com um pé de altura.

Voltei para o corredor, quando Daz ajudou Emmy a abrir a caixa cheia de brinquedos. Ela estava concentrada nisso, obtendo tudo descarregado em alta velocidade e nem notaria, se eu estivesse fora por um tempo.

Em pé no corredor, não fez nada para limpar meu coração pesado. Isso só me lembrou de onde estava. O clube estava lá, onde sempre estive, pronto para me receber de volta. Eu poderia ter voltado para casa com Emmy, anos atrás e os irmãos teriam nos acolhido. Eles nos ajudariam. Ela poderia ter tido isso por anos.

Não foi só o quarto. Os dons físicos eram apenas o menor pedaço, do que estava lamentando. O que, realmente, doeu foram os relacionamentos que ela perdeu. Eu cresci com uma dúzia de tios e agora ela saberia como era. Nós mal estávamos na porta e até Daz foi afundado por ela.

Eu mantive isso dela.

Mas não poderia ter voltado para casa, poderia? Eu estava esquecendo o grande problema, mas não conseguiria por muito tempo. Nós teríamos que nos ver, em algum momento.

"Você está bem, Ash?" Roadrunner perguntou, atrás de mim.

Voltei-me para o quarto, tentando manter as emoções que pareciam estar explodindo dentro de mim. "Apenas um pouco sobrecarregada", respondi.

"Queríamos que ela tivesse um quarto em que se sentisse confortável", explicou ele. "Nós tivemos que pegar móveis, de qualquer maneira, não havia nada aqui."

Agora Roadrunner ia tentar minimizar a enormidade do que acabaram de dar à minha filha, como se isso não significasse nada. Não foi nada.

"Obrigada", eu disse, muito sobrecarregada para encontrar qualquer palavra que chegasse perto do que estava sentindo.

"Mamãe?" Emmy chamou, pouco antes de seus cachos loiros aparecerem ao redor do batente da porta. "Você tem que ver! Você também tem um quarto!"

Tentei esconder a mortificação do que ela estava dizendo. As crianças diziam coisas malucas. Eu poderia jogar fora, mas só se não der a verdade.

"Sim, baby", eu disse, em tom tão uniforme quanto pude.

"Há até uma cama! Uma grande! Então, pode dormir em uma também!" Ela continuou com sua excitação.

"Sim, querida. Por que você não descompacta? Tio Daz, provavelmente, não quer descompactar suas coisas."

Por sorte, ela seguiu minha sugestão imediatamente. Infelizmente, eu sabia que o dano já estava feito.

"Do que ela está falando?", Perguntou Roadrunner.

Porcaria.

"Não é nada."

"Ashlynn, " disse ele, em aviso.

Com uma respiração profunda, olhei-o. "Eu não podia pagar um apartamento de dois quartos," disse, esperando que isso fosse suficiente.

"Então vocês duas dividiram aquele quarto?" Perguntou, mas já sabia a resposta. Ele viu o quarto de Emmy.

"Não exatamente."

Roadrunner, simplesmente, levantou as sobrancelhas.

"Ela está ficando mais velha. Pensei que era importante que tivesse um espaço que pudesse identificar como seu, enquanto crescia. Ela precisava se acostumar a fazer algumas coisas sozinha, como dormir."

"E onde você dormiu?"

"Na sala de estar."

"*Onde*, na sala de estar? Eu estava lá, Ash. Não vi uma cama.

"O sofá", eu disse, dando-lhe a resposta que ele já sabia.

Roadrunner esfregou os olhos, como se estivesse com dor de cabeça. "Pelo menos me diga que foi uma porra de sofá cama."

Eu queria mentir. Tanto de mim queria dizer que era. Ele nunca saberia o contrário? Provavelmente não. Mas não consegui mentir para o Roadrunner. "Não era."

"Droga, Ash." Ele começou a andar, enquanto agarrava os lados de sua cabeça. Estava chateado. Seriamente chateado, até o ponto em que um observador casual questionaria minha sanidade de estar em um pequeno corredor com ele. Mas Roadrunner nunca me machucaria, nunca colocaria a mão em nenhuma mulher, mas era mais do que isso. Ele odiava a ideia de me machucar de alguma forma, isso foi o que o deixou tão chateado. "Por que você não ligou? Veio para casa? Nós teríamos cuidado de você."

Foi a mesma pergunta que estava batendo em volta do meu cérebro, poucos minutos antes.

"Eu sei, mas não consegui." Meus olhos se moveram para a porta do quarto, onde Emmy havia desaparecido novamente.

Voltar ao clube nunca foi algo que eu pretendia fazer, especialmente com Emmy a reboque. Havia muitas perguntas que não poderia responder e não tinha ideia de como faríamos isso.

Roadrunner balançou a cabeça de maneira frustrada. Eu sabia que ele entendia que estava mantendo Emmy longe, mas não entendia por que e não conseguia explicar isso para ele.

Com um grande suspiro, ele veio até mim e me puxou para seus braços.

"Você está aqui agora. Nós vamos cuidar das duas," disse ele.

Ele estava certo; nós estávamos aqui agora.

Como ia deixar tudo isso para trás de novo?

CAPÍTULO 7

Sketch



Não tinha escurecido há muito tempo, quando cheguei à casa da fazenda. Queria continuar montando, mas era inútil. Estar na estrada não estava fazendo nada para limpar minha cabeça, do jeito que costumava fazer. Cada pensamento estava naquela maldita casa, imaginando a garota que fugiu da minha vida a quase cinco anos atrás, enroscando-se como uma faca em uma ferida aberta.

Eu estava tão preocupado, que quase morri em uma curva que não tinha notado. Fui muito rápido e quase me tornei uma má pintura ao lado de uma minivan, na outra pista. Foi quando percebi que eu não estava com humor para ficar na minha moto.

Meu plano era apenas ir ao clube e ficar lá, mas descartei isso. Não importava que me escondesse no clube por um futuro previsível, iria vê-la em algum momento. Só Deus sabe quanto tempo ela estará por perto. Evitar não era um plano de longo prazo. Já contava com a raiva que estaria transbordando, quando a visse. Talvez então, eu pudesse me mexer.

Sim, eu seria o eterno otimista.

A caminhada até a porta da frente exigia muito incentivo de um pé à frente do outro. Isso fez querer oferecer minha mão esquerda para fumar. Cortei os cigarros, depois que perdi meu tio. O vício em nicotina não foi o que matou Gunner, mas encontraram o câncer de pulmão no hospital, quando ele morreu. Se não tivesse sido o acidente, teria sido o câncer, em pouco tempo. Fale sobre um momento de vir a Jesus. Mesmo se ele tivesse evitado o idiota bêbado ao volante, ainda estaria fora agora.

Joguei meu último pacote no lixo do hospital e fiquei com a abstinência. Nunca peguei outro cigarro. Pensei que tinha chutado totalmente os desejos, até aquele momento.

Corri direito para a cozinha, para pegar uma bebida que me anestesiasse. Eu tinha uma garrafa de Lagavulin pronta para fazer o trabalho.

Quando cheguei perto, ouvi a voz de Roadrunner. Quando virei a esquina, pude entender o que estava dizendo.

"Não tinha nem uma cama, pelo amor de Deus. Apenas dormia na porra do sofá só Cristo sabe quanto tempo."

Stone estava ao lado dele, parecendo tenso, o que dizia muito, para aquele filho da puta sombrio.

"Qual é o problema?" Perguntei, já localizando o uísque que procurava no armário.

"Ash está aqui", Pres respondeu, enquanto agarrei a garrafa.

Antes que alguém pudesse responder sobre o assunto, eu disse: "Certo. Estou fora."

Dei apenas dois passos, antes de Roadrunner falar nas minhas costas. "Você tem que lidar com essa merda, eventualmente."

A verdade nessa afirmação, uma verdade que não precisava de iluminação e que estava, fodidamente, perseguindo-me, desde que Stone me disse que ela voltaria aqui, irritou-me.

"Queria lidar com essa merda", lembrei-o. "Eu queria lidar com isso mais de quatro anos atrás."

"Sketch", Stone chamou, enquanto continuei minha retirada.

"O quê?" Eu estava seriamente fodido com essa merda.

"Igreja. Amanhã. Tenho que me sentar sobre a situação, com essas malditas ameaças."

Certo. Boa. Contanto que ele não fosse começar.

"E se resolva com essa garota", continuou ele. "Sei que você está chateado, irmão, mas tenho a impressão de que a merda não foi fácil para ela."

O que não foi fácil para ela?

A preocupação veio borbulhando primeiro, mas a empurrei de volta. Talvez a merda não fosse moleza para ela, talvez tivesse que trabalhar duro para sobreviver, mas isso não importava. Essa foi a porra de sua escolha. Ela poderia ter ficado. Eu teria feito qualquer coisa para fazê-la ficar. Poderia ter estado aqui comigo todo o tempo do caralho e nada teria sido difícil para ela. Eu teria cuidado de tudo isso.

Sua escolha.

Olhei para meus irmãos. "Pretendo ficar bem longe dela, então, não precisa se preocupar com isso. E enquanto estamos discutindo isso, não gosto da porra da pregação. Respeito a porra de vocês dois, mas eu não te digo como viver suas vidas, que tal a mesma cortesia? "

Nenhum deles parecia emocionado, mas Stone cedeu. "Justo o suficiente."

E essa foi a minha deixa para sair de lá.

Dobrei a esquina para as escadas, preparando-me para ficar bem quieto no meu quarto. Mas não cheguei lá, no entanto. De pé, no corredor estava uma garotinha.

Ótimo. Maravilhoso. Quem estava transando com a mãe, enquanto essa garotinha apenas vagava sem rumo pela casa?

Às vezes, morar com meus irmãos era um pesadelo fodido.

Andei pelo corredor em direção a ela e quando me aproximei, ela moveu uma pequena mão que estava esfregando os olhos e olhou para mim.

Tudo parou.

Por um longo momento, eu não estava na fazenda. Não tinha vinte e cinco anos, um Disciple ou um tatuador. Eu tinha seis anos de idade, no clube com meu tio Gunner e toda minha vida estava prestes a mudar...

Eu amava, quando o tio Gunner me trazia para o clube. Os caras eram legais e divertidos. Mamãe e papai estavam sempre brigando, quando não estavam no trabalho. Naquela tarde, eles estavam brigando sobre o fato de que papai não estava, realmente, trabalhando quando estava fora. Eles sempre começavam a gritar. Papai falaria sobre alguém chamado Ellen, então mamãe jogaria coisas. Aprendi na escola que não deveria jogar coisas. Não sei porque a mamãe sempre fez. Ela deveria saber melhor.

Quando eu disse ao tio Gunner sobre a briga, ele ficou meio assustador. Não gritou nem nada do jeito que papai faria, no entanto. Ele me sentou e me fez memorizar seu número de telefone. Tive que prometer que ligaria para ele, se meus pais comesçassem a lutar novamente.

Quando ouvi o pai dizer o nome de Ellen, naquela tarde, cumpri minha promessa. Tio Gunner disse que estaria lá para me pegar em quinze minutos.

Papai não tentou me impedir, quando saí do trailer. A motocicleta do tio Gunner era alta o suficiente para ouvir do interior. Papai nunca tentou dizer ao tio Gunner o que fazer, do jeito que fazia com todo mundo. Isso porque tio Gunner era incrível e enorme e ele era um Disciple. Você não mexe com os Disciple; foi o que tio Gunner me contou.

Um dia, eu seria como ele. Ia ser grande e forte e montar um Fat Boy. E também seria um Disciple.

Eu estava na sala de estar do clube jogando um jogo de corrida no PlayStation 2 contra tio Gunner, quando Indian chegou. Ele estava dando uma carona para uma menina, mas eu só podia ver as pernas dela. Ela usava sapatos rosa com pequenas flores. Não estavam sujos como os meus. Ela, provavelmente, não brincou muito fora.

“Ei, homenzinho. Não sabia que você estaria passando por aqui hoje”, disse Indian. Tio Gunner me disse que eles o chamavam de Indian, porque andava em uma motocicleta Indian, em vez de uma Harley, como a maioria dos caras fazia. Indian era o nome dele na estrada, assim como Gunner era do meu tio. Se eu me tornasse um Disciple, também teria um nome de estrada, algum dia.

"Oi", eu disse de volta, mas estava olhando para o ombro dele. Podia ver o topo da cabeça da menina, atrás dele, mas ela não olhava para cima. Pergunte-me por que ela estava se escondendo.

"Funciona muito bem que você está aqui", ele continuou. "Há alguém que quero que você conheça." Ele virou a cabeça e falou por cima do ombro, mas eu podia ouvi-lo. "Desça, Vagalume."

Assisti as pernas com sapatos rosa apertarem em torno de sua cintura.

Indian se ajoelhou e continuou conversando com a garota que o segurava. "Vamos lá, querida. Não seja tímida."

As pernas soltaram e Indian ficou de pé. A garota continuava se escondendo atrás dele, seu corpo mostrando um pouco, entre suas pernas.

Tio Gunner foi até o lado de Indian e se agachou. "Ei, querida. Você não quer conhecer meu sobrinho? "Seu cabelo loiro mudou de posição. Era encaracolado e parecia que estava pulando. "Ele é legal, eu prometo."

Ela espiou um pouco.

Era bonita. Muito bonita. A garota mais bonita que já vi. Ela parecia uma princesa, não, um anjo. Seus olhos eram da mesma cor que o céu e o cabelo era brilhante, como o sol.

"Ela é linda", sussurrei por acidente.

Tio Gunner estava de pé, ao meu lado, novamente. Eu nem percebi, até que ele riu. Olhei-o. "Ela é, definitivamente, isso, garoto", disse ele.

Eu não falei nada. Ela ainda estava olhando para mim, não se escondendo novamente. Gostava de poder vê-la. E não queria que ela se escondesse.

Tio Gunner se agachou ao meu lado, olhando-a. Ele colocou o braço em volta dos meus ombros. "Este é o meu sobrinho, Gabe", disse ele. Ele olhou para mim e disse: "Esta é a filha do Indian, Ashlynn. Nós a chamamos de Ash."

Ashlynn.

"Oi", eu disse, esperando não assustá-la. Por que ela parece ter medo de mim? Eu não queria que ela tivesse.

Ela me deu um pequeno aceno e disse: "Oi".

"Por que você não vai lá conhecê-lo?" Indian perguntou e ela agarrou as calças dele com mais força.

Realmente, queria que ela saísse por todo o caminho. "Você gosta de desenhar?", Perguntei.

Ela olhou para Indian. Ele assentiu, então ela também.

Corri para minha mochila com um desenho da Harley. Foi uma super legal, que tio Gunner me deu, para começar a primeira série. Eu queria que a imagem fosse um Fat Boy, queria em vez do Dyna Wide Glide, mas ainda assim, era incrível. Lá dentro, tinha um monte de coisas para desenhar, papel, lápis de cor, giz de cera, marcadores. Eu adorava desenhar. Foi o meu favorito.

Estava colocando todas minhas coisas na mesa, quando ela disse: "Você tem muitas cores". Ela não estava mais atrás de Indian, estava de pé, ao lado dele. Mas não chegou mais perto do que isso, no entanto.

"Você pode usá-los todos", eu disse a ela.

Ela veio e sentou-se ao meu lado. Era ainda mais bonita de perto.

Nós colorimos por um tempo, então Indian disse: "Tenho que ir falar com Pres. Você está bem por um tempo, Vagalume? "Olhei para Ashlynn, enquanto ela assentia. "Você vai cuidar da minha garota, certo, Gabe?"

"Certo", eu disse, olhando para Indian.

"Bom."

Bom. Eu cuidaria de Ashlynn. Eu queria. Ela era bonita e legal. Queria que ela ficasse mais perto de mim.

"Você quer ser minha melhor amiga?", Perguntei.

Ela olhou para mim. Eu pensei que ela não poderia dizer nada, porque era tímida. Sorriu e acenou com a cabeça. "OK."

Sorri também. Nós poderíamos ser melhores amigos, até ficarmos mais velhos. Então poderíamos nos casar. Eu poderia ser um Disciple como Tio Gunner. Sempre poderia protegê-la, assim, como disse ao Indian que faria.

CAPÍTULO 8



Sketch

Puxando-me das memórias, concentrei-me na garotinha, em minha frente. Cara, ela, realmente, lembra-me Ash nessa idade. O mesmo cabelo loiro encaracolado, acima dos olhos azuis, embora os dela sejam um pouco mais escuros do que os de Ash. Era uma total foda mental, especialmente porque Ash estava em algum lugar da casa, pela primeira vez em anos.

"Estou com sede", disse a menina, com uma voz sonolenta.

Conseguindo me segurar, ajoelhei-me na frente dela. Sorri, tentando parecer tão não ameaçador, quanto um motociclista de 1,87m, coberto de tatuagens. "Qual é seu nome, princesinha?"

Seu sorriso ficou enorme, com o apelido. "Emmaline, mas você pode me chamar de plincesa, se quiser."

Porra, ela era muito foda. "Princesa, sou Sketch."

"Sketch", ela repetiu de volta para mim. Quase.

"Onde está sua mãe, princesinha?"

Ela encolheu os ombros. "Eu não sei. Talvez lá fora?"

Bem, não era tão perfeito? Tenho que ser babá, porque alguém não pode ficar com as calças.

"Você só precisa de um pouco de água?" perguntei. Emmaline assentiu. Foda-se. A criança estava com sede e não era culpa dela estar vagando sozinha. "Então, vamos pegar um pouco."

Coloquei a garrafa de scotch no chão. Não preciso escoltar uma criança, com uma garrafa cheia na mão. Antes que pudesse me levantar, Emmaline estendeu os braços para mim, com um beicinho. Veio-me flashes da mulher, com a tatuagem de borboleta, na outra noite. Seu beicinho não tinha feito nada para mim, mas essa menininha tinha me feito buscá-la. Talvez a única diferença fosse que Emmaline era, na verdade, uma garotinha e poderia fazer o beicinho, mas parecia maior do que isso. De alguma forma, essa garota já me envolveu em seu dedo e, provavelmente, nunca mais a veria novamente.

Quando a carreguei de volta pelo caminho, Emmaline ficou bem e confortável em meus braços. Sua cabecinha se moveu, para dar uma olhada no novo ponto de vista, antes de me dar um longo e bom olhar.

"Quantos anos você tem, princesinha?", Perguntei.

"Três, mas meu aniversário é em breve."

Três, quase quatro, perto da idade que Ash tinha, no primeiro dia em que nos conhecemos. Merda, realmente, precisava parar de ir lá.

Stone e Roadrunner ainda estavam na cozinha e ambos sorriram para Emmaline em meus braços.

"O que está fazendo fora da cama, menina?" Roadrunner perguntou.

Então, eles sabiam de quem era essa garota. Mas "fora da cama"? Isso não fazia nenhum sentido. A menos que eles apenas tenham feito uma das camas, enquanto mamãe tirou pedras ou algo assim.

"Com sede", explicou Emmaline.

Stone, imediatamente, virou-se para os armários, para pegar um copo. Roadrunner aproximou-se e agarrou Emmaline. Eu nem sequer pensaria porque me senti desolado, quando ele a tirou de mim.

"Onde está sua mãe?" Roadrunner perguntou, como se eu fosse muito denso para pensar nessa questão.

"Acho que ela saiu", Emmaline respondeu.

Stone entregou um copo de canudinho cor-de-rosa, que encheu de água. Emmaline pegou, com um sorriso e começou a beber. Eu estava ocupado olhando o copo. Por que diabos essa coisa está na nossa cozinha? Sua mãe trouxe isso?

"Vamos levá-la de volta para a cama", disse Roadrunner, enquanto saía do quarto com ela.

Eu apenas olhei para eles, totalmente perdido. Algo não estava somando. Se aquela garrafa de Lagavulin ainda não estivesse selada, eu pensaria que já estava bêbado.

Stone deve ter percebido minha confusão, porque limpou a garganta. Uma vez que ele teve minha atenção, falou. "Ela é da Ash." Continuei olhando para ele. "Emmy", ele disse, acenando na direção de Roadrunner, "ela é da Ash".

Emmy. Eu gostei daquilo...

Ela é da Ash.

Porra. Do. Caralho.

Essas palavras, finalmente, adquiriram significado na minha cabeça. Emmaline, Emmy, era filha de Ash. Ash tinha uma filha. Ash...

"Três, mas meu aniversário é em breve."

Ash tinha uma filha de três, quase quatro anos.

Ash me deixou quase cinco anos atrás.

Parei de fazer as contas, parei de rastrear quanto tempo passou, desde que ela me deixou. Mas já tinha feito as contas então. Quatro anos e sete meses. Emmy tinha quase quatro anos, mais nove meses de gravidez.

Porra.

Não.

Ela não iria.

Eu saí da cozinha e atravessei o corredor, onde encontrei Emmy, passei pelas escadas e saí para o convés traseiro.

Ash estava lá, parada no meio do quintal, de costas para mim. Ela parecia diferente, sua silhueta mais curva do que me lembrava e seu cabelo loiro encaracolado caindo mais para baixo, nas costas. Ainda assim, eu sabia que era ela em qualquer lugar.

Ao redor e na frente dela, pequenas faíscas de luz brilhavam e desapareciam. Vagalumes. Ela os observava piscarem no quintal.

Indian chamara Ash de Vagalume, desde antes de conhecê-la. Ele costumava dizer que era porque seus sorrisos não eram constantes, considerando o quão introvertida ela era, mas quando um saiu, era como uma luz brilhando fora dela.

Ele não estava exagerando nem um pouco.

Por um momento, a imagem dela me paralisou. Queria quebrar meu bloco de desenho e colocar a visão no papel para que nunca o perdesse. Queria pintá-lo na minha própria pele, assim, estaria sempre comigo.

Então me lembrei de Emmy.

A raiva voltou, queimando debaixo da minha pele. Atacando pelo quintal, apertei minhas mãos ao meu lado. Não pude tocá-la. Não poderia ser responsável pelo que poderia acontecer, se fizesse isso.

Assim que cheguei perto, Ash olhou por cima do ombro para mim e pulou, com a visão. Se isso era porque eu não era quem ela estava esperando, ou minha fúria estava clara no meu rosto, não sabia. Realmente não importou.

"Ela é minha?" Exigi.

"O que?"

Meu coração batia o triplo no meu peito. O choque para meu sistema, ao ver o belo rosto de Ash novamente, foi quase o suficiente para romper a nuvem de raiva, mas não completamente.

"Emmy", expliquei. "Ela. É. Minha?"

Ash ficou pálida. "Como você..."

"Ela estava no corredor. Acordei e precisei de uma bebida. O engraçado é que ela diz que está prestes a completar quatro anos. São apenas nove meses a mais, desde que você saiu. Então, vou perguntar uma última vez. Ela é minha filha do caralho? " rugi.

Ash recuou e respondeu em voz baixa: "Eu não sei".

Ela... o que? "Você não sabe?"

Seus olhos caíram no chão. "Eu teria dito a você, se soubesse com certeza."

Ela teria...

Put. Merda.

Não. Não é possível.

Um zumbido nos meus ouvidos preencheu o silêncio no quintal. Emmy pode não ser minha. Ash não sabia ao certo quem era o pai. Ash... Ash dormiu com outra pessoa. Mas a linha do tempo...

Ela fodeu outra pessoa, logo depois que me deixou.

Passei meses, foda-se, mais de um ano, fazendo nada, além de sentir falta dela, tentando encontrá-la. Não toquei em outra mulher do caralho, até Ash ter ficado fora por mais de dezoito meses. Mas ela... foda-se.

Quanto tempo ela esperou, antes de deixar algum outro cara onde eu estava?

Uma semana? Duas? Não poderia ter demorado tanto, se ele fosse o pai de Emmy.

Porra.

Ash ainda não estava olhando para mim e isso era, realmente, muito bom pra caralho. Não pude ver-lhe o rosto. Não consegui ver seus olhos.

Sem outra maldita palavra, saí. Eu não poderia estar em qualquer lugar perto dela. Não aguentei o golpe que ela acabou de me dar.

Precisava dar o fora dali. Precisava do Lagavulin. Não, foda-se, precisava de algo mais barato, algo que eu poderia, realmente, jogar para trás, como se não houvesse amanhã. O uísque teria que esperar.

Eu precisava fazer essa noite desaparecer.

CAPÍTULO 9

Ash



Bem, isso foi... tão bem quanto eu esperava.

Depois de um tempo, fiz meu caminho até o convés e sentei-me na beira de um degrau, que subia um pé acima da grama. Ouvi uma moto começar na frente da casa. Dada a maneira como o piloto saiu de lá, achei que era Gabe.

Apague isso.

Sketch.

Ele era Sketch agora.

Ele, provavelmente, iria ficar no clube, em qualquer lugar, para ficar longe de Emmy e de mim.

Não, provavelmente só de mim.

O fogo em seus olhos não tinha sido apenas sobre raiva. Ele estava pronto para reivindicar Emmy. Se eu dissesse que ela era dele, ele a teria aceitado, em um piscar de olhos. Não teria mudado o fato de que estava chateado comigo, por mantê-la longe todos esses anos, mas teria abraçado o papel de pai. Ele estava ferido.

Talvez você devesse apenas dizer que ela é dele, uma voz na minha cabeça sussurrou.

Absolutamente não. Eu não podia fazer isso com ele. Eu não podia mentir e dizer que Emmy era dele, quando eu não tinha certeza. Isso não era justo para ele. E mesmo assim, mesmo que eu pudesse me convencer de que não era uma coisa terrível de se fazer, aquele navio tinha navegado.

Queria que a vida tivesse sido diferente. Desejei, no momento em que descobri que estava grávida, ter certeza de que ele era o pai. Eu poderia ter voltado para Hoffman. Ele poderia estar chateado mas, naquela época, teria me recebido em casa de braços abertos. A gravidez teria sido um choque, mas ele sempre costumava falar sobre a família que teríamos um dia. Crescendo, seus pais não tinham sido ótimos e eu só tinha pai. O clube era uma família incrível para nós, mas sempre planejamos fazer um dos nossos. Emmy poderia ter vindo mais cedo do que havíamos planejado, mas Gabe teria superado a lua.

Emmy teria crescido com mais do que apenas eu. Teria crescido com um pai que adorava. Teria tido o tipo de amor que meu pai me deu e não há nada no mundo que eu pudesse querer mais para ela.

E eu... eu poderia ter o Gabe.

Mas insistir em "se apenas", não ia fazer nada. Esse sonho não era real. A vida tinha tomado um rumo muito diferente e não havia como mudar isso.

Além disso, estava ignorando o motivo pelo qual saí, em primeiro lugar. Estando de volta, sendo cercada pelos Disciples, que cuidariam de Emmy e de mim do jeito que uma família faria, estando perto de Gabe novamente, tudo estava me distraindo do quadro maior.

Eu não saí porque estava grávida. Eu saí porque eu não poderia mais estar com um Disciple.

Depois que meu pai morreu, vi com clareza o que eu tinha ignorado, a maior parte da minha vida. Ser um Disciple não era apenas andar e irmandade, era um perigo. Era o tipo de perigo destrutivo, que roubava os homens bons do mundo. O clube já havia roubado um homem que eu amava, não pude assistir outro morrer muito jovem.

Isso me destruiu, mas sabia que não poderia convencer Gabe a deixar os Disciple. Então, saí sem ele.

Essa decisão foi uma que não me deixei pensar com frequência. Sabia que era o erro mais grave que já havia cometido e, se Deus quisesse, nunca estaria em posição de

fazer outro assim. Ainda assim, não conseguia imaginar não fazer isso. Mesmo se pudesse fazer tudo de novo, onde isso me deixaria? Eu ainda teria minha filha?

Eu não desistiria da minha Emmy, por nada no mundo.

Nem mesmo Gabe.

Nem mesmo para me poupar de tudo que aconteceu, desde que saí.

Esse conhecimento, apesar de não apagar a dor, fez-me passar por cada dia. E isso me tirou desse passo e voltou para dentro.



Quatro dias depois, eu estava no clube pela primeira vez, desde o meu retorno. O prédio, que servia como sede dos Disciple, já foi um depósito para uma loja de móveis de rede, que foi à falência. A localização era relativamente remota, sem outros armazéns ou empresas nas proximidades, nada em torno de um par de milhas. O banco que ocupou a propriedade estava desesperado para vendê-lo e não teve compradores, então meu pai me disse que o clube conseguiu o imóvel por uma pechincha. Coisa boa, também, porque eles tiveram que gastar muito dinheiro, para transformar o espaço grande e cavernoso, em um clube apropriado.

Agora, abrigava uma enorme sala de estar com vários sofás, TVs, um sistema de som top de linha, bar, mesa de bilhar, tudo o que os caras queriam. Decorado em estilo rústico, a mobília mostrava o desgaste que recebeu e era muito confortável, embora não extremamente atraente. Além disso, havia uma enorme cozinha, com o dobro do tamanho do balcão e do espaço de armazenamento de uma casa comum, embora não fosse feita como uma verdadeira cozinha industrial. Havia também uma grande sala, que permanecia trancada em todos os momentos em que os rapazes tinham missa, suas

reuniões privadas só para membros. Então, os salões levavam a uma variedade de quartos.

Todos os caras tinham seus próprios quartos no clube. Se eles não quisessem ir para casa, festejassem demais para fazê-lo ou estivessem com bloqueio em todo o clube, eles permaneceriam lá. Alguns podiam morar lá a qualquer momento. Os quartos eram grandes, com grandes camas e muito espaço para móveis, incluindo uma mesa e tal. Cada um também tinha um banheiro privado.

Havia quartos extras também. Estes eram para novos prospectos, disponíveis para convidados, ou quartos onde os caras fodiam as meninas do clube, que eles não queriam em seus próprios quartos. Quando eu era mais nova, tinha meu próprio quarto, ao lado do papai. Quando era realmente pequena, se fôssemos ficar no clube, eu compartilharia o dele. Quando cresci, ele reivindicou um só para mim.

Aquele armazém reformado, ainda mais do que a casa de fazenda em que estávamos hospedados, era como meu lar. Foi onde passei a maior parte do tempo, quando criança, além da escola. Papai e eu tínhamos uma casa na cidade, mas os negócios do clube não tinham horas fixas e, mesmo quando não havia nada para fazer, papai gostava de nos ter ao redor de seus irmãos. Nossa casa era mais um lugar onde dormíamos, do que uma verdadeira casa. Onde os Disciple estavam, aquela era a casa.

Estar de volta foi difícil. Estar de volta com todos os Disciple presentes, foi ainda mais difícil.

O clube estava dando uma festa. Os caras faziam isso com bastante frequência. Eu estava certa de que não era para Emmy e eu, mas não estava jurando, principalmente porque tinha obtido respostas diferentes. Roadrunner me disse que era só por merda e risos. Tank me disse que era porque Cami e Gauge estavam de volta de sua mini lua de mel. Essa foi a razão pela qual achei mais suspeito, desde que o clube tinha acabado de receber seu casamento e recepção na casa da fazenda, no fim de semana anterior e eles já estavam de volta há alguns dias. Os Disciple podem amar uma festa, mas duas delas juntas não eram prováveis.

Eu não falei nada. Emmy estava exuberante, se a festa era para ela ou não.

A festa estava em pleno andamento por algumas horas, o sol, na maior parte do tempo e grandes fogueiras iluminando o quintal. Todos vagando pela terra. Atrás do clube tinham drinques e pratos cada vez mais vazios de carne de porco defumada.

"Eu amo isso," Deni comemorou ao meu lado.

Voltei minha atenção para a mesa de piquenique em que estava sentada. Do meu lado estava Deni, uma loira minúscula como eu, mas com muito mais atitude, que era casada com Slick. Slick estava no clube desde os dezoito anos e ele e Deni estavam juntos, quando ela ainda estava no ensino médio. Ela não cresceu com o clube, mas eu a conheci por vários anos, antes de sair. Agora, ela e Slick tinham uma garotinha, Jules, que tinha um ano e Deni estava grávida da segunda. Ao meu lado estava Cami. A nova noiva era uma bomba, com longos cabelos castanhos e um corpo curvilíneo. Seu filho, Levi, estava sentado em seu colo. Cami tinha sido como uma prima para mim e a maneira empolgada com que me cumprimentou e bajulou Emmy, disse-me que isso não mudou para ela, embora tenha saído vários anos antes de mim.

Olhei para Deni, perguntas claras no meu rosto e ela explicou: "Vocês duas estão de volta. Eu era a única mulher permanente por aqui, por um tempo, agora tenho vocês duas. Eu amo isso."

Cami riu e forcei um sorriso. Eu não ia explicar, mais uma vez, que isso era temporário para Emmy e eu. Olhei ao redor do quintal para minha garota. A última vez que a vi, ela estava ligada ao Daz. Eu não tinha certeza do que pensar sobre isso, mas ele parecia estar se comportando, quando ela estava por perto, na maior parte do tempo. Agora, Daz não estava à vista.

A parte de mim que costumava ficar só de olho em Emmy, começou a entrar em pânico, quando eu não sabia imediatamente onde encontrá-la. Então, como um sinal de espera, ouvi sua risada contagiante.

Do outro lado do pátio, perto de uma das grandes fogueiras, Emmy estava nos braços de Sketch.

Ela estava rindo, enquanto ele sorria para ela. Quando ela se sentiu confortável com ele, eu não sabia. Ele conseguiu água, na primeira noite em que estivemos lá, mas eu não sabia que era mais do que isso. Desde aquela noite, Sketch não estava por perto. Presumi que ele estava hospedado no clube. Se ele estava nos evitando ou apenas eu, não tinha certeza. A maneira como ele estava segurando Emmy, naquele momento, foi a minha resposta.

Eu não sabia como reagir à visão deles juntos. Tudo o que sabia, com certeza, era que a queimadura no meu peito não era totalmente desagradável.

"Tudo bem, senhoras", Roadrunner retumbou atrás de mim, quebrando minha atenção em Emmy e Sketch. "Parece que é hora de tirar os pequenos daqui".

Roadrunner se ofereceu, ou melhor, *exigiu*, para vigiar as crianças, durante a noite, para que todos os pais pudessem ficar e passar a noite de folga. Cami tinha argumentado mais, quando chegou à festa. Aparentemente, Gauge concordou, sem discutir com ela. Cami estava em pé de guerra sobre como eles tinham acabado de voltar, há alguns dias atrás, ao deixar Levi para trás, quando Gauge a agarrou e começou a sussurrar em seu ouvido. Bem, estava quase sussurrando. Mais como rosnar. Eu ouvi mais do que precisava, incluindo algo sobre ela ficar bêbada e sua mão em sua garganta.

Como eu disse, ouvi muito.

Eu estava hesitante em concordar. Emmy nunca passou a noite sem mim. Jasmine tinha sido uma dádiva de Deus em assistir Emmy por mim, mas ela nunca tinha feito da noite para o dia. Isso foi principalmente porque nunca tive necessidade de perguntar a ela.

Emmy não compartilhou minha hesitação. Ela estava emocionada, por ter sua primeira festa do pijama, mesmo que fosse com um motociclista corpulento e duas crianças de um ano de idade. Sua convicção absoluta, ao me dizer que era algo que queria fazer, fez-me concordar. Ainda assim, eu não ia beber muito. Se as coisas fossem para o sul, eu queria estar lúcida e boa para ir buscá-la.

"Vá buscar Emmy", disse Roadrunner.

Andar em direção a Sketch foi o suficiente para ter meu coração batendo forte, mas tentei manter meu rosto limpo. Eu estava apenas pegando minha filha, para que pudesse dizer boa noite. Não havia mais do que isso.

"Mamãe!" Emmy gritou, quando cheguei perto.

"Hora de chegar à sua festa do pijama, baby", eu disse, meus olhos permanecendo nela. Não importava que o rosto de Sketch estivesse a 30 centímetros do dela. Eu estava focada em laser.

"Sim!" Ela olhou para Sketch. "Tenho que ir. Eu e Roadrunner estamos tendo uma festa do pijama."

"Está tendo uma festa do pijama", eu corriji.

"Certo. Nós estamos tendo uma festa do pijama. Jules e Levi também, mas eles são bebês," ela explicou para Sketch.

"Divirta-se, princesa." Senti a respiração ofegante fora de mim. Princesa?

Assisti, quando ele a colocou no chão e me forcei a puxá-la junto, quando ela abriu os braços para mim.

"Tenha uma boa noite, baby", eu disse, quando me ajoelhei e a abracei. "Seja boa para Roadrunner. Não lhe diga o que fazer. Ele já conhece todas as regras, incluindo o horário de dormir, por isso não tente nada."

"Serei boa. Eu plometo," ela disse.

"Dê a mamãe um pouco de amor." Ela deu, imediatamente, dando-me um pequeno beijo doce.

Então, Roadrunner estava lá. "Você está pronta para ir, menina?"

"Sim!"

"Não hesite em ligar", eu disse a Roadrunner.

"Não se preocupe, Ash. Nós temos isso sob controle. Certo, Emmy?"

"Sim!"

Eu não tinha tanta certeza, mas deixei passar. Se Emmy ficasse chateada, eu sabia que ele ligaria.

Observei, enquanto eles se afastavam, sentindo um mal-estar estranho. Talvez Emmy não fosse aquela que iria lutar com a separação, da noite para o dia.

"Quero um teste de paternidade."

O que?

Eu me virei, esquecendo completamente que Sketch ainda estava de pé ali.

"O que?"

Ele me nivelou com um olhar sombrio. "Eu quero um teste de paternidade."

Porcaria.

"Eu..."

Sketch me cortou, antes que eu pudesse descobrir alguma coisa para dizer. "Ela é minha. Eu sei disso. Quero uma prova e quero que ela me conheça como pai dela."

"Eu..." tentei de novo.

"Faça acontecer. Eu pago o que custar."

Com isso, ele foi embora.

Porcaria.

Eu não pude fazer um teste de paternidade. Eu não consegui ver esses resultados. Eu não sabia.

Eu não pude...

"Ash?"

Piscando do torpor de medo, olhei para a esquerda, para ver Cami lá.

"Hã?"

"Você está bem?" Ela perguntou.

"Sim. Tudo bem." Voltei meus olhos para a direção em que Sketch foi. Ele chegou ao meio do pátio, antes de encontrar algo novo para prender sua atenção. Ou seja, uma morena, em um vestido excessivamente curto. As garotas do clube começaram a aparecer um pouco antes. Era por isso que Roadrunner havia determinado que era hora de as crianças irem embora.

Observando a mulher aconchegada a um Sketch disposto, dificilmente penetrou. No fundo da minha mente, eu sabia que era algo que não queria ver. Em qualquer outra situação, eu sabia que me deixaria doente ver isso, mas depois que ele só exigiu um teste de paternidade, um teste que eu não poderia ter feito e não conseguia explicar o motivo, era apenas uma dor, que eu mal conseguia identificar.

"Ash, você não precisa assistir isso", disse Cami, seu tom gentil. Ela assumiu que eu estava chateada, porque Sketch ia foder essa morena. Não é uma suposição ruim, então eu não a corriji.

"Sim", concordei.

Eu ia deixa-la me levar para longe, como estava tentando, com uma mão macia no meu braço. iria enterrar as emoções e passar a noite. Eu descobriria o que fazer a seguir, quando estivesse sozinha.

Então, a morena jogou o cabelo sobre um ombro e dei uma olhada em seu rosto.

Deus me odiava. Foi a única explicação.

"Tori", sussurrei.

"O quê?" Cami perguntou.

Eu me virei, mas não rápido o suficiente para perder Sketch levando-a em direção ao clube. "Preciso ir. Agora."

"Fale comigo", insistiu Cami.

Eu não queria. Não tinha certeza se conseguiria pronunciar as palavras, mas poderia dizer que ela não iria me deixar ir, até que eu explicasse. Então fiz. Com pressa,

contei a ela toda a história. Eu disse a ela, exatamente quem era Victoria para mim, que ela fora uma vez para Sketch.

Porcaria. Eu ia perder isso.

"Eu preciso ir", repeti. "Eu não posso estar aqui."

"Querida, eu não acho que você deveria estar dirigindo assim."

"Não posso estar aqui."

"Merda", ela murmurou. "Fique aqui. Por favor, apenas um minuto. Vou dar uma carona para casa. OK?"

Dei um aceno de cabeça ausente.

Sketch com Tori. Ele estava lá com ela. Ele ia beijá-la. Fode-la. Eu não consegui impedir que as imagens se formassem na minha cabeça.

"Ash?" Fiz um foco em Cami e no cara mais novo, ao lado dela. Ele tinha um patch de prospecto, na frente de seu corte. Não era um irmão completo ainda, mas estava ganhando um lugar entre os Disciples. Eu tinha certeza que o vi na fazenda uma vez, mas não fomos apresentados. "Este é Jack", ela cortou rapidamente. "Desculpe", ela disse a ele, " continuo esquecendo." Para mim, ela começou de novo: "Este é Ace. Ele vai te levar para casa."

Casa. Sim, realmente, não tenho um desses, eu fiz?

"Prazer em conhecê-lo", falei.

Ele me deu um queixo elevado. Então, era o tipo quieto. Tudo bem por mim, eu também estava. Melhor ainda, ele me tirou de lá imediatamente. Tanto quanto eu estava preocupada, Ace foi maravilhoso.

CAPÍTULO 10



Sketch

Sentei no meu quarto no clube, por um tempo, tomando uma cerveja. Eu chutei... qualquer que fosse o nome dela, antes mesmo de voltarmos para cá. O perfume, as risadinhas posso ter aguentado antes, mas depois de estar perto de Ash novamente, não aguentei. Ash não fazia essa coisa irritante e risonha. Ela riu às vezes, mas só quando realmente pensou que algo era engraçado. E a risada dela foi mais uma risada do que uma risadinha. Ela não se banhava em perfume também. Ela tinha um sabonete de baunilha, que gostava. Você mal podia sentir o cheiro, a menos que chegasse perto, de um jeito que só eu tinha o privilégio de fazer. Quando estava bem contra sua pele, ela cheirava a glacê.

Ela tinha o gosto ainda melhor.

Merda, eu estava dando a mim, uma porra de tesão, depois que mandei aquela peça fácil para casa.

Ash estava de volta à cidade há cinco dias, eu mal tinha estado perto dela e já tinha minhas bolas novamente.

Que maravilha.

Fiquei de pé. Sentado em um quarto sozinho, pensar nela não era o que eu precisava. Precisava de mais bebida do caralho e ver se não poderia encontrar outra garota para coçar a coceira, quando estiver um pouco mais frio.

De volta ao quintal, vi o bufê de opções de distração ter aumentado muito. As festas dos Disciples permaneciam, relativamente, calmas durante o dia, especialmente agora

que havia crianças por perto, o tempo da família, essencialmente. À noite, saía pela janela.

Família.

Eu tinha chegado em volta de Emmy pela tarde. Cristo, aquela garota era outra coisa. Ela tinha muita personalidade. Com o quão tímida Ash sempre foi, era surpreendente que sua filha fosse exatamente o oposto. Emmy amava atenção. Ela adorava estar perto das pessoas. Ela fez as pessoas quererem estar perto dela.

Porra, ela era fofa.

Quanto mais tempo passava com ela, observando-a rir e a segurando em meus braços, mais aquela voz em minha cabeça gritava que era minha. Ela tinha que ser. Até os meus ossos, sabia que era verdade. Eu não me importava se isso assustasse Ash. Eu ia pegar a prova.

Ok, sim, eu precisava parar de pensar sobre essa merda também.

Enquanto puxava uma longneck gelada de um tambor de gelo, fui confrontado com a coisa menos favorita de todas: puta do sexo feminino.

"Você tem muita coragem", Cami estalou para mim.

Sim, eu não estava com humor para essa merda. Não queria que uma mulher que eu estava recebendo, regularmente, fosse irritante comigo, certamente não estava tirando isso de uma garota cuja boceta estava, firmemente, fora dos limites.

Não, porra, obrigado.

"Sim, eu sei", disse de volta, indo embora, usando uma chave do bolso para abrir a tampa da garrafa em minha mão.

"Como pôde fazer isso com ela?" Ela disse, antes de eu dar mais do que alguns passos de distância.

Tentei engolir a resposta, por respeito aos meus irmãos. tanto o pai. quanto o marido novo, mas não aguentei.

"Como poderia fazer isso com *ela*?" voltei. "Como poderia conseguir uma porra de boceta, mesmo estando por perto? Adivinha? Eu ficaria feliz em não ter conseguido isso de ninguém, além dela, por malditos anos. Ela é a única que decolou e me deixou aqui. É a única que manteve a porra da menina longe, quando pode ser minha maldita filha!"

"Eu sei disso", Cami sussurrou.

"Então, o que diabos fiz, que foi tão fodido?"

Ela balançou a cabeça. "Tinha que ser aquela? De todas as mulheres do mundo, inferno, de todas as mulheres aqui, esta noite, tinha que ser aquela?"

"Do que está falando, Cam?"

Um olhar de surpresa passou por seu rosto. "Você não sabe. Não se lembra dela."

Esperei por um segundo, por mais alguma explicação, antes de avisar: "Cami".

"Você conseguiu o nome dela?"

Pergunta válida. "Veronica? Valerie? Algo com um V?"

Cami parecia triste, antes de me informar: "Victoria".

Victoria?

Virei na minha cabeça, tentando entender por que isso importava.

Victoria...

"Tori", Cami ofereceu.

Tori.

Porra.

"Não."

Cami acenou com a cabeça de uma maneira triste, que só confirmou o que eu estava percebendo.

Minha cabeça girou, procurando pelo quintal por Ash.

"Ela saiu", Cami me informou. "No mesmo momento em que você levou a cadela para dentro."

Porra.

"Ela foi para casa?"

"Sim. Ace a levou. Ela não estava bem para dirigir sozinha."

Estendi a garrafa aberta para ela, com um empurrão. "Cuide disso?"

No momento em que a mão dela envolveu a cerveja, comecei a me mover ao redor dela. Boa merda, só bebi duas cervejas o dia todo. Estava preocupado com Emmy.

"Sketch", Cami chamou.

Parei, mas não estava dando muito tempo. Eu precisava sair de lá.

"Sei que ainda está chateado com ela, mas Ash está machucada. Não apenas sobre Tori, mas sobre tudo isso. Vá devagar."

Qualquer outra pessoa teria conseguido um "foda-se" e nada mais. Cami cresceu com a gente. Ela sabia tão bem quanto eu, o quão sensível Ash era, com que facilidade se fechava.

"Ela é minha garota, não vou machucá-la."

Sem dar a ela uma chance de responder a isso, fugi pra caralho dali. Saí voando do clube na minha moto, as lembranças de anos atrás me mostrando o quanto eu errei.

Seis meses atrás, Gunner, finalmente, cumpriu a promessa que me fez anos atrás. Quando eu fizesse dezesseis anos, se mantivesse meu nariz limpo, ele me tiraria do trailer com meus pais fodidos, para morar com ele. Mantive minha parte e, no dia seguinte ao meu aniversário, ele manteve a dele.

Ficar longe de dois alcoólatras que me fizeram, era bom o suficiente, mas também significava que eu tinha que mudar de escola. Terminei meu primeiro ano no meu

antigo colégio, mas me transferi o início do segundo ano. Pela primeira vez, Ash e eu estávamos indo para a escola juntos.

Eu estava fodidamente emocionado. Ash era minha, desde que éramos crianças, mesmo que ela ainda não tivesse percebido. Era uma caloura agora e há dois anos, o Indian me disse que poderia namorar, quando estivesse no ensino médio. Finalmente, seria capaz de tornar isso real e poderia fazê-lo, enquanto caminhava pelos corredores com ela, mantendo todos os idiotas atrás dela a distância.

Só que não foi assim. Nós não tivemos aulas juntos, visto que estávamos em diferentes graus. Consegui fazer com que o conselheiro me colocasse no mesmo período de almoço que ela, mas no primeiro mês, Ash não foi até a cafeteria.

Nos primeiros dois dias, ela disse que tinha que mudar parte de sua agenda, para ir ao seu conselheiro, mas não estava entrando, porque muitas pessoas estavam lá. Foi horrível, mas acreditei nela. Então, uma professora passou algum estudo independente e ela precisava ir à biblioteca. Eu disse que iria à biblioteca junto, mas ela insistiu que precisava trabalhar e eu deveria ir à cafeteria e conhecer pessoas. Sim, porque prefiro conhecer pessoas, do que estar com Ash. Deus, ela era tão sem noção às vezes.

Naquele dia, finalmente, pus o pé no chão. Enquanto a levava para o inglês, sua última aula antes do almoço, eu a parei.

"Hoje, você vem almoçar e ficará sentada comigo", disse a ela.

Se ela achava que eu sentia falta do jeito que mordeu o lábio, estava louca. Eu a conhecia. Podia ler seus nervos como um sinal de néon. "Preciso, realmente, fazer mais trabalhos na biblioteca."

"Ash, a escola acabou de começar. Quanto trabalho você pode ter?"

"Só tenho um pouco mais", ela continuou tentando.

"Ok, podemos ir depois da escola. Biblioteca está aberta. Nós vamos ficar até você terminar e então, vou te levar para casa. Eu a encurralaria, se precisasse. Não sabia se ela estava apenas desconfortável, com tantas pessoas, por ser tão tímida ou era algo mais, mas precisava começar a falar.

"Meu pai não sabe que vou ficar."

"Vou ligar para ele depois da escola para avisá-lo, enquanto você vai para a biblioteca."

Eu a vi perceber que não estava saindo disso. Então, em um tom resignado que me arrepiou, ela disse: "Ok".

Estendi a mão para acariciar sua bochecha macia, desejando que pudesse beijá-la, como eu queria.

Em breve.

Quando a campainha tocou, no final do período, eu a encontrei no seu armário. Não ia deixa-la se esgueirar, quando, finalmente, conseguisse que ela concordasse em vir almoçar. Quando olhou para mim, escondendo seus livros da manhã, ficou claro que sabia o que eu estava fazendo. Como eu me importava. Ash me conhecia tão bem, quanto eu a conhecia. Não estava tentando ser sorrateiro. Joguei dois dos meus livros no seu armário, enquanto ela revirava os olhos.

Ela fechou seu armário e, sem hesitação, agarrei sua mão e fomos para o refeitório. Senti Ash olhando em minha direção, quando segurei sua mão, pelos corredores. Não era novidade para mim tocá-la da maneira que pudesse, mas nunca tive muita oportunidade na escola. Olhos se moviam em nossa direção e amei a atenção. Ash era minha, mesmo que ela não soubesse ainda. E eu queria que isso fosse claro para todos.

Quando entramos no refeitório, enfrentando a fila da comida, tive uma sensação de desconforto, no jeito que Ash chegou mais perto de mim. Carreguei uma bandeja com a nossa comida e ela continuava tentando desaparecer, ao meu lado. Eu a conduzi pela sala, esperando que se ajustasse sozinha. Ash se escondeu muito. Ela sempre fez. Preferia vê-la sair de sua concha, sem que eu insistisse e, às vezes funcionava, mas nem sempre. Ela era quem era. Sua timidez era uma parte dela.

Sentamos no final da mesa em que estive, nas últimas duas semanas. Alguns dos caras, que conheci na loja de automóveis, nos primeiros dias, estavam lá. Alguns dos caras eram atletas, então era uma espécie de centro de atividade.

Recebi levantamentos de queixo e algumas saudações. Eu os devolvi e disse: "pessoal, essa é minha garota, Ash."

Os rapazes deram boas-vindas e ela ofereceu um sorriso tímido. Sorri para ela. Ash não tinha ideia de como seu sorriso era atraente. Todos iriam querê-la, mas estavam sem sorte.

Enquanto comíamos, fiz Ash falar comigo, mesmo que houvesse muitas pessoas que não conhecia por perto. Ela estava me contando sobre um papel que teve que escrever em inglês, quando uma voz maliciosa entrou ao nosso lado.

"Bem, isso não é uma surpresa. Ashlynn em uma mesa cheia de caras. Você está em casa, não está?"

Olhei para a cadela em questão. Magra, de uma maneira desesperada, vestida como as moças do clube, que andavam em volta dos Disciples, maquiada, como se estivesse saindo para uma festa. Eu a conhecia. Tori. Os caras falaram sobre ela e a apontaram uma vez. Ela era muito popular, por certas habilidades orais.

Ash não disse nada. Seus ombros se curvaram sobre a comida, que não estava mais comendo. Senti minha pressão sanguínea subindo. Não sabia o que a porra da Tori estava tentando sugerir. O fato era que Ash sempre esteve com garotos, mais do que com garotas. Isso foi parte do crescimento com o clube. Isso não mudou os fatos, no entanto. Ash, definitivamente, ainda era virgem, ela nem tinha sido beijada, pelo amor de Deus, e qualquer um, ao seu redor por mais do que alguns minutos, podia adivinhar. Onde, uma cadela como Tori, cuja reputação era, provavelmente, mais do que apenas rumores, achava que poderia falar daquele jeito com Ash?

Os olhos de Tori vieram para mim. "Gabe, você pode querer repensar isso", disse, enviando um olhar de escárnio para Ash, que me fez apertar a mandíbula. "Há muito melhor, para um cara como você."

Com isso, Ash estava fora de seu assento. Antes que eu pudesse falar, ela estava quase correndo da sala. Tinha muita merda que queria dizer à cadela ao meu lado, mas Tori não era minha prioridade. Ash era.

Ela sempre foi minha prioridade.

Eu a alcancei, logo depois do refeitório, pegando no seu braço, para pará-la.

"Que diabos foi isso?" Exigi.

"Nada." Ela não olhava para mim.

"Foda-se Tori, Ash. Isso não foi nada."

Seu rosto estava definido, quando olhou para meu queixo. "Eu disse que não era nada. Deixe isso em paz."

Segurei sua bochecha, puxando seus olhos azuis para os meus. "Não faça isso, Vagalume. Fale comigo."

Seus olhos se afastaram de novo, antes de dizer: "Não é grande coisa".

Isso é quando me bateu. Eu estava pensando que talvez Tori estivesse sendo uma vadia, porque tinha alguma ilusão de ficar comigo e estava tentando derrubar Ash, quando nos viu juntos. Não foi isso, no entanto. O que quer que estivesse acontecendo, não era novo.

"Quanto tempo?"

Ash não cobriu a maneira como os olhos dela queimavam de surpresa. "O que?"

"Há quanto tempo isso vem acontecendo? Há quanto tempo tem guardado isso?"

Meu corpo estava começando a vibrar com fúria. Ninguém fodia com ela. Ninguém. Ela balançou a cabeça e tentou afastar-se de mim, mas envolvi meu braço em volta da sua cintura e a trouxe para mais perto.

"Quanto. Tempo?" exigi.

"Sempre!" Ela atirou de volta para mim, afastando-se. "Ela e sua turma sempre fizeram isso. Desde que éramos crianças! Isso fica pior a cada ano."

Minha visão turvou. Voltei para o refeitório. Ash estava atrás de mim, chamando meu nome, para me impedir.

Foda-se isso.

Encontrei Tori em uma mesa longe de onde estávamos e fui direto para ela.

"Peça desculpas."

Toda sua turma olhou para mim, o medo cintilando em alguns rostos. Tori era burra demais para sentir o mesmo. "O que?"

"Peça desculpas a Ash."

Seus olhos se moveram para além de mim e ela falou com Ash, provando o quão densa era. "Então, está transando com ele também? É por isso que está de pé por você?" Seus olhos voltaram para os meus. "Adivinha o quê, garoto novo? Você não é o único a conseguir esse serviço, por aqui. "

Eu ia explodir porra.

Ash ficou atrás de mim, da mesma forma que ela se escondeu atrás do pai, no dia em que nos conhecemos. Eu não a vi se esconder desse jeito em anos.

Bati os dois punhos na mesa.

"Você não fala sobre ela desse jeito. Você não diz nada sobre ela, novamente. Quer falar demais? Talvez deva falar sobre sua própria merda. Posso ser novo, mas sei quantos caras você chupou no pós-festa de futebol, na semana passada. Que tal começarmos a falar sobre como toda a linha ofensiva teve uma chance?"

Virando-me, olhei para a sala silenciosa e encontrei todo mundo olhando em minha direção. Apontei para Ash. "Qualquer um de vocês que pensa em foder com ela, responde para mim e responde aos filhos da puta Savage Disciples. Entenderam?"

CAPÍTULO 11



Sketch

Meus músculos estavam tensos sob minha pele, quando estacionei do lado de fora da casa da fazenda. Meu corpo estava pronto para uma luta, pronto para sair balançando. As memórias das cadelas que machucaram Ash, o conhecimento de que reabri aquelas feridas esta noite, deixaram-me no limite.

Tentei respirar fundo. Não podia entrar assim. Iria assustá-la. Ash não respondia a confrontos. A agressão a fez recuar, todas vezes. Além disso, ela não merecia isso. Foi a minha foda. Eu precisava controlar tudo. Cada parte de mim gritava para passar por aquela porta, para chegar até ela e consertar essa merda, mas me segurei de volta, na varanda da frente.

As memórias ainda estavam girando. Ainda me lembro de um dos reitores me escoltando do refeitório. Eles pediram uma explicação e dei a eles. Pediram desculpas e eu recusei. Eles perguntaram se eu entendia que tinha levado as coisas longe demais. Eu disse a eles que poderiam ir se foder, se achassem que não estava de pé para minha garota, que não faria isso sozinha. Foi isso que transformou a suspensão de dois dias em uma semana.

Não importava para mim. Gritar com aquelas vadias, ganhando essa suspensão, deu-me o maior presente que já tinha recebido.

Uma suspensão de uma semana significava que estava impedido de entrar na escola, com efeito imediato. Babacas, nem escutaram quando expliquei que minha casa era a casa de Ash. Como meu tutor legal, Gunner foi chamado. O reitor não ficou muito

feliz, quando sua resposta foi me dizer que tinha feito bem. Eu saí cerca de uma hora antes de terminar as aulas da escola. Gunner ficou, para chamar Ash, depois de ter insistido para que enviassem uma nota a uma de suas aulas, para informá-la sobre a mudança de planos.

Eu estava andando pelo clube quando ela chegou lá. Ela e Gunner entraram, quase uma hora depois que as aulas terminaram. Ele a levou para um sorvete, enquanto sabia que eu estava esperando. Se isso era para checá-la ou prender minhas costeletas, eu não sabia. Provavelmente ambos.

Ash correu direto para mim e jogou os braços à minha volta. Porra, se isso não me fizesse sentir como um rei. Tendo Ash perto, sempre fazia.

"Sinto muito", disse ela, sua voz abafada contra meu peito.

"Do que você está falando, Vagalume?", Perguntei.

"É minha culpa que você tenha problemas."

De jeito nenhum.

Ela não ia pensar essa merda.

Agarrei seu braço, tendo que puxar um pouco, para que ela me soltasse, o que me fez sentir ainda melhor. Eu a levei para fora, onde poderíamos ficar sozinhos. Os motociclistas eram intrometidos e nós não precisávamos de audiência.

Conversei com Indian, depois que voltei. Contei a ele o que estava acontecendo e prometi que, se minha ameaça não pusesse fim a isso, faria de tudo para que acontecesse. Ele me agradeceu, por cuidar de sua garota. Não que ele precisasse. Prometi a ele que continuaria cuidando dela, mesmo que ela me deixasse.

Do lado de fora, Ash se jogou contra mim, novamente. Eu deixei fazer isso, pensando que poderia me acostumar a isso. Dei a ela um minuto para me segurar, girando meus dedos através de seus cachos loiros. Seu cabelo era tão macio, não pude deixar de tocá-lo, quando tive a chance. Ela nunca pareceu se importar.

"Gunner estava bravo?" Ela perguntou, depois de um tempo.

"Não, querida."

Ela recuou um pouco, para olhar para mim. Aqueles olhos azuis dela eram redondos e brilhantes, brilhantes demais. Ela estava à beira das lágrimas. "Realmente?", perguntou, seu tom preocupado.

Segurei o lado do seu rosto, certificando-me de que ela prestou atenção em como eu estava sério. "Prometo. Uma vez que ele ouviu porque fiz isso, estava feliz que fiz."

Seus olhos se afastaram dos meus, o queixo empurrando contra minha mão. Eu não libertei meu aperto. Ash sabia que eu não gostava que se escondesse de mim.

"Por que não me contou?" Perguntei.

Ela encolheu os ombros. Estava recuando da única maneira que podia, por não falar. Dei a ela um olhar que dizia que a merda não ia voar.

"Eu não sei", ela suspirou. Tentou novamente dar um passo atrás e desde que eu podia vê-la remoendo suas palavras, deixei-a fazer aquela peça. Levou um tempo, antes de continuar. "Acho que não quis pensar nisso, quando estava contigo. Você não foi para a escola conosco, então não os conhecia. Você não sabia o que estavam dizendo para mim. Quando estava contigo, podia fingir que não estava acontecendo."

Eu não gostei, mas pude aceitar. Não era como se pudesse mudar o passado, de qualquer maneira.

"Por que não me disse, quando eu me transferi?"

O medo e preocupação em seus olhos não era algo que gostasse de ver. O fato de não me responder, gostei ainda menos.

"Estava com medo que acreditasse neles?" Perguntei, esperando que não fosse isso.

Ash apenas deu de ombros, novamente.

Porra.

"Droga, Ash. Como pôde pensar isso?"

Sua cabeça desceu, seu lindo rosto desaparecendo atrás de seu cobertor de segurança de cachos.

"Eu, simplesmente, não aguentaria, se pensasse em mim desse jeito."

Suas palavras doeram para ouvir. Doeu pensar que ela até se preocupou com isso, por semanas. Ainda assim, vi o que não estava dizendo e aproveitei a oportunidade pela qual estava esperando.

"Por quê?"

"Por quê?" Ela ecoou.

Eu não disse mais nada, apenas esperei pela resposta.

Ela me deu uma, mas não era o que estava procurando. "Porque você é meu melhor amigo."

"É tudo o que sou para você?"

Sua cabeça virou, surpresa. "O que?"

Eu queria que ela dissesse isso. Queria que admitisse que não tinha pensado em mim como uma amiga, mais do que eu pensava dela. Eu queria, mas estava cansado de esperar.

Dei dois passos mais perto até que ela foi pressionada no meu peito, novamente, emocionado, quando ela não recuou. Sem uma palavra, envolvi minha mão ao redor de seu pescoço e a beijei.

Foi perfeito. Absolutamente perfeito pra caralho. Seus lábios eram doces, macios, exatamente como imaginava há anos.

Não, eles eram melhores do que isso.

Isso me matou, para me afastar deles, para acabar com aquele beijo, mas fiz.

"Eu não penso em você como apenas uma amiga, Ash."

Ela olhou para mim, seus lábios rosados, e que eu estava morrendo de vontade de voltar a beijar, separaram-se um pouco, os olhos arregalados piscando, como se estivesse atordoada.

"Você tem que me dar algo aqui, querida", implorei.

Então, minha garota, minha linda e incrível Ash, deu-me alguma coisa. Levantando-se na ponta dos pés, pressionou seus lábios nos meus.

Foi isso, tudo que eu precisava. Era a única coisa que sempre precisaria. Ash em meus braços, dando-me seu doce beijo... ainda assim, ela me deu mais.

Recuando apenas um centímetro, suas palavras sussurraram em minha boca. "Eu não penso em você como apenas um amigo."

E foi isso. Foi assim que Ash e eu começamos. Daquele dia em diante, ela era minha e eu era dela. Jurei que nada seria capaz de mudar isso.

Até que alguma coisa aconteceu.

Eu a perdi, um destino que nunca poderia ter imaginado. Por quase cinco anos, tive que continuar minha vida sem ela.

Até ela voltar.

Por qualquer motivo fodido, convenci-me de que era isso. Ela foi embora, saiu e teve Emmy. Escondeu essa menina linda de mim. Eu estava chateado, mais chateado do que poderia lembrar de estar e estava feito.

Até que Cami me disse que Ash foi embora.

Realmente, não sabia o que diabos eu estava fazendo, quando pulei na minha moto e corri para lá. Foi instinto puro e simples. Cuidar dela estava enraizado em mim, até minha alma.

Parado lá, com a lembrança do primeiro beijo de Ash na minha cabeça, eu sabia.

Movi-me pela casa então, meus pés me levando direto para a porta dela. Tive a clareza mental de bater, em vez de entrar, mas estava prestes a perder a paciência, quando a porta abriu. Lá, em uma camiseta de apoio de grandes Disciples, que ela usava para dormir por anos, seus olhos levemente avermelhados pelas lágrimas, era a minha Ash.

Minha.

"Vá embora, Sketch."

Não é uma chance do caralho.

Eu a segurei. Ela lutou, até que me empurrei, passando pelo batente da porta. Ash levantou o braço e virou as costas para mim, afastando-se, para colocar espaço entre nós. Fechei a porta e apertei a fechadura frágil da maçaneta, como uma boa medida.

"O que quer?" Ela retrucou.

"Eu não a fodi."

Seu corpo trancou por um momento, antes que pudesse esconder.

"Bom para você."

"Ash", chamei.

"Eu não me importo se você fodeu alguma vagabunda."

"Eu não a reconheci. Não, até que Cami disse alguma coisa. Mas não a fodi, de qualquer maneira."

"Sketch, apenas saia. Eu não me importo."

Ela poderia jogar a atitude que quisesse, eu não ia a lugar nenhum.

"Se tivesse percebido quem ela era, não teria tocado nela. Teria jogado sua bunda para fora."

Ash nem sequer respondeu, dessa vez. Apenas se virou, para olhar para mim, seus braços cruzados. Ela era um trabalho de arte.

"Não importa, no entanto. Joguei sua bunda para fora, uma vez que percebi que não podia fodê-la. Não importava que não tivesse ideia de quem ela era." Ainda nada de Ash, então continuei. "Eu não podia fodê-la, Vagalume. Não poderia tê-la, quando ela não era você.

Isso acabou. O apelido que seu pai lhe dera, quando menina, causou a fenda e minha confissão deu o golpe estrondoso.

Sua primeira retaliação foi raiva.

"Você espera que eu acredite que não fodeu nenhuma puta do clube, desde que eu parti? Você está brincando comigo?"

Chame-me de pervertido, mas a raiva dela sempre fez alguma coisa em mim. Ash não ficava com raiva, facilmente. Não era de mostrar esse tipo de emoção, com frequência. Quando conseguia, sempre me afetou. Provavelmente porque sabia que eu era a única pessoa com quem ela explodiria assim.

"Não. Eu não disse isso. Fodi outras mulheres. Você foi embora e, eventualmente, tive que aceitar isso. Agora, você não se foi. Está bem aqui e não vou mais me acomodar. "

"Eu..." ela gaguejou. "O que está dizendo?"

Eu me movi pela sala, não contendo o sorriso, quando ela recuou para a parede, prendendo-se. Cheguei bem contra ela, sentindo seus peitos apertarem contra mim, amando o leve tremor, que sabia que não era medo. Sacudiu-se na minha ereção, para que eu me pressionasse contra ela.

"Estou dizendo", respondi, inclinando-me, para minha boca estar bem em seu ouvido, correndo minha língua ao longo da concha, "você é minha".

CAPÍTULO 12



Ash

"Não", sussurrei, tentando esconder o jeito que minha voz tremia.

Ele estava bem ali, bem em cima de mim, seu corpo grande e duro contra o meu. Podia sentir, exatamente, o quão grande e duro ele estava.

Não se afastou do meu ouvido, sua respiração soprando na pele sensível, quando respondeu: "Sim, Ash. Você sempre foi minha."

Ele estava certo, absolutamente certo. Eu era dele, desde que éramos crianças. Fui dele, quando me deu o primeiro beijo. Nunca deixei de ser dele, em todo o tempo que estive fora. Ninguém jamais me teria, não do jeito que ele fez.

Mas não podia admitir isso para ele.

"Não sou de ninguém."

Uma de suas mãos, grande e quente, parecia queimar, através da camiseta que eu vestia, calor descendo por meu quadril. Devagar, muito devagar, subiu e a camisa veio junto.

"Besteira, querida."

Tentei chegar a uma resposta, virei meu cérebro, procurando uma maneira de fazê-lo parar, para que se virasse e saísse. Deveria ter sido fácil, havia muitas coisas que poderia ter dito para fazê-lo ir embora, mas não havia nada mais difícil no mundo, do que se negar a coisa que mais queria. Não importa como tentei, não consegui parar com isso.

Seus lábios se moveram ao longo do meu queixo, apenas um sussurro, contra minha pele. Calafrios irromperam pelo meu corpo. Foi inebriante. Ele se afastou, antes de chegar aos meus lábios e olhou nos meus olhos, esperando.

Não me dando a chance de pensar nisso, repeti a mesma escolha que fiz uma vez antes. De pé, com ele esperando por uma resposta, inclinei-me e o beijei.

Isso era tudo que ele precisava.

Estava em mim, seus lábios persuadindo os meus, sua língua invadindo. Seu beijo consumindo-me, uma maré me puxando para baixo. Estava me afogando nele e desci alegremente.

Sua mão continuou descendo, as pontas dos dedos chegando na beira do meu sutiã. A pele das mãos dele era mais áspera do que me lembrava, o aperto era mais forte. Ele conseguiu acariciar e me fez sentir como se estivesse me segurando no lugar. Eu estava tão envolvida com as sensações, que senti falta de sua outra mão, movendo-se para minha calça jeans, liberando o botão.

"Sketch", ofeguei contra seus lábios.

Sua cabeça voltou, seus olhos duros, quando olhou para mim.

"Não, Ash. Você não me chama assim, quando te tenho assim. Quero ouvi-la dizer meu nome."

Fiquei chocada demais para dizer qualquer coisa, antes de ele reclamar minha boca, novamente. Os nomes das estradas eram sagrados. nunca conheci a maioria dos nomes de nascimento dos irmãos. O nome da estrada deles tornou-se quem eles eram. Para ele exigir que eu use seu nome verdadeiro...

Isso me atingiu e bateu forte. Ele nunca foi Sketch, quando estávamos juntos. O nome da estrada veio depois que saí. Toda vez que estávamos juntos, só o chamava de Gabe.

não consegui processar isso. Talvez mais tarde, algum ponto mais adiante, quando me permitir pensar sobre o que estávamos prestes a fazer. No momento, foi demais.

Ele abriu o zíper da minha calça jeans, mas a mão dele não entrou. Ele passou as pontas dos dedos ao longo da pele exposta entre meus quadris e mergulhou até ponto traçar a borda superior da minha calcinha. Sacudi em resposta, a sensação fazendo cócegas e incitando tudo de uma vez. Eu queria mais, queria que parasse, queria mais baixo, mais forte.

No meio daquela tortura, sua outra mão se afastou do meu peito, dolorido pelo seu toque e colocou ao redor das minhas costas. Comecei a me contorcer no pequeno espaço que me deixou, entre ele e a parede. Meu corpo estava aceso, com uma necessidade que não conseguia vocalizar.

O fecho do meu sutiã se soltou e minha cabeça caiu para trás. Ele não perdeu tempo, movendo-se dos meus lábios para meu pescoço exposto, lambendo e sugando a pele.

"Deixe ir", ele murmurou para mim.

"O que?"

"Minha camiseta, querida. Solte."

Lutando para arrastar meu foco de seus lábios e da provocação que seus dedos estavam fazendo exatamente acima de onde eu precisava dele, percebi que minhas mãos estavam presas em sua camisa com tanta força, que era um milagre que não tivesse rasgado. Forcei-me a libertá-lo.

No trabalho de um momento, ele tirou minha camisa e se afastou. Deslizei meu sutiã pelos braços. Seu corpo duro voltou para mim, suas mãos caindo em meus quadris. Ele me segurou e uma parte do meu cérebro entendeu o sinal da minha antiga vida. Envolvi os dois braços em volta do seu pescoço e o deixei me levantar. Seu corpo se moveu entre minhas pernas, o plano sólido de seu estômago batendo exatamente onde eu estava desesperada por ele.

Meu gemido se transformou em algo muito mais feroz, quando sua boca capturou meu mamilo. Sua língua quente e úmida, insistente em sua provocação, não aguentei.

"Por favor", implorei.

"Por favor, o que, baby?"

Eu não pensava nas minhas palavras, não pesava as repercussões de admitir isso para ele, apenas deixei escapar a verdade. "Preciso de você."

Ele não hesitou. Com uma mão apoiando minha bunda, a outra mergulhou na minha calcinha e atingiu sua marca. Gritei, com a sensação, quase vindo, apenas por esse toque.

"Porra. Você está encharcada."

Respondi da única maneira que podia, mudando meus quadris e esfregando contra seus dedos. Ele não me deixou querendo. Esfregou meu clitóris duro, circulando, pressionando. Eu ia perder isso. Não seria capaz de me segurar.

Assim que senti que se aproximava, quando o primeiro tremor de um orgasmo percorreu meu corpo, ele empurrou a mão para mais longe e enfiou dois dedos dentro.

Eu me despedacei.

Eu sabia que estávamos nos movendo, mas meu foco estava nos espasmos gloriosos se movendo através de mim, o prazer não diluído parecendo nunca terminar, quando ele moveu seus dedos dentro de mim. Seu nome veio nos meus lábios como uma oração, "*Gabe*".

Quando ele me deixou, eu estava de costas na cama. Gabe estava ajoelhado entre minhas pernas. Assisti, arrebatada, quando ele tirou seu corte, em seguida, puxou a camisa sobre a cabeça. Fiquei impressionada com o que revelou.

Gabe estava fazendo tatuagens, desde o seu décimo oitavo aniversário, quando comprei o primeiro dele. Planejou e fez mais do que eu poderia contar, muito antes disso. Eu ainda podia lembrar de cada tinta em seu corpo, antes de sair. Ele tinha onze tatuagens, na época. Sentei-me ao seu lado, enquanto ele estava sob a agulha, para cada uma. Gabe adorava tatuagens. Estava no segundo ano de seu aprendizado, para se tornar um tatuador, naquela época. Não soube se ele seguiu esse caminho, mas, claramente, não parou de amar a arte.

Ele estava quase coberto de tinta. Em toda parte. Do pescoço às mãos, ao longo de todo o lado de seu peito, abaixo de seu abdômen, desaparecendo em seu jeans. Eu queria estudá-los, passar horas observando cada obra de arte que ele colocou em sua pele, mas sabia que não teria a chance.

Em vez disso, observei aquelas mãos tatuadas acomodarem-se no meu estômago pálido. Escuro na luz. Pele irreconhecível, em um corpo, que mudou para sempre, carregando minha filha. Era como se fôssemos estranhos, mas nos conhecíamos bem.

Gabe se inclinou sobre mim, seus lábios chegando ao meu estômago. Suas mãos empurraram meu jeans pelos meus quadris.

"Você é mais suave do que antes", disse ele.

Eu me senti tensa, quando ele se moveu, para beliscar meu osso ilíaco. Eu não estava na mesma forma que era, sabia disso. Não pensei em quão diferente isso seria para ele.

"Mais curvas."

Segurei a respiração. Seus olhos se aproximaram de mim, um sorriso malicioso em seus lábios e em seu olhar. "Eu, fodidamente, amo isso."

Inalei um suspiro, com suas palavras e se transformou em um gemido, quando ele puxou meu jeans e calcinha por minhas pernas. Jogou-as de lado, rasgando o botão sozinho. Sua necessidade aumentava a minha e, de repente, era como se não tivesse tido um orgasmo. Precisava dele mais do que me lembrava de precisar de alguma coisa em minha vida.

"Depressa", ofeguei.

Com um grunhido, ele estava de volta em mim, seus lábios nos meus, satisfazendo-me e me deixando mais faminta. Seu corpo em cima do meu, quente, duro e tão pronto. Podia senti-lo entre minhas pernas e meus quadris levantados.

"Estou limpo, querida. Não quero nada entre nós ", ele cerrou, enquanto eu continuava a mover meus quadris contra o seu comprimento.

"Eu não estou em nada."

"Foda-se." Ele pressionou seus quadris contra os meus, acalmando-me. "Você precisa consertar isso. Amanhã. Não vou ter nada entre nós, por muito tempo. Você tomar a pílula ou ficar grávida e nos dará outra criança, não dou a mínima para isso. Na verdade, o segundo parece muito bom pra caralho."

Ele não poderia ter dito isso.

De jeito nenhum.

Eu estava em choque, quando ele se sentou e pegou as calças, encontrou um preservativo em sua carteira e o enrolou, mas tudo que eu podia fazer era ficar lá. Ele parecia tão certo de que isso iria acontecer, novamente. E disse que queria que eu engravidasse?

Gabe voltou para mim e sorriu, com o que vi. "Enlouqueça mais tarde. Quero fodê-la agora."

Isso era tudo que eu precisava. O pânico desapareceu, sob o ressurgimento do calor. Ele estava certo.

"Sim", sussurrei.

Suas mãos correram até minhas coxas, puxando minhas pernas para cima, para circundá-lo. Afundou em mim, beijando-me. Sua língua encontrou a minha, no mesmo momento em que empurrou dentro de mim.

"Gabe", engasguei, quando ele amaldiçoou.

Balançou para dentro e para fora, com movimentos lentos e suaves. Seu corpo inteiro estava tenso e eu sabia que estava se segurando.

"Leve-me."

Seus olhos se abriram. "Ash."

"Por favor, Gabe. Mais."

Seu controle estalou. Seu rosto entrou no meu pescoço e ele me fodeu duro, rápido e glorioso. Minhas mãos foram para seus ombros, as unhas cavando. Sua respiração ofegante e gemidos no meu ouvido empurraram-me ainda mais alto. Cada impulso de seus quadris trouxe-me mais perto de um orgasmo, que iria me destruir.

"Ashlynn", ele gemeu, "você está incrível, querida."

"Gabe."

Ele me atingiu, mais do que pensava ser possível.

"Você é minha", ele grunhiu. "Você é toda minha."

Com essas palavras, empurrou com força e me enviou voando para o orgasmo. Gritei seu nome, "oh meu deus", minha devoção absoluta, não tenho ideia do que saiu dos meus lábios.

Tudo o que existia para mim era Gabe: o rosto dele era a imagem de uma masculinidade maravilhosa, quando a cabeça dele recuou e rugiu em sua liberação, seu pau ainda dentro de mim, seu corpo me ancorando, enquanto eu voava para o céu.

Quase desmaiei, quando me deixou. Deitei-me abaixo dele, ainda flutuando.

Ele se livrou do preservativo, mas nada disso foi registrado.

Eu tinha esquecido como era. Esqueci que estar com Gabe era como voltar para casa. Não havia nada na terra que pudesse tocar o sentimento. Nada que já tivesse experimentado fez-me sentir tão completa.

Quando ele voltou para mim, desligou a lâmpada ao lado da cama, antes de entrar. Seus braços se envolveram em mim. Pensei em lutar com ele, dizendo que era hora de ir, mas não consegui. Se tivesse apenas uma noite, eu iria aproveitar ao máximo. Ia gostar de tudo e nada superava a sensação de me enrolar contra ele. Nunca me esqueci isso. Lembrava-me todas as noites, quando ia para a cama sozinha.

Gabe puxou o edredom sobre nós e se acomodou. Minha cabeça estava em seu ombro, seu braço curvando-se nas minhas costas. Meu braço envolveu seu meio e

joguei minha coxa sobre a dele. Ele trouxe o outro braço para baixo, traçando padrões para cima e para baixo dos meus. Foi êxtase.

E então ele me derrubou.

“Você é minha, Ash. Esperei cinco anos, para você voltar para mim. Agora você e Emmy são minhas.”

Porcaria.

CAPÍTULO 13



Ash

Desapareci de manhã, antes de Sketch acordar. Sempre teve um sono pesado e fiquei feliz em ver que isso não mudou. Sabia que teríamos que ter um confronto, que chegaria em algum momento. Ele pensou que estávamos voltando juntos. Pensou que íamos ser uma família.

Deus, isso soou incrível.

Mas não ia acontecer.

Ele lutaria comigo sobre isso. Não iria aceitar um não como resposta, ia ficar chateado. Eventualmente, nós, provavelmente, estaríamos de volta, com ele exigindo um teste de paternidade. Eu não tinha ideia de como iria lidar com isso. O que sabia era que não estava preparada para lidar com nada disso, na primeira hora da manhã.

Roadrunner estava me esperando às nove, para pegar Emmy. Eu estava fora da porta do clube, antes das sete. Dirigi até a cidade, peguei algumas necessidades, em seguida, entrei em uma cafeteria, pedi uma xícara de café e sentei por quase uma hora, fingindo beber.

Com toda honestidade, eu deveria ter usado esse tempo para descobrir o que dizer a Sketch. Deveria estar fazendo planos. Em vez disso, escolhi o método de evitação. Assisti clientes entrando e saindo. Tentei adivinhar o que pediriam, quando se aproximassem do balcão. Eu me permiti investir numa conversa entre duas mulheres, em uma mesa próxima, enquanto discutiam como uma delas poderia conversar com o marido sobre ter um bebê. Perguntei-me quanto tempo duraria a amizade delas, quando a outra amiga mudasse de assunto e disse que queria ir à boates, encontrar um

cara para a noite. Elas estavam em lugares diferentes na vida e a futura mãe esperançosa sabia disso. Decidi que precisava ligar para Jasmine. Ela era a única amiga que, realmente, tive. Ela também foi a única que conheceu toda minha história. Talvez ela pudesse ajudar.

Finalmente, quando minha centésima verificação do tempo disse-me que poderia ir buscar Emmy, saí.

Eu estava distraída, com a tentativa de manter minha mente ocupada e senti que a moto estacionada na entrada da Roadrunner não era dele.

No minuto em que Roadrunner abriu a porta da frente, ouvi que minha garota estava no sétimo céu. O som distinto de Immortals do Fall Out Boy me disse que o Big Hero 6 estava ligado. Ela não escutava a música sem motivo e imaginei que Roadrunner não estava tentando convertê-la em fã. Ela, provavelmente, estava assistindo Honey Lemon e imaginando que tinha uma bolsa que a ajudava a combater o crime.

"Bom dia", cumprimentou Roadrunner, levando-me para dentro. "Tenho panquecas no fogão. Coloque esse filme para ela enquanto eu as termino. "

"Estou surpresa que ela esperou até esta manhã."

Ele sorriu para mim. "Ela não fez. Nós assistimos ontem à noite também."

Isso, absolutamente, acreditei.

Então ouvi outra voz masculina. "Fred? Que tipo de super-herói é Fred?"

"Eu não sei", Emmy riu.

"Pelo menos ele respira fogo", retornou Sketch.

Emmy me avistou. Ela usava um pijama de princesa, com uma camisa térmica e calças combinando e seu cabelo crespo estava em toda parte. Essa foi a maldição. Cachos não poderiam ser dormidos. Era conhecimento de todas as mulheres do clube.

"Mamãe!" Meu bebê sorriu para mim, mas não veio correndo. Isso foi uma surpresa. Aparentemente, ela estava, perfeitamente, feliz em ficar no sofá, ao lado de Sketch. Eu disse a mim mesma que não deveria picar. Estava sendo ridícula.

"Olá luz do sol. Como foi sua festa do pijama?"

"Incrível! Quero dormir com Roadrunner todos os dias!"

A voz de Roadrunner veio forte da cozinha. "Você pode dormir aqui quando quiser!"

Eu estava começando a me perguntar quem ficaria mais chateado, quando voltássemos para casa, Emmy ou os caras.

"Adivinha o quê, mamãe?" Emmy perguntou, em um grito animado.

"O que?"

"Sketch disse que ele está nos levando para o zoológico!"

Espere. O que?

Sketch disse o que a minha filha, sem falar comigo?

"Ele fez?" perguntei, meu olhar nivelado no homem em questão.

Ele me deu um sorriso impenitente em troca.

"Emmy", disse Roadrunner, "suas panquecas estão prontas."

"Panquecas!" Com seu típico entusiasmo de menina, ela partiu, deixando Sketch e eu sozinhos.

"Então, você está levando Emmy para o zoológico?" Sketch não respondeu, apenas continuou sorrindo. "Você pensou em falar comigo, antes de decidir isso e dizer a Emmy?"

"Você pensou em me acordar, antes de sair de sua cama, esta manhã?" Ele retornou. "Ou que tal levar alguém junto, visto que voce está aqui para que possamos protegê-la?"

Opa! Realmente, não pensei sobre o lado da segurança, esta manhã. Bem, nada aconteceu. Tudo está bem quando acaba bem, certo?

"Não estamos falando sobre isso."

"Que pena. Essa conversa é muito mais interessante para mim."

Deus, ele era tão enfurecedor. Como eu me esqueci disso?

"Bem, estou mais interessada no fato de que você acabou de decidir que vai levar minha filha a algum lugar, sem discutir comigo."

Sketch se levantou e começou a se mover na minha direção. Eu poderia estar chateada, mas não podia negar que ele era um espetáculo para ser visto. Seu corpo alto e musculoso, em jeans surrados, uma camiseta branca justa e seu corte. Os braços fortemente tatuados, tornando-o ainda mais intimidante. A maneira ágil como o corpo dele se movia, que podia fazer qualquer mulher pensar em sexo, mas especialmente eu, visto que tinha me reencontrado com suas proezas, na noite anterior. Foi quase o suficiente para me levar à distração.

Quase.

"Primeiro, vou dizer agora e espero que leve isso a sério. Você precisa ter alguém junto, quando estiver fora. Você, definitivamente, não pode simplesmente desaparecer assim. Isso não é nada sobre os problemas que nós dois temos que resolver. Isso é sobre sua segurança. Você veio aqui para a proteção do clube, então acho que é importante. Eu também estou pensando que você teve uma merda em sua mente, esta manhã e não pensou nisso, então não vou continuar pressionando. Apenas lembre-se da próxima vez, sim?"

É justo, pensei, mas não disse. Ele estava certo. Eu não estava pensando direito e não iria cometer esse erro novamente.

"Segundo", continuou ele, "não vou levar *sua filha* a algum lugar sem discuti-la". Estou levando você e *noossa garota* para o zoológico e estamos discutindo isso agora ", respondeu.

Nossa garota?

Suas palavras da noite anterior voltaram para mim. "Você é minha, Ash. Esperei cinco anos para tê-la de volta. Agora, você e Emmy, são minhas."

"Nossa garota?"

Sketch veio até mim, sua mão pousando no meu pescoço. "Nossa garota."

Porcaria.

Ele, reivindicando Emmy desse jeito, não deveria ter chegado até mim. Nada de bom viria disso. Não podia dizer que isso não me impactou, no entanto. Sempre quis isso para ela. Emmy merecia ser amada assim, por um pai. Não pude fornecer isso. E, apesar do quanto eu queria, Sketch também não.

"Você não sabe se ela é sua", sussurrei.

Seus olhos estavam determinados. "Sim, eu sei."

"Você não pode."

Ele se inclinou para mais perto de mim. "Posso. Sei disso até minha maldita alma. Essa garota é minha."

Eu não tinha ideia do que dizer, mas Sketch não esperou por mim. Deu um beijo rápido nos meus lábios imóveis e foi para a cozinha.

Logo depois que ele desapareceu, ouvi sua voz. "Coma, princesa. Você precisa de energia para o zoológico."

"Zoológico!" Emmy aplaudiu.

Certo. Aparentemente, estávamos indo ao zoológico.



O zoológico de Oregon estava de volta a Portland, a duas horas de carro. Nós vivíamos a menos de vinte minutos de toda a vida de Emmy, mas só consegui pegá-la uma vez. Agora, com aquela distância muito maior, ela estava conseguindo sua segunda chance.

Emmy dormiu por cerca de uma hora da viagem, o que foi muito estranho para Sketch e para mim. A outra hora foi passada contando a Sketch ,como ela estava animada, como não podia esperar para chegar lá, como queria ver tudo, como só tinha ido uma vez antes.

Sua alegria doeu-me, pois não tinha sido capaz de fornecer mais vezes. Eu sabia que Sketch percebeu e a maneira preocupada com que olhou para mim me disse que não estava me julgando por isso. Arquivei na pasta, cada vez maior, de coisas que não iria pensar.

Sketch comprou nossos ingressos, algo sobre o qual ele havia estabelecido a lei, antes mesmo de sairmos. Como eu não tinha emprego e os fundos da minha conta iam secar rápido, não iria discutir com ele sobre isso.

Assim que entramos, desdobrei o mapa que recebemos e perguntei: "Onde devemos começar?"

Sketch, que carregava Emmy em seus ombros, desde que saímos do carro, deu um tapinha nas coxas dela. "Princesa, qual é seu animal favorito?"

"Lontras!"

"Qual o caminho para as lontras?" Ele me perguntou.

“Eles têm dois tipos. Nós vamos para a esquerda, aqui em cima primeiro, ”eu instruí.

"Quais lontras vêm em primeiro lugar, mamãe?"

“Lontras de rio, querida.”

Emmy passou a dizer a Sketch tudo o que sabia sobre a diferença entre o mar e as lontras. Que as lontras do rio eram menores e “não tão fofas”. Ainda assim, ela explicou essa distinção, como se fosse o auge do conhecimento científico.

Nós caminhamos através das multidões, parecendo com muitas das famílias vagando, em alguns aspectos. Mamãe, papai, criança, apenas um passeio familiar normal no zoológico, exceto que a foto não era, necessariamente, comum. Emmy, em seu blusão rosa, ainda havia um pouco de frio, no ar da primavera, era a quintessência da infância de três e quase quatro anos, em sua exuberância. Sketch era tudo, menos o pai típico. O logotipo dos Disciples, em suas costas, as tatuagens, em cada parte visível da pele, além do rosto e a maneira como ele contrastava com a garota inocente em seus ombros, estavam atraindo muitos olhares. Alguns eram meramente curiosos, alguns apreciativos e outros, abertamente cautelosos ou julgadores.

Eu odiava isso. Crescendo com o clube, experimentei bastante. As pessoas costumavam julgar meu pai, pelo jeito que ele parecia. Papai não estava completamente coberto de tinta, do jeito que Sketch estava, mas tinha mais do que algumas. Seus braços estavam, claramente, pintados, mesmo à distância e ele sempre usava seu corte.

As pessoas estavam escrevendo uma narrativa na cabeça de um homem perigoso, um homem incapaz de criar uma garotinha. Eles, provavelmente, estavam se perguntando o que eu estava fazendo com ele, se me tratava bem. Provavelmente, até mesmo lançaram seus julgamentos sobre meu jeito de criar uma família com um homem assim. Não tinham ideia de que Sketch era uma das pessoas mais carinhosas que eu conhecia e não sabiam que ele era um artista. Eles não tinham ideia de que ele era doce o suficiente, planejando a viagem ao zoológico para Emmy.

Eles não tinham ideia de que não éramos uma família de verdade e isso não era culpa de Sketch.

Nós nos deparamos com uma pequena área de recreação infantil, entre duas exposições e Emmy implorou para ser solta. Ela decolou, enquanto Sketch e eu ficamos um pouco longe, com o carrinho de mão que alugamos para o dia.

"Não deixe que cheguem até você", ele disse e leu a pergunta no meu rosto. "Os babacas que ficam olhando para nós. Sei que isso está te incomodando. Apenas ignore-os."

Sketch parecia muito indiferente sobre a coisa toda.

"Isso não te incomoda?"

Ele se virou para mim e vi a irritação que estava contendo. "Claro que sim. Odeio que estejam julgando você, julgando Emmy, que é apenas uma criança, por causa do jeito que pareço. Mas me importar, se eles me julgarem? Nem um pouco. Tenho essas tatuagens, sabendo que iria enfrentar essa merda. Não dou a mínima para o que pensam de mim."

Claro que ele não fez. Nunca se incomodou com o que as pessoas pensavam dele, a menos que a pessoa importasse.

"Eu invejo isso."

Seu braço rodeou meus ombros e me acomodou ao seu lado. E, gentilmente, beijou minha cabeça. "Eu sei."

Ele fez. Invejei isso nele, a maior parte de nossas vidas. Ele aprendeu o quanto, depois de descobrir que Tori e seu grupo de amigos tinham me intimidado por anos.

"Você só tem que ignorar", ele continuou. "Estamos aqui para passar um bom dia com Emmy. Não deixe idiotas, de mente estreita, arruiná-lo."

Fiquei lá por alguns momentos, até perceber que ele ainda estava me segurando. Parecia tão certo, tão natural estar lá. Por anos, raramente estava perto dele e não o

tocando, mas não estava fazendo a ele ou a mim mesma nenhum favor, recaindo em velhos hábitos.

Antes que pudesse me afastar, o aperto dele aumentou.

"Não."

Olhei para cima, para ver seu rosto de pedra focado em Emmy.

"Não o quê?"

Ele olhou para mim, sua expressão não desaparecendo. "Nada de se afastar."

"Como..."

"Senti sua tensão."

Oh, certo.

Sketch suspirou, em seguida, mudou-se, para envolver o outro braço em volta de mim, até que eu estava bem apertada, com as costas contra a sua frente.

"Dê-me hoje. Você quer brigar comigo, tudo bem. Lutarei por vocês duas, se for preciso, mas apenas me dê hoje. Um dia com você e Emmy, ok?"

Como poderia dizer não?

"OK."

CAPÍTULO 14

Sketch



Eu odiava multidões. Odiava estar perto de muitas pessoas que não conhecia. Odiava ainda mais, quando aquelas pessoas eram idiotas abrigadas, que faziam julgamentos sobre motociclistas sujos com tatuagens. Odiava ir a lugares, onde cobravam preços ridículos, por comida medíocre, porque tinham você pelas bolas.

Eu deveria ter odiado estar no maldito zoológico, em um sábado.

Mas não fiz.

E foi porque Emmy adorou. Emmy amou tudo o que viu e fez questão de mostrar isso. Ela pensou que tudo era adorável ou engraçado. Queria chegar o mais perto que pudesse, até as barreiras em todas as exposições, para que pudesse dar uma boa olhada. Ela nos disse, mais de uma vez, que queria ser uma "pessoa do zoológico" quando "crescesse".

Porra, ela era fofa.

Então, lá estava a mãe dela. Ash sempre gostou de animais. Acho que gostou mais deles, do que a maioria das pessoas, porque os animais não esperavam que ela falasse ou fosse social. Com Ash, no entanto, eu estava gostando de suas reações para mim.

Ela manteve sua palavra. O dia todo, não importa o quanto empurrei, nunca se afastou. Deixou-me abraçá-la, tocá-la, beijá-la. Até me deixou falar um pouco, quando nosso almoço e transformou-se em um pequeno cochilo para Emmy.

Nunca, fodidamente, pensei que ficaria de pau duro em um zoológico, mas lá vai você.

Ash pensou que tudo isso era apenas temporário, ela teria um último dia para me tirar do seu sistema e a deixei pensar isso. Quando o dia terminasse, ela poderia ir em frente e lutar comigo. Eu, simplesmente, não perderia, não, quando as apostas eram tão altas.

Foi bom ter um dia com minha doce Ash, no entanto.

Muito legal.

Tão bom o suficiente, para que eu não tivesse ideia de como me encontrei no quintal, com Ash e um par de meus irmãos, com uma cerveja na mão, depois que, finalmente, tínhamos Emmy banhada e colocada na cama.

Ace estava discutindo a revisão que queria fazer, para o escapamento de sua moto. Stone estava por perto, o que foi surpreendente. Ele poderia ter um quarto aqui, mas Pres, geralmente, ficava no clube. Acho que achou que era trabalho dele estar lá. Jager também estava por perto. Ele se mudou para a fazenda, cerca de um mês atrás, quando seu contrato de arrendamento estava em alta e nunca disse o porquê. Ash estava ao meu lado. Ela estava mais distante com os caras ao redor e a deixei ter essa brincadeira. Ela estava se iludindo, se achava que estava enganando algum deles.

Não que eu quisesse fugir dos meus irmãos, mas quando me ocorreu que estava em pé no quintal, quando ainda tinha minha dócil e amorosa Ash, pelo resto da noite, estava acabado.

Prendi-a pela cintura e enfiei a cabeça no pescoço dela. Respirei essa sugestão de doce baunilha em sua pele, antes de falar. "Hora de ir, Vagalume."

"Por quê?" Ela perguntou, mas senti o arco fraco de suas costas e o jeito que sua bunda apertou um pouco mais, contra meu pau endurecido.

"Acho que você sabe."

Ela fez. Definitivamente fez. Quase podia sentir o cheiro da sua boceta molhando-se. Ainda assim, corri minha língua até o pescoço, ao longo de seu pulso acelerado, para iluminá-la.

Ela não concordou, não se mexeu. Seu peso acabou afundando mais, em meu aperto.

"Vamos querida. Estou com fome."

Isso deu um arrepio nela e adorei. Ela estava pronta para mim e eu estava pronto para festejar.

Minha garota me deu o presente mais doce, em troca. Ofegante, sussurrou: "Tudo bem".

Foi tudo que eu precisava.

Não havia razão para dizer nada aos rapazes. Aqueles filhos da puta saberiam, exatamente, o que estava acontecendo. Apenas puxei sua bunda para longe. Precisava colocá-la em algum lugar particular, antes que todos tivessem uma visão, que eu não gostava de compartilhar.

Enquanto a levava de volta para a casa, decidi que o semiprivado teria que fazer e nos levei pelo lado esquerdo. A iluminação e a garagem ficavam em frente, à direita. Ninguém voltaria desse jeito.

Eu a apoiei no tapume. Suas curvas aceitaram-me bem. Eu pensei que ela era perfeita, quando éramos mais jovens, mas com suas novas curvas... era, maravilhosamente, incrível.

Ela me deu sua boca, não, foda-se, pegou minha boca com a dela. Seus braços vieram até meus ombros e me puxou para dentro. Eu estava mais do que disposto a dar a ela, mas tê-la tomando era muito melhor. Ela e aquela língua talentosa, prepararam-me para golpear, em menos de um minuto.

Quando ela soube que me pegou como queria, suas mãos começaram a explorar. Suas unhas arranharam minha pele, através da minha camisa e eu a pressionei mais forte. Porra, eu precisava de um lançamento. Quase gozei, quando as mãos dela desceram para meu jeans e começou a desfazê-las. Ela não estava perdendo tempo.

"Cristo, querida", gemi, quando ela ficou de joelhos.

Eu esqueci. Não tinha a menor ideia de como, mas tinha me esquecido do pequeno segredo sujo de Ash. Ela era tão tímida e quieta, que ninguém imaginaria, mas eu sabia. O risco de ser pego, deixava Ash quente, como nada mais.

Foi uma descoberta que fiz, anos atrás, algo que nem sabia sobre ela mesma. Nós éramos adolescentes e, depois daquele primeiro gosto dela, não consegui me segurar. Sorte para mim, ela não podia também. Nem sempre foi fácil consegui-la sozinha. Os irmãos, incluindo Indian, poderiam ter ficado contentes por Ash estar comigo, em vez de um idiota que não conheciam, mas isso não significa que eles fecharam os olhos para nós. Nós temos liberdade, mas não tanto, que eu poderia ter Ash sozinha quase o suficiente.

Então, às vezes, nós tivemos que ser inventivos.

Cantos escuros tornaram-se nossa especialidade. Encontramos pequenos esconderijos, em todos os pontos do clube. Foi foda, arriscada como o inferno. Indian gostava muito de mim. Encontrar-me com sua filha assim, em um armário, ou alguma merda, não seria legal. Valeu a pena o risco, no entanto. No começo, só porque nós não podíamos nos ajudar e depois, porque percebi que a adrenalina do medo de ser pega, transformou Ash em uma porra de gata selvagem.

Naquele momento, com o mínimo risco, mas ainda presente, de um dos irmãos se aproximar e nos encontrar, ela estava sentindo isso. Inferno, ela pode não ter percebido o quão improvável ser pega era, mas não ia esclarecê-la, se isso a estivesse levando mais alto.

Tinha meu pau na mão, seus olhos focados em mim e pude ver calor neles, mesmo no escuro. Seu toque suave, mas firme, a visão do meu pau tão perto de sua boca... tomou mais controle do que eu pensava que tinha, para evitar gozar. Quase podia ver o esperma jorrando do meu pau e aterrissando em cima dela. Ele pousaria em seu rosto, pescoço e naquela extensão de pele, logo acima de seus seios. Queria marcá-la assim.

Mas queria aqueles lábios em volta de mim mais.

"Chupe-me."

Sua língua, aquela língua doce, cruel e deliciosa, saiu e circulou a cabeça. Tudo das minhas mãos, costas e pescoço, até minhas pernas e bolas apertadas. Eu não aguentei.

"Não provoque," gemi.

Seus lábios, imediatamente, deram a volta e deslizaram pelo meu eixo. O prazer era ofuscante, o calor, sua língua molhada massageando a parte inferior do meu pau, seus lábios me agarrando com força.

"Merda. Porra. Você é tão doce."

Ela gemeu em resposta e pude sentir isso. Ash gostava de tomar meu pau em sua boca e eu amava saber disso, quase tanto quanto consegui.

Seus lábios pulsaram a pressão no mesmo ponto, na metade do meu eixo, enquanto sua língua esfregava para cima e para baixo. Meu controle ia arrebentar. Eu precisava que ela se movesse. Ela estava me provocando.

"Jogar vai te colocar em apuros", avisei.

A resposta de Ash foi pegar uma das minhas mãos e trazê-la para a parte de trás da cabeça dela. Apertei meus dedos em seus cabelos e toquei sua bochecha com a outra, traçando seus lábios no meu pau. Tinha que ter certeza, antes de pegar o que ela estava oferecendo.

"Você tem certeza que quer?"

Ela balançou a cabeça e foda, se isso não tirou meu controle.

Agarrei sua cabeça com as duas mãos, segurando-a ainda. Tentando me controlar, empurrei entre seus lábios, lentamente, a princípio. Cada deslize interior levou-me um pouco mais fundo, em sua boca quente. Senti sua garganta apertar, mas ela relaxou, antes de engasgar. Ela era, fodidamente, profissional. Nunca tive outra mulher que pudesse engolir meu pau, do jeito que minha boa e pequena Ash podia. Talvez tenha sido porque aprendeu a fazer isso comigo. Tudo o que sabia veio do que eu gostava.

Porra, essa linha de pensamento não estava me ajudando a manter tudo junto.

Quando ela pegou a coisa toda e seus lábios, em volta da base, perdi qualquer aparência de sanidade.

Meus impulsos cresceram mais rápido. Peguei seu rosto duro, rápido e profundo. Ela pegou tudo, gemendo, quando dei tudo para ela. Suas mãos pousaram nos meus quadris e foram mais para baixo, agarrando minhas bolas e as rolando em sua mão. Eu ia explodir. Podia sentir em todo meu corpo.

"Vou gozar, querida", avisei.

Ela não fugiu não, minha garota começou a assumir. Foi para frente e recuou, cada movimento arrastando os lábios da base, até logo abaixo da cabeça. Sua língua pressionou em cima de mim e chupou com tanta força, que meus joelhos se dobraram.

"Porra!"

Explodi e Ash tomou cada gota do caralho. Ela continuou se movendo para cima e para baixo, na parte superior do meu pau, enquanto meu gozo disparava em sua língua. Onda após onda, levou-me, mas não parou. Minha maldita campeã.

Eu me mudei, no segundo que me deixou. Meu pau se soltou de seus lábios gananciosos e o escondi. Eu a observei engolir. Um espasmo passou por mim e eu sabia que estaria duro como uma pedra, novamente, em nenhum momento. Mas tinha uma festa para cuidar, antes de transar com ela.

Com uma mão em sua mandíbula e outra debaixo de um braço, eu a levantei. Beijei-a, enquanto removi suas calças. Mal podia me provar, mas não dava a mínima. Precisava se sua boca.

O zíper de seus jeans abriu e, imediatamente, girei-a ao redor.

"Curve-se", ordenei. "Mãos na parede."

Ela obedeceu, imediatamente e puxei sua calça jeans até os joelhos. Ajoelhei e enterrei meu rosto em sua boceta.

Não fui gentil. Não provoquei. Dei uma longa lambida em seu clitóris e em sua bunda, então chupei aquele broto, entre os lábios. Ash gritou, mas não parei, para

silenciá-la. Se aqueles filhos da puta ainda estivessem no quintal, poderiam ouvir seus sons o quanto quisessem. Eu era o único que tinha um gosto. Era o único que faria com que ela fizesse esses sons novamente.

Seus quadris empurraram para trás, sua boceta encharcada esfregando contra mim. Dei a ela, exatamente o que queria. Soltei seu clitóris, levantei minha mão para continuar a esfregar e empurrei minha língua dentro dela.

Eu a fodi com a língua, implacavelmente. Pretendia levá-la para lá, para sentir o pulso dela contra minha língua, mas isso não aconteceu. Ash começou a empurrar para trás, tentando me levar mais fundo, mais forte. Dei a ela o que pude, mas não foi o suficiente. E não podia deixá-la querendo. Não estava em mim. Estava de pé, em seguida, com meu pau para fora e lutando com a porra de uma camisinha, pronta para não me incomodar com a maldita coisa. Não tive nenhum problema, com a ideia de derrubá-la.

"Espere, baby", instruí, quando entrei nela.

Seu pedido foi engolido por um suspiro.

Peguei-a com força. Minhas mãos seguraram seus quadris, em um aperto contundente. Minhas bolas bateram contra ela. Dei a ela tudo que tinha e Ash me encontrou igualmente. Ela recuou contra mim, levando-me o mais fundo que pude.

Em pouco tempo ela gritou, quando sua boceta apertou meu pau e continuei penetrando nela, através de seu orgasmo. Só quando a porra dos pulsos fantásticos começou a desacelerar, ao redor do meu pau, eu a larguei.

"Vagalume", murmurei em suas costas.

"Gabe."

Cristo, ela me desfez. Todo o tempo do caralho.

Saí devagar. Doía deixá-la. Ela estava instável e inferno, se isso não me fizesse sentir como um rei. Uma vez que nós dois estávamos totalmente vestidos de novo, eu a agarrei e a puxei para mim.

"Dentro, baby", disse, antes de beijá-la. "Não terminei com você ainda."

E não fui. Tive a noite toda e não perdi um segundo.

CAPÍTULO 15



Ash

Pelo segundo dia consecutivo, acordei antes de Sketch. Considerei ficar a seu lado, por um minuto e aproveitar. Então, lembrei-me que absorvê-lo só tornaria mais difícil resistir, quando ele tentasse me levar de volta para lá. Eu não precisava lembrar como era quente e seguro parecer estar mais viva. Não precisei de ajuda para lembrar como foi ótimo acordar feliz.

Porcaria.

Eu estava fazendo um bom trabalho, não estava?

Com esse pensamento, era hora de sair da cama. Já causei problemas suficientes para mim. Além disso, Emmy poderia acordar a qualquer momento e não hesitaria em entrar. A porta estava trancada, então ela não iria longe. Ainda assim, não precisava dela para descobrir que Sketch estava na minha cama. Essa não foi uma conversa que eu queria ter.

Depois de uma rápida checagem, para ter certeza de que a pequena em questão ainda estava dormindo por mais alguns minutos, pelo menos, corri para o banheiro para tomar um banho. Na minha jornada sobre-humana de ficar limpa, minha mente voltou aos dias em que um banho significava uma chance de relaxar sob a água quente, por um minuto, aqueles dias de paz que existiam, antes de me tornar "mãe".

Por sorte, decidi que não era a manhã certa, para recuperar aquela parte específica da vida pré-mamãe. Quando saí do banheiro e visitei Emmy novamente, ela estava sentada na cama. Estava esfregando os olhos, ainda não pronta para atacar o mundo, mas outro minuto ou dois poderia ter sido tarde demais.

"Bom Dia, raio de Sol."

"Bom dia, mamãe", ela disse, em uma doce voz.

Essa foi a última gota de doce que estava recebendo pelo dia.

Por um lado, Emmy havia decidido há muito tempo que um dia bom. como o que tivemos no zoológico. deveria ser seguido por um de mau humor, para que eu não me esquecesse de que havia muita insolência. para ser tão fofa.

Isso começou no café da manhã. Foi culpa minha, realmente. Depois que ela acordou, Emmy pediu que para escolher sua própria roupa. Isso estava se tornando cada vez mais frequente. Por um lado, fiquei feliz em encorajá-la a abraçar a independência. Por outro lado, era um pesadelo e meio, tentando fazer com que mudasse, se o que escolheu não fosse apropriado, ou se parecesse que a negligenciei. Eu deveria tê-la distraído da ideia, sugerindo uma de suas roupas favoritas, garantindo assim a paz, porque ela teria aceitado. Mas não fiz isso.

Não, mal tomei alguns goles de café, quando ela veio passear na cozinha com seu vestido roxo da Rapunzel, pantufas cor-de-rosa, fofas, asas de fada e um conjunto completo de bijuterias, incluindo a tiara. Eu não tinha certeza do que estava reservado para o nosso dia, mas Stone tinha me perguntado, na noite anterior, se podíamos ir ao clube, para conversar. Eu também precisava fazer algumas compras de supermercado, já que o conteúdo de uma geladeira cheia de motociclistas, não era exatamente o mesmo que a dieta de uma criança de três anos. Nada desse traje. Certamente não diria que pantufas eram calçados apropriados.

Então, cometi meu segundo erro.

"Querida, não tenho certeza se essa roupa é a melhor. Nós temos lugares para ir. Hoje não é o dia das fantasias."

Foi quando o doce saiu do prédio.

Tive o olhar de morte mal-humorado de três anos, para acabar com todos os olhares mortais. Tornou-se ainda mais ridículo pela quantidade de roxo, rosa e glitter que vestia. Então, veio a insolência.

"Não é uma fantasia, mamãe", ela retrucou. "Sou a princesa das fadas."

"Tenha cuidado com esse insolência", aconselhei-a. Impedida pela demonstração de atitude, tentei novamente. "Tem certeza de que hoje é o melhor dia para ser uma princesa das fadas?"

"Sou sempre uma princesa fada", ela disse, pontuada com um soco no quadril armado.

Deus me salve, quando ela, realmente, tornar-se uma adolescente.

"Insolência, Emmaline," Avisei com mais firmeza.

O brilho e a ação do quadril não desapareceram, mas sua boca permaneceu fechada.

"Quer café da manhã?"

Ela ainda não disse nada, apenas marchou para a mesa do café da manhã, no canto da cozinha e se sentou, braços cruzados sobre o peito.

Assim, começou a batalha dos alimentos do café da manhã. Para cada sugestão que eu oferecia, dos quais havia muitos, apesar da minha necessidade de ir às compras, ela nada dizia. Eu estava pensando que não tinha quase o suficiente de café ainda, quando fiquei sem opções.

"Bem, isso é tudo que existe. Você tem que escolher alguma coisa ", disse a ela.

Se ela pudesse ter conseguido aumentar a intensidade, naquele clarão, tenho certeza que teria.

"Cereal", ela cortou, com um rolar de olho.

"Não revire os olhos para mim", repreendi, não me movendo, até que tive certeza que ela viu o quão séria eu estava. Só então consegui uma tigela e servi um pouco de cereal.

A segunda parte da mensagem do universo, de que doce, definitivamente, não estava no plano para mim, veio meia hora depois. Minha pequena irritadiça terminou de comer e se mudou para a sala, onde eu, de bom grado, configurei o Disney Channel. Ela reclamou que não gostava do programa em que estava, mas eu sabia que estava

apenas tentando encontrar maneiras de reclamar. Voltei para a cozinha, onde pude terminar meu café em relativa paz, mas não sentiria falta, se Emmy decidisse sair ou causar qualquer problema.

A paz durou cinco minutos, antes que eu encontrasse um novo tipo de atitude.

Sketch entrou na cozinha, parecendo tão irritado quanto Emmy e quanto eu estava começando ficar. Sem nenhum preâmbulo, ele pisou no meu caminho.

"Você escapou de novo."

Resistindo ao impulso de revirar os olhos, informei-o: "Tenho uma filha. Ela não iria dormir muito mais tempo e não poderia, exatamente, tê-la batendo na porta, conosco na cama."

"Acredite em mim, Ash, estou perfeitamente ciente de que tem uma filha", ele respondeu sombriamente. "E você poderia ter me acordado, quando se levantou."

Como eu estava me tornando o cara mau, nos cenários de todos?

"Pensei que iria querer dormir."

"Você pensou que poderia fugir e começar a me evitar, novamente."

Bem, sim. Também pensei nisso. Porém, achei que era uma boa ideia não dizer.

"Você quer café? O pote ainda está quase cheio."

Suas mãos foram para meus quadris e me empurraram contra ele. *"Quero que não mude de assunto."*

"O que há para dizer?" Perguntei, sacudindo seu aperto. "Você não gostou, não acho que fiz nada de errado e nada disso, realmente, importa. Não vai acontecer de novo."

"Vai me acordar da próxima vez?"

"Não haverá uma próxima vez."

Sketch não sorriu ou excluiu meu comentário. Ele me enganchou na parte de trás do pescoço e aproximou nossos rostos. "Prometo a você, querida, haverá. Pode lutar

contra tudo o que quisesse, eu te disse ontem que poderia, mas estarei lutando de volta. E não vou perder."

Tentei me afastar dele. Não queria fazer isso ou estar tão perto dele. Sketch estava sem camisa, tendo apenas colocado o jeans, antes de sair do meu quarto. Seu corpo tatuado estava todo em exibição e isso me fez querer tocar. O pior de tudo, ele cheirava incrível, como tempero, couro, almíscar e o leve cheiro de sexo. Isso me fez pensar sobre tudo o que fizemos, na noite anterior, sobre ele me levando para o lado da casa e o jeito que me fez gozar mais três vezes, quando chegamos ao meu quarto.

Não, eu não era capaz de autocontrole, quando ele estava tão perto.

"Afastete-se." Tentei fazer soar como um comando, mas na minha mente, estava implorando.

"Beije-me", ele retornou.

"Não."

Ele se inclinou ainda mais perto. *"Não foi um pedido."*

Então, beijou-me. Não o beijei de volta. Realmente, não fiz. Pelo menos não a princípio.

Pensei que poderia aguentar, apenas mantendo meus lábios completamente imóveis. Imaginei que ele desistiria, assim que percebesse que não faria o que ele disse, o que era estúpido. Sketch não era o tipo de desistir. Ele roçou seus lábios nos meus algumas vezes, até que estavam formigando e meu queixo doendo, pela força com a qual estava apertando. Ele mudou de tática então, sua língua saindo, para traçar meus lábios até que senti um gemido ameaçando escapar. Relaxei meu queixo, enquanto tentava ficar em silêncio e era tudo que ele precisava. Sua língua pressionou, deslizando entre meus lábios. Tudo acabou então. Eu o beijei de volta e não fiz isso no meio do caminho.

Um barulho, no topo da escada, separou-nos. Alguém estava acordado e descendo. Eu precisava colocar espaço entre nós, antes que alguém visse. O sorriso satisfeito que

Sketch usou, disse que já tinha conseguido o que procurava, como se eu não soubesse disso.

"Continue lutando, Ash", ele disse, quando deu um passo para trás e foi em direção à cafeteira. "É quase mais divertido, quando você faz."

Porcaria.



A boa notícia foi que metade do meu problema se resolveu, de certa forma. Ace desceu e se juntou a nós na cozinha, servindo uma xícara de café para si e tomando um assento. Foi o suficiente para fazer Sketch recuar, até anunciar que tinha que ir trabalhar. Eu queria perguntar o que ele fazia, mas estava preocupada com o interesse em seu trabalho. Lutei em silêncio, por alguns minutos enquanto ele tomava seu café, ao meu lado. Então, Sketch saiu, resolvendo o problema para mim.

Claro, depois disso, comecei a brigar com o fato de dever ou não falar com Ace e o que eu diria, geralmente fazendo aquela coisa estranha que sempre fazia, quando estava em situações sociais, porque nunca sabia como lidar com eles. Ace resolveu esse problema, perguntando sobre Emmy. Aparentemente, ele tinha uma meia-irmã, doze anos mais nova que ele. Ela tinha oito anos, mas ainda se lembrava dela, na idade de Emmy. Era o tipo de conversa em que eu podia relaxar, respondendo a perguntas diretas e sendo capaz de transformá-las de volta. Honestamente, perguntei-me se alguém mencionou que eu era desajeitada e ele estava tentando deixar-me confortável.

Falei para meu cérebro calar a boca e deixar ir.

No final do dia, cheguei à loja. Ace insistiu em ir comigo, dizendo que deveria reabastecer a cozinha para os caras também.

Dado o clima fantástico de Emmy, não foi uma experiência divertida. Ela se sentou no carrinho, não mais olhando, abertamente, para mim, mas também não sendo minha garota otimista. Eu não sabia porque não estava de bom humor, desde que ainda estava vestindo sua roupa louca. Só a fiz trocar de sapatos, porque pantufas não deveriam ser usadas do lado de fora. Independentemente disso, ela estava implicante e a única contribuição que deu foi para zombar de itens que ela não gostava, principalmente qualquer coisa, remotamente, saudável, que peguei.

Era meio da tarde, no momento em que fui até o clube, a criança esnobe a reboque e Ace andando atrás de nós. Esperançosamente, o que quer que Stone quisesse dizer seria rápido e eu poderia tirá-la dali. Não havia razão para fazer qualquer outra pessoa lidar com Emmy mais ranzinza do que o necessário.

Quando entramos, perguntei-me se talvez ela não tivesse dormido bem e ainda estivesse cansada, do longo dia no zoológico. Talvez, quando voltássemos para a casa da fazenda, ela tirasse uma soneca. O Senhor sabia que eu poderia tirar também.

Lá dentro, Daz estava encostado no bar, com uma garota de bermudas e camiseta, apesar das temperaturas ainda frias. Estava sentada em um banquinho, ao lado dele. Era toda sobre ele e Daz estava, ligeiramente, interessado em tudo o que ela estava dizendo. Percebi que estava sintonizando o suficiente, para saber quando era hora de seguir em frente para o sexo, mas desinteressado, além disso. Sua atenção estava partida o suficiente, para perceber quando entramos.

"Minha garota está aqui!" Daz cumprimentou, em volume total. A garota no banco virou-se, para olhar em nossa direção, entrando em plena vadia, à minha vista. Claramente, ela achava que Daz estava falando de mim, não da minha filha. No entanto, provavelmente estava assumindo que Emmy era dele também.

"Cio Daz!" Emmy cumprimentou e correu para ele, um sorriso cheio no rosto. Bem, isso foi uma surpresa. Parecia que eu era o problema dela, o dia todo, não o humor dela. Maravilhoso.

Daz pegou-a. "Como está minha Emmy?"

"Bem", ela disse, em um sorriso.

Suspirei. Daz olhou em minha direção.

"O que traz duas moças adoráveis aqui?"

Sua amiga no bar passou de irritada, a pronta para explodir. Achei meio engraçado. Se achava que tinha algum tipo de reclamação sobre Daz, mesmo que apenas por um dia, estava muito enganada e eu sabia que ele não estava fazendo nada para dar a ela essa ideia. Daz estava muito adiantado, quando queria foder. Se a menina tivesse grandes ilusões, teria uma grande surpresa.

"Stone quer falar comigo", expliquei.

Ele olhou para Emmy. "E quem está te observando?"

Emmy deu de ombros.

"Eu só ia trazê-la comigo."

Daz fez uma cara ridícula de desânimo. "E sujeitar essa linda princesa a esse tédio? Não vou deixar!"

Quem imaginava que Daz seria o tipo de atormentar uma garotinha?

"Daz, você tem companhia", lembrei-o, com um aceno para a Srta. Atitude.

"Merda", ele murmurou. Não o repreendi. Emmy agora entendia coisas que o tio Daz dizia, que não seriam repetidas. Ele se virou para a mulher. "Mudança de planos, estou ocupado. Pode sair agora."

Áspero, mas eficaz. Se ela não tivesse brincado com um Disciple antes, pelo menos entendia o resultado. Quando se é dispensada, precisava ir embora.

Antes que ela chegasse à porta, a atenção de Daz estava de volta em Emmy. " Senhorita, prometa-me agora, que não vai deixar nenhum homem te falar assim. Você é muito preciosa para essa merda."

Put a merda.

Eu não conseguia nem olhar para a garota que ele chutou, para ver a reação dela, embora a tenha ouvido ofegar. Estava ocupada, concentrando-me no jogador consumado Daz, dizendo à minha filha, para não se tornar o tipo exato de mulher que ele mais gostava.

"Eu prometo", ela concordou.

"Segurando você para isso."

CAPÍTULO 16



Ash

Quando eu tinha certeza que Daz estava bem, assistindo Emmy, fui para o escritório de Stone. A porta estava fechada, mas isso não era incomum. Stone continuava assim, mesmo que estivesse lá sozinho, porque as coisas poderiam passar de silenciosas, para barulhentas, ao cair de um chapéu, na sede do clube. Seu escritório não estava muito longe da ação, então, a porta era obrigatória. Bati e esperei.

"Entre," Stone clamou, naquela voz áspera e autoritária. Soava como um líder, mas ele era e há muito tempo. Mesmo antes de ser presidente dos Disciple, era sargento, embora eu não tivesse certeza de seu título exato, no Corpo de Fuzileiros Navais. Estava acostumado a dar ordens, para intimidar homens.

Abri a porta, encontrando Stone atrás de sua mesa, Ham sentado em frente a ele. Os dois homens ergueram os queixos em saudação e olharam um para o outro.

"Tome conta disso", instruiu Stone.

Ham assentiu, depois saiu, sem uma palavra.

Stone estendeu a mão, apontando para o banco, que Ham acabou de sair. Sentei, com meus nervos começando a subir. Parecia que fui chamada para o escritório do diretor ou ser levada a uma delegacia de polícia, para interrogatório. Stone era um homem intimidador, mas a bandeira negra, pendurada na parede atrás dele, com a insígnia dos Disciple, uma moto na frente de foices cruzadas, que eram quase do

mesmo tamanho, junto com a mesa enorme, só fazia sentar diante dele mais assustador.

"O que houve?" Perguntei.

"Andei ocupado, não tive chance de sentar com você. Desculpe por isso, garota. Agora, tenho a chance, então é hora de saber o que está acontecendo. "

Provavelmente, era hora disso. Ainda não sabia, exatamente, que tipo de ameaça o clube estava sofrendo. Na verdade, já que estava por perto, não parecia haver uma ameaça. Uma ou duas vezes, quando criança, o clube entrou em bloqueio total. Todos os irmãos, as mulheres, família, seja lá o que fosse, tinham que ir ao clube. Os irmãos saíam, ocasionalmente, para lidar com qualquer problema, mas o resto de nós era mantido dentro, sem exceções. Certamente, não havia bloqueio, então não parecia haver uma ameaça iminente para todo o clube. No entanto, Roadrunner deixou claro que eu não estava segura em casa.

Tenho que admitir, estava melhor ficar no escuro, na última semana. Não saber o perigo, fazia ficar em negação muito mais fácil.

"Tudo bem", concordei, embora com relutância.

Stone me observou, parecendo avaliar se estava pronta para ouvir o que ia dizer. Eu não estava, mas coloquei uma expressão confiante no rosto. Percebi que ele viu através de mim, mas a determinação foi o suficiente para que continuasse. Abriu uma gaveta, percorreu o conteúdo por um momento e depois colocou uma pequena pilha de fotografias na escrivaninha.

No topo da pilha, em preto e branco, estava uma foto minha.

Peguei a pilha. Era, definitivamente, eu na foto. Estava no meu uniforme da lanchonete. A direção que estava seguindo, quando passei pelo florista, disse-me que estava no meu caminho para o trabalho. O casaco que usava dizia que tinha que ser algumas semanas atrás, quando estava mais frio. Olhei trás e fui para a foto seguinte. Foi no mesmo dia, mas estava mais perto do restaurante. Continuei seguindo as fotos,

que me mostravam cada vez mais perto, depois, pelas janelas do restaurante, enquanto trabalhava.

Quando cheguei ao último, perdi o fôlego. Quem quer que tenha fotografado, capturou um momento em que eu estava olhando pela janela, por algum motivo. Meu rosto estava frontal, na imagem. Isso não foi o que me chocou, no entanto.

O que me deixou absolutamente aterrorizada, foi a mensagem rabiscada na metade inferior da foto.

Nós vamos fazê-la se juntar ao pai dela.

Minhas mãos tremiam, quando deixei as fotos na mesa de Stone. Eu queria levantar, sair. Queria fugir e me esconder. Queria fingir que nunca vi isso.

Distantemente, podia sentir que começava a hiperventilar. Pensei que o clube, como um todo, estava sob ameaça. Cogitei que alguém tinha ameaçado machucar as pessoas, perto dos Disciple, de uma maneira genérica. Esse tipo de ameaça foi suficiente para me trazer de volta, mesmo que apenas para garantir que Emmy estivesse a salvo.

Nunca teria pensado que alguém estava, realmente me ameaçando.

"Eu... não..." Ofeguei.

"Porra", Stone murmurou, mas não olhei para ele. Meus olhos ainda estavam naquela foto.

Um corpo moveu-se em minha linha de visão, mãos agarraram as minhas, então Stone se ajoelhou na minha frente.

"Ash, eu te juro, vamos manter você e Emmaline em segurança."

Ele parecia muito certo, tão confiante.

"Quem quer que seja, foram os únicos que mataram meu pai?"

Um lampejo de dor e arrependimento passou por ele, antes de responder. Eu sabia que poderia ter escondido isso. Stone tinha seu nome, por um motivo. Mas escolheu me deixar ver. "Sim."

"Mas eles o pegaram... oh Deus." Eu estava em pânico. Nenhuma pergunta, estava enlouquecendo. "Você não podia detê-los antes. Eles o mataram. E se me pegarem? O que vai acontecer com Emmy? Não há ninguém para cuidar dela. E se..."

A mão de Stone soltou a minha e me puxou para seus braços. Senti as lágrimas rolando por minhas bochechas. Eu o ouvi silenciando-me, com minha respiração ofegante. No entanto, tudo foi estranho. Sabia que tudo estava acontecendo, mas me senti removida. Meu corpo, meu pânico, estavam longe de mim. Eu estava em outro lugar, lembrando o sorriso do meu pai, lembrando o quanto eu o amava, lembrando o quanto isso me destruiu, por perdê-lo. Não podia deixar Emmy experimentar isso. Ela era tão jovem e ficaria sozinha.

"Respire, Ash", instruiu Stone.

Eu não queria respirar. Queria correr. Queria ir muito longe, muito mais longe que Portland. Estive muito perto o tempo todo, realmente, gostei disso. Mas agora queria pegar Emmy e a levar a algum lugar, onde essas pessoas nunca nos encontrariam.

"Vamos", ele continuou tentando. "Dentro e fora."

Até onde podemos chegar? Eu nem tinha meu próprio carro. Mesmo se voltasse para Portland e chegasse ao meu carro, até onde isso poderia ir? Não tinha muito dinheiro, nem perto o suficiente para começar em algum lugar novo.

Porcaria. Porcaria. Porcaria.

"Vagalume."

Esse nome conseguiu passar. Stone disse isso, mas quase soou como papai. Sua voz estava tão clara, na minha cabeça. Pisquei, através das lágrimas e olhei para Stone, certificando-me de que era realmente ele.

"Concentre-se em mim", ele insistiu.

Eu fiz. Minha mente centrou-se nele e me senti aterrada, novamente. Estava realmente lá. Stone também estava. Ele ainda estava ajoelhado, com as mãos nos meus ombros.

"Dentro e fora."

Certo. Meus pulmões estavam doendo. Dentro e fora. Dentro e fora.

Cada respiração veio um pouco mais fácil, que a anterior.

"Boa. Isso é bom, Ash."

Continuei indo. Dentro e fora, puxando mais ar a cada vez, segurando cada respiração um pouco mais. Demorou um pouco, mas, finalmente, fiquei calma de novo. Podia respirar com firmeza e as lágrimas pararam.

"Tudo bem", eu disse. Não tinha certeza do que queria dizer. Foi uma mistura de dizer: "Estou bem", "Tudo bem" e "Ok, continue".

Stone entendeu.

"Sei que está preocupada, mas as coisas são muito diferentes, desta vez. Indian estava envolvido, de uma maneira que você não será".

"O que isso significa?"

Houve uma pausa, que eu estava acostumada, quando se tratava de perguntar sobre os negócios do Disciple. Foi uma pausa pesada, em que os irmãos pensaram em quanto poderiam dizer, sem revelar muito do que consideravam ser apenas para irmãos.

"A ameaça vem de um homem com quem tivemos problemas, há muito tempo. É um distribuidor, lida com qualquer coisa que acha que pode vender, drogas, mulheres, qualquer coisa. Ele achou as drogas mais lucrativas. Administra uma operação, que atende todo o estado, mas, principalmente, Portland."

"Tem havido muita tensão entre os seus homens e o clube, em parte porque mantemos essa merda fora de Hoffman. Barton tem laços soltos, em lugares altos, acha que isso o torna intocável. Seu pai estava, particularmente, entusiasmado em derrubá-lo.

O tom de Stone mudou, quando continuou, tornando-se mais gentil. "Você sabe que eu respeitava a porra do Indian. Ele era da família. Não estou dizendo nada contra ele,

quando digo que tentamos demovê-lo dessa luta. Barton achava que sua operação poderia ser a base, para trazer seu alcance até aqui, da Califórnia. Muitos estavam dispostos a fornecê-lo, ajudá-lo a fazer merda. Nós não tínhamos o tipo de poder que precisávamos, para lutar por conta própria.

“Indian não queria esperar. Ele continuou empurrando Barton. Nós apoiamos nessa peça. Ele era nosso irmão e não iríamos deixá-lo lutar sozinho. Mas isso não mudou os fatos. Ele liderou a carga e Barton sabia disso. É por isso que Barton foi o alvo dele.”

Eu queria essa informação. Anos atrás, queria muito saber por que meu pai tinha sido morto e estava com muita raiva, por não ter recebido uma resposta. Finalmente, tive minha resposta e senti... nada. Saber não ajudou, acabou de me dar mais perguntas. Eu não entendi porque o pai se colocaria na linha. Por que ele arriscaria ser tirado de mim?

Pelo clube, respondi a mim mesma. Ele arriscou, por causa dos Discípulos.

Uma dor antiga parecia tão nova, quando aquele entendimento se estabeleceu. O clube sempre vinha em primeiro lugar, mesmo que isso significasse morrer por eles.

Eu queria acabar com essa discussão. Queria sair de lá. Então, perguntei: "E agora?"

Ele esperava mais de uma reação do que disse, mas eu não tinha isso em mim, para dar a ele. Precisava de tempo e ficar sozinha.

“Agora”, ele continuou, “o apoio que Barton tinha secou. Ele sabe isso. Ele também sabe que sabemos, ou espera que saibamos, em breve. E, mais importante, sabe que vamos nos vingar pelo Indian. Isso o assustou. A ameaça contra você é para nos jogar fora. Talvez pense que vamos recuar, se formos lembrados do que aconteceu da última vez. Talvez ele queira que pensemos que ainda tem poder por trás dele. Eu não sei. Não dou a mínima. De qualquer forma, é besteira.”

"Se a ameaça é besteira, por que estou aqui?", Perguntei.

"A ameaça não é besteira. Ele seguirá, dada a oportunidade. Com você em Portland, teria essa oportunidade, em algum momento. Nós não podemos protegê-la lá. O que é besteira é ele afirmar que pode colocar uma mão em você, se estiver protegida, o que

ele sabe que íamos fazer, assim que enviasse as fotos. Se fosse sobre ferir você, ele teria acabado de fazer isso. Nenhuma foto, nenhum aviso. Mas não é isso, quer nos dizer que ainda tem energia suficiente para superar nossa proteção. *Isso é besteira.*"

Isso não soou bem. Isso soou como uma aposta com minha vida e minha filha está na balança.

"Como sabe que ele não tem esse tipo de poder?"

Novamente com essa pausa, onde considerou o que poderia me dizer. "Porque nós temos alianças mútua, com os poderes, que costumavam apoiá-lo. Nós sabemos que eles saíram. Além disso, levaram metade da força de trabalho que Barton recrutou".

Bem, tudo bem então.

"Então, não estou em perigo?"

"Não vou dizer isso. Barton é um homem recuado em um canto. O que construiu está caindo e ele sabe disso. Isso pode tornar as pessoas desesperadas. Ele poderia decidir que quer nos machucar, enquanto desce. Sem proteção, sem um dos irmãos com você, está em perigo. Nós não vamos deixar isso acontecer, no entanto. Vamos mantê-la segura." Ele foi firme nessa declaração e senti que podia acreditar nele.

"Okay."

"A última coisa sobre a qual precisamos falar, é como vamos mantê-la segura".

Algo sobre a forma como ele disse isso, disse-me que não iria gostar do que ele diria em seguida.

"Vai demorar mais, do que trazer você aqui. Não houve uma chance de arrumar as coisas mais cedo, mas agora, está tudo no lugar. Esteja na fazenda ou aqui, tem um irmão em você.

Porcaria.

"Um..."

"Não. Não vou ouvir isso, Ash. Não é negociável. Única maneira de ter certeza de que você e Emmy estão cobertas. Os caras estarão em uma rotação. Fim."

Bem, droga. Isso foi firme.

“Preciso saber uma coisa, entretanto.” Disse.

Eu tinha uma suspeita do que ele precisava saber.

"Sim?"

"Será um problema se o Sketch fizer parte dessa rotação?"

Sim. Definitivamente sim. Precisava ficar longe dele, o máximo possível. Sketch estava determinado a me levar para a cama e... para o que mais havia planejado. Se passasse muito tempo ao seu redor, ele teria sucesso. Eu sabia. Negar isso, pelo menos para mim mesma, não tornaria essa luta mais fácil. Então, a resposta foi absolutamente sim. Estar perto do Sketch era um problema.

“Não.”

"Você tem certeza disso?"

Não suspirei, mesmo que, realmente quisesse. "Sim. Tenho certeza."

"Bem. Então, está resolvido."

Tinha certeza de que a situação não estava resolvida, mas talvez fosse só eu.

"Estou saindo", eu disse.

Comecei a caminhar, mas ele falou, antes que eu pudesse sair pela porta. "Ash."

Virei-me. "Sim?"

"Não são as circunstâncias que eu quero, mas estou feliz que você e aquele seu anjo estejam aqui."

Uau. Isso foi mais do que esperava dele.

Eu não poderia concordar, mesmo que quisesse. em resposta ao que tinha acabado de me dar. Em vez disso, dei-lhe outra coisa. que era verdade.

"Senti sua falta, tio Stone."

Então saí de lá. Eu estava, perigosamente, perto de perdê-lo, novamente.

Estava voltando para a sala principal quando ouvi e não consegui acreditar nos meus ouvidos. Meus pés avançaram, mesmo quando meu cérebro gaguejou. Eu tinha certeza de que estava perdendo. Mas não, foi, definitivamente, o que pensei que era.

No meio da sala, entre dois sofás, minha pequena princesa fada estava dançando com Daz. Através dos alto-falantes, que fiquei surpresa, não estavam explodindo em chamas, visto que pertenciam a um grupo de motociclistas, saía o som de *Live While We're Young*, do One Direction.

Limpei minha garganta. Daz congelou e sua cabeça voou em minha direção.

"Porra", ele murmurou.

"Não tinha ideia de que era um directioner, Dazzle", provoquei. "Você, definitivamente, tem uma boy band movendo-se, no entanto."

"Não se atreva a contar a ninguém sobre isso", ele avisou. Olhou para uma Emmy risonha e disse a ela: "Isso vale para você também".

"Não importa", eu ouvi e me virei, para ver Ham, do outro lado da sala, seu celular levantado na frente dele. "Tenho a coisa toda na câmera."

Comecei a rir, quando Daz murmurou: "Foda-se a minha vida."

CAPÍTULO 17



Sketch

"Rapaz, pensei que você estava indo, há uma hora atrás?"

Olhei para cima, do bloco de notas na minha estação e vi Carson, que estava de pé, em cima de mim, com o cachimbo na boca. Carson era o dono do Sailor's Grave Tattoo Parlor. Ele também era um artista brilhante e meu mentor. Aos sessenta e dois anos, ainda era um filho da puta durão. Construído como um saco de tijolos e peludo como um maldito animal, ele parecia o tipo de cara que você não fodia. A maioria nunca imaginaria que era um gênio artístico, olhando para ele, mas essa foi sua perda.

Ele estava de chapéu de panamá, a coisa devia ser quase tão velha quanto ele e da mesma maneira que o tempo e seu cabelo estava amarrado para trás, como de costume. O cachimbo também foi par para o curso, embora estivesse sempre vazio, hoje em dia. Ele costumava fumá-lo. A coisa ficaria com ele o dia todo e ia, de vez em quando, dar uma tragada. Ele nunca fumou dentro, mas isso não o atrapalhou muito. Enfisema fez, no entanto. Ainda mantinha o cachimbo ao redor, embora o tabaco tivesse ido embora. Afirmou que não ter o cachimbo tornava o desejo mais forte.

"Só desenhando alguma coisa", eu disse. Ele estava certo. Eu pretendia sair, uma hora atrás. Meus compromissos foram feitos e não fizemos visitas. Carson disse que os walk-ins apenas levaram os idiotas a colocar merda na pele, quando não estavam preparados para viver e fazer isso era um desserviço à arte, como um todo. Eu não podia argumentar essa lógica, mas ainda tinha meu quinhão de merda, que imaginei que não significava tanto para as pessoas.

"Isso é para um cliente?", Ele perguntou, puxando uma cadeira.

Eu não era seu aprendiz há anos, mas ele ainda oferecia sua orientação, de tempos em tempos. Alguns podem achar isso chato, mas eu ficava feliz em aceitar qualquer conselho que ele oferecesse. Eu era bom, sabia disso e Carson sabia disso também, não teria me treinado, se não soubesse. Ainda assim, ele tinha uma experiência de vida inteira comigo e eu seria um idiota em ignorá-lo.

"Para mim", respondi.

"Você não tem muito espaço sobrando."

"Não."

"Finalmente adicionando no lado esquerdo do seu peito?"

Olhei para o design. Ainda não estava certo. Tinha que ser perfeito antes de pintar, permanentemente.

"Em breve, se você fizer as honras, assim que eu terminar o desenho."

"Fico feliz, garoto", respondeu Carson. Seus olhos ainda estavam no bloco. "Não deixaria você levar para outra pessoa."

Carson me conhecia. Ele conhecia toda a longa história. Era como um pai para mim, desde que perdi Gunner. Ele sabia, embora eu nunca tivesse dito isso, porque meu pé esquerdo ainda estava praticamente em branco. E ele sabia, olhando para o rascunho do que tinha colocado, naquele espaço, o que essa tatuagem significava para mim.

"Obrigado, cara."

"Pode ser o meu último, antes da aposentadoria."

"O que?"

Carson havia diminuído seu trabalho, há um tempo atrás. Ele só estava agendando compromissos com pessoas que havia feito antes. Na maior parte do tempo, apenas andava pela loja e cuidava do trabalho que o resto de nós colocava para fora. Ele poderia, facilmente, transitar para a aposentadoria completa, a qualquer momento; Foi apenas surpreendente que faria.

"Tenho pensado nisso há algum tempo", explicou ele. "A patroa falou sobre isso também. Temos muito que queremos ver e não estamos ficando mais jovens. Vocês todos têm habilidade agora. Não precisa de mim, para te ensinar o que diabos esteja fazendo. Estou pensando que pode ser a hora."

Não pude argumentar isso. "Vai ser diferente não ter sua bunda rabugenta por perto."

Ele apontou a extremidade do cachimbo em mim. "Cala a boca, garoto. Estou tentando te dizer que vou te passar a Sailor's Grave."

Porra do inferno.

Deixei cair o lápis na minha mão e me endireitei no lugar. "Você está falando sério, Carson?"

"Quero dizer. Tenho o que preciso disso. Jean e eu estamos preparados para qualquer vida que nos resta. Agora, só quero ter certeza de que a loja passe para as mãos em quem confio. Treinei minha parte de artistas e consegui uma ótima equipe, trabalhando aqui, mas ninguém com quem trabalhei tem o talento e a paixão que você tem. Isso é o que quero carregar, no legado deste lugar. "

"Merda. Adoraria assumir por você."

"Sabia disso." Carson bateu a mão no meu ombro, então se levantou. "Obtenha toda a merda legal ao quadrado, então ela será sua. Venha amanhã cedo, vamos começar a discutir. "

Então, ele acabou de sair. Saiu, como se não tivesse acabado de jogar uma bomba enorme em mim.

Olhei ao redor da loja. Jess estava atrás da mesa e Danny estava encostado nela, provavelmente tentando fazê-la parar de rejeitá-lo. Clara e John tinham clientes, em suas estações. Nate, o outro artista na equipe, foi para o dia. Eu não podia acreditar que seria dono do lugar.

Porra.



Horas depois, após uma reunião com Stone, sobre a guarda de Ash, da qual, de bom grado, assumi responsabilidade, finalmente, fui para a casa da fazenda. Ace estava na sala de estar, deitado no sofá, assistindo TV. Ele esteve tomando conta de Ash, durante o dia, então, ela estava por perto.

"Onde estão as garotas?"

"Quintal."

O sol estava quase todo aceso e as luzes, lá atrás, quase não alcançavam onde Ash estava de pé. Já era tarde para Emmy sair correndo. Fui até elas, não hesitando em envolver meus braços em Ash, quando cheguei perto.

"O que está fazendo aqui?" perguntei.

Não tive que esperar pela resposta dela. O frasco, nas mãos de Emmy, foi resposta suficiente.

Emmy pulou para cima e para baixo, as asas do traje que usava, batiam, com o movimento e eu reprimi uma risada. "Estamos pegando valalumes."

"Vagalumes", corrigiu Ash. "Va-ga-lumes", Emmy repetiu. Depois de um aceno de cabeça de sua mãe, voltou a perseguir os pequenos insetos.

Inclinei-me, descansando meu queixo no ombro de Ash. Ela estava rígida e isso me fez sorrir. Estava tentando se manter longe de mim, mas não queria. Se quisesse espaço, teria se afastado, quando a toquei pela primeira vez. Ash era profissional em evitar contato com pessoas. Ela me queria perto; só não queria que eu soubesse disso.

"É como olhar para o passado", eu disse, enquanto observava Emmy. "Ela se parece contigo, quando éramos pequenos e voce veio para cá, Vaga-lume."

"Nunca me vesti como uma princesa das fadas", Ash retornou, em uma voz ressentida.

Ah, isso ia ser divertido. Ela, realmente, estava lutando.

"Isso deve ter sido a minha lembrança.."

"Não use suas linhas estúpidas em mim."

"Eu não tenho linhas. Apenas chame "como eu vejo".

"Tanto faz."

Sorri abertamente. Marquei um para mim.

"Estou falando sério, Ash. Ela é a sua maldita imagem."

"Você acha?"

Lá estava a armadura. Poderia tentar, mas Ash não era difícil. Eu descobriria o que ela inventou.

"Exatamente, Ash. Ela é adorável, assim como você era e vai crescer e ser tão linda pra caralho. "

Ela ignorou o elogio inerente, mas sabia que ela faria. "Eu só quero que ela cresça feliz."

"Ela vai. Nós vamos ter certeza disso."

Isso a fez tentar se afastar. Eu me envolvi em torno dela por cinco minutos e esse foi o primeiro movimento que ela fez, para sair da minha espera. Não teve sucesso. Tensionei meus braços, mantendo-a imóvel.

"Não é seu trabalho", ela falou baixo, mantendo Emmy inconsciente da nossa desavença.

"Peço desculpa, mas não concordo."

"Sério, Sketch. Não é da sua conta. Ela não é sua."

Apertei meus braços ainda mais, em advertência. “Ash, você pode jogar atitude o quanto quiser. Pode lutar comigo e sei que vai. Mas não me diga que aquela menininha não é da minha conta. Talvez ela não seja minha pelo sangue, talvez ela seja. De qualquer forma, será minha. Ela vai me chamar de papai e quaisquer crianças que tivermos, serão irmãos dela.”

Eu a senti lutar, com a palavra "papai", mas não desisti.

“Nós conversamos sobre ter três, lembra? Você ainda quer mais dois? Gosto de três ou quatro. Emmy deveria ter uma família grande. Ela não deveria estar sozinha, como nós éramos. E não devemos esperar muito mais, pois não queremos que haja uma grande diferença de idade entre eles. ”

Ash se virou para mim e eu deixei. Suas mãos vieram até o meu peito e me empurrou. Foi um empurrão decente, mas não me mexi.

"Pare com isso", ela retrucou. "Não terei mais filhos. Não com você, não com ninguém. Uma vez que essa porcaria com Barton acabar, estaremos fora daqui. Ela não é da sua conta e não vamos ser uma pequena família feliz. Apenas pare!"

Eu a segurei novamente e disse: “você não vai a lugar nenhum. Não agora, não depois de eliminarmos o filho da puta do Barton, nem nunca.”

"Você não me possui."

“Talvez não, mas possuo seu coração. Sei, porque te dei o meu, quando peguei o seu. Você saiu uma vez e doeu pra caramba e não tem jeito que vou passar por isso de novo. ”

Seus lábios abriram-se e foda-se, se a necessidade de beijá-la não diminuía a frustração dentro de mim.

"Oia!" Emmy gritou. Nós dois nos viramos, para vê-la correr em nossa direção. Seus pequenos braços estenderam o jarro em nossa direção, mostrando o único vagalume dentro. "Tenho um!"

Meu coração quase explodiu, quando ela veio direto para mim, entregando-me o frasco. Estava tão orgulhosa de si mesma. Quase não tive coragem de lhe dizer que, geralmente, pega-se mais de um, por vez.

"Bom trabalho, princesa. Que tal ajudá-la a encontrar um amigo ou dois? Você não quer que ele esteja sozinho, não é?"

"Não. Isso é triste. Ele precisa de um amigo."

"Vamos lá, vamos encontrar alguns", eu disse.

Era outra meia hora, antes que tivéssemos Emmy de volta para dentro e na cama, um pote de Vagalumes em sua cômoda. Saí, enquanto Ash lia uma história, desejando que não ter perdido, todas as vezes que antes isso aconteceu. Eu não queria perder de novo.

Quando Emmy dormiu, Ash permaneceu. Ela não queria sair do quarto comigo, porque sabia o que estava por vir. Bem, pensou que fez assim mesmo.

"Vamos lá, Vagalume", sussurrei. "Deixe-a descansar."

Com um suspiro pesado, ela passou por mim e saiu pela porta. Eu a segui, fechando a porta sem um som. Ash já estava quase na porta, tentando escapar, sem eu ter a chance de lhe falar. Corri em sua direção e segurei seu braço. Pressionando-a no batente da porta, corri a mão ao longo do lado dela.

"Você é uma boa mãe, baby. E isso a deixa ainda mais bonita. "

Sua respiração ficou presa.

"Sei que costumava se preocupar sobre como seria uma boa mãe, quando nenhum de nós teve exemplos, mas está fazendo um trabalho incrível." Eu me inclinei em seu corpo congelado, bem no pescoço. "Magnífico", eu disse a ela, beliscando o lóbulo da sua orelha. Ela pulou.

Endireitei-me e tirei um segundo, para olhar seu rosto bonito e oprimido. Ela não sabia o que fazer com o que eu disse, mas sabia o que significava para ela. Missão cumprida.

Segurando seu rosto, inclinei a cabeça para beijá-la. Ela me deixou entrar. Eu queria levar tudo o que ela oferecia, com esse movimento. Queria devorar sua boca, levá-la para seu quarto e devorar todo o resto. Em vez disso, recuei.

"Bons sonhos, Vagalume", eu disse.

Então, fiz o quase impossível. Apesar dos protestos do meu pau duro, fui embora e a deixei dormir no que eu disse. Tomei um banho frio, pois tinha uma longa noite à minha frente.

CAPÍTULO 18

Sketch



O dia seguinte foi gasto quase inteiramente com Sailor's Grave. Fui horas antes do meu primeiro compromisso, para repassar informações de operações com Carson. Não era território completamente desconhecido. Ele me ensinou a maior parte, quando era um aprendiz, no caso de eu querer sair e abrir meu próprio lugar. Carson não teria ficado chateado com isso, foi parte do show. Nunca senti que havia uma razão para sair. Não estava me mudando com o clube e, sendo em Hoffman, foi um ponto discutível.

Também usei esse tempo para reiniciar e descartar mais alguns esboços de tatuagem, que estava projetando para mim. Toda vez que desenhava, o desenho parecia plano, sem graça, sem vida. Eu não queria colocar nada na minha pele, ou de qualquer outra pessoa, que pudesse ser descrita dessa maneira. E não queria fazer isso, com essa tatuagem em particular.

A maior parte do meu dia foi ocupada por uma grande tatuagem, que estava fazendo para um dos meus clientes de longa data. Era um projeto que deixou-me incrivelmente orgulhoso e trabalhei nele por horas, até que pudesse dizer isso. Carson falou-me que foi um dos melhores desenhos que já me viu fazer, uma declaração que não foi feita com leveza. Algumas pessoas entram na tatuagem, porque querem colocar tinta na pele especificamente, mas eu entrei, porque era a forma de arte que escolhi. Desenhar era meu forte.

Estava montando minha estação, quando o sino, acima da porta, soou. Era Ethan entrando. Acenei para ele.

"Como está indo?" cumprimentei, agarrando sua mão e batendo em suas costas.

“Bem, cara. Recebi a ligação da loja do seu clube, hoje de manhã, informando-me que minha moto estará pronta amanhã” disse ele, sentando-se e começando a remover a perna protética.

Ethan estava estacionado no Afeganistão, no exército. Sua unidade foi emboscada. Apenas três deles conseguiram sair. Ethan levou um pedaço de estilhaços em sua perna direita. No momento que foi extraído, a ferida infectou. Eles foram forçados a amputar abaixo do joelho.

Ele tinha uma moto, antes de se alistar e montava nela, todas as chances que podia, quando estava de licença. Conseguiu aprender a andar de novo, com sua prótese, mas estava lutando com a quebra da roda traseira. Sua moto tinha uma alavanca de dedo do pé padrão, no lado direito, mas ele não estava recebendo a entrada tátil suficiente para se sentir sólido, operando-a. Levei até a garagem do clube, para modificar o sistema de quebra. Nós também começamos a falar sobre a vida do clube, uma vida que ele parecia estar considerando para si mesmo.

Depois que ele apoiou sua prótese contra o lado da cadeira, puxou a perna de sua bermuda, revelando o contorno da tatoo que eu já havia colocado em sua coxa. A tatuagem foi uma homenagem aos seus irmãos caídos. Quando nos sentamos para discutir o design, ele me disse que queria em sua perna direita, então, nunca esqueceria que o que ele perdeu, fisicamente, não foi tão bom, quanto o sacrifício que seus amigos fizeram.

Foi por isso que dei tudo o que tinha para essa tatuagem.

O design final era uma imagem assombrosa, que me abalou para olhar. O ponto focal era a imagem clássica de uma cruz de campo de batalha. O capacete, a arma e as botas seriam preenchidas com cores saturadas e pretas. Em torno dele, em um padrão de tons de cinza da bandeira americana, havia silhuetas dos homens de sua unidade, que foram perdidos naquele dia. Cada silhueta que desenhei, foi copiado de fotos que Ethan trouxe. Passei horas e horas certificando-me de que cada uma delas fosse tão exata e reconhecível quanto possível.

"Está curando bem", comentei, quando olhei para o contorno. "Eu estava preocupado que algumas das cruzes não estivessem prontas, para continuar novamente. Pelo que parece, podemos ser capazes de colocar tudo hoje, se quiser. Então, teremos apenas um compromisso de retoque, quando tudo estiver curado."

"Estou pronto para isso, se você tiver tempo", ele respondeu.

"Mantive os horários abertos, justamente para isso."

Tenho que trabalhar. Conversamos intermitentemente, mas me concentrei no trabalho à minha frente. Durante uma das pausas que tirei para descansar a mão e dar uma pausa para Ethan, verifiquei meu telefone. Stone enviou uma foto. Emmy estava com um enorme sorriso e com um marcador na mão. Na frente dela, estava o braço de Stone, coberto de linhas onduladas entre suas tatuagens.

Ele escreveu: "Parece que você tem alguma competição chegando".

Eu ri. Não pude evitar. Emmy parecia tão orgulhosa de seu trabalho.

"O que se passa?" Ethan perguntou.

Mostrei-lhe a foto de Emmy. "Minha garotinha. Aparentemente, puxou a mim."

"Ela é bonita. Não sabia que você tinha uma filha."

"Eu também não."

Passei boa parte do tempo em que trabalhei, contando tudo.

Quando terminei, ele assobiou. "Você tem uma bagunça em suas mãos."

"Provavelmente."

"Ela vale a pena?"

"Absolutamente."

"Fico feliz por você então."



No momento em que saí de lá à noite, estava foddidamente dolorido. Minhas costas estavam tensas, meu ombro doía e tive que apertar minha mão por uns bons dez minutos, antes de poder subir na moto.

Tive mais quatro compromissos, depois que Ethan saiu, mas ele me deu uma surra. Era tão merecedor de pena, no entanto. A tatuagem acabou melhor do que eu esperava. A resposta visceral que Ethan teve, ao ver completado, disse-me tudo que eu precisava saber sobre o que pensava. Esse momento causou-me impacto. Eu faria centenas de desenhos sem sentido nas pessoas, se a troca fosse uma peça que significasse tanto quanto a de Ethan.

Eu estava pronto para dormir quando cheguei, mas tinha algo importante para ver, antes.

Emmy já estava na cama. Fiquei um pouco desapontado, pois esperava tanto vê-la. Ainda assim, tinha certeza de que ela seria muito mais fácil de conquistar, do que sua mãe. Eu precisava me concentrar na luta real.

Ash estava na cozinha, inclinando-se sobre a pia, enquanto lavava a louça. Por um momento, fiquei parado na porta e apreciei a visão de seu traseiro em forma de coração. Ela estava usando aquelas calças apertadas e finas, que eram populares. Calças de ioga? Isso soou certo. Tanto faz. O ponto é que elas abraçaram sua bunda, como uma segunda pele, mas não consegui ver a linha de sua calcinha, então, imaginei todos os tipos de explicações maravilhosas do porquê disso.

Eu queria subir e pegar um punhado. Se estivesse ainda mais perto de fazê-la desistir de toda essa coisa de não estamos juntos, teria feito.

Em vez disso, decidi por um movimento mais inteligente, mesmo que fosse bem menos divertido.

Comecei trazendo minhas mãos para o braço dela, logo abaixo do seu ombro. Ela estava vestindo uma blusa, então era pele na pele. Ela pulou, a cabeça virando, para olhar para mim. Sorri para ela.

"Oi querida."

Passei a mão pelo braço dela, deixando-o em seu cotovelo dobrado, para ir até a cintura. Trouxe a minha outra mão, para fazer igual do outro lado.

"O que você está fazendo?"

"Com o que se parece?"

"Eu... eu não sei."

Dei de ombros. "Por que não se concentra apenas nesses pratos, antes de fazer uma bagunça ainda maior?"

Sua cabeça girou de volta, para ver a tigela que tinha em suas mãos derramando água e bolhas por todo o armário.

"Porcaria."

Ela pegou uma toalha e começou a enxugar a água. Ela ficou esgotada, como esperava deixá-la. Se havia uma coisa a aprender, com meu dia de "fingimento" com Ash, era que ela estava lutando contra seus próprios desejos. Essa foi uma luta difícil de vencer, eu sabia da experiência. Não precisava convencê-la, só tive que dominá-la o suficiente, para fazê-la desistir da luta.

Enquanto ela se endireitou e voltou para a pia cheia de pratos, afastei seu cabelo longe do ombro. Deixei meus dedos correrem pelos cachos. Ash tentou me ignorar, mas foi infrutífero. Ela adorava brincar com o cabelo dela. Costumava dar dicas ou, simplesmente, pedir para fazer isso por ela. Quando mudei os cachos ao redor, ela estremeceu, incapaz de pegar o movimento.

"Sketch", ela avisou, mas havia uma margem implícita para isso. Foi um pedido para eu continuar.

Suas defesas já estavam desmoronando e isso era tudo o que eu procurava. Recuei, apreciando o jeito que ela se virou para olhar, como se ela não entendesse onde eu estava indo.

"Eu só queria perguntar se poderia levar Emmy no sábado", eu disse.

"O que?"

"Emmy. Sábado. Quero levá-la para o dia. Ficarei com ela o tempo todo, deixarei meu carro e pegarei o caminhão de Roadrunner, para que a cadeirinha esteja lá e presa adequadamente", expliquei.

"Ugh... sim. Certo."

"Doce. Obrigado, querida."

Como tinha controle de impulso de merda e não conseguia evitar, inclinei-me para mais perto e sussurrei: "A propósito, essas calças deixam sua bunda linda e fantástica."

Deixando-a com isso, peguei uma caixa de restos de pizza da geladeira e levei até o meu quarto para comer.

Dia dois e já estava fazendo progresso. Ash podia fazer seu grande jogo o tanto que queria, mas não havia como eu perder.

CAPÍTULO 19



Ash

A mente é uma coisa engraçada. Por exemplo, a minha estava pensando em como os jardineiros conseguem manter toda a grama tão equilibrada. Não apenas o comprimento, mas a cor e a espessura estavam completamente uniformes. Foi muito bom, até que comecei a pensar muito sobre isso, então começou a parecer pouco natural.

Claro, este foi um mecanismo de defesa não tão brilhante. Era muito mais fácil me concentrar na grama, do que enfrentar os objetos que se projetavam dela.

Era sábado. Como prometido, deixei Sketch levar Emmy pelo dia. Ele a colocou na sala de tatuagem onde trabalhava, o que me deu a resposta se acabou sendo tatuador, afinal. Não contei à Emmy até o dia anterior e isso foi uma jogada inteligente. A partir do momento em que foi mencionado, ela não falou de mais nada. Foi tudo Sketch. Que bom que era ele, que diversão teriam, como não podia esperar.

Não deveria ter me irritado, mas aconteceu. Por quê? Poderia muito bem ser resumido em como aquela manhã foi.

Eu tinha Emmy na cozinha, tomando seu café da manhã. Era a primeira vez que ela não citava o nome de Sketch a cada cinco segundos, desde que acordou e isso era apenas porque havia comida. O alívio não ia durar.

Chegamos até onde levei sua tigela para a pia, antes de começar de novo.

“Quando será que Sketch vai me pegar? Estou tão animada. O que você acha que vamu fazer, mamãe?”

"Eu não sei o que você vai fazer", eu disse, para corrigi-la.

"Não posso esperar! Espero que ele venha em breve."

"Tenho certeza que ele vem, baby".

"Ele é o melhor. Certo, mamãe?"

"Sim, querida. Ele é o melhor."

Então, quase engoli minha língua, quando ouvi: "Eu sou?"

"Sketch!" Ela aplaudiu.

"Como está minha garota favorita? Animada?"

"Sim!"

Eu não queria, mas tive que sorrir. Nada me pega, como a felicidade de Emmy. Eu moveria o céu e a terra, ou me forçaria a estar perto de Sketch, para fazê-la sorrir desse jeito.

Não havia como evitá-lo, então me obriguei a olhar em sua direção. Os olhos de Sketch estavam em mim e pareciam satisfeitos. Se eu estava dizendo isso, para aplacar minha filha ou não, ele estava tomando essa afirmação como uma benção. Aquele sorriso estava em seu rosto, toda vez que olhava para mim, enquanto pegava uma xícara rápida de café e algumas torradas. Foi a última coisa que fez, quando os dois foram embora.

Eu ainda estava vendo isso na minha cabeça.

Bem, tinha sido assim mesmo, até que comecei a me concentrar na grama.

Eu só andei o caminho que estava, duas vezes antes, uma vez escoltada por um bando de motociclistas, a mão de Gabe segurando a minha o tempo todo, a outra, ao amanhecer, no dia em que deixei Hoffman. Ainda assim, eu sabia meu caminho. Foi gravado na memória ao ponto que nunca poderia esquecer.

Gauge foi meu guarda para o dia, enquanto Cami e Levi estavam com Tank. Eu odiava ter que ligar para Stone, para ver quem poderia vir comigo, mas isso era algo

que precisava fazer, enquanto Emmy era cuidada. Gauge insistiu que não era um incômodo, mas eu tinha certeza que ele diria isso mesmo, se fosse. Senti-me ainda pior, quando perguntei se poderia ter algum espaço. Ele entendeu, concordando em ficar para trás, mas dizendo que estaria a poucos metros de distância. Era muito arriscado estar mais longe que isso.

Ele parou alguns passos atrás, deixando-me andar a distância restante sozinha. Quanto mais perto eu chegava, menos a grama conseguia me distrair. Comecei a estudá-la de perto, olhando para as lâminas individuais, tentando encontrar um remendo de ervas daninhas ou sub-cultivadas. Pelo menos fiz, até ver uma folha no chão.

Ela atraiu meus olhos para cima, olhando, mas não realmente vendo a árvore a poucos metros à frente. Ao lado, longe o suficiente para mantê-la segura das raízes, estava a lápide.

Os Disciples tinham pago um bom dinheiro, para conseguir o terreno, situado em uma das áreas mais abarrotadas do cemitério e com a bela árvore ao lado. Eles tinham feito isso, em parte, acredito, para mim, então, teria algo legal para ver, quando fosse visitar.

Forcei meus pés pesados como chumbo a me levarem a distância restante. Ao fazer isso, sentei-me na frente da lápide de granito. Do outro lado, estava gravado: *Joel "Indian" Thomas. Pai Devotado, Amado Amigo. Siga em frente, irmão. 7 de outubro de 1967 - 16 de julho de 2011.*

Eles até gravaram o remendo dos Disciples na pedra. Ele teria gostado disso.

Eu não consegui parar as lágrimas. E não tentei.

"Oi Pai."

Com as mãos trêmulas, coloquei as flores e a imagem selada na frente da lápide.

"Não tenho certeza de como você se sentirá sobre as flores. Comprei as mais viris que pude encontrar. Não sei se alguma flor é realmente masculina, mas tentei," falei

meus pensamentos erráticos. Encontrei dalias em um roxo muito escuro, quase preto. Se uma flor pudesse funcionar para meu pai, seria essa.

"Sinto muito por não ter visitado. Pensei em você todos os dias. Queria que ainda estivesse aqui."

Tentei respirar através da dor, mas isso não pareceu ajudar.

"Trouxe uma foto da sua neta. Emmaline. Pequena Emmy. Ela é tão linda, pai. Deus, gostaria que pudesse conhecê-la. Gostaria que pudesse estar aqui, para vê-la crescer comigo. Você a amaria muito e ela te adoraria. Ela está fazendo quatro anos, em breve. Parece com eu, mas é tão diferente. É tão extrovertida e faladora. Gosta de se vestir como uma princesa, cantar e dançar. Também gosta de ser o centro das atenções. Você não acreditaria como ela está com os irmãos. Está com todos enrolados no dedo mindinho dela. Até Daz se transformou, subitamente, em um tio incrível."

"Queria que você estivesse aqui por ela... e por mim. Não sei o que fazer e você sempre soube. Sempre teve o conselho que eu precisava. Teria me impedido de decolar, depois que o perdemos. Mas você não está aqui e nem lá, então. Sou só eu, conversando com uma pedra, desejando que não tivesse me deixado, assim como foi há quatro anos.

"Por que estava tão comprometido, com a briga com Barton? Por que correu esse risco, quando soube que eu precisava de você? Não entendo isso. Por que você arriscaria me deixar?"

Estava perto de gritar, então, forcei-me a me acalmar.

"Eles não o pararam, ainda não. Agora ele está me ameaçando. Emmy e eu tivemos que voltar aqui, onde o clube poderia nos proteger. Estar de volta é tão difícil. Sinto o buraco que você deixou, o tempo todo. Estar no clube, em volta dos irmãos, ver aquele remendo, em cada uma das suas costas, tudo isso me lembra você."

"E tem o Gabe. Não sei o que fazer com ele, papai. Ainda estou com medo. Perdi você, por causa dos negócios do clube. Achou que valeria a pena dar sua vida pelos Disciples. E se ele, eventualmente, sentir o mesmo? Eu não aguentaria."

"E... não sei se há algo, depois disso. Não sei se pode, realmente, ouvir-me, se ainda está atento em mim. Se sabe sobre Emmy. Se sabe que ela pode não ser dele. Ele diz que quer a nós duas. Quero acreditar nele, mas continua dizendo que sabe que ela é sua filha. E se ele estiver errado? E se algum dia descobrir que está errado e não puder amá-la da mesma forma? Não posso aproveitar essa chance. Não posso."

"Mas Deus, papai. Eu quero. Senti muito a falta dele. Ainda o amo. Acho que sempre vou amá-lo. E quero que Emmy tenha esse amor. Quero que ela tenha um pai, para conhecer o amor que você me deu. Quero tudo, mas sei que não devo aceitar."

"Quero pensar que você entenderia, mas, de alguma forma, acho que estaria torcendo por ele. Você sempre gostou que eu me apaixonei por Gabe, sabendo que ele queria ser um Disciple também. Ficaria muito feliz com ele agora, se isso for verdade. Ele jurou que ia me ganhar e estou com medo de que esteja certo. Não posso explicar isso. Ele não está brigando comigo e tentando me fazer desistir. Ele é... eu nem sei como descrever isso. É como se estivesse tentando me provocar em quebrar."

"Não disse uma coisa sobre me reconquistar, desde que lutamos sobre isso, mas está sempre lá. Sempre que estamos na fazenda, ele encontra maneiras de se aproximar de mim. Encontrará razões para me tocar, falar comigo. Vai roubar as coisas do nosso passado, em conversas, forçando-me a lembrar. Ontem, alguém colocou girassóis na cozinha. Ele não vai admitir isso. Acho que poderia até ter feito outra pessoa fazer isso, para que pudesse dizer que não mentiu. Ninguém vai admitir isso, mas tem que ser ele. Só vocês dois sabiam o quanto eu amava os girassóis que ele costumava me dar. São pequenas coisas desse tipo, tentando fazer com que eu me lembre de como éramos bons."

"Ele não entende. Nunca me esqueci de como éramos bons. Nunca pude. Emmy e eu poderíamos ir embora, quando esse problema passar e nunca mais pudesse vê-lo, mas nunca esquecerei o quanto o amo."

Sentei lá, desejando não me sentir tão sozinha, quanto sinto. Gostaria de poder sentir se papai estava comigo.

"Não sei o que fazer, e você sempre foi quem me disse. Estou com medo de fazer a escolha errada para mim, para Emmy, ou para as duas. Estou com medo de deixar Gabe novamente, mas estou com medo de voltar e perdê-lo, do jeito que perdi você. "

Por um longo tempo, não disse mais nada. Eu não sabia mais o que dizer. Papai foi embora. Tinha ido embora há muito tempo agora. Tanto tempo, eu quase não era mais a mesma pessoa. Quando ele saiu, ainda era adolescente. Poderia ter saído do ensino médio, mas ainda parecia que era uma criança, que não estava pronta para enfrentar o mundo. Que Ash se foi. Eu era mãe, aprendi duro e rápido o que significava sobreviver sozinha. Senti como se tivesse sido um milhão de anos, desde que era a Ash que meu pai tinha deixado para trás... como se tivesse vivido uma vida inteira sem ele.

Às vezes não tinha certeza se conhecia a Ash que era agora. Minha vida tinha sido tão centrada em torno de Emmy, desde que soube que ela estava chegando, eu me perdi no caminho. Era "mãe". Trabalhei, cheguei em casa, cuidei dela. Fiz o que precisava, em torno do nosso pequeno apartamento, depois que ela ia para a cama e dormia. Essa foi minha vida por tanto tempo, tinha esquecido como era apenas relaxar, até que voltei para Hoffman.

Depois de um tempo, comecei a conversar novamente. Não tinha ideia se havia alguma maneira que ele pudesse me ouvir, mas disse ao meu pai tudo sobre a criação de Emmy. Conteí a ele todas as histórias engraçadas que queria que ele estivesse lá. Compartilhei minhas histórias com o vento, a grama, a pedra, com o nome do meu pai. Esperava, com todo meu coração, que ele pudesse ouvir. Apesar de tudo, esperava que soubesse que eu tinha minha linda filha e estava feliz.

Quando estava toda seco de emoções e todas as histórias foram contadas, empurrei meu corpo rígido do chão. Coloquei minha mão em cima da lápide e prometi: "voltarei em breve. Quando ela estiver pronta, levarei Emmy comigo. Levantei meus dedos aos lábios, beijei-os e coloquei minha mão de volta na pedra áspera. "Amo você, papai. Até a próxima vez."

Depois, virei-me e voltei para Gauge, sentindo-me mais leve e mais pesada do que nunca.

CAPÍTULO 20

Sketch



"Onde nós vamos?" Emmy perguntou, uma vez a tive afivelada em seu assento.

"Pensei em te mostrar onde trabalho", disse a ela.

"Como o restaurante? É aí que a mamãe trabalha."

"Mais ou menos. É onde fico o dia todo e ganho dinheiro, mas é diferente do restaurante. Acho que você vai se divertir mais onde trabalho."

"Você tem batatas fritas lá?" Ela estava cética. "Rocco me deu batatas fritas, no restaurante."

"Nós não temos batatas fritas na loja, mas se pedir muito bem, minha amiga Jess pode te dar um pouco."

Olhei no retrovisor, para vê-la balançando a cabeça. Ela se virou para a janela, então me concentrei na estrada. O silêncio durou um minuto, antes de ela perguntar: "Jess é sua namorada?"

Para onde ela estava indo com isso?

"Não. Ela trabalha comigo. É uma amiga."

"Como Rocco."

Ainda não tinha ideia de quem era Rocco, mas estava assumindo que ele trabalhava no restaurante com Ash.

"Sim, como Rocco."

Emmy pensou por um segundo antes de continuar. "Ela é bonita?"

"Jess?" Perguntei, olhando para trás, para ver Emmy acenar com a cabeça. "Claro. Ela é bonita. "Algumas pessoas não achavam que garotas com tatuagens completas e com a cabeça raspada eram bonitas, mas eram idiotas. Jess era linda e quase sempre vestida como uma modelo de pinup.

"Mais bonita do que a mamãe?"

Ah Merda. É isso que ela procurava? Estava tentando jogar de casamenteira?

"Não, princesa. Ninguém é mais bonita que sua mãe. A única garota tão bonita quanto ela, é você, porque se parece com ela."

O que quer que a pequena desonesta tinha em mente, deixou cair ali. Em poucos minutos, estava ouvindo tudo sobre algumas crianças em um programa de TV e como seu episódio favorito foi no dia anterior. Depois disso, foi um filme que nem tinha certeza se ela me disse o nome. Então, recapitulou toda nossa viagem ao zoológico. Porra, a garota podia falar, mas era muito fofa.

Estacionei atrás do Sailor's Crave, mas dei a volta, para que pudéssemos entrar pela porta da frente. Eu estava carregando Emmy. Perguntei-me se Ash iria querer que a fizesse andar, então, não achava que seria capaz de ser carregada, mas isso não me impediu. Mal tinha uma chance de estar perto dela ainda, eu a queria o mais perto possível.

Jess estava ocupada com um cliente, quando entramos, mas seus olhos pousaram em Emmy e se iluminaram. Ela sabia que eu estava trazendo Emmy. Estava animada há dias.

"O que é este lugar?" Emmy perguntou.

"Esta é um estúdio de tatuagem."

"Tat-dus... parou."

Bem, ela estava perto.

"Estas são tatuagens", expliquei, levantando o braço que não estava segurando nela.

"Todos os desenhos?"

"Sim. Isso é o que faço no trabalho.

"Mamãe diz que eu não tenho permissão para desenhar em mim", disse ela de um jeito mal-humorado.

"Bem, ninguém pode. Esses desenhos nunca vão embora. Eles estão na sua pele para sempre. As pessoas têm que ser ensinadas a fazê-las e têm que ser realmente boas em desenhar, para isso. "

Ela balançou a cabeça como se estivesse tendo pensamentos profundos, quando passou a olhar em torno da sala.

"Roadrunner e Dio Daz tem tatdus," disse ela, com foco completo.

"Eles tem. Desenhei algumas delas."

"Uau."

"Oh. Meu. Deus." Olhei para cima e, com certeza, Jess estava livre e seguiu nosso caminho.

Tentou se recompor, mas ainda estava animada, quando disse: "Você deve ser Emmy. Estou muito feliz em conhecê-la. Sou Jess."

"Oi", Emmy respondeu, sorrindo grande.

"Você é uma gracinha."

"Gosto de suas flores", disse Emmy.

Jess tinha tantas tatuagens como eu. Um lado de sua cabeça foi raspado, para mostrar as dalias roxas escuras que colocou em seu couro cabeludo. O cabelo que estava enrolado naquele dia, com pequenas flores falsas presas nele. Para Emmy, tenho certeza que parecia cabelo de princesa. O que ela fez em seguida, porém, rendeu-lhe ainda mais favor. Jess estendeu a mão, tirou uma das flores de seu cabelo, nem mesmo se importando se perturbou alguns dos cachos, puxou um pouco do cabelo de Emmy de um lado e colocou a flor.

Emmy se virou para mim, seus olhos grandes e parecendo que estava pronta para explodir.

"Tenho uma flor", ela sussurrou.

"O que você diz para Jess?"

Sua cabeça girou de volta e ela disse: "Obrigada, Jess."

"Claro, menina bonita", respondeu Jess, sorrindo largamente. "Você vai levá-la de volta agora?" Ela me perguntou.

"Carson está em seu escritório?"

"Sim."

"Vou levá-la para conhecer o velho, primeiro."

Levei Emmy, na esperança de evitar que visse sangue no caminho. Não precisava assustá-la, no primeiro dia que passei com ela. Ash, provavelmente, hesitaria em me dar outra chance, se isso acontecesse. A porta de Carson estava aberta, então entrei direto.

"Dê-me um minuto", resmungou Carson, olhando para o computador. "Máquina maldita, é..." ele parou, quando olhou para cima e viu Emmy em meus braços.

"Bem, serei amaldiçoado", ele sussurrou, antes de abandonar sua luta com o computador, para ficar em pé.

"Provavelmente", respondi. Para Emmy, eu disse: "Este é Carson. Ele é o chefe por aqui."

"Você tem um monte de tatdus", disse ela, em seguida, bateu a mão no meu peito

"como Sketch."

"Isso mesmo, pequena beleza. Dei a esse menino algumas das suas, ", disse Carson.

Emmy me olhou como se pudesse saber, magicamente, quais tatuagens eram as obras de Carson, antes de olhar para trás. "Você também desenha as pessoas?"

"Ele é o único que me ensinou como", disse a ela.

"Uau," ela murmurou.

Carson riu. "Bem, ela é boa para a confiança, não é? Nada melhor do que uma moça bonita impressionada com você."

Saí do escritório de Carson por um tempo, deixando Emmy ter sua chance de encantá-lo. Aquela garota poderia fazer um homem entregar seu último dólar, apenas para agradá-la. Já podia imaginar o inferno que iria levantar, quando ficasse mais velha. Eu ia precisar de mais algumas armas, antes que ela chegasse à idade de namoro, a idade de namoro sendo quando tivesse trinta anos ou mais. Eventualmente, levei Emmy para uma das salas dos fundos, pelo verdadeiro motivo que eu a trouxe. Carson havia transformado um dos quartos em um lugar para criarmos. Nada além de espaço de estúdio para pintar, desenhar, qualquer coisa. Sempre foi abastecido com suprimentos, que ele contava como uma despesa de loja, embora cada um tendesse a reabastecer suprimentos, se usássemos muito, com nosso próprio dinheiro.

Pinturas secando, cobriam a sala, o chão salpicado de restos de criações. Uma das finalidades era uma configuração de fotografia improvisada. Jess se interessava por fotografia, geralmente, aquela merda em que garotas tiram fotos sensuais em suas calcinhas, para seus maridos e usavam aquela área para fotografar tatuagens que fazíamos, para nossos portfólios pessoais e promovíamos a loja como um todo.

"O que é isso?" Emmy perguntou, quando a trouxe e a abaixei. Um dos cavaletes foi derrubado e estudei tintas laváveis.

Ajoelhei-me na frente dela. "Você já usou tintas?"

Seus olhos se arregalaram e ela balançou a cabeça. "Uma vez, com Jasmine. Mamãe disse que estava muito bagunçado e poderia entrar no tapete."

"Bem, aqui você pode fazer qualquer bagunça que quiser." Puxei a camiseta branca que comprei, para ela usar como uma blusa, de onde estava enfiada, no bolso de trás. "Colocaremos isso em você, para não deixar suas roupas bagunçadas e os pisos estão limpos, para que possa tirar os sapatos. Você e eu vamos pintar."



Emmy e eu ficamos na sala dos fundos da loja, por horas. Ela pintou uma tempestade, pegando o máximo em si mesma, no chão e no meu jeans, como em qualquer papel que lhe dei. Enquanto passava as cores brilhantes em grandes varreduras, eu a pintei. Não fiz tanta pintura, uma vez que a tatuagem entrou na minha vida. Passei tanto tempo esboçando designs, que, raramente, peguei um pincel.

Pintei minha Emmy com um grande sorriso, que ela usava, enquanto criava. Até pintei o traço de rosa que ela tinha em sua bochecha e a bagunça de cores em suas mãos.

Fizemos uma pausa para almoçar, que incluía batatas fritas, que Jess foi correndo pegar. Mostrei a Emmy como uma máquina de tatuagem parecia. Ela estava fascinada e era adorável.

Depois de limpar a tinta dela e levá-la para jantar, fomos para casa. A viagem não durou muito, mas Emmy estava presa atrás. Ela não teve um cochilo ou uma pausa real, durante todo o dia. Estava, pintando e entretendo todos na loja, conversando, até que tivesse certeza de que tinha que estar perto de ficar sem coisas para dizer. Não fiquei surpreso, quando dormiu no meu colo, quando a tirei do caminhão.

Nem se mexeu, quando entramos. Ash veio até mim, imediatamente. Ela sabia que estávamos voltando. Enviei mensagem algumas vezes, para mantê-la informada durante o dia todo.

"Ela está dormindo", eu disse.

"Tudo bem, é hora de dormir, de qualquer maneira", respondeu Ash. "Posso levá-la e colocá-la na cama."

"Eu vou carregá-la."

Uma vez que coloquei Emmy em sua cama, saí e deixei Ash trocá-la sozinha. Eu queria ficar. Queria começar a aprender tudo o que estava envolvido em cuidar dela, mas tive Emmy para mim mesmo, o dia todo. Poderia deixar Ash ter esse tempo. Por agora.

Ainda estava no corredor, quando Ash saiu e fechou a porta silenciosamente, atrás dela.

"Ela está dormindo?"

Ash assentiu. "Ela acordou, enquanto a preparei. Não me deixaria tirar aquela flor do cabelo, até que lhe dissesse exatamente onde estava colocando. Ela disse que alguém chamada Jess deu a ela."

"Jess é a recepcionista da loja", expliquei.

"Certo", respondeu Ash. Ela queria dizer mais alguma coisa, eu poderia dizer, pelo jeito que seus lábios rangiam para o lado. "E ela é..."

Ah, então minha Ash queria ter certeza de que não estava dormindo com outra pessoa, né?

"Nunca dormi com ela. Nunca faria isso.

"Oh, eu não pensei."

"Sim, você pensou", eu a interrompi. "Você queria saber se eu estava transando com ela. Não estou tendo ninguém, além de você."

"Nós não estamos dormindo juntos novamente, Sketch. Você pode fazer o que quiser."

Ela disse isso, mas não quis dizer isso. Não conseguia nem me olhar nos olhos.

Andei em sua direção, entrando no quarto, então nos fechei.

"Quanto tempo planeja jogar este jogo?"

"Não estou jogando um jogo", ela retrucou.

"Você está, querida. Nós dois sabemos disso. Você me quer quase tanto quanto eu a quero."

Ela não discutiu isso. Um monte de coisas que Ash era, tímida, teimosa como o inferno, mas não era uma mentirosa.

"Tudo que tem a fazer é dizer a palavra e nós dois podemos ter o que queremos", eu disse a ela.

Os olhos de Ash ficaram longe de mim, seus lábios selados. Não havia uma coisa que ela pudesse dizer, sem mentir e não podia nem olhar para mim, sem querer ceder. Estava perdendo e sabia disso.

Sem uma palavra, levantei minha camisa. Movendo-me para ela, coloquei as mãos em seus ombro, para poder empurrar o suéter aberto que ela vestia.

"O que está fazendo?" Ela sussurrou.

"Decidi que não preciso de você, para dizer isso. Se não quer isso, diga-me agora. Se não disser nada, querida, darei o que nós dois precisamos."

"Sketch..."

Seu suéter foi, fui para a bainha da sua camiseta.

"Isso não é um não, baby. Última chance."

Seus olhos pareciam assustados e fiquei tenso. Ela ia parar com isso. Ia me afastar.

"Sim", ela sussurrou.

Foda-se.

Sim.

Removi o resto de suas roupas e as minhas, nossos lábios se uniram. Ela estava quente como o inferno, uma gata selvagem. Eu a peguei na cama. Não foi gentil, mas não consegui me conter. Depois de anos, finalmente, tive outro gosto dela e estava morrendo por isso, desde então. Assim que estava de costas, acomodei-me entre suas coxas e empurrei.

"Céu, baby", sussurrei em sua pele de baunilha.

"Gabe", implorou. Ela precisava de mais e eu estava mais do que feliz em entregar.

CAPÍTULO 21



Ash

Semanas se passaram e não fui a única a ficar louca, por não poder sair de casa. Emmy pode não lutar contra os avanços de um motociclista seriamente determinado, mas ainda estava na casa o dia todo, com pouca variedade de diversão, quando estava acostumada a passar o tempo com Jasmine que, geralmente a levava para algum lugar, ou saía, de alguma forma, comigo, quando eu não estava trabalhando. Comecei a levá-la para um parque, onde papai costumava me levar quando criança. Estivemos quatro vezes em tantos dias, inclusive naquela tarde.

Nossos guardas prefeririam nos manter em casa, mas eles viram a sabedoria de fazer uma jovem de três anos sair de casa, para gastar um pouco de energia. Acho que não gostavam de ter que ficar perto de um parquinho. Eles, definitivamente, tem alguns olhares desconfiados. Ace nos acompanhou duas vezes, Roadrunner assumiu a responsabilidade uma vez e tivemos Jager junto agora, que era, provavelmente, o menos entusiasmado, não que dissesse qualquer coisa sobre o arranjo. Apenas Roadrunner sentou-se comigo, os outros dois manejaram sua responsabilidade à distância, andando de um lado para o outro e observando tudo. Isso, provavelmente, não ajudou com os olhares desconfiados de outros pais.

Emmy havia decolado assim que chegamos, correndo para uma menina, que parecia estar por perto com frequência, quando estávamos. ouvi tudo sobre June, que parecia ser a primeira melhor amiga de Emmy. Fiquei contente, por estar trabalhando, durante o tempo que durou. Emmy não teve oportunidade de passar muito tempo com crianças da sua idade ainda. Ela começaria a pré-escola no outono, o que ajudaria, mas era bom para minha filha social ter oportunidade de fazer amigos.

Eu estava sentada no meu banco de sempre, observando Emmy e tentando evitar que minha mente pensasse em Sketch. Minha sanidade estava pendurada por um fio. Por mais envergonhada que fosse admitir, ele passou a maior parte das últimas duas semanas, na minha cama. Isso não significa que estava cedendo à ideia de estarmos juntos novamente. Não pude fazer isso. Nós éramos apenas... amigos, eu acho. As pessoas faziam sexo casual o tempo todo. Eu também poderia fazer isso, totalmente.

Certo?

"Pensamentos profundos e não agradáveis, pela aparência", disse uma voz ao meu lado.

Havia um homem ali parado, atraente, alguns anos mais velho que eu, cabelos e olhos castanhos, um sorriso amigável.

"Sinto muito, o que?" perguntei.

"Não importa, foi apenas uma maneira estúpida de iniciar uma conversa", disse ele, com um sorriso autodepreciativo.

Porcaria. O que fiz agora? Odiava falar com pessoas que não conhecia.

Ele moveu as coisas para frente, antes que eu fizesse isso parecer estranho. "Sou Derrick, pai de June", ele se apresentou. "Você é a mãe de Emmy, certo?"

"Oh. Sim. Sou Ashlynn, mas todo mundo me chama de Ash." Então, pensei em algo. Emmy disse que o sobrenome de June era... "Espere. Então seu nome é..."

"Derrick Merryck", ele confirmou, antes que eu pudesse terminar, assentindo. "Meus pais tinham um senso de humor doentio".

Incapaz de me ajudar, comecei a rir. "Sinto Muito. Mesmo. Mas isso é engraçado."

"Nenhum tipo de coisa sobre isso. É claro que é irritante, quando todos pensam que você está dando um nome falso para eles ", disse-me. "Especialmente se é uma mulher bonita."

Não percebi o significado, em suas palavras, até que notei a intensidade em seu olhar. Não tinha nem ideia do que dizer. Tinha certeza que estava flertando. Eu deveria flertar de volta? Como flertei?

"No entanto, o nome não importa muito, quando você chega forte demais a essa linda mulher e ela explode", brincou.

"Ah não. Sinto Muito. Estou fazendo isso super estranho."

Seu sorriso era reconfortante. Isso me fez sentir um pouco menos, como se fosse totalmente inapta em falar com pessoas. "Que tal começar de novo", ele sugeriu, oferecendo-me a mão. Só então notei as tatuagens, sob as mangas enroladas de seu Henley.

"Uau. Isso é tinta séria."

Ele olhou para seu braço, como se não tivesse ideia de que a arte estava lá. Imediatamente, começou a puxar as mangas

"Desculpe. Esqueci que estava mostrando.

"Não cubra isso por minha causa", insisti, ainda olhando para o desenho colorido, em seu braço esquerdo. "É uma peça linda."

"Isso não te incomoda?" Perguntar o que eu achava era estranho.

"Não. Por que isso?"

Ele sorriu. "Muitas outras mães não compartilham seus pontos de vista. Costumo manter-me coberto, quando estou conhecendo outros pais. Não me importo com o que pensam de mim, mas eu não quero que isso se torne um problema para June. "

"Bem, você não precisa se preocupar comigo. Meu pai estava coberto de tatuagens e era um pai incrível ", expliquei.

"Você tem alguma tatuagem?"

"Não. Ainda não, de qualquer maneira." Nunca tive dinheiro para esse tipo de coisa, mas estava pensando sobre isso mais e mais, desde que vi Sketch frequentemente.

O pensamento de Sketch me fez pensar se era ruim para mim ter essa conversa com Derrick. Nós estávamos flertando? Eu não sabia. Se estivéssemos, isso era ruim, considerando o que estava fazendo com Sketch? Ou o fato de que era apenas casual, pelo menos para mim, flertar estava bem?

Por que não posso ser normal e saber como lidar com essas coisas?

"Bem, se está procurando algum trabalho, avise-me. O cara que fez as minhas é local e é um artista incrível. "

Sim, poderia imaginar o quão bem isso seria com Sketch, se eu fizesse uma tatuagem de outra pessoa. Ele iria sair.

Não, tive que parar. Por que estava pensando em termos de como o Sketch reagiria? Por que estava dando a ele esse poder? Nós não estávamos juntos. Precisava parar de pensar nele, como se estivéssemos. Imediatamente.

Assegurei a Derrick que o deixaria saber, se chegasse a hora em que quisesse um pouco de tinta e a conversa continuou de lá. Conversamos sobre nossas meninas, seu trabalho como capataz, a luta de escolher um programa de pré-escola. Eventualmente, ele notou os olhares que eu estava trocando com Jager, que não parecia tão confortável, com Derrick sentado ao meu lado.

Derrick olhou para o jeito de Jager, depois de volta para mim. "Ele é seu homem?"

"Não. Nós não estamos juntos, " assegurei a ele.

"Ele é o pai de Emmy?"

"Não. Ele é... como um tio ", expliquei.

"O meu ser aqui vai ser um problema?"

"Não, ele é apenas protetor de nós." Acenei para Jager e tentei tranquilizá-lo de que tudo estava bem, mas ele não parecia apaziguado. Ah bem. O que quer que Derrick fosse, ele não parecia ser uma ameaça à minha segurança.

"Eu não pretendo trazer um assunto estranho, mas você não mencionou o pai de Emmy. Ele não está na foto?"

"Não, ele não está." Pelo menos, provavelmente não estava. Ou talvez estivesse. Eu não sabia.

Derrick assentiu, mas ele não parecia estar me julgando. "Realmente, gostaria de poder dizer que a mãe de June não estava na nossa."

"Mal?"

"Muito. Meg é tudo sobre si mesma. Eu juro, ela só queria ter June, porque estava do lado de fora do nosso círculo social, quando nos casamos, desde que ela não teve um filho. Quando nos divorciamos, ela conseguiu um novo homem, com uma renda de seis dígitos e a esfera social mudou. Crianças não faziam mais parte disso. June não é mais o acessório perfeito, por isso Meg não se importa em tê-la por perto. Meg mudou-se para o norte de Nova York e só chega em June, quando se adequa a ela, ou quando passou muito tempo sem tentar me deixar infeliz. "

"Isso é terrível", eu disse, meus olhos indo para June e Emmy. "Eu não conseguia imaginar nem um dia sem falar com Emmy. Ela é meu mundo inteiro."

Ele me deu um olhar, que só poderia descrever como aprovação. Senti aquela pontada de culpa, novamente e vi o rosto de Sketch na minha cabeça.

Uma vez que nossos bebês foram drenados demais para continuar brincando, decidimos que era hora de ir.

"Vamos ter que fazer isso de novo, em breve", disse ele, enquanto levávamos as crianças para o estacionamento.

"Absolutamente."

"Não quero estar na frente, mas você nunca mencionou um namorado ou algo assim", ele disse.

Eu não tinha certeza do que fazer, mas fui com a verdade ou, principalmente a verdade. "Isso é porque não há um."

"Você gostaria de sair para jantar comigo, algum dia?"

Uau. OK. O que agora?

Ele deve ter lido o mini ataque no meu rosto. "Tenho uma grande babá, em quem confio a June, tenho certeza que ela ficaria feliz em assistir duas garotas, à noite", ele ofereceu.

Ainda não sabia o que dizer.

"Ou talvez eu tenha feito isso muito desconfortável."

Parte de mim queria dizer sim, apenas para deixá-lo fora do gancho. "Não, não é isso. Sinto Muito. Sou muito desajeitada e não sei o que dizer. "

"Que tal sim?"

"Eu quero, mas..."

Ele leu o jeito que parei, por aquilo que era. "Mas há alguém, mesmo que ele não seja um namorado."

"Mais ou menos. Talvez. Realmente, não sei. Somos, principalmente, apenas um desastre."

"Diga-lhe o que", disse ele, "que tal, por enquanto, continuarmos sendo amigos. Nós podemos sair, quando as meninas estiverem juntas. Estarei por perto e se as coisas com o desastre terminarem, estarei aqui. Se você não se sentir à vontade para me convidar, quando chegar a hora, basta dar algumas dicas e perguntarei novamente. "

"Eu não pode..."

"Não se preocupe em me manter no gancho. Entendi. As coisas podem funcionar com o desastre e esse é um risco que estou disposto a aceitar. Mas tenho que ser sincero, espero que não. Não é todo dia que conheço outra pessoa, que é uma boa mãe, doce e bonita como você. Espero ter minha chance e estou disposto a esperar para ver, se eu entendi. "

Droga. Isso foi muito doce.

"Ok", eu cedi.

"Ok", ele repetiu.

Nós trocamos números, para que pudéssemos marcar um encontro para as garotas e seguir nossos caminhos separados. Eu estava tão preocupada com nossa conversa, que não lembrei muito do barulho dos tubos aproximando-se do lote, ou quando eles saíram, um minuto depois.

CAPÍTULO 22



Sketch

Eu estava de volta à casa, quando ela chegou lá. Primeiro, tive uma vantagem sobre ela. Segundo, não havia como seguir a velocidade que eu andava, especialmente com Emmy no carro. Também não tinha a imagem da mulher que daria a alguém o seu número. Tive que voltar antes dela, para que pudesse tentar ter algum controle sobre mim mesmo, antes de vê-la.

Essa merda entre nós tinha que parar. Eu estava fazendo tudo que podia para tê-la de volta. Se ela fosse, seriamente, sair com outro cara, talvez fosse hora de desistir e aceitar que minha Ash tinha ido embora.

Mas porra, se eu pudesse realmente fazer isso.

Ouvi o carro dela chegando, o som ecoando tão alto, na minha cabeça, era como se eu estivesse lá no chão que ela estava rolando. Andei, enquanto esperava que entrasse, agitada, por ter demorado. Quando conseguiu entrar, tinha uma Emmy dormindo em seus braços.

Ela me viu em pé e disse: "Oi".

Oi. Ela me colocou em sua cama quase todas as noites, durante semanas e deu a outro homem o seu número e eu recebi um "oi".

Porra. Eu ia perder isso.

Quando não disse nada, ela continuou: "Preciso colocá-la na cama".

"Faça. Precisamos conversar lá atrás."

Ela pareceu surpresa e um pouco preocupada, mas continuou a fazê-lo de qualquer maneira. Saí, sem esperar por ela. Precisava sair, antes de começar a gritar ou destruir algo. Emmy não tinha nenhuma janela de frente para o quintal, por isso, eu poderia me controlar o suficiente, para ela dormir com tudo isso.

Ash saiu, parecendo hesitante. Metade de mim ansiava por tranquilizá-la, mas o resto ainda estava fodidamente chateado.

"Sketch..."

A maneira preocupada como ela disse meu nome, fez-me estalar.

"Este é a nova Ash? Acabou de saltar em torno de coletar caras para foder?"

Ela recuou, como se eu tivesse batido nela. "Do que você está falando?"

"Ou é mais? Você quer ser a Sra. Derrick Merryck?" Com o rosto chocado, expliquei: "Fui até o parque. Eu ia aliviar Jager da guarda."

"Como você o conhece?", Ela perguntou.

"Quem você acha que colocou toda essa tinta em sua pele?"

Ela disse a coisa errada então. "Uau. Essas tatuagens são lindas."

"Você está, seriamente, falando comigo sobre como as tatuagens ficam boas nos braços de outros caras?"

Ela decidiu mudar de assunto. "Sketch, acabei de conhecê-lo hoje. Emmy está brincando com a filha dele, quando estamos no parque. Ele veio para se apresentar."

"E tentar fazer você transar com ele."

"Não foi assim."

"Mesmo? Então ele não te convidou para sair e você não deu a ele o seu número? "

Ela mordeu o lábio.

"Eu sei exatamente como é, Ash", retruquei.

"OK. Sim. Ele me convidou para sair, mas eu não disse sim. Só dei o meu número, para que pudéssemos marcar um encontro para as meninas. É importante que Emmy tenha amigos da mesma idade. "

Porra. O que ela estava dizendo fazia sentido, mas ainda estava vendo vermelho.

"Nós não teríamos que estar nessa merda de situação, se você, simplesmente, admitisse que é minha. Porra, Ash. Estou na sua cama todas as noites. Estou cansado de ser seu amigo de merda. Você e Emmy são minhas. Apenas diga isso."

Ela começou a recuar, a cabeça balançando para frente e para trás. Não vi aquele olhar em seu rosto, assustado e pronto para fugir, desde a noite em que a perdi.

"Eu não posso", ela sussurrou.

Foda-se não pode.

"Por que diabos não?" Ela não respondeu, então continuei. "O que está parando você? Sua vida em Portland? Trabalhou em uma merda de restaurante, até que parecia meio morta de exaustão, quando Roadrunner te encontrou."

Dizendo o nome de Roadrunner, fez uma memória que esqueci de voltar. Roadrunner e Stone na cozinha, na primeira noite em que Ash estava de volta.

"Não tinha nem uma cama, pelo amor de Deus. Apenas dormia na porra do sofá por Cristo, sabe-se por quanto tempo.

Olhei para ela sem palavras, por um segundo. Um sofá?

"Você dormiu em um sofá?"

Ela empalideceu e essa foi toda a resposta que eu precisava.

"É por isso que você não pode? Porque tem uma ótima vida deixada para trás? Porra do inferno, Ash. Você não merece estar fazendo nada disso. Trabalhar até a morte e nem mesmo ficar perto de Emmy, tanto quanto merece, porque tem que cuidar dela. Eu poderia cuidar de vocês duas. Você poderia voltar para a escola. Poderia ficar em casa com Emmy o dia todo. Seja qual for a porra que queira. Ainda poderia ser uma garçonete, se isso significasse algo para você, mas você não seria forçada a fazer isso. E

nunca, nem mesmo uma vez, seria forçada a dormir em um maldito sofá, em vez de uma cama, onde pertence.”

“Você tem amigos lá? Bem. Portland não está tão longe. Podemos ir lá e vê-los, sempre que quiser. Eles podem vir aqui, para te visitar. Eu não me importo. O que me interessa é que paremos com esse jogo estúpido e admita que não estamos apenas transando.”

“E antes de dizer uma palavra sobre isso, vou repetir o que te disse antes: quero Emmy também. Quero que ela me conheça como seu pai. Quero vocês duas e darei a vocês tudo que precisam. Só tem que me deixar entrar.”

Eu mal podia respirar e Ash estava tão quieta, não tinha certeza se ela estava. Meu corpo inteiro vibrava. Não sabia se era frustração ou medo de que ela me rejeitasse novamente, mas isso me dominou completamente. Ash apenas olhou para mim, com seus olhos azuis arregalados. Cada segundo que passava, parecia uma vida, cada um deles levando-me mais perto do golpe mortal, que estava tornando mais certo de que estava prestes a ser entregue.

“Sketch...”

Porra.

Não.

Foi consolador.

"Eu... eu não..."

Porra. Porra. Porra.

Ela estava dizendo não.

Eu queria exigir que ela dissesse isso. Queria fazê-la ficar parada na minha frente e me dizer na minha cara que não me queria. Queria forçá-la a fazer isso, para que sentisse uma fração do que eu estava sentindo.

Mas eu era muito caralho de boceta para ouvi-la dizer isso.

Eu não poderia viver, com a memória dessas palavras saindo de sua boca. Mal sobrevivi a ela saindo, sem dizer nada.

Então, desta vez, eu seria a pessoa que se afastaria.

Quase consegui. Passei por Ash, por dentro e quase cheguei até a porta da frente, para pegar a chave da minha moto e sair, quando fui parado.

"Sketch?"

Não era a voz que eu queria ouvir, mas Deus, estava perto.

Emmy estava em pé no corredor, a lontra de pelúcia que eu lhe dei naquele dia, no zoológico, abraçada perto de seu peito.

Eu não pude me afastar dela. Não tenho isso em mim.

Fui em seu caminho e me ajoelhei. Ela, imediatamente, veio até mim, deixando-a envolvê-la em meus braços e levantá-la do chão.

"Ei, princesa."

"Onde você vai?"

Droga. Não foi essa a porra da pergunta? Onde diabos eu iria? Ash estava, pelo menos, permanecendo no curto prazo. Então o que? Apenas a deixei sair e levar Emmy com ela? Mesmo que Ash não me quisesse, eu tinha certeza, até meus ossos, que Emmy era minha. Não a deixaria ser tirada de mim. Poderia não estar mais lutando pelo coração de Ash, mas ainda tinha uma batalha em minhas mãos, uma que não conseguiria vencer, se decolasse.

"Em nenhum lugar", eu disse a ela. "Você não deveria estar tirando uma soneca?"

"Ouvi ruídos. Eles me acordaram."

Basta ir em frente e colocar meu nome no prêmio O Idiota do Ano.

"Desculpe, foi minha culpa. Por que não voltamos para a cama? Eu prometo, vai ficar quieto agora."

Ela assentiu e se aconchegou contra meu peito, enquanto eu a levava de volta para seu quarto. Estava colocando-a dentro, puxando o cobertor rosa e branco de princesa sobre ela, quando falou novamente.

"Você vai ser meu pai?" Eu estava tão fodidamente chocado com a pergunta que não respondi. Emmy, minha garota persistente, continuou. "Sempre quis um pai. Você seria, realmente, bom. Você e mamãe poderiam se casar e poderia ser meu pai."

Porra. Essa garota. Ela era muito foda demais.

"Eu não sei, princesa", admiti. Sua expressão caiu e não aguentei. "Vou te contar um segredo, se prometer mantê-lo."

Seu rostinho se abriu em um sorriso, novamente e ela assentiu. "Eu prometo."

Porra, tão fofo.

"Quero ser seu pai. Chegar a ser pai de alguém não é fácil, e não sei se posso, mas prometo a você, vou fazer o meu melhor, para que isso aconteça. OK?"

Emmy se levantou, ficou na cama e colocou os braços ao redor do meu pescoço. "Ok, papai."

Porra.

Abracei-a apertado. Eu quis dizer o que disse a ela. Eu ia usar toda a porra do meu poder, para tornar isso legal, para ter certeza absoluta de que não seria a única vez que eu a ouvia chamar-me de papai.

CAPÍTULO 23



Ash

Ele saiu.

Fiquei lá como uma idiota e não disse nada, enquanto ele se afastava.

Vá atrás dele, alguma parte de mim estava gritando, *conserte isso*.

O que eu deveria fazer?

"Você vai deixá-lo ir?"

Eu me virei e vi Jager em pé, no convés, a poderosa estrutura de seu corpo tão intimidante quanto sempre. No começo, pensei que era raiva em seu olhar. Machuquei o irmão dele. Perguntei-me se essa seria a reação que eu teria de todos os irmãos. Eles não me trataram de forma diferente, porque deixei o Sketch pela primeira vez, mas talvez isso seja demais.

"Não cometa esse erro", Jager falou novamente.

Percebi então que ele não estava com raiva, ficou desapontado comigo.

"Você não entende. Há coisas que nenhum de vocês sabe," eu tentei.

"Imagino que isso seja verdade. Não significa que você deveria deixá-lo ir. Todo mundo tem alguns esqueletos no armário."

Fiz a pergunta que estava me incomodando. "E se eu contar e ele não puder me ver da mesma maneira? E se ele não puder ver Emmy da mesma maneira?"

"Pelo que entendi, ele está apaixonado por você, desde os quatro anos. Acho que nada vai mudar a maneira como ele vê você, além de empurrá-lo para fora."

Desviei o olhar. "Eu não acho que ele me ama mais."

"Não seja idiota."

Minha cabeça voltou para ele. "O que?"

"Ele te ama. Você também o ama. Afastando-se, pode ter sido difícil, mas não mudou como ele se sente em relação a você."

"Como sabe disso?"

"Porque você pode estar mantendo seus olhos fechados, mas o resto de nós viu vocês dois, desde que voltou. É difícil perder."

Porcaria.

Isso foi verdade? Eu tinha perdido, porque estava tentando manter Sketch longe?

"A vida é curta, Ash. Você sabe disso. Todos nós sentimos dor, quando perdemos Indian, mas sei que você sentiu mais profundamente, do que o resto de nós. Sei como essa merda é. acredite em mim, eu sei." Sua voz foi áspera, nas últimas palavras e vi a dor inundando seu rosto. Bateu-me, com uma clareza doentia, que a dor que ele estava se permitindo expor, esteve sempre lá, escondendo-se sob suas características controladas, espreitando, na parte de trás de seus olhos. Era uma dor familiar, uma que eu também sentia, mas era muito mais forte.

Jager havia perdido alguém, alguém próximo, talvez mais de uma vez.

Por que ele passou?

"Jager..." Eu queria dizer algo para ajudar, mas sabia, por experiência, banalidades simpáticas não aliviam a dor.

"Eu não falo sobre isso", ele cortou. "E não vou. Foi há muito tempo. Apenas saiba, entendo você. Entendo que ainda está sofrendo, que vai doer sempre. Mas tem que saber que ele está sofrendo também. Ele perdeu o Indian conosco, perdeu Gunner, mas o pior de tudo, durante esses anos, ele perdeu você e perdeu o tempo com a Emmy."

Eu disse a ele a realidade que os irmãos não sabiam. "E se ela não for dele?"

Ele nem piscou. "Não acho que isso vai importar."

Disse a mim mesma para me mexer, para conversar com Sketch, antes de ele decolar, mas meus pés não escutaram. O medo cimentou-me no local. Ele me deu a minha chance. E se fosse tarde demais?

"Vá", insistiu Jager. "Ele quer uma confirmação. Vá dar a ele."

Isso me moveu. Um passo, dois, depois mais rápido, até passar pela porta dos fundos.

"Vou assistir Emmy, se ela acordar", Jager chamou, depois de mim.

Eu queria agradecê-lo, mas isso significava desacelerar. Não pude fazer isso. Seria meio milagre, se Sketch não tivesse saído já. Corri pela casa e parei, quando ele saiu do corredor onde ficavam os quartos meu e de Emmy. O medo que perdi minha chance agarrou-me novamente e ele entendeu mal a minha hesitação.

"Emmy estava fora da cama. Estava apenas a colocando de volta ", explicou ele.

Deus, ele era doce. Mesmo quando estava chateado comigo, ele ainda ficava, para cuidar dela.

Fui uma idiota.

"Eu sou sua", soltei.

Ele apenas olhou para mim.

Obriguei-me a continuar, apesar de ter certeza de que ia desmaiar.

"Sinto muito. Você está certo, sempre fui sua. Fui sua, a primeira vez que nos encontramos e você foi tão legal comigo, apesar de eu ser tímida. Eu era sua, todos esses anos, quando éramos crianças e você era meu único amigo de verdade. Eu era sua, quando você ameaçou uma sala inteira cheia de pessoas, porque algumas garotas estavam me intimidando. Eu era sua, quando você me segurou, no funeral do papai. Eu era sua todos os dias desde que saí. E eu..."

"Ash", ele cortou.

Por um longo e nojento momento, tive certeza de que ele ia me dizer que não fazia diferença. Estava tão otimista, que ele ia me dizer que não era mais meu, então nada disso importava. Parecia que meu coração estava oscilando em um precipício e estava assistindo, quando ele tombou para o lado.

"Sim?"

"Cale-se."

Eu fiz.

O rosto de Sketch estava em branco, mas seus olhos eram intensos. simplesmente não consegui ler o que essa intensidade significava.

"Prove", disse ele.

E fiz.

Joguei-me nele e ele estava lá, para me pegar. Corri para seu peito e seus braços caíram sob minhas coxas, para me levantar. Envolvi meus braços e pernas ao redor dele e ele me segurou firme. Bati minha boca na dele e ele me beijou de volta, mais forte do que eu já havia sentido.

Sketch rasgou sua boca longe da minha. "Diga isso de novo", ele exigiu.

Corri minha mão por sua bochecha, alisando, ao longo de sua mandíbula apertada. Ele tinha controle sobre o controle e eu queria que ele quebrasse.

"Sou sua."

Senti o rosnado que soltou, em resposta, vibrar de seu peito para o meu, dos seus lábios aos meus, enquanto me beijava. Foi diferente do que tinha sido, nas últimas semanas. A intensidade estava quase consumindo.

"Quero você na minha cama", disse ele contra meus lábios.

"Sim."

Esperava que ele me colocasse no chão, mas começou a andar para as escadas. Gritei e o agarrei com mais força, quando deu o primeiro passo.

"Eu posso andar", tentei. Sério, cair da escada parecia uma maneira infalível de não deixá-lo nu e realmente, queria isso.

"E eu posso carregar você." Quatro passos para cima, vi que ele estava certo.

Uma de suas mãos foi para a parte de trás da minha cabeça, pressionando-me em seu pescoço. Sorri contra sua pele e aceitei a sugestão. Pressionei meus lábios nos dele, minha língua saindo, para saboreá-lo. Seu gemido me fez beliscá-lo, querendo deixá-lo tão excitado quanto eu. Então, subi ainda mais. Chupei, profundamente, sua pele, querendo marcá-lo.

"Foda-se, amor. Você me dá um chupão e nunca vou ouvir o final dessa merda."

Eu o soltei e recuei. "Quer que eu pare?"

"Foda-se não."

Dei outro pequeno puxão no local, querendo ter certeza de que deixei uma marca. A mão que sustentava minha bunda foi embora, então retornou com um tapa. Ofeguei, mas se transformou em um gemido, quando ele massageou minha bunda, até entre minhas pernas.

"Já está pronta para mim?"

"Sim."

"Essa palavra me deixa tão duro, quando você diz."

"Sim?"

"Mmm", ele concordou. "E farei você gritar para mim, em breve."

Eu tinha certeza que ele faria. O pensamento fez certas partes de mim se apertarem, um movimento que percorreu minhas coxas. Ele sentiu e me deu um olhar quente.

"Logo, baby", prometeu.

Sketch me levou para o seu quarto, um lugar que não estive. Todas as noites que passamos juntos foram no meu quarto, caso Emmy acordasse e viesse me procurar. Pelo menos, esse foi meu raciocínio. Nunca tivemos uma conversa sobre o efeito.

Não tive a chance de olhar em volta. Sketch fechou a porta, atrás de nós, estendeu a mão, para fechar a fechadura e, na próxima respiração, eu estava de costas na cama e ele estava em cima de mim. Nossas roupas estavam no caminho, irritantemente e as rasgamos. Não houve preliminares, não houve atraso algum. Não precisávamos disso. Assim que ele tirou sua calça jeans, abriu minhas pernas amplamente, estabeleceu-se entre elas e deslizou para dentro, em um só movimento.

"Oh Deus", gemi, arqueando, para levá-lo mais fundo.

Mas ele não se mexeu.

"Diga-me, Ashlynn."

"Sou sua."

Ele circulou seus quadris, esfregando contra meu clitóris de uma forma que me fez gritar.

"Isso não."

"Então o que?" perguntei, implorando pela resposta.

"Quero outra coisa sua, algo que não ouvi de você em quatro anos."

Sketch mudou seus quadris, para pontuar sua demanda e perdi a noção do que ele disse. Foi tão profundo, mas eu precisava que se movesse. Precisava de mais, antes de perder a cabeça.

"O que?"

"Baby, dê-me o que quero e vai conseguir o que quiser."

"O que você quer?"

Ele se inclinou e sussurrou em meu ouvido: "Diga-me como se sente comigo, Vagalume."

Congelei.

"Diga-me", ele empurrou, pressionando em mim.

Eu estava enlouquecendo e muito excitada, para lidar com a situação.

"Por favor", implorei.

Ele puxou para fora até a cabeça mal ficar dentro de mim. Gritei, com a perda.

"Conte-me."

"Eu..." Não pude fazer isso.

"Querida, diga-me. Eu já sei."

"Sketch."

Ele me deu um olhar de castigo.

"Gabe", corriji.

"Apenas diga isso. Prometo que não vai se arrepender."

Parei de olhar para ele e, realmente, li o que estava em seus olhos. Eles estavam quentes, lindamente. Senti pânico, com o que ele estava pedindo, por facilidade. Ele sabia, como sempre fazia, como eu estava me sentindo.

"Diga", ele persuadiu.

"Eu te amo."

Ele empurrou dentro de mim, levando-me áspero e profundo, até que eu estava gritando, assim como disse que eu faria. Foi implacável, não desistindo, mesmo quando gozei, na primeira vez. Nunca diminuiu a velocidade, apenas segurou minhas pernas, quando tentei puxá-las juntas, no auge do meu orgasmo. Ele continuou me fodendo, até eu gozar de novo e sabia que ele iria comigo.

Bem no último segundo, enquanto estava abalada, com ondas de prazer, ele rosnou: "Diga de novo."

"Eu te amo", gemi.

Ele enterrou o rosto no meu pescoço e disse em um gemido, quando gozou, "Eu te amo, Ash".

CAPÍTULO 24



Sketch

Assisti minhas mãos deslizarem sobre a pele macia de Ash. Ela se encolheu, de vez em quando, meu toque fazendo cócegas nela. Seu corpo não estava totalmente recuperado da minha porra ainda.

Foi uma troca familiar. Nós fizemos isso, anos atrás e fizemos durante semanas, desde que ela voltou. Ainda assim, depois de admitir que ainda me amava, parecia novo em folha. Senti-me mais leve, do que me lembrava, desde antes de perdermos Indian. Eu queria ficar lá o tempo que fosse fisicamente possível.

Ela olhou ao redor do quarto, parecendo notar os detalhes dele, pela primeira vez, antes de seus olhos se aprofundarem nas fotos, que eu emoldurei na prateleira.

"Há fotos de nós", ela sussurrou.

"Sim".

Ela olhou para mim em estado de choque. Eu sabia o porquê, mas ainda assim, disse: "Não há razão para ficar chocada, querida. Nunca quis desistir de você. Parte de mim sempre segurava alguma esperança, de que te pegaria de volta."

Minha garota, como ela frequentemente fazia, não sabia o que dizer. Eu sabia, quando não disse nada, apenas deu um beijo doce no meu peito que, não vou mentir, foi o suficiente para compensar todas as merdas que aconteceram no passado.

Seus olhos voltaram para a prateleira, movendo-se sobre as fotos de nós dois, ao longo dos anos, até que pararam no último quadro. "Gunner", ela sussurrou.

A dor familiar instalou-se no meu peito, quando pensei em perder meu tio. "Gunner", reconheci.

"Você sente falta dele" adivinhou, sabendo que Gunner significava tanto para mim, quanto Indian fazia para ela.

"Sim."

"Sinto muito que você o tenha perdido", ela disse, com a voz embargada. "Sinto muito por não estar aqui para você."

"Eu sei, querida." E foda-se, puxá-la para perto de mim não aliviou essa dor também.

"Quero desenhar você", disse a ela, depois de um pouco de silêncio, não querendo mais morar no passado. Tive Ash novamente e nos concentraríamos no futuro.

"Você já fez isso antes", ela apontou.

Eu tinha desenhado mais vezes do que podia contar.

"Sim, mas nunca desenhei você assim."

Compreensão fez com que arregalasse os olhos. "Você quer me desenhar nua?"

"Mmm", murmurei em resposta quando beijei seu ombro.

"E se alguém ver isso?"

"Ninguém irá ver."

"Tenho certeza que Rose também pensou isso."

"Quem é Rose?"

"Do *Titanic*. Jack a desenhou nua e a tripulação, que está procurando os destroços, viu a foto dela."

Como esqueci o quão ridícula ela poderia ser? Porra, foi fofo.

"Baby", eu a puxei de volta à realidade, "vai me deixar desenhar você ou não?"

"Agora mesmo?"

"Não, mas em breve."

Ela se afastou de mim um pouco. Não gostei nada disso.

"Eu não sei."

Eu a puxei de volta contra mim. "Por que está ficando tímida comigo?"

"Meu corpo mudou muito..."

"Ash, passei as últimas semanas me reencontrando com cada centímetro de você. Sei que seu corpo mudou e gosto disso. Nós já conversamos sobre isso antes. Você tem que deixar ir. Quero desenhá-la exatamente como está agora, não com dezoito anos de idade."

Ela se estabeleceu novamente, seu corpo relaxando contra meu lado, sua perna estendida entre as minhas.

"Talvez para o seu aniversário", disse ela.

Talvez minha bunda. Ela ia, totalmente me deixar.

Seu acordo velado fez um pensamento me ocorrer.

"Quando é o aniversário de Emmy? Ela disse que será em breve."

"Duas semanas, a partir de agora. 21 de abril."

Empurrei para trás os pensamentos dos aniversários que senti falta, quando disse a ela: "Vamos planejar algo para ela. Dar uma festa."

"Ela nunca teve uma grande festa de aniversário. No ano passado foi só eu, minha amiga Jasmine e sua mãe. Embora me pergunte, se ela ainda se lembra disso. Era bem pequena então."

"Ela vai ter festas, a partir de agora. Os irmãos irão adorar fazer para ela."

Nós dois estávamos quietos um pouco. Tinha certeza de que precisávamos nos levantar e nos vestir logo. Eu não sabia quanto tempo Emmy ia tirar uma soneca, mas não imaginava que tivéssemos muito mais tempo. Havia mais uma coisa que queria falar primeiro.

"Vou falar amanhã com Gauge, sobre o teste de paternidade. Ele fez, quando aquela cadela estava grávida de Levi. Provavelmente, ainda tem a informação da empresa que usou."

Ash se levantou para sentar, segurando o lençol contra o peito.

"O que?"

"Faremos um teste de paternidade e depois, vou adicionar à certidão de nascimento de Emmy. Eles, provavelmente precisam do teste para isso, não precisam? Talvez não. Talvez, se nós dois declararmos isso, não importa." A última parte foi principalmente dito a mim mesmo, pois Ash não estava comigo.

"Teste de paternidade?", Ela perguntou, como se eu tivesse sugerido que jogássemos uma rodada de roleta russa com Emmy.

"Sim, querida."

"Eu não quero fazer um teste de paternidade."

Sim, parte de mim estava preocupado com isso também. Não importava, no entanto. Emmy ia ser minha filha, de qualquer maneira.

"Não importa, baby. Eu já amo essa garota. Nós descobriremos a melhor maneira de fazer dela minha filha, de qualquer forma." tentei garantir a ela.

"Não."

"Não?"

"Nenhum teste. Não quero fazer um teste. E não vou."

"Querida, não importa o que diz. Acho que podemos precisar saber o que fazer, legalmente, para torná-la minha."

"Isto é importante. Isso importa muito. Eu não quero um teste," Ash insistiu.

"Quem quer que seja o cara, não teremos que entrar em contato com ele. Não importa..."

"Não!" Ash me cortou. "não vou fazer isso. não quero os resultados."

"E se isso provar que sou pai dela?"

"Não quero saber."

Ash se levantou e começou a tirar as roupas do chão. Ela os puxava mais rápido que conseguia.

Que diabos?

"Vagalume."

"Não! Eu disse que não quero fazer isso. Você não pode me obrigar a fazer isso. Não quero esses resultados. Não quero saber!"

Eu estava de pé então, pegando minha calça jeans do chão.

"Você não quer saber? Nem quer saber, definitivamente, que Emmy é minha." Essas palavras e a verdade que temia que elas continham, atingiram-me e me senti muito doente. "É isso, não é? Você não quer descobrir que ela é minha."

"Não, não é isso", ela disse, mas não olhou para mim e não explicou o que era. Apenas continuou se vestindo.

"Porra. É isso. Você não quer descobrir que sou o pai dela. Ainda está segurando todo seu ódio contra os Disciples. Ainda está culpando o clube, por ter tirado seu pai de você. Qual foi seu plano, admitir que me amava e depois tentar me convencer a deixar o clube de novo?"

"Não, eu..."

Ela não terminou e não esperei descobrir o que ela ia dizer.

"Maldito inferno, Ash. Você nem sabe, porra. Não foi o clube que matou seu pai, foi Indian que colocou o clube nessa bagunça, em primeiro lugar! Mas isso nem importa pra você, não é mesmo? Vai segurar esse rancor e seu medo."

Ela parecia chocada com o que eu disse sobre Indian, mas era a verdade. Era apenas a verdade, que todos estavam escondendo dela. Eles pensaram que era melhor, pensei que era besteira. Não saber, estava lhe dando uma razão, para continuar tentando se afastar de mim. Eu não ia deixar isso acontecer.

"Você não quer fazer o teste, porque tem medo de provar que sou pai de Emmy", continuei, completamente além do ponto de controlar os anos de frustração acumulados. "Você está com medo de descobrir que seu pai é um motociclista, assim como o seu!"

"Não!" Ela gritou para mim. "Tenho medo de descobrir que o pai dela é um estuprador!"

Não.

Foda-se não.

Porra. Porra. Foda-se não.

Lágrimas escorriam pelo seu rosto e ela começou a balançar. Seus joelhos estavam falhando. Corri e a puxei para meus braços. Sentei-nos ambos na cama, seu corpo dobrando-se, até que todo o tronco estava curvado sobre minhas coxas.

"Shh, baby. Tenho você," consolei-a, o tempo todo tentando superar o eco de suas palavras repetindo uma e outra vez, na minha cabeça.

Eu ia perder essa porra. Se Ash não estivesse se apegando a mim, eu já teria.

Não me importava com o que fosse preciso, ia encontrar o filho da puta e me divertiria, matando-o lentamente. Ele ia me implorar, antes que eu terminasse.

"Eu ia voltar", disse Ash, entre ofegantes respirações. "Senti tanto sua falta e não aguentei. Ia voltar, embora ainda estivesse com medo. Então, ele..." Ela soltou um soluço, que pareceu um golpe nas costelas. Não, parecia pior. Não houve recuperação do dano que estava causando.

"Eu não sabia o que fazer. Senti-me tão suja. Não queria voltar assim. Então, descobri que estava grávida. E se não fosse seu? Como eu poderia voltar, grávida de um bebê que poderia não ser seu? Como eu poderia..." Suas lágrimas devoraram as palavras.

Ela estava voltando, eu ia ter outra chance de conseguir que ela ficasse e ele tirou isso de nós dois. Fez minha linda garota se sentir suja e ela achou que não poderia voltar para mim.

Podia me sentir tremendo.

Com minhas mãos debaixo dos braços, puxei Ash e nos mexemos, até que estávamos deitados na cama. Eu a envolvi, levando-a o mais perto que pude. Nós precisávamos nos segurar mutuamente. Precisava dela, para me aterrar, ela precisava de mim, para fazê-la se sentir segura.

"Você precisa entender uma coisa, Ashlynn", eu disse. Ela não respondeu, mas não esperava que fizesse. "não acho que você está suja. Nunca pensaria isso. Odeio que você tenha experimentado isso e daria qualquer coisa para mudar, mas você não está suja. Nunca esteve."

Por um tempo, eu não disse mais nada. Apenas a segurei, enquanto seus gritos ficaram mais baixos, sua respiração mais firme. Só quando a senti começar a relaxar, disse o que precisava. E precisava ter certeza de que ela estava ouvindo.

"Isso não muda nada. Não tem impacto sobre o que sinto por você e não afeta o que sinto em relação a Emmy. Vocês duas são minhas," declarei.

Ash deu um soluço e passei minha mão para cima e para baixo, em suas costas, permitindo que o toque nos acalmasse.

"Veremos o que podemos fazer, para que eu possa declarar ser minha filha, sem um teste de paternidade. Se não houver uma maneira de me adicionar à certidão de nascimento, vou adotá-la. Podemos descobrir o que dizer, quando chegar a hora."

"Você faria isso?" Seus olhos estavam inchados e vermelhos, mas foi a esperança, que me chamou a atenção.

"Sim. Em uma maldita batida de coração. Assinaria o que precisasse agora, se pudesse."

Ela enterrou o rosto no meu pescoço, mas ainda podia ouvir sua voz abafada, quando disse: "Não quero fazer o teste. Não acho que conseguiria descobrir que ela não é sua. Nunca desejaria que Emmy não estivesse na minha vida, mas como poderia ser feliz se..."

"Não precisamos fazer isso. Emmaline é um milagre, porra. É isso aí. Nós não temos que nos preocupar sobre como."

Ash abalou-me, quando falou.

"Às vezes, não sei como lidar com isso. Quer dizer, se eu não tivesse saído, não teria... experimentado isso. Mas e se essa é a única razão pela qual a tenho? Isso me deixa louca. Quando estava grávida, costumava me perguntar o tempo todo, se estava cometendo um erro. No momento em que ela veio, deixei de pensar assim. Eu me forcei a entrar em um estado de negação, insistindo que ela tinha que ser sua. Então, segurei-a pela primeira vez e... nem consigo colocar em palavras. Eu me apaixonei por ela, no segundo em que a ouvi chorar."

Porra. Ela era tão forte. Eu sabia que ela não achava. Sempre achou que era fraca. Pensou que ser tímida significava que ser frágil. Ela não tinha ideia. Quando a olhei, não vi nada, além de força.

"Você vai..." Tive que parar e limpar a garganta, para tirar as palavras. "Você pode me dizer o que aconteceu?"

Eu não queria fazê-la reviver e sabia que qualquer coisa que ela me dissesse, ficaria dentro de mim como uma cicatriz no coração, mas precisava ouvir isso. Precisava ajudá-la a suportar esse fardo. Se ela pudesse descarregar um pouco disso em mim, queria pegá-lo.

E precisava de qualquer informação que pudesse obter se quisesse encontrar aquele desgraçado.

Com uma respiração profunda, minha Ash, minha guerreira, contou-me tudo.

"Quando saí, eu, realmente, não sabia para onde ir", ela começou. "Fiquei em alguns hotéis, mas sabia que não poderia fazer isso para sempre. Então, Penelope ligou, para me checar."

Penélope. Essa porra da prima dela. Eu esperava que Ash não tivesse ido lá. Foi uma pista que não chequei, por um tempo, talvez por muito tempo.

Penelope era filha da irmã de Indian. Indian e sua irmã não estavam perto, mas ele tentou uma, ou duas vezes, ao longo dos anos, conectar-se, penso que, principalmente, em um desejo de dar a Ash mais família. A irmã era um show de merda, que se casou com um vagabundo, traficante de drogas. Eu não tinha certeza se o cara era o pai de Penelope ou não. O que sabia era que a garota era viciada, visto que tinha adultos desse nível, criando-a. Eu sabia o que era isso, tinha feito muita merda, pelo mesmo motivo, mas tive a sorte de ter Gunner. Indian tentou ser o mesmo para Penelope, mas ele se aproximou muito tarde, pois ela não estava disposta a aceitar a mão que ele ofereceu.

Quando a mídia social se tornou popular, Ash e Penelope se reconectaram, para meu desagrado e indignação. Ash insistiu que não era um problema. Ela sabia que Penelope estava uma bagunça, mas queria ser amigável. Queria estar lá, no caso de sua prima decidir parar de brincar e usar. Indian e eu queríamos que ela ficasse longe, mas foi uma batalha que perdemos.

Ash continuou. "Eu não contei muito a ela, mas expliquei minha necessidade de sair do clube, por um tempo. Ela me disse que eu poderia ir para Seattle e ficar com ela. Imaginei que poderia me dar algum tempo, para planejar o que ia fazer, então fui."

Tentei manter meu corpo relaxado, mas tudo, dentro de mim, parecia enrolado com muita força. Não tinha certeza se poderia lidar com o que ela ia dizer.

"Não descobri que ela morava com o namorado, Jackson, até que cheguei lá. Na verdade, acho que era o lugar dele, não dela. Eu não sei. Não o encontrei, no primeiro ou segundo dia. "

Sua voz sumiu, e eu já sabia o que ela não estava dizendo.

“Penelope estava usando, eu poderia dizer. Fiquei desconfortável com isso, mas só pretendia ficar lá por alguns dias. Ela estava trabalhando como barmaid, então ia embora à noite e voltava bem tarde. O namorado dela voltou, quando ela estava no trabalho. Ele estava alto. Não sei o que estava usando, mas era óbvio que estava chapado com alguma coisa. No começo, ele não sabia quem eu era. Comecei a explicar e me disse que eu devia a ele. Disse que Penelope poderia me deixar ficar, só porque eu era da família, mas ele queria pagamento. Eu me ofereci para pagar, mas ele...”

Ash começou a tremer e a apertei em mim com tanta força, que tive medo de machucá-la. Ela não parecia se importar, empurrando para o meu aperto, tão forte quanto.

"Ele disse que não queria meu dinheiro. Ele tinha dinheiro. Queria outra coisa. Eu disse a ele que não e que iria embora. Tentei pegar minhas coisas, mas ele... ele me pegou. E ele..."

Porra.

Minha mandíbula apertou ao ponto da dor, levou tudo que tinha para soltar e consolar. "Está bem. Tenho você, está segura."

Ela assentiu de maneira maníaca, depois continuou, sua voz tremendo. "Depois, escondi-me no banheiro. Havia um pequeno armário, que movi para a frente da porta. Eu não sabia se isso iria mantê-lo fora, mas nem tentou. Eu o ouvi sair. Fiquei lá, de qualquer maneira, com medo de que ele voltasse."

"Quando Penelope chegou em casa, ela começou a chamar meu nome. Eu me certifiquei de que ela estivesse sozinha, antes de sair. Eu pedi a ela para me levar para a delegacia. contei o que ele fez e que precisava dar queixa."

Eu não gostei disso. Eu não gostei de onde estava indo.

"Ela começou a gritar comigo, dizendo que eu tinha fodido o namorado dela. E me bateu. Disse que eu era uma puta e estava apenas tentando arruinar sua vida. Disse-me que se fosse à polícia, ela diria a eles que prostituta eu era e diria que queria dormir

com ele. Falou que tinha certeza de que eles sabiam que eu queria, que comecei e ele era inocente.”

Eu ia encontrar aquele filho da puta e ia encontrar aquela prima puta dela.

Eu ia fazer os dois pagarem, porra.

“Eu... corri,” Ash gaguejou. “Estava com medo de denunciar, então saí da cidade. Voltei aqui para Portland. Fiquei em um abrigo, por um tempo. Então, conheci a mãe da minha amiga Jasmine. Ela trabalhava no abrigo, às vezes. Ajudou-me a encontrar o emprego que tinha na lanchonete e sabia que havia um apartamento disponível, no prédio de Jasmine. Ela nem sabia o que aconteceu comigo, só me ajudou, porque é uma pessoa legal.”

Ajudou-a porque, provavelmente, viu a Ash que eu tinha em meus braços, naquele momento, a menina assustada e quebrada. Ela não precisava saber o que aconteceu. Ver Ash assim, faz querer protegê-la.

“Ela está doente. Tem Parkinson. Preocupou-me com ela o tempo todo. Fez muito por mim. Ela e Jasmine fizeram tanto por Emmy e eu.” Ash continuou, de um jeito histérico.

Eu a esfreguei mais e prometi a ela: “Vamos vê-la. Em breve. Podemos visitar as duas.”

“Isso seria bom”, Ash concordou.

Seria. Elas não fizeram isso por mim, mas lhes devia um muito obrigado. Elas cuidaram das minhas meninas.

Ash não falou mais e não falei por um tempo, também. Estava muito consumido pela raiva, pelo ardente desejo de vingá-la. Não queria assustá-la, mas tinha medo de não conseguir manter a sede de violência longe da minha voz.

Não foi até muito mais tarde, quando Ash estava calma novamente e sussurrou que precisava ver Emmy, que eu disse qualquer coisa. E foi só depois que ela disse: “Obrigada por ouvir”, naquela doce voz dela.

Não me olhava nos olhos, quando disse isso, mas ouvi a emoção, por trás daquelas palavras e isso fez a fissura, em meu coração, valer a pena. Isso a machucou, eu sabia, mas também sabia, com essa afirmação, ela soltou um pouco de sua dor e a deu para mim. Sofreria mil vezes mais, para fazer isso por ela.

“Amo você, Ashlynn. Faria qualquer coisa por você. Nunca duvide disso.”

CAPÍTULO 25



Sketch

Eu me segurei por cinco horas. Foi pura força de vontade, impedindo-me de perder o controle. Tinha que tocar Ash quase a cada minuto, apenas para manter alguma aparência de sanidade.

Jager tinha visto Emmy por um tempo, então nós pegamos o jantar e saímos, até a hora de levá-la para cama. Ash e eu ficamos acordados, assistindo TV, em silêncio, enquanto nossos pensamentos nos consumiam. Eu a segurei o tempo todo.

Foi só uma vez, quando ela adormeceu, por volta das nove e meia, obviamente cansada da emoção do dia, que saí do lado dela. Saí do seu quarto, ficando quieto, para que ela dormisse. Antes de sair, fiz uma verificação rápida no quarto de Emmy também. Estava roncando. O som suave foi fofo o suficiente para ficar em pé e ouvir por um tempo, se não estivesse prestes a explodir.

Saí do corredor, onde os quartos delas estavam, antes de começar a soprar. Estava passando pela cozinha, quando me ocorreu.

"Tenho medo de descobrir que o pai dela é um estuprador!"

Minha mão voou para fora, atravessando a parede de alvenaria.

"Que porra é essa?" Ouvi de dentro da cozinha, seguido pelo movimento, na sala de estar.

Não foi a primeira vez que alguém colocou um soco na parede do lugar de um Disciple e eu não seria o último.

Não esperei pelas malditas perguntas. Removi os pedaços de drywall das minhas mãos e continuei andando. Não pude estar dentro. Eu ia perder isso e Ash e Emmy não precisavam ouvir essa merda.

Saí pela porta dos fundos, batendo atrás de mim e soltei um rugido. Foi tudo que tive. Gritei por nada, até que minha voz saiu, mas não foi o suficiente. Precisava quebrar alguma coisa. Precisava machucar alguém.

"Cadeiras, pela linha de madeira. Os velhos de madeira. Eles estão todos em condições de merda, de qualquer maneira ", disse Jager, atrás de mim.

Bom o bastante.

Atravessei o quintal e não perdi tempo fodendo, agarrando a primeira cadeira. Balancei, conectando-a com uma grande árvore. Ela se despedaçou, mas não quebrou totalmente. Bati de novo, o som de estalos e força irradiando em meus braços, do golpe imensamente gratificante.

Depois de acertar, continuei até a primeira cadeira estar em ruínas. Então, peguei a seguinte. Tentei me concentrar nas tábuas quebrando, no lançamento, quando cederam à força do meu balanço.

Não funcionou.

Ainda podia ver seu rosto coberto de lágrimas. Ainda podia ouvi-la me dizer o que ele fez. Ainda podia sentir a sede de violência no meu intestino, só o sangue dele poderia saciar.

Continuou e continuou, uma tortura nunca descansando, pontuada pelo violento som da carnificina, que estava criando.

Os restos quebrados de outra cadeira caíram das minhas mãos, nada além de alguns centímetros de madeira lascada e me virei, para pegar outra. Havia apenas uma e Jager havia estacionado a bunda nela.

"Não quero falar," avisei, mas não particularmente preocupado. Jager não era um falador.

"Pensei que tudo estava correndo bem", disse Stone, do meu outro lado.

Porra.

Jager estava lá apenas como músculo. O filho da puta poderia derrubar qualquer um de nós. Ele estava lá para me conter, se necessário.

Eu me virei para Pres. "Disse que não quero falar."

"Cheguei aqui, ouvi dizer que vocês dois tiveram uma explosão, mas você estava resolvendo isso. Então fizeram a pequena rotina da família feliz, por um tempo. Achei que tudo estava bem."

Não vai lá. Voltei-me para Jager. "Fora do caminho, irmão", pedi.

"Recebi ordens maiores", ele respondeu, sentando-se ainda mais no banco. Não fui enganado. Ele poderia estar de pé e me derrubar, em um piscar de olhos.

"O que diabos está acontecendo?" Stone exigiu.

Não respondi.

"Sketch ." Foi um aviso.

"Não posso falar sobre isso," disse a ele.

"Ter você aqui fora, quebrando merda, enquanto suas garotas estão dentro, pode muito bem contar para seus irmãos."

"Sketch."

Eu me virei. Ash estava andando em nossa direção, uma das minhas camisas de mangas compridas sobre a regata e shorts, que ela usava para dormir. Seu rosto parecia pálido e eu sabia que era mais do que a luz da lua fazendo isso. Seus olhos se moveram para os escombros, espalhados aos meus pés, para os meus irmãos, em ambos os lados. "Você não estava na cama", disse ela, sua voz abafada. Não respondi. "Suas mãos estão sangrando."

olhei para baixo. Estavam. Podia ver algumas lascas saindo delas. Não senti isso acontecendo, estava muito ansioso, para sentir. Ela chegou mais perto, levantando uma das mãos limpas e macias, para inspecionar.

"Precisamos limpá-lo", disse ela, encontrando meus olhos novamente.

"Não importa."

"O que está fazendo aqui?" Ela perguntou.

"Eu não aguento. Não posso saber que você foi ferida," disse a ela e, mesmo quando disse isso, senti uma parte da luta sendo drenada de mim.

Era ela. Ela, fodidamente, centrou-me.

Aproximou-se, envolvendo os dois braços ao redor do meu torso. Hesitei em segurá-la, não querendo deixar sangue nela, mas estava vestindo minha camisa. Eu jogaria a porra da coisa fora.

"Do que vocês estão falando?" Stone perguntou, em uma voz sombria.

Ash inclinou a cabeça para trás, seus olhos aterrorizados, quando ela olhou para mim. Eu queria garantir a ela que faria os dois irem embora, mas não consegui.

"Tenho que dizer a eles." Ela respondeu, com uma sacudida frenética de sua cabeça.

"Ash, baby, eles são da família. E eu preciso da ajuda deles."

"A ajuda deles?"

"Vou caçar aquele desgraçado. Jager pode hackear qualquer coisa, Stone tem conexões. Preciso que eles e os irmãos encontrem aquele filho da puta e o façam pagar."

"Não. Você não precisa. Nós podemos seguir em frente."

Descansei minha testa contra a dela. "Eu tenho que, Ash. Se não fosse por você, por mim. Não posso deixar esse babaca continuar vivendo livre, com o que fez."

"Um de vocês dois precisa começar a falar", ordenou Stone.

"Dê a ela um maldito minuto", retruquei.

Ash queria fugir, eu podia ver. Estava com medo e sabia que eu estava sofrendo. Ela não conseguia lidar. Seus olhos se fecharam e inclinou a cabeça para baixo.

"Não posso te demover disso, posso?" Ela questionou, sua voz quase inaudível.

"Não, Vagalume. Não nisso. Jurei ao Indian que te protegeria. Falhei, mas sei que vou consertar isso."

"Você não..."

Eu a silencieei, então, beijei a coroa de sua cabeça. "Você também não pode mudar minha opinião sobre isso. Tenho que fazer."

Seu peso se inclinou mais em mim e ela murmurou: "Tudo bem".

Eu a abracei, tentando ser sua força, quando olhei para meus irmãos.

"Depois que Ash saiu, quando perdemos Indian, ela foi ficar com sua prima." Os olhos de Stone ficaram mais sombrios com isso. Ele sabia que Penelope não era boa pra caralho. "A cadela estava vivendo com um cara na época." Tive que parar. Não tinha certeza se poderia dizer as palavras. Tentei, repetidamente. Minha boca abriu, mas não consegui fazer sair.

"Ele me estuprou", Ash finalmente disse em silêncio.

Meus braços se apertaram e enterrei o rosto em seu pescoço. Eu não consegui pegar.

Stone começou a xingar. Sua voz era áspera e alta e Ash se encolheu ao som.

"Stone", eu avisei.

Ele parou e olhou em nossa direção. A cabeça de Ash se virou para ele, contra o meu peito.

"Nós vamos encontrar esse filho da puta", ele prometeu. "Nós vamos encontrá-lo e vamos fazê-lo pagar."

Ash assentiu e então seu corpo se sacudiu. Segurei-a, quando os tremores silenciosos se transformaram em soluços. Enquanto eu a segurava de novo, enquanto

chorava, jurei que faria aquele desgraçado pagar por cada lágrima. Então, ia fazer tudo na minha merda de poder, para ter certeza que ela nunca perdesse outra.

"Sinto muito", ela suspirou.

Houve um estalo alto. Nossas cabeças se viraram para a esquerda, onde Jager ainda estava sentado na cadeira. O braço não estava mais preso, mas segurava a mão para o lado. Seus músculos estavam tensos e o rosto mostrava fúria. Ele jogou a madeira de lado e se levantou.

"Você não está arrependida", ele disse a Ash. Sua voz era dura, mas claramente não era para ela. "Você não aceita isso."

Ainda tremendo, ela acenou para ele.

Os olhos irados de Jager se voltaram para mim. "O sobrenome da puta Penelope?"

"Jenson."

"Nós temos um nome no idiota?"

"Jackson", respondi. Eu nunca esquecerei esse maldito nome.

"Mais alguma informação?"

"Eles moravam em Seattle. Ash disse que poderia ter sido o lugar dele. "Olhei para ela e perguntei: "Você lembra de mais alguma coisa? Qualquer coisa que possa nos dar, pode ajudar."

Ela não encontrou meus olhos, quando disse: "Acho que ele poderia ser um traficante. E Penelope disse algo sobre ele não voltar atrás, então acho que pode ter estado na prisão antes."

Jager assentiu. "Vou começar com a prima e ir de lá. Vou encontrá-lo." Ele não disse mais nada, antes de entrar. Estava indo direto ao trabalho. Senti uma sensação doentia de satisfação. O filho da puta não teve chance. Jager era um gênio e ele estava chateado. Ele, definitivamente o encontraria.

Depois de um minuto, Stone disse: "Você deve levá-la para dentro." Ash estava mais calma agora, mas seu corpo estava começando a tremer, com o frio.

Suas palavras pareciam agitá-la e ela se afastou do meu aperto. Sem dizer nada, foi até Stone e o abraçou. Ele estava perto de quebrar. Pude ver isso. Precisava nos tirar do caminho, para que ele pudesse fazer isso em paz.

“Vamos, Vagalume. De volta para a cama. Ela voltou para mim.

"Você vai ficar bem?" perguntei a Pres.

“Você me deixou uma cadeira. Não o suficiente, mas vai ajudar,” ele deu como não-resposta. Eu sabia como ele se sentia. Eu não estava bem. Não ia ficar bem, até colocar esse monstro no chão.

No momento, porém, tinha outro propósito. Minha mulher precisava voltar para dentro e descansar um pouco. Ela tinha passado o suficiente.

CAPÍTULO 26



Ash

No dia seguinte, acordei sozinha, novamente. Estava surpresa. Sketch sempre dormiu mais tarde do que eu. Não havia calor, em seu lado da cama, então, tinha ido embora por um tempo.

Virei-me e peguei meu telefone, da mesa de cabeceira. Ver a hora fez-me voar para fora da cama. Eram dez e meia. Emmy nunca dormiu tão tarde. Mesmo da última vez que estava doente, ainda estava acordada antes das nove.

Com movimentos rápidos, vesti roupas, algo que Sketch não me deixara fazer, antes de dormir e saí correndo do meu quarto. A porta de Emmy estava aberta, sem Emmy dentro. Eu a encontrei na cozinha com Sketch, os dois olhando para uma tigela grande.

"Isso não parece certo", disse Sketch.

"Parece nojento", Emmy concordou.

"O que estão fazendo?", Perguntei.

Ambos pareciam no meu caminho. Emmy sorriu e disse bom dia, Sketch me deu um olhar completamente diferente. Estava preocupado. Eu não queria a sua preocupação. O que aconteceu, foi há muito tempo e estava entre nós e logo, o resto dos Disciples, que estava tentando não pensar. Era hora de seguir em frente.

Chegando perto dos dois, beijei a cabeça de Emmy e hesitei sobre o que fazer com Sketch. Ele não hesitou nem um pouco. Agarrou meu pescoço e me trouxe para perto, para um beijo.

Emmy nunca tinha me visto beijar um homem. Mesmo nas semanas em que dormíamos juntos, Sketch e eu nunca fizemos esse tipo de movimento na frente dela. Ele estava ao nosso redor mas, claro, não havia toques e beijos. Bem, eu não toquei nele e não nos beijamos. Ele me tocou muito, tentando fazer seu ponto. Ainda assim, não era o tipo de coisa que Emmy notaria ou entenderia.

Ele se afastou e olhou nos meus olhos, antes de me liberar. Estava me checando, tentando avaliar como eu estava, procurando alguma mudança para pior. Foi doce, mas desnecessário. Quando viu que eu estava bem, deu-me um sorriso, que fez meus joelhos tremerem.

"Guerreira", ele sussurrou, antes de me deixar ir.

Surpreendentemente, Emmy não reagiu ao beijo. Ela apenas ergueu o batedor, com uma mistura desconhecida da tigela e disse de novo: "nojento".

"O que é isso?" perguntei.

"Massa de panqueca", respondeu Sketch.

"Isso, definitivamente, não é massa de panqueca."

Peguei a tigela e peguei o batedor, tentando mexer. O pobre batedor mal conseguia atravessar o fundo, na tigela. Eram muito grumos e a cor não estava certa. Encontrei os olhos de Sketch e levantei uma sobrancelha.

"Eu não sei o que aconteceu. Segui as instruções na caixa."

Balançando a cabeça, levei a tigela para a pia. "Você descobre como limpar essa bagunça", disse a ele. "Nem sei como consertar isso. Vou começar do zero."

Guardei a caixa de mistura de panquecas, porque nunca usei o material e fiquei preocupada, se fosse parte do problema. Em vez disso, peguei farinha, açúcar,

fermento e sal, dos armários e manteiga, leite e ovos, da geladeira. Com tudo exposto no balcão, comecei a trabalhar, fazendo o café da manhã do meu homem e filha.

Era normal e era tão perfeito.



Naquela noite, uma vez que Emmy dormiu, Sketch me encontrou no corredor e pegou minha mão. Sem uma palavra, levou-me para o banheiro que Emmy e eu usamos. Ele encheu a banheira.

"Pensei que você poderia usar, para relaxar", explicou ele.

Eu derreti. Parecia bobo, mas foi doce, que ele definiu isso para mim.

"Obrigada," sussurrei.

"Você pode me agradecer pagando, ficando nua e me deixando entrar com você."

Bem, eu poderia fazer isso.

Quando nós dois estávamos nus, um processo que demorou um pouco, porque Sketch tinha mãos errantes e nenhuma habilidade de focar, ele entrou primeiro. Entrei mais devagar. A água quente era chocante, no começo, mas sabia que seria incrível, quando me instalasse. Enquanto estava sentada, Sketch me puxou, para sentar entre as pernas abertas, minhas costas contra a frente. Ele estava duro e trabalhou seus quadris contra mim, até que seu pau estava aninhado entre as bochechas da minha bunda. Eu me senti aquecendo, de uma maneira que não tinha nada a ver com a temperatura, mas nenhum de nós levou mais adiante.

Por um tempo, apenas relaxamos. Era tão confortável e calmo, quanto me lembrava de estar em anos.

"Sketch?" finalmente perguntei.

"Bem aqui, Vagalume..."

Ele era assim.

"O que quis dizer, quando contou que papai colocou o clube na situação com Barton?"

Ele suspirou, então envolveu seus braços ao meu redor.

Quando ele não respondeu, comecei a dizer: "Eu só..."

"Não," ele cortou. "Você merece saber. Só sei que não vai ser tão fácil de ouvir."

Eu não falei nada. Qualquer coisa a ver com a perda do meu pai, seria difícil de ouvir, mas precisava entender.

"Indian mentiu para você, baby", ele começou e fiquei chocada. "Apesar do que ele disse, sempre soube onde sua mãe estava. Ela, simplesmente, não estava em condições de estar perto de você."

"O que?"

"Sua mãe usava drogas. Fortemente, por anos. Ela ficou limpa, enquanto estava grávida de você e por um tempo depois. Mas, no momento em que você tinha um ano, ela estava fora do vagão. Ele tentou, por anos, limpá-la. Ele pagou para ela ir em um grande programa de reabilitação, após o outro. Na maioria das vezes, ele saía da cidade, por alguns dias, quando éramos crianças e não tinha nada a ver com negócios de clube. O clube sempre tentou mantê-lo em casa, tanto quanto possível, para você. Quando ele saiu, geralmente estava tentando encontrá-la, depois que ela começou a usar novamente e era uma drogada."

"Ele continuou tentando fazer com que ela ficasse limpa, para que ela pudesse se tornar parte de sua vida. Queria isso para você. Aparentemente, decidiu que não

abriria aquela porta, até que ela estivesse fora da reabilitação e limpa por dois anos. Ela nunca fez isso, por tanto tempo.”

Eu nunca conheci minha mãe. Nunca vi uma foto dela. Tinha algumas características do papai, mas sabia, há muito tempo, que eu deveria me assemelhar a ela, mas era tudo que sabia. Eu não poderia dizer que fiquei surpresa, por ela ser viciada, principalmente porque não tinha um referencial, para colocar esse conhecimento. Até que Sketch me disse isso, ela poderia ter sido qualquer coisa.

O que estava tendo dificuldade em processar, era tudo o que papai tinha feito. Eu não podia acreditar que ele tentou, por tanto tempo. Sabia que ele faria qualquer coisa por mim, mas o tempo e o dinheiro que dedicou a arrumar uma mulher, eram insanos. Ela pode ter sido minha mãe pelo sangue, mas também era uma estranha. Ele achava que sozinho, não era suficiente, por todos esses anos? Deus, eu não esperava. Papai tinha sido um pai incrível, por isso doía tanto perdê-lo.

"Eu recebi todas essas informações em segunda mão, apenas recentemente," continuou Sketch, "por isso não conheço muitos detalhes. Mas, quando você tinha dezesseis ou dezessete anos, ele perdeu a noção dela, por um tempo. Quando a encontrou, ela estava conectada a Barton."

Algo sobre a maneira como ele disse, era estranho. "Conectada?"

"Ela estava fazendo truques. Tornou-se parte de seu status."

Put a merda. "Ela era uma prostituta?"

"Sim, querida. Indian lhe daria dinheiro de vez em quando, se estivesse lutando, mas apenas se estivesse limpa. Ele até fez Doc fazer alguns testes de drogas, para ter certeza. Ele não apoiaria o hábito dela. Eventualmente, ela precisava de uma maneira de financiá-lo. Naquela época, Barton era seu fornecedor. Ele ofereceu a ela um jeito de conseguir o máximo que queria."

Eu estava começando a pensar que não queria que ele continuasse, mas sabia que isso era algo que precisava entender.

“Ninguém sabe realmente o porquê. Alguns dos rapazes acham que ele pode ter tido sentimentos reais por ela ou, antes de ela engravidar de você, ou talvez tenham se desenvolvido, ao longo dos anos. Eu não sei. Mas ele surtou, quando descobriu o que Barton tinha feito. Tentou comprá-la de sua dívida, mas era louca, por esse tempo. E de qualquer maneira, Barton gostava dela. Aparentemente, ela era uma espectadora, então era popular, entre seus clientes. Havia rumores de que ela era popular com ele também. Ele era o tipo de homem que tirava brindes de suas garotas, oferecidos ou não.”

O pensamento disso, do que ela poderia ter passado, deixou-me doente. Ela teve uma doença, que a levou para as partes mais escuras da vida.

“Quando Barton não a deixou ir, Indian envolveu o clube. Os Disciples estavam de olho em Barton. Ele estava vendendo perto de Hoffman e você sabe que nós calamos essa merda. Seus traficantes estavam chegando muito perto do nosso território, então já estavam prontos para atacar. Se Indian tivesse carne, eles o apoiariam.”

“Começou apenas tentando causar um aborrecimento, revendedores mal-educados, persuadi-los e fazê-los explodir pela polícia, interferir nos transportes. Acho que Indian esperava que Barton oferecesse sua mãe como pagamento, para que parassem. Barton, embora... esse filho da puta está doente. Em vez de fazer ofertas ou fazer ameaças, ele a matou.”

Meu coração parou.

"Ele... ele... o quê?" gaguejei.

"Sinto muito, querida. Ele a matou. Odeio dizer isso, mas ela não foi fácil também. Não quero te contar esses detalhes. Não acho que você precise disso, em sua cabeça...

"Não. Eu preciso saber."

"Ash", ele pediu.

Virei-me na banheira, para encará-lo. "Por favor, Gabe."

Seus olhos ficaram escuros, como nuvens de tempestade, consumindo o céu. Puxou-me para ele, então, escorreguei em seu colo.

“Barton a trancou, esperou, até os sintomas de abstinência começarem. Só então soltou seus capangas sobre ela.”

Senti a bile na minha garganta. “Você quer dizer...”

“Isso aí, amor. Eles a levaram. Não sei quantos, ou por quanto tempo, o tempo todo o corpo dela estava se desligando das drogas, deixando seu sistema, tão de repente. Ela morreu durante isso.”

Pude ler a horrível realidade, por trás de suas palavras. Eles a estupraram até que morresse e, provavelmente, nem perceberam que ela tinha ido embora, imediatamente.

Sketch continuou, como se soubesse que eu precisava terminar.

“Barton enviou uma foto dela, para o clube, endereçada ao Indian. Tinha uma nota, descrevendo tudo isso para ele. Isso foi o que, realmente o quebrou. Ele queria Barton morto, mas queria fazer o filho da puta ver como seu pequeno império foi desmantelado primeiro.”

“Indian estava fora, por sangue. O clube estava separando os soldados de infantaria e ele estava, pessoalmente, encontrando-se com pessoas poderosas, que apoiavam Barton, para levá-los a recuar. Não sei como ele fez isso, mas conseguiu puxar muitos deles. Mesmo assim, Barton não quis descer.”

Eu sabia que estávamos lá, mas não estava pronta. Ouvir o que aconteceu com minha mãe, deixou-me fraca demais para aguentar.

“Barton sabia que era Indian que liderava o clube, para ir atrás dele. Ele ordenou hits nele, mas ninguém poderia terminar o trabalho. Então, Barton tomou em suas próprias mãos. Indian tem uma ameaça, uma que ele não pôde ignorar.”

“O quê?” Perguntei, minha voz trêmula e rouca.

“Ele ameaçou você. Disse que iria pegá-la e usá-la, para substituir sua mãe...” disse, amaldiçoando. “Não posso, Ash. Não posso falar sobre essa merda. Não consigo pensar naquele filho da puta ameaçando você. Na época ou agora.”

“Tudo bem”, eu disse a ele, sem saber se alguma coisa realmente era.

Ele empurrou. “Indian, ele perdeu isso. Foi atrás do próprio Barton, mas o filho da puta armou, vazou informações falsas sobre um encontro que teria. Quando Indian chegou lá, Barton estava esperando por ele.”

Levantei a mão trêmula para fazê-lo parar. Não consegui ouvir mais nada. Conheci o resto. Papai levou cinco tiros no peito. Estava morto, antes de levar o tiro final, estilo de execução.

Tudo saiu de mim. Segurei o tempo todo que Sketch estava falando, mas não pude mais fazer isso. Soltei soluços enormes e sufocantes. Chorei por minha mãe, por quão doente ela estava e pelas coisas horríveis que aconteceram com ela. Mas, principalmente, chorei pelo meu pai. Ele fez tudo, todos os combates, para deixar a mãe limpa, o dinheiro, as horas e a preocupação. Ele foi para a guerra com Barton, por causa disso.

Ele morreu, porque Barton me ameaçou.

Chorei, porque ele não merecia aquela vida. Chorei porque não merecia perdê-lo.

Chorei por tanto tempo, as lágrimas secaram e tudo o que restou foram os soluços vazios, vindo dos meus pulmões doloridos.

Todo o tempo, Sketch me segurou perto. Ele era minha âncora, como quando eu perdi meu pai pela primeira vez.

Sem ele, eu não poderia ter feito isso.

CAPÍTULO 27



Sketch

A cadeira foi voando para a parede. Fotos penduradas, ao redor da sala, sacudiram, um par, perto do ponto de impacto, caiu, quadros e vidro batendo e rachando. Um rugido de fúria subiu, acima dos pequenos sons e se arrastou, quando os irmãos se levantaram.

Eu não me mexi.

Roadrunner estava fora de si. Eu conhecia o sentimento. Nunca esquecerei isso. Todo homem, na sala, que poderia tentar contê-lo, não faria nada. O tipo de ira que estava soltando, não podia ser contido. Ele tinha que deixar essa merda ou iria matá-lo.

Quando a quantidade de destruição que pôde soltar no pequeno espaço, esgotou-se, ele se virou para mim. "Diga-me que temos informação suficiente para encontrar este filho da puta," ele exigiu.

"Tenho alguns. Primeiro nome. Costumava estar em Seattle. O fato de que estava morando com a cadela. E possível prisão," expliquei, em uma voz muito mais calma do que sentia.

Nós estávamos tendo missa. Todos os irmãos estavam em uma grande mesa de carvalho, na sala que usamos para aquelas reuniões privadas. Pres estava na frente, sentado em frente a um mural do patch dos Savage Disciples. Ele também não se levantou, para tentar conter Roadrunner.

Alguns dias depois que dei a Ash a verdade sobre Indian e Barton, Stone ligou para o encontro mais cedo, mas Ash estava lutando com o conhecimento do que havia acontecido com seus pais. Eu não estava disposto a deixá-la passar por isso. Só cedi,

porque ela começou a parecer melhor e essa merda precisava ser resolvida, imediatamente.

Meu estômago ainda estava voltando, de ter que contar aos irmãos sobre o que aconteceu com Ash. Não dei a eles toda a história, como ela fez comigo, mas dei o que eles precisavam saber. Encontrar aquele desgraçado Jackson acabou de se tornar uma prioridade, para todos os homens daquela sala. Porra, matou-me compartilhar, mas precisava deles.

Roadrunner girou o caminho de Jager. "Você está nisso?"

"Estou comendo e respirando essa merda, nos últimos dois dias", confirmou Jager. "Vou continuar vivendo, até o conseguirmos."

Roadrunner, apaziguado, embora não menos pronto para matar, voltou para seu lugar à mesa. Uma cadeira foi passada do fundo da sala, já que a dele não servia mais para sentar. Todos se sentaram de novo, mas não havia como acomodar o quarto. Os Disciples estavam sedentos por sangue.

Mantive meus olhos em Roadrunner. Eu sabia que ele seria o mais afetado pelas notícias.

"Quando nós o pegarmos, é o seu negócio. Dê-lhe isso, porque ela é sua mulher. Mas estou pedindo uma virada com ele, por Indian."

Jackson era meu. De jeito nenhum daria isso e estava feliz que ele não estivesse insistindo nisso. Queria o idiota para mim mesmo, mas Roadrunner, acima de tudo, ajudou a levantar Ash. Indian era como sangue para ele e Ash era sua afilhada. Eu queria ser egoísta, mas poderia dar isso ao meu irmão. "É seu."

Ele não disse mais nada, apenas me deu um aceno de cabeça e voltou para o quarto em geral.

Stone retomou o comando. "Você já conseguiu alguma coisa, Jager?"

"Nome completo é Jackson Dewitt. Pegou cadeia por posse de drogas, ficou for a por três anos, na época. Ainda não consegui entrar em contato com alguém que possa

saber, mas acho que ele estava traficando e, provavelmente, ainda está. Muita merda aparece em seu registro, principalmente relacionado a drogas, algumas lutas, uma ligação doméstica, que nunca se tornou uma acusação formal. Encontrei o apartamento, que estava em seu nome, mas eles foram despejados. Chamado o senhorio, disse que não tinha um endereço de encaminhamento. Disse-me que ele os despejou, porque estavam causando problemas, festas, reclamações de barulho, personagens desagradáveis indo e vindo, pagamentos de aluguel atrasados.”

“Segui a trilha de papel para a prima também. Ela caiu por assalto, pegou um ano de cadeia. Consegui encontrar o endereço dela, ainda em Seattle. Pelo menos é o que ela registrou no arquivo, com seu agente de liberdade condicional. Pelo que posso dizer, ele nunca acompanhou, então há uma chance de ser falso. Estou pensando que é improvável, no entanto. A cadela não me parece tão brilhante e ela não sabe que tem razão para se esconder. Não foi possível encontrar um endereço para Jackson. Ele, provavelmente está com ela ou alguma outra garota. Tentei conseguir o senhorio para seu lugar, mas parece que ele não é o tipo eficiente de retorno de chamada.”

Dois dias e já tinha tudo isso. Fodido, era um mestre.

"Bom. Nós começamos então," disse Stone. "Não quero perder tempo com isso. Quero aquele idiota lá fora no galpão, dois dias atrás. Alguém esteja lá em cima, para verificar o endereço. Veja se podemos prender Jackson lá, pegue a cadela, de qualquer forma. Se não pudermos sentir o cheiro dele, vamos ver o que tiramos dela." Ele olhou na minha direção. "Este é seu show, irmão. Diga quem anda com você e conseguirá."

"Não vou", disse a ele, surpreendendo alguns. "Ash não está lidando bem com essa merda voltando e ainda menos, com o conhecimento que tive que contar sobre o que aconteceu com Indian. Eu a tenho e uma filha aqui, para focar, particularmente, com o resto da porcaria que ainda temos rodando."

"Justo suficiente", respondeu Stone.

"Eu vou montar", Roadrunner se ofereceu. Não é surpreendente.

"Estou dentro", acrescentou Slick. "Estarei lá para entrar, sem deixar sinais de entrada, se precisarmos nos sentar nele." O pai de Slick era um serralheiro, ensinou-lhe o ofício. Não havia nada em que ele não pudesse entrar ou sair, com o equipamento certo.

"Eu", Jager colocou.

"Feito", terminou Stone.

Joguei a cabeça para cada um dos irmãos. Eles sabiam o que sua tarefa significava para mim. Slick tinha uma esposa grávida e uma criança em casa. Voluntariar-se para sair, disse-me que sabia, exatamente, o que eu estava sentindo.

"Como se isso não fosse todo fodido o suficiente", continuou Stone, "ainda temos que conversar sobre Barton."

Tank falou então. "Tenho outro envelope." Ele jogou uma pilha fina de papéis sobre a mesa, acenando para mim.

Outra foto de Ash, igual ao primeiro set que eu tinha, que, finalmente, vi. Se não estivesse enganado, era uma das imagens originais. Definitivamente, ela caminhava para trabalhar de uniforme, por isso não era recente. Folheei as próximas fotos: cada uma das garagens do clube, uma, que parecia ser a de Gauge e Ham, enquanto eles percorriam a cidade e depois, outra de Ash. A imagem final foi a mesma da primeira correspondência, aquela em que estava olhando na direção da câmera. Desta vez, havia uma mensagem diferente, rabiscada nela.

Não se acostume a tê-la por perto.

Foda-se isso.

Joguei a pilha para baixo. "Temos que calar esta merda."

Tank respondeu: "Recebi uma mensagem dos Bastardos, a informação deles diz que Barton se encontrou com os italianos. Parece que está lutando. Ele nem arriscaria essa merda, se pudesse evitá-lo. Seus soldados estão desertando. O policial Andrews diz

que tem dois sob custódia e um deles começou a cantar. O miserável está desesperado. Ele não tem muita proteção, mas isso o torna mais perigoso.”

“Você acha que ele será um kamikaze, em vez de desaparecer?”, Perguntou Gauge.

“Com esse filho da puta, não podemos ter certeza”, disse Stone. “Bloqueio leve, começando agora. As mulheres não saem desprotegidas.” Ele olhou para Gauge e Slick. “Eu encorajaria vocês dois a mudarem suas famílias para cá, ou para a fazenda. Mais corpos à vista, para manter todos seguros. Sua chamada.”

Os dois homens deram levantamentos de queixo, reconhecendo a oferta. Acho que eles convenceriam suas mulheres a fazer isso. Gostaria que Ash e eu morássemos em outro lugar.

“Até essa merda acabar, todo mundo está carregado, em todos os momentos. Não vou deixar ninguém se machucar, porque subestimamos o risco. Todo mundo está armado, mesmo em casa.”

Eu ia ter que falar com Emmy. Ela era jovem, então, não entenderia o alcance completo do que armas poderiam fazer, mas precisava entender que elas estavam fora dos limites. Nenhum dos irmãos era estúpido o suficiente para deixá-los de fora e eles sabiam como usar a segurança, mas não era o tipo de merda que eu correria riscos.

“Tudo bem, acabamos aqui”, anunciou Stone. Ele bateu o martelo velho e gasto contra a mesa, antes de colocá-lo de volta na prateleira da parede. Os irmãos começaram a se movimentar. Um par pegou as fotos caídas. Esperei, porque sabia o que estava por vir.

Roadrunner veio em minha direção. Eu me levantei, mas o deixei se aproximar.

“Ela está bem?”

“É difícil para ela, isso voltar e agora, saber que todos os irmãos saberão. Ela é forte, no entanto. Passando por isso.”

“Não quero que fique ofendido, quando digo isso, porque sei que você vai fazer, mas minha promessa a Indian acabou”, disse ele. “Cuide dela.”

Eu não ficaria ofendido com isso. Alguém mais, se me dissesse para cuidar de Ash, como se já não estivesse fazendo isso, ficaria chateado. Roadrunner não precisava explicar, eu sabia que ele se sentia assim.

"Eu sempre vou", jurei.

Ele não disse mais nada. Eu sabia que ainda estava lutando para manter tudo junto. Se fosse qualquer outra pessoa, sentiria pena de Jackson. Roadrunner estava em uma guerra e nada iria parar o homem. Desde que foi Jackson que ele estava atrás, senti vontade de sorrir, pela primeira vez em dias.

Aquele idiota era tão bom quanto eu.



Ash estava sentada ao meu lado no sofá, as pernas para cima e no meu colo. Ainda estávamos no clube, saindo com Gauge, Cami, Slick, Deni e Ham. As garotas estavam saindo, enquanto estávamos na missa. Slick e Gauge não tinham mais a ideia de deixar suas mulheres ou filhos em casa, do que eu.

Quando o encontro acabou, fui direto para Ash. Seria desconfortável para ela, os caras sabendo o que tinha acontecido e estava pronto para tirá-la e Emmy de lá, se precisasse. Ela decidiu que deveríamos ficar por perto e não tinha certeza se deveria ter ficado surpreso ou não. Minha guerreira.

Nós ficamos com todo mundo, por algumas horas, pedindo pizza, com a qual Emmy ficou empolgada. Estávamos todos na sala principal, enquanto o filho de Cami e Gauge, Levi e a menina Jules, de Slick e Deni, dormiam, em um dos quartos. Emmy estava no chão, desenhando. Felizmente, eu tinha alguns lápis de cor, escondidos no meu quarto, no clube. Claro, eles eram materiais de arte, não de criança, mas eu não

dava a mínima. Minha princesa gostava de colorir, ela podia usar qualquer coisa minha, que quisesse. Se ela quebrasse, eu compraria mais.

"Você está bem, Deni?" Cami perguntou.

Todos nós olhamos para Deni olhando desconfortável e Slick, esfregando suas costas.

"Enjoo matinal", explicou ela. "Não é ruim, só um pouco enjoada."

"São sete horas da noite", apontou Ham.

"Enjoo matinal é um nome ruim. Ele vem quando quer," Deni explicou.

Ash falou ao meu lado. "Sim. Quando eu carregava Emmy, eram duas vezes por dia, como um relógio."

"Sério?" Deni perguntou. "Isso é uma merda."

Ash assentiu. "Sim e passou do terceiro mês. Tive durante a maior parte da minha gravidez. Todos os dias, uma vez no início da manhã, novamente à tarde. Não foi tão ruim, no entanto. Eu estava trabalhando, então foi legal que fosse pelo menos regular. Passei por isso antes do trabalho, então dei um tempo, quando voltou. "Ela deu de ombros como se não fosse grande coisa.

Eu não senti que não era grande coisa. Ash estava doente quase o tempo todo que carregava Emmy e pior, tinha que trabalhar com isso.

Não querendo ter a conversa com todos ao redor, mas precisando saber, perguntei: "Você trabalhou o tempo todo?"

Ela parecia envergonhada e eu odiava isso ainda mais.

"Bem, só tive muito tempo livre e, realmente, precisava guardar dinheiro, antes que Emmy chegasse. Eu queria ter o maior tempo possível com ela, depois que nascesse.

Meu braço foi ao redor de seus quadris, puxando-a para mais perto, quase a sentando no meu colo. Inclinei-me mais perto dela, para afastar o resto do quarto. "Da próxima vez, vou cuidar de você. Trabalhou tão duro para Emmy e isso faz de você uma mãe incrível. Próximo bebê, cuidarei de vocês duas."

Ela se moveu para mim, colocando a cabeça no meu ombro. Acomodei-me de volta no sofá, sentindo-me melhor. Morar no passado não ia nos fazer bem algum. Ash era incrível. O jeito que se sacrificou por Emmy era lindo, mesmo que doesse. No futuro, eu faria melhor.

Percebi que Cami e Deni estavam lançando olhares de aprovação para mim, mas preferi ignorar isso. Eu só precisava da aprovação de uma mulher... bem, uma mulher e uma garotinha.

Falando nisso, Emmy estava indo em nossa direção. Ela subiu no sofá ao meu lado e se inclinou para perto.

"Papai, esqueci qual porta era o penico", ela tentou sussurrar, mas foi alto o suficiente para toda a sala ouvir. O corpo de Ash trancou contra mim.

Apontei para uma porta, do outro lado da sala. "Aquela, princesa."

"Ok". Ela deu um beijo no meu queixo e correu para a porta.

Uma vez que se fechou atrás dela, Ash sussurrou: "Papai?"

Evidentemente, não planejei isso. Não esperava que Emmy o usasse tão cedo, particularmente na frente de Ash. Não poderia me importar que ela fez, no entanto. Ash e eu estávamos juntos novamente, seguindo em frente. Emmy ia me chamar de papai, em algum momento, estou fodidamente excitado que ela estava pronta para fazer isso já.

"Eu sou", disse a Ash, como se não fosse nada.

"Você disse a ela para chamá-lo assim?"

Não em tantas palavras, mas também não a desanimei. "Não."

"Ela já disse isso antes?"

"Uma vez. Perguntou se eu ia ser o pai dela, porque queria que eu fosse," expliquei.

Seus olhos ficaram grandes e ela estava piscando rápido, tentando não chorar. Eu esperava que ela dissesse que era cedo demais, que deveríamos impedir Emmy de

dizer isso. Esperava que isso se transformasse em uma discussão, que teríamos que ter mais tarde sem um público, porque ela se empolgaria.

O que consegui foi: "Você sabe como encantar as garotas Thomas, hein?"

Porra. Sim.

Era uma deflexão, mas ela evitou admitir que amava que nossa filha estava me chamando de papai.

"Não importa, vocês duas serão garotas de Davies, em breve. Mas vou tentar continuar encantando você."

Ela deu um pequeno sorriso e a beijei nos lábios.

Ah sim, eu venci.

CAPÍTULO 28



Sketch

"Emmy, este é Doc", apresentei minha garotinha ao Disciple mais velho.

"Olá, bonequinha", cumprimentou Doc.

Emmy o acolheu e disse com uma voz muito séria: "Você parece o Papai Noel".

Soltei uma risada. Oh cara, isso foi brilhante. Alguém mais disse isso ao Doc e aprendeu uma lição. Emmy disse isso e ele sorriu, com a barba desgrenhada, que estava ficando mais branca o tempo todo.

"E você tem um nome de anão", Emmy continuou.

Doc e eu estávamos rindo então, fazendo Emmy rir. "Isso faz de você Branca de Neve?" ele perguntou.

"Sim", ela concordou.

"Então isso faz quem de mim?"

"Dunga!"

Droga. "Isso é frio, querida."

Coloquei-a no sofá, com um jogo que baixei no celular e fiz um gesto com a cabeça, para que Doc entrasse na outra sala comigo.

"Você consegue o que precisa?", Perguntei.

"Sim", respondeu. "Acho que sei por que isso é necessário, mas estou me perguntando por que você não poderia entrar e fazer isso?"

"Ash não quer que ela seja testada. Prefere não saber. Eu não posso pegar Emmy lá e voltar, sem Ash descobrir ou sem Emmy contar a ela sobre isso, depois," expliquei.

"Então tenho que perguntar, você acha que talvez não deva fazer isso?"

Pensei nisso. Pensei em mentir, mas então, pensei que não deveria. Fui para cama,, ao lado de Ash todas as noites e acordei com ela todas as manhãs para tirar Emmy da cama. Passei o tempo que pude com elas quando os negócios e o trabalho do clube não me levaram embora. Desde a noite em que desisti da discussão sobre testes de paternidade, repensava mais vezes do que podia contar.

Então, vi o rosto de Ash, quando ela ouviu Emmy me chamar de papai. Havia algo sutil nisso que eu não entendia, até horas depois.

Nós estávamos na cama, quase dormindo. Emmy tinha sido exigente para ir para a cama e Ash estava preocupada. Então, tanto quanto eu queria tê-la nua e implorando por mim, nós mantivemos as roupas. Foi uma boa ligação, o tipo que uma boa mãe como Ash faria.

Algumas horas depois, a porta se abriu.

Nós dois nos sentamos. Emmy estava entrando, seu lábio inferior saindo e tremendo, sua pele pálida e os braços cruzados sobre o estômago. Eu estava de pé em um segundo, mas Ash já estava com ela.

"Baiga dói," Emmy murmurou.

Como algum tipo de super-herói, Ash a pegou e desceu o corredor, até o banheiro. Segui depois delas. Ash mal a levou lá, antes que Emmy estivesse doente. Passei por muita merda, ao longo dos anos, estive em lutas que perdi, mas essa merda não pegou uma vela, para ver minha filhinha ficar doente. Ela começou a chorar e juro por Deus, teria matado, para fazer isso parar.

Assim que acabou, Ash limpou Emmy e a trouxe de volta para o quarto. Deixei tudo pronto, para o caso de a minha princesa ficar doente de novo, depois enfiei as duas na cama. Meu plano era deixá-las, mesmo que isso me destruísse. Antes que pudesse, Emmy alcançou seus braços pequenos.

"Não, papai. Preciso de você."

Cristo.

Não havia jeito que pudesse negar isso a ela. Deitei-me, puxando minhas duas meninas para meus braços. Emmy se aconchegou no meu peito, mas não saiu da mãe.

"Te amo mamãe. Amo você, papai", ela disse em voz baixa, enquanto adormecia.

Foi quando eu vi. Na luz que vinha do armário, que deixamos para Emmy, pois tinha medo do escuro, vi o desejo nos olhos de Ash, o tipo de desejo que eu conhecia. Era o desejo que você sentia, quando tinha certeza de que nunca conseguiria o que queria. Eu me senti assim por quatro anos e meio. Vendo aquela expressão, deu-me a resposta que estava procurando.

Então, liguei para o Doc e preparei tudo.

"Ash precisa disso", expliquei para Doc. "Ela pode dizer o que quiser, mas não está aceitando que Emmy é minha. Ela não está deixando isso passar. Quer tanto que Emmy seja minha filha, mas está envolvida nessa ideia de que é sobre o DNA."

"E se você não descobrir o que quer?", Perguntou ele.

"Não direi a ela. Não dou a mínima para o que esse teste diz. Emmy é minha, de qualquer forma. Se fosse sobre mim, não estaríamos fazendo isso. Isto é sobre ver se posso ajudá-la. Quero que ela seja capaz de seguir em frente. Talvez possa fazer isso sem saber, mas acho que parte dela sempre vai lutar, se tiver essa dúvida.

Doc me mediu, do jeito que sempre fez. "Você, realmente, tem certeza que pode viver com esse conhecimento?"

Pensei se tinha ou não tinha certeza. Algumas semanas atrás, na primeira noite em que Ash estava de volta, poderia não ter conseguido lidar com isso e ia querer descobrir se Emmy era minha.

Agora conhecia Emmy. Eu a amava. Ela era minha filha e nada poderia mudar isso.

"Sim. Tenho certeza."

"Tudo bem então", disse ele.

Ele virou as costas para mim, tirando as luvas e tirando o que precisava. Doc era um médico de verdade. Bem, tinha sido. Ninguém sabia a história do que o afastou da prática. Ele não falou sobre essa merda. Não falou muito sobre si mesmo. O que todos sabíamos era que seu conhecimento médico dava-lhe uma fodida bênção. Ele poderia nos consertar e, poderia, literalmente, dismantelar um ser humano.

Ele voltou para mim. "O teste é simples. Tem que esfregar o interior da sua bochecha, depois a de Emmy. Não posso fazer o teste real aqui. Não tem o laboratório. Meu amigo vai administrá-lo, para que não tenhamos que lidar com o tempo de retorno, em um laboratório destinado apenas a executar esses testes. Também elimina uma trilha de papel, se isso não resultar bem. Não há registros. Seus nomes nem serão anexados."

"Bom."

Eu não tinha ideia de como as informações poderiam voltar para Ash, mas queria evitar isso a todo custo.

"Abra", Doc instruiu em seguida, correu o cotonete dentro da minha bochecha. Colocou o cotonete em um frasco, com um pouco de líquido. "É isso, só preciso fazer o mesmo para a pequena."

Nós pegamos Emmy, o que ela fez, sem qualquer dúvida. Não fiquei surpreso, mas fiquei feliz. Se ela tivesse ficado mais curiosa, poderia ter dito alguma coisa para Ash. Eu não precisava disso, pelo menos por alguns dias, até conseguir recuperar os resultados.

Estava planejando nos tirar de lá e voltar para a fazenda, quando Stone me parou.

"Sketch, preciso de um minuto." Ele se ajoelhou, para aceitar o abraço que Emmy estava levantando os braços. "Como você está, querida?"

"Estou bem. Posso estar com o papai hoje, " ela respondeu.

"Oh sim? Onde está sua mãe?"

"Em casa", forneci. "Alguém ficou doente ontem à noite e Ash não dormiu bem, preocupando-se. Eu a fiz a pegar leve, trouxe Emmy comigo."

Stone olhou para longe de mim, no segundo em que a palavra "doente" saiu da minha boca. "Você não está se sentindo bem, pequena?"

Sua cabeça se inclinou, seus cachos caindo para o lado. "Tive problema de baiga."

"Você está bem agora, certo, baby?" Perguntei.

"Tudo melhor", ela concordou.

"Bom", disse Stone.

"Você pode sair por mais um minuto, princesa?" Perguntei a Emmy.

Sua mão subiu imediatamente. "Jogos?"

Em algum momento, eu ia parar de ser tão ingênuo com ela. "O que você disse?"

Ela fez uma careta, em retaliação. "Pofavô?"

Ela estava brincando comigo. Não me importei. Foda-se, a mãe dela poderia ser a pessoa que estabeleceu a lei. Entreguei meu telefone.

Stone e eu andamos alguns metros, antes que ele falasse rápido, em voz baixa. "Roadrunner entrou. Nenhum sinal de Jackson ou Penelope, no endereço. Eles esperaram por um dia, depois entraram. Ninguém está lá. Definitivamente, o lugar é de Penelope, no entanto. Correio e merda toda endereçada a ela, comida recentemente reabastecida. Eles estão de olho nele agora, enquanto Jager tenta obter mais informações. Ele só conseguiu entrar em suas contas, a partir da informação que

encontrou no apartamento. É por isso que ele ligou, para atualizar. Ela faz qualquer coisa no crédito ou no débito, ele sabe e pode consegui-la.”

"Algum sinal de que Jackson esteve lá?", Perguntei.

“Roupas masculinas e merda por aí, mas nada que eles pudessem encontrar, com sua identificação. Poderia ser ele, poderia ser que ela tem outro cara, lá em cima. Jager ainda está pesquisando Jackson, para ver se ele pode dar um tempo. O mais provável é que pegar a cadela, tenha que ser o primeiro passo. ”

Eu odiava o maldito jogo de espera. Jackson era um fantasma, se Jager não pudesse encontrá-lo. Se não estivesse com a prima puta de Ash, estava começando a me preocupar que não o encontrássemos.

“Tudo bem, irmão. Obrigado por me atualizar. Apenas me mantenha informado, quando acharem aquela vadia.”

"Você tem isso", prometeu Stone.

"Emmy e eu vamos sair", disse como um adeus.

Enquanto a levava para o carro, Emmy manteve sua atenção no jogo, que estava jogando. As vezes que chequei, tinha certeza que ela continuava morrendo e voltando. Ri. Ela não tinha ideia do que estava fazendo.

Enquanto a pegava, em seu assento de carro, meu telefone começou a tocar em sua mão. Ela estendeu a mão, dizendo: "É para você."

"Você vai ser minha secretária agora?" Perguntei, mas ela não tinha ideia do que eu estava falando. Balançando a cabeça, atendi a ligação. "Olá?"

"Oi, querido", a voz doce de Ash veio através da linha.

“Oi, Vagalume.”

"Onde estão vocês?"

“No clube. Estou a colocando Emmy em seu lugar, para podermos voltar para você.”

"Ela está indo bem ainda?" Preocupação coloriu seu tom.

"Ela está bem", disse. Virei o telefone na direção de Emmy. "Diga oi para a mamãe, princesa."

"Oi, mamãe!" Ela gritou.

Quando voltei o telefone ao ouvido e preendi Emmy na cadeirinha, ouvi Ash rindo. "Amo esse som, querida."

Ela mudou de assunto, em vez de responder, como sempre. "Bem, só queria checar vocês dois. Acabei de sair do banho e não tinha certeza de quando voltaria."

Parei, antes de abrir a porta do motorista. "Você tomou um banho sem mim?"

"Sim, querido. Como costumo fazer.

"Você não deveria. Sou um bom companheiro de banho e isso é importante para o meio ambiente e merda."

"O ambiente e merda?" Ela brincou. "Um banho com você, não vai economizar água. Levará três vezes mais tempo."

"Ei, só gosto de ser muito minucioso. Você não pode me culpar, por querer ficar bem limpo."

Porra, estava começando a ficar duro, tendo pensamentos muito sujos sobre limpá-la.

"Só depois que você me sujar."

Sim, isso foi demais. Eu estava muito duro. Ash não falava assim muitas vezes e era o suficiente, para quebrar minha contenção.

"Hoje à noite," avisei, "você vai pagar, por me deixar duro, quando estou prestes a entrar no carro, com a nossa garota."

Ash soltou um suspiro abafado e pude imaginá-la mordendo seus lábios rosados. Essa imagem não estava ajudando. Precisava sair do maldito telefone, antes de perder o controle de mim mesmo.

“Estaremos em casa em breve. Você e eu discutiremos seu retorno, mais tarde.”

"Ok," ela respondeu, ofegante.

Respirei fundo várias vezes, depois que desligamos, tentando controlar minha ereção, antes de entrar no carro. Uma vez que comecei a descer, eu entrei.

“Tudo bem, princesa. Vamos chegar em casa, para a mamãe.”

"Mamãe!"

Pelo menos eu não era o único animado.

CAPÍTULO 29



Ash

"Eu disse a você que voltaria," disse, colocando outro pacote de flores, no túmulo de papai. "Sinto Muito. Eu não trouxe Emmy, dessa vez. Deni a está observando. Quero esperar, para que possamos ter Gabe conosco, mas ele não poderia hoje. Não tenho certeza se ela pode compreender isso ainda. Vai ser bom para nós dois, tê-la por perto."

Olhei para Ace, meu guarda. Ele ficou preso comigo muito tempo. Acho que só porque ele mora na fazenda conosco. Estava por perto, então, conseguiu o emprego.

"As coisas mudaram muito. Emmy chama Gabe de papai, agora. Ele é tão bom com ela. E a ama. Ama a nós duas," eu ri. "Não sei como chegamos tão longe de onde estávamos, na última vez que te visitei."

"É onde eu deveria estar. Agora entendi. Gabe conseguiu o tempo todo. Você sempre disse que eu pensava demais sobre as coisas e deixava minha cabeça ficar no caminho. Estava certo. Sempre estive certo."

Um assobio severo interrompeu minha linha de pensamento. Vi Ace apontando para baixo e fazendo um movimento silencioso. Ele puxou uma arma, tenho certeza. Moveu-se rápido e cuidadoso, em direção a uma área arborizada, à beira do cemitério. Não vi ninguém, na direção em que estava indo, mas não me arrisquei. Fazendo o que ele disse, abaixei-me e me movi por trás da árvore, ao lado do túmulo do papai.

Provavelmente, era apenas Ace sendo super protetor. Ainda assim, ele pensou que havia algo errado. Foi esse motivo, para pedir um backup? Eu não sabia. Não poderia

perguntar a Ace também. Debati sobre isso, por mais tempo do que uma situação, em que uma arma sendo puxada, provavelmente, justificava antes de pegar meu telefone.

Duvidava que os Disciples se importariam, se eu fosse mais cautelosa.

Disquei primeiro Sketch, mas ele não respondeu. Não me contou, naquela manhã, o que ele estava fazendo. Disse que tinha trabalho a fazer, mas não se era trabalho do clube ou se tinha um horário, com a tatuagem. Tentei uma segunda vez, apenas no caso de ele não ter ouvido, em seguida, liguei para Stone.

Quando ele também não respondeu, deixei uma mensagem. "Um... oi." *Oi?* Deus, eu precisava juntar tudo. "Ace me levou ao cemitério, para visitar o túmulo do papai. Ele apenas me indicou para descer e começou a sair. Estava tirando sua arma. Eu não sei."

Uma mão envolveu meu pulso, puxando o telefone para longe da minha orelha. Ele apertou, até que a dor me obrigou a soltar. Um puxão agudo fez-me encarar um homem mais velho, que nunca tinha visto antes. Ele parecia desganhado, embora não de uma forma proeminente. Seu cabelo estava fora do lugar, mas a textura gelada, dizia que tinha sido estilizado. Sob o paletó desabotoado, sua camisa estava parcialmente aberta, mas ele se parecia muito com o tipo de homem que, normalmente, não parecia assim. Mais aterrorizante, havia um olhar enlouquecido brilhando, através de sua expressão.

Ele sorriu para mim de uma maneira, que fez minha pele arrepiar. "Bem, olá. Acho que é hora de nos conhecermos. Você se parece muito com sua mãe prostituta."

Barton.

Porcaria.

Procurei o telefone, mas estava na outra mão dele e ele notou que eu vi.

"Oh, procurando por isso? É mesmo uma vergonha ter enviado essa mensagem, Ashlynn. Preferiria não ser interrompido. Agora, meu associado terá que despachá-lo com pressa, para que possamos partir, antes que sua companhia chegue."

Ace. Oh, Deus. Esperava que ele estivesse bem.

Barton jogou meu celular no chão, tirando uma arma do paletó e atirando uma única bala na tela. Pulei para trás e ele virou o cano pra mim.

“Agora, querida, sinceramente, espero que não tenha ilusões de fazer algo tolo. Se correr, vou atirar. Não hesitarei.”

Ele estava falando sério, era óbvio, pela maneira como pronunciava o aviso, como se estivesse me informando de um simples fato, em vez de ameaçar minha vida. Mesmo que eu não soubesse o que ele fez com minha mãe, teria levado suas palavras ao coração.

Havia um tipo perturbador de clareza, que se instalava, quando um homem como Barton virava uma arma em você, um homem perturbado e insensível o suficiente para puxar o gatilho, sem pensar duas vezes. Fiquei extremamente ciente de tudo. Não havia tremor, na mão de Barton, não havia probabilidade, de que tentar correr funcionasse. Ele não era um assassino em pânico, que perderia um alvo em movimento.

Também me dei conta de uma qualidade mínima, para a presença dele, que o fazia parecer instável. Algo sobre ele me lembrou do ditado “águas paradas são profundas.” Com exceção das pequenas falhas, em sua aparência, nada me causou essa impressão. Ainda assim, eu sabia que era verdade. O que quer que ele estivesse me mostrando, havia algo inteiramente instável, no seu coração. Stone me disse que sua infraestrutura estava desmoronando e ele estava ficando desesperado. Eu me perguntei se era isso que eu estava vendo.

Finalmente, estava ciente de que não conseguia identificar nenhum som que pudesse ser Ace. Estava com medo que o homem de Barton o tivesse machucado, ou pior.

Precisava encontrar uma maneira de me comprar tempo. Eu não sabia onde Stone estava, ou quando ele checaria seu telefone. Espero que seja em breve. Consegui dizer a ele onde eu estava. Precisava me manter lá, até que os Discípulos pudessem vir.

"Você não vai atirar em mim, de qualquer maneira?" Perguntei. Eu não sabia se era a pergunta certa. Mal sabia a coisa certa a dizer, quando a minha vida não estava na linha. Naquele momento, pegaria qualquer coisa que meu cérebro cuspsse.

"Tinha sido meu pensamento", explicou Barton. "Agora que estou vendo você, repensei minha posição." Ele se aproximou, sua arma pressionando contra meu estômago. Eu podia sentir o perfume del, e isso me fez engasgar. Sua mão livre desceu pelo meu braço, tocando, propositadamente, o lado do meu peito. "Tive que me livrar de sua mãe, antes de me satisfazer. Talvez agora, eu tenha outra chance."

Oh Deus.

Não. Prefiro morrer.

"Imagino que você será ainda mais agradável do que ela."

Incapaz de contê-lo, minha mente voltando para aquela noite horrível, quando Jackson se forçou em mim, vomitei violentamente.

Barton voou para trás vários passos. "Juro para você, cadela, se vomitar em cima de mim, vou fazer você pagar, porra."

Se eu não parasse, ele me faria pagar, de qualquer forma.

"Por que está fazendo isso?"

"Retribuição, querida," ele respondeu. "Retribuição àqueles malditos motociclistas, que achavam que podiam vir atrás de mim, sem consequências. Pensei que eles aprenderiam, quando eu colocasse seu pai bastardo no chão." Gesticulou com a arma na direção do túmulo de papai. "Mas parece que eles eram mais densos do que eu acreditei. Talvez, finalmente, entendam, quando eu entregar você de volta para eles, peça por peça."

"Eles não vão deixá-lo me levar. Provavelmente, já estão a caminho.

Ele levantou a arma, até que ela estivesse nivelada com a minha testa. "Cale a boca. Agora. Eu não vou jogar com você."

Fiz como ele disse.

"Nós vamos estar muito longe, antes deles chegarem, assim que Jones terminar de preparar o presente que vamos deixar."

Não perguntei, principalmente, porque ele ainda tinha a arma apontada para minha cabeça e eu estava com medo de falar. Barton me forneceu a resposta, de qualquer maneira. "Nós vamos colocar os pedaços de seu guarda, no túmulo de seu pai. Eles são irmãos ou bobagens, não são?"

Ace. Deus, Ace, por favor, fique bem, implorei em minha mente.

Barton baixou a arma, para mirar no meu torso novamente. Longos segundos passaram sem uma palavra, sem um som.

O silêncio foi quebrado por um ping eletrônico. Barton desenterrou um telefone do bolso, verificando a tela, enquanto o braço da arma permanecia firme. Ele olhou para mim com um sorriso, que o próprio Diabo iria se encolher.

"Hora de ir", disse-me. Ele varreu a mão, como um cavalheiro de verdade, como se isso negasse o fato de que tinha a mim sob a mira de uma arma e disse: "Senhoras primeiro".

Eu fiz o que ele disse, andando na mesma direção em que Ace desapareceu, embora tenha feito isso com passos lentos. Cada segundo contava.

"Mais rápido", ele exigiu, apontando a arma nas minhas costas.

Aumentei meu ritmo um pouco, mas andei devagar, novamente, enquanto continuávamos. Quando ele, finalmente, notou que estava diminuindo a velocidade, gritou para que eu acelerasse mais uma vez. Repeti o ciclo.

Chegamos à linha das árvores e hesitei. Barton não gostou disso. Sua mão cortou, agarrando meu cabelo. Com um puxão cruel, puxou minha cabeça para trás, então colocou a arma no meu queixo.

"Eu não lhe disse para parar. Você vai andar ou vou encontrar um lugar para colocar uma bala em você, que não vai interferir em entrar em você mais tarde."

Porcaria. Porcaria. Porcaria.

As árvores eram densas o suficiente, levou alguns instantes para meus olhos se ajustarem às sombras. À nossa frente, havia outro homem de terno. Ele parecia estar encostado a uma árvore atrás dele. No chão, a seus pés, um corpo estava deitado de bruços. Um corpo em um colete de couro preto.

"Não!" Eu gritei.

Meus joelhos cederam. Não poderia ser. Eles não poderiam ter pego Ace. Ele foi inocente, em tudo isso. Ele mal tinha sido um Disciple completo, por muito tempo. Não fazia parte da guerra com Barton. Ele só teve a podre sorte de ser o único a me proteger.

Barton chutou, ao meu lado, enquanto andava em volta de mim.

"Que porra demorou tanto, Jones?" Ele retrucou. "Precisamos sair daqui, antes daqueles filhos da puta."

Ele parou de falar abruptamente, mas não olhei, para ver o porquê. Meus olhos estavam em Ace, a quem eu poderia jurar que acabou de se mover. Foi apenas um pouco, apenas o braço dele. Talvez estivesse vivo. Talvez, se os caras chegassem logo, pudéssemos levá-lo ao hospital e...

Eu gritei, quando Ace estava, de repente, em pé, atacando Barton. Ele não foi rápido o suficiente. Barton deu meia-volta, levantou a arma e disparou. Ace nem demorou. Eu não consegui ver onde a bala estava, mas vi o recuo de sua parte superior do corpo, quando ela bateu. Ele se jogou em Barton, de qualquer maneira.

Os dois começaram a lutar, a mão de Ace ao redor da arma de Barton, os braços levantados para cima. Foi então que vi o sangue, na camisa do Ace. Estavam vazando, de cortes no tecido. Com seus ferimentos, eles foram pareados, mas eu estava com medo de que Barton logo tivesse a vantagem.

Ace alcançou atrás de suas costas, revelando uma arma sob seu corte. Ele sacou e atirou em Barton, mas já era tarde demais. Barton conseguiu se soltar de Ace e virar a arma para ele.

Eu gritei por Ace, no momento em que o tiro foi disparado e ele caiu no chão.

CAPÍTULO 30



Sketch

MAIS CEDO NAQUELE DIA...

Recebi a ligação naquela manhã. Durante a noite, Roadrunner, Tank e Jager, finalmente, conseguiram uma pausa. Penelope e Jackson tinham voltado para o apartamento, tropeçando de bêbados e altos. Os caras esperaram para entrar, assistindo a um feed ao vivo, que Jager tinha criado. Foram e os caras acertaram Jackson logo, antes de ter alguma reação.

Eu não poderia ter escolhido um horário melhor, se tivesse planejado sozinho.

“Bolas azuis, bem antes de sairmos dele. Fodidamente frio.” disse Daz.

Fiz um plano com Ash. Ela ia visitar o túmulo de seu pai, com Ace nela. Ele se ofereceu, mas não ficou totalmente empolgado, com a falta do show que iríamos fazer com Jackson. Deni estava assistindo Emmy, em sua casa. Slick estava em casa também, para protegê-las e Cami estava com eles. Slick também estava menos do que satisfeito em perder, mas sua mulher grávida era sua maior prioridade.

Stone abriu a porta do galpão, na extremidade da propriedade do clube, revelando o filho da puta amarrado à uma cadeira. O piso estava coberto por uma lona, procedimento operacional padrão, facilitando a limpeza.

Entrei, meus irmãos ficando ao meu redor.

"Como você o quer?" Stone perguntou.

“Amarrado.”

Ham e Gauge se moveram, para fazer isso. Eles o tiraram da cadeira, recolocaram as mãos e amarraram a corrente das algemas em um gancho reforçado, no teto. Ele estava pendurado pelos pulsos, seus pés não alcançavam o chão, enquanto dançava e estendia os dedos, para tentar. Todo o tempo, gritos abafados vinham de uma Penelope amordaçada, amarrada à sua própria cadeira, no canto da sala.

Uma vez que eles o amarraram, eu me aproximei.

"Olá, Jackson", disse, com um sorriso.

Ele começou a implorar como uma cadela, mas foi engolido pelo pano que o engasgava.

"Você sabe por que está aqui?"

Mais barulhos indistinguíveis vieram para mim. Tomei-os como um não.

"Você tocou em algo que não lhe pertencia."

Sua cabeça começou a balançar para frente e para trás, com mais ruídos incessantes acompanhando-o.

Peguei uma faca da mesa de trabalho, ao lado da sala e segurei na garganta do filho da puta.

"Cale a porra da sua boca," avisei. "Sei o que você fez. Estuprou minha mulher e vai pagar porra."

Ele não disse nada. Tirei a faca e, em seguida, empurrei-a em sua coxa, para mantê-la segura, enquanto me movia para a cadela amarrada, no fundo da sala. O grito de Jackson foi o melhor som que ouvi desde, que Ash veio no meu pau, na noite anterior.

Fiquei de pé ao lado de Penelope, que já tinha lágrimas no rosto.

"Não acredito em machucar mulheres", eu disse a ela e seu corpo relaxou. "Não pense que qualquer homem de verdade está bem com essa merda." Ajoelhei-me, para ficar no nível dos seus olhos e ela não sentiria falta do que eu estava dizendo. "Mas você, estou começando a questionar essa postura." Seus olhos se arregalaram, o corpo tremendo tanto, ela, provavelmente, e estava machucando sua pele contra as cordas.

"Ash, fodidamente, confiava em você. Aquele filho da puta a estuprou e ela lhe contou. Você a quebrou, do seu próprio jeito, com a besteira que falou. Por isso, vai pagar."

Fiquei de pé, apontando para o filho da puta choramingando que estava sangrando em todos os lugares. "Você o ama?"

Ela assentiu enfaticamente, como se isso fosse ajudar na situação.

"Bom. Então pode se sentar aqui e ver o que acontece com ele."

A cadela gritou, mas não lhe dei outro pensamento. Olhos no prêmio e meu prêmio estava esperando por mim.

Eu estava na frente dos meus irmãos, Jackson ainda gritava, fazendo uma bagunça, atrás de mim.

"Ash pertence a este clube, tanto quanto a mim", eu disse a eles. "Qualquer pessoa que sente que merece um tiro neste filho da puta, faça agora. Eu não vou parar, quando começar."

Roadrunner veio primeiro, como eu sabia que ele faria. O louco filho da puta agarrou um maçarico, uma ferramenta que Indian era conhecido, por ter uma certa afinidade.

"Um pedido, irmão," eu o parei, quando se aproximou. Ele não respondeu, apenas encontrou meus olhos. "Quero que ele fique consciente, quando eu chegar nele."

Ele sorriu e clicou no isqueiro de fricção duas vezes. Uma chama se acendeu do bocal do tanque de propano e se aproximou de Jackson, para fazer o trabalho.



Algumas horas se passaram, antes que fosse minha vez. O filho da puta desmaiou algumas vezes, necessitando que Doc entrasse com os sais aromáticos.

Fiquei gratificado pelo número que meus irmãos fizeram nele. Cada um deles deu um passo, não apenas os caras que estavam por perto, quando éramos crianças. Todos conheciam Ash, quando estavam por perto, antes que ela partisse, como das semanas em que ela chegara em casa. Testemunhar o sangue não era algo que eu queria para Ash, mas gostaria que ela pudesse ver todos os caras a vingando. Talvez então, realmente entendesse o que significava para o clube.

Quando pisei, Jackson era uma porra de bagunça. Todo tipo de fluido corporal estava nele.

Peguei um balde, que um dos irmãos tinha enchido com um pouco de água e coloquei em meus braços, percebendo que estava muito frio, quando espirrou nas minhas mãos. Com um bom impulso, joguei a água em Jackson e seus gemidos constantes se transformaram em um grito agudo.

"Basta limpar você", eu disse. "Não é divertido não poder ver nossa obra."

Fiquei ali por um momento, olhando o estrago que meus irmãos infligiram. Cortes, contusões, facadas e carne carbonizada cobriam todo seu corpo. Quando a água escorreu, o sangue escorreu de novo.

Eu peguei tudo, ouvindo a voz calma de Ash em minha mente. *"Ele me estuprou."*

A raiva foi construída. Senti isso se movendo através de mim, acendendo meu sangue. Ele a tocou e a machucou. Finalmente. chegou a hora de fazê-lo pagar.

Coloquei o balde ao lado de Jackson, então ele tombou. Agarrando uma longa lâmina da mesa, pisei no balde, para ficar alto o suficiente.

"Você tocou minha mulher", eu disse a ele, levantando as mãos frouxas acima das algemas. Apertei-as juntas, para que as costas se tocassem e, com um impulso poderoso, enterrei a faca nas duas mãos.

Descendo, chutei o balde para longe. Peguei um punhado de sal em um recipiente, no lado da sala e joguei contra o corpo de Jackson, visando as maiores feridas.

Enquanto isso queimava, por um tempo, examinei a seleção de ferramentas afiadas na mesa.

"Doc," chamei, mais alto do que o necessário.

"O que precisa, irmão?"

Ainda falando, certificando-se de que Jackson pudesse ouvir, até mesmo com a respiração ofegante e gemendo, perguntei: "Qual vai ser a melhor opção aqui, para a castração?"

Jackson, que não se mexeu muito em pouco tempo, seu corpo machucado incapaz de reunir forças, começou a se debater e lutar contra as algemas. O movimento piorou o sangramento e rasgou suas mãos. Sorri abertamente.

Antes que Doc pudesse me dar qualquer tipo de resposta, antes que eu pudesse escolher uma ferramenta para trabalhar, a porta se abriu. "Precisamos nos mover," ordenou Stone.

Eu me virei, infeliz, por ter sido parado. "Por que diabos?" Exigi.

"Ash ligou", disse ele e só isso me fez mover. Joguei a faca ensanguentada no chão. "Ace a levou para o cemitério, então disse a ela para se esconder e desceu, sumindo de vista. A mensagem foi cortada, no final."

Havia algo que ele estava segurando. "Diga", exigi.

Ele olhou diretamente para mim. "Ouvi Barton, antes de a mensagem ser cortada."

Sem uma palavra, peguei minha SIG, da parte de trás da minha calça jeans e dei três tiros no filho da puta do Jackson. Uma entre suas pernas, uma no intestino e uma na garganta. Ele sangrou. Não sobreviverá a isso. Então saí.

Dentro do clube, eu me armei, todos fazendo o mesmo. Estávamos todos em nossas motos, momentos depois, andando em direção ao cemitério a toda velocidade.

Na minha cabeça, um mantra constante continuou e continuou: *Apenas espere, Vagalume. Estou indo.*

Quando chegamos ao cemitério, eu estava pronto para andar na trilha que levava a campa de Indian. Stone, no entanto, levantou o punho para nos parar, no estacionamento. Todos pararam, incluindo a van, que alguém havia pegado. Jager saltou do banco do passageiro e anunciou: "Tenho acompanhado os dois telefones no caminho. Ash está embaixo. O último local parece ser ao lado do túmulo de Indian. Ace está a vários metros, a leste de lá."

Roadrunner falou em seguida. "Há alguns bosques na beira da propriedade, nessa direção."

Stone instruiu: "Nós vamos a pé. Já há o risco de eles terem nos ouvido entrar."

Fui falar, não querendo levar essa porra, para chegar a Ash, mas ele me interrompeu. "Nenhum homem. Sei que você é louco, mas não precisamos dar aviso a Barton de que estamos indo. Não sei o que ele pode fazer."

Porra. Porra. Porra.

"Vamos porra nos mexer," eu exigi.

Cada passo, mesmo em uma corrida de merda, parecia que demorou muito. Ash estava em algum lugar. Recusei-me a aceitar qualquer outra coisa. Ela estava lá e estava bem. Nós íamos chegar até ela e iríamos matar Barton, de uma vez por todas.

Ela ia ficar bem.

Tinha que ficar bem.

CAPÍTULO 31



Ash

"Por favor, por favor, apenas espere", implorei. Ace não respondeu. Ele não olhou para mim, apenas ficou lá, sangrando.

Barton não se aproximou, não disse nada ou exigiu que eu me levantasse. Não reagi, quando o atrolei. Olhei para cima, para encontrá-lo inspecionando seu homem, que não estava, como parecia à distância, encostado na árvore. Ele estava morto. Seu corpo ficou preso como um espantalho. Ace tinha metido duas facas no tronco da árvore e depois posicionou o homem, para que os punhos de cada faca suportassem suas axilas. Eu não sabia como a cabeça ficou em pé. Eu não queria parecer tão alta para descobrir.

Ace havia feito uma armadilha para Barton. Ele o atraiu aqui, para me salvar e levou um tiro, fazendo isso.

"Que porra é essa?" Barton murmurou para si mesmo. "Aquele filho da puta doente o mutilou."

Eu não respondi, não chamei atenção para mim mesma. Concentrei-me em aplicar pressão no ferimento, no intestino de Ace.

"Droga, Jones", Barton continuou, "onde diabos estão as chaves?"

Chaves? Demorei um momento para entender. Jones estava destinado a dirigir qualquer carro que Barton estivesse usando, para me tirar de lá. Ace teve tempo para

posicionar o corpo. Ele, provavelmente, encontrou as chaves, escondendo-as. Barton não pareceu perceber isso. Não estava revistando Ace.

Então, a verdadeira clareza tomou conta de mim.

Ele não estava revistando Ace.

Olhei de relance. Sua arma estava ao seu lado, enquanto tateava seu companheiro morto.

Barton não percebeu que Ace estava pegando sua arma.

Hesitei. Eu não queria me mexer, parar de pressionar as feridas de Ace. E se ele sangrasse? Mas então, o que aconteceria, quando Barton percebesse que Ace tinha as chaves? Sua distração pode ser a única chance que tive de tirar os dois para fora, vivos.

Minhas mãos tremiam, quando as levantei do corpo de Ace. Minha garganta se apertou, quando o sangue começou a fluir mais rápido, mas me forcei a continuar me movendo. Tentando ficar o mais quieta possível e mantendo um olho em Barton, enquanto ele fazia sua busca, pressionei minha mão no chão e a empurrei para baixo das costas de Ace. Ele era pesado, na maneira como um corpo se tornava, quando alguém estava inconsciente ou...

Não. Obriguei-me a fechar esse pensamento.

Senti a ponta da arma contra meus dedos e quase chorei de alívio. Agarrei-a, puxando, sem muita resistência. Olhei entre as costas de Barton e a arma. Era uma pistola, uma SIG Sauer. Uma arma que meu pai me ensinou a atirar. Meus olhos saltaram para Barton, depois voltaram, para verificar a segurança. Estava destravado. Mantive meus olhos levantados, enquanto abaixei a arma e a coloquei entre meu corpo e o de Ace, tentando abafar o som. Barton não percebeu.

Movendo-me, levantei-me e me movi diretamente para trás de Barton. Segurei a arma com as duas mãos, alinhando a visão. Com uma respiração profunda, apertei o gatilho.

O braço de Barton voou para a frente, com a força do tiro, sua arma caindo no chão. Ele gritou, quando balançou. Eu trouxe a arma, para apontar em sua cabeça.

"Sua puta de merda!", ele rugiu.

O sangue escorria de seu braço, pingando no chão. Ele foi em direção a mim.

"Pare! Fique onde você está." pedi.

"Você acha que tem coragem? Eu te desafio, vadia," ele cuspiu. "Mas é melhor ter certeza que me mate, pois te farei pagar e depois, será sua filha."

A respiração saiu de meus pulmões e minhas mãos se encolheram tanto, que fiquei surpresa, por não ter acidentalmente apertado o gatilho.

Ele sabia sobre Emmy. Não planejei matá-lo. ia mantê-lo lá, até os Disciples chegarem. Stone deve ter recebido minha mensagem, até então. Acho que me convenci de que poderíamos entregar Barton à polícia. Eu não tinha ideia de como tinha planejado fazer os caras concordarem com isso, mas, realmente, não tinha pensado sobre como ele teria que morrer.

Até que mencionou Emmy.

O homem levou meu pai, matou minha mãe. Ameaçou os homens, que eu chamei de família e planejou me estuprar e me matar. Ele atirou em Ace. Nada disso importava, em comparação com sua ameaça contra minha Emmaline.

Ele não podia ir embora. Não poderia viver outro dia, se tivesse alguma ideia sobre machucá-la. O risco era muito grande.

Meu coração estava batendo. Suor começou a gotejar, em todos os lugares. Minhas mãos estavam escorregadias no cabo da arma, então a agarrei com mais força, até meus dedos começarem a doer.

"Você não pode fazer isso", ele provocou.

Não, ele estava errado. Por Emmaline, eu poderia fazer qualquer coisa.

Pisquei meus olhos ardentes, para manter meu foco nele. A vista da frente estava alinhada no centro da testa. Tudo o que tinha que fazer era puxar o gatilho.

Então, outro grito encheu meus ouvidos.

"Ash!"

Sketch. Ele estava lá. Todos estavam, provavelmente, lá. Eu podia ouvir os passos e murmurei maldições.

"Ace", liguei de volta. "Ele foi baleado."

"Ash, baby, abaixe a arma. Nós temos isso." instruiu Sketch. Parecia que ele estava a poucos metros atrás de mim, mas não olhei. Não tirei meus olhos de Barton, nem por um segundo.

"Não. Não, ele atirou em Ace. Matou o papai. Ele ordenou que estuprassem minha mãe." Ajustei meu aperto na arma, centrando a visão.

"Baby, ele não vai embora", prometeu Sketch.

"Ele ameaçou Emmy."

Um silêncio caiu sobre os homens, nas minhas costas.

"Ash," Sketch sussurrou.

"Ele a ameaçou. Disse que viria atrás dela. Ele vai tentar. Não vou deixá-lo ter a chance."

Senti sua presença, logo antes da mão de Sketch tocar minhas costas. Cada músculo do meu corpo ficou tenso, ao ponto de ruptura, a fim de resistir ao desejo de derreter em seu toque.

"Eu vou fazer isso", disse ele. "Cuidarei disso, juro para você. Apenas me dê a arma."

"Não. Eu tenho que ver isso. Tenho que saber que ele se foi."

"Baby, você não precisa ter isso em sua mente." Seu toque se tornou mais firme, sua mão pressionando, enquanto se aproximava.

Dei um pequeno passo à frente. "Eu faço. Preciso ver ou nunca terei certeza de que ele foi embora. Preciso saber que acabou."

"Ash", ele tentou novamente.

"Não!" gritei.

"Alguém dê uma porra de um tiro", ele ordenou.

Ah não. Meu tempo acabou.

Olhei para Barton. Vi o rosto do meu pai, lembrei da manhã em que o vi pela última vez.

"Bom dia, Vagalume", ele cumprimentou, quando entrei na cozinha. Fui direto para ele, como fazia todas as manhãs e beijou minha testa.

"Bom dia, papai."

"Café?"

Balancei a cabeça. "Não, obrigada. Gabe estará aqui em breve."

"O que você está fazendo hoje?" Ele perguntou, enquanto tomava seu café.

"Eu não sei. Acho que estamos apenas tomando o café da manhã e depois vamos passear na casa dele."

Ele estava me dando um tipo estranho de sorriso. "Preciso que você faça alguma coisa."

"O que?"

"Consiga aquele menino para o clube às cinco."

Inclinei minha cabeça para o lado, confusa.

"Ele vai receber o remendo de prospecto hoje à noite", explicou ele.

Um sorriso surgiu no meu rosto. "Mesmo?"

"Mesmo, querida. Mas você tem que manter isso para si mesma."

"Claro", eu jurei.

Colocando sua caneca para baixo, ele caminhou em minha direção. Abriu os braços e me movi para ele, envolvendo meus braços em torno de seu corpo. Havia apenas um

lugar na terra que eu me sentia tão segura quanto quando Gabe me segurava e isso estava bem ali.

“Ele é um bom homem. Fico feliz em saber que o homem que assume o trabalho de cuidar de você, vai ser um Disciple. Você sempre estará bem aqui.”

Ele estava certo. Era perfeito. Gabe e eu sempre estaríamos em Hoffman, onde papai sempre estaria. Era tudo que eu queria, desde que era uma garotinha e Gabe me disse que ele iria se tornar um Disciple, casar-se comigo e teríamos filhos juntos. Ele disse que me faria a esposa mais feliz de todas.

Vi meu pai, brevemente, mais tarde, naquela noite, depois que Gabe conseguiu o adesivo e os caras deram uma festa, mas apenas brevemente. Gabe e eu saímos cedo.

Eu podia ver o rosto do meu pai com tanta clareza em mente, seus pelos faciais desalinhados, as rugas dos olhos, a pequena cicatriz branca, na bochecha direita, ele inventava uma história mais louca, toda vez que eu perguntava. Nunca tive outra chance de abraçá-lo dessa maneira, para que me envolvesse, como se eu ainda fosse uma garotinha. Nunca sentiria o cheiro do tabaco e do óleo de motor, que sempre se agarrava a ele, mesmo quando tinha tomado banho.

Não havia como trazê-lo de volta. Não havia como Emmy conhecê-lo, sentir o amor que ele lhe daria de sobra. Não havia como ouvi-lo me chamar de vagalume nunca mais.

Barton roubou isso de mim, roubou de Emmy e então, ameaçou roubá-la de mim também.

Com uma calma sobre mim que, provavelmente me aterrorizaria mais tarde, olhei através da visão e puxei o gatilho.

CAPÍTULO 32



Sketch

A bala explodiu da arma nas mãos de Ash, no mesmo momento em que outra arma disparou, à minha direita. O objetivo de Ash era verdade, indo direto para a cabeça de Barton, mas assim foi a outra bala. Elas colidiram, no mesmo momento, explodindo a cabeça do imbecil, enviando seu corpo ao chão.

Não esperando um segundo, envolvi os braços em torno de Ash e peguei a arma da mão dela. Segurei para o lado e alguém pegou de mim. Não olhei, para ver quem. Não dei a mínima.

As pernas de Ash começaram a ir, então a peguei e a segurei no meu peito. Ela estava tremendo ferozmente.

"Ace," ela disse.

Olhei para cima e encontrei Doc vendo Ace. Ham já estava correndo, provavelmente para a van. Havia uma maca, que poderíamos usar para movê-lo, sem chamar os serviços de emergência.

"Tenho um pulso. Fraco, mas ele está se segurando. Precisamos levá-lo ao hospital agora," anunciou Doc.

"Barton e seu homem foram embora," acrescentou Jager.

Gauge apareceu entre as árvores. "Área está limpa. Há uma entrada de acesso, a alguns metros daqui, conecta-se à direita, na estrada principal."

"Chame Ham, diga a ele para trazer a van por lá", instruiu Stone, mas Gauge já estava lá. Ele continuou com suas ordens para o grupo, em geral. "Ham e Doc na van. Doc, legal, se Jager tirar sua moto daqui?" Doc concordou, seu foco ainda em Ace. "Preciso de alguns homens para ficar para trás, fique de olho nesta bagunça, até que possamos pegar a van de volta e tirar esses filhos da puta."

Algumas vozes levantaram, para se voluntariar, não demorei a procurar por quem.

"Jager", continuou Stone, "pegue o telefone com Andrews. Nós trazemos um GSW, perguntas serão feitas."

Stone olhou em minha direção. "Você tem ela?" Levantei meu queixo, em resposta. "Tire-a daqui."

Não hesitei e saí.

Enquanto caminhava, meu ritmo acelerado e firme, eu disse: "Fale comigo, baby."

"Eu atirei nele," disse ela, em uma voz plana.

"Você atirou nele."

Senti sua cabeça inclinar-se para mim. "Não, eu atirei nele primeiro."

"Você não sabe se foi sua bala que o atingiu primeiro," eu disse a ela. Era fraco, mas era alguma coisa.

"Mas atirei, Gabe," ela retornou.

Isso aconteceu. Porra, se ela não tivesse sido sábia, quando atirou, se nós não estivéssemos todos em volta, prontos para atirar no filho da puta, eu diria a ela que tinha uma ótima chance. Eu diria a ela que se defendeu e a Ace e foi isso.

Ela fez essas coisas, mas havia algo mais no trabalho.

Fato foi, estávamos todos lá. Ela poderia ter colocado a arma no chão e iríamos lidar com Barton. É o que eu queria que ela fizesse. Não tinha ideia de por que ela não foi embora.

"Sinto muito", disse a mesma voz sem vida, para mim. Não foi a minha Ash. Ela não estava lá, no momento.

"Baby, não tem uma porra de coisa, para se desculpar. Ele a teria matado, ele quase matou Ace," disse a ela.

Porra, quanto mais longe estava da minha moto? Parecia que aquele maldito lugar duraria para sempre. Nem tinha certeza se seria capaz de levar Ash para casa, na minha moto. Naquele momento, não tinha certeza se ela era capaz de me segurar e estar segura, enquanto montávamos.

"Ele matou papai. E minha mãe."

Era disso que se tratava? Vingança?

olhei para minha garota. Seus cachos estavam uma bagunça. E só pude começar a adivinhar o porquê. As chances eram que a resposta iria me fazer desejar que tivesse acabado com Barton ainda mais. Seus olhos azuis estavam sem graça, olhando para fora, mas não vendo a paisagem, enquanto a levava pelo cemitério. Sua pele estava pálida, branca. Se eu não conseguisse sentir sua respiração e vê-la piscando, de vez em quando, pensaria que estava morta.

"Ele fez, Ash. Era um maldito monstro."

"Ele ameaçou Emmy", disse ela. Então, em uma voz que tinha alguma vida para isso, repetiu: "Ele ameaçou Emmy." Sua cabeça se levantou, para olhar para mim. "Ele a ameaçou. Não pude arriscar. Não pude." Sua voz subiu, com pânico, terror absoluto entrando em seus olhos. "E se mais alguém errar? E se ele fugisse e a machucasse? Eu não podia deixar isso acontecer. Não pude. Eu..."

"Calma querida. Apenas respire. Eu queria ser capaz de enfiar sua cabeça no meu pescoço, passar minhas mãos pelos seus cabelos, da maneira que sempre a acalmava. "Deixe-me tirá-la daqui. Estaremos em casa em breve e cuidarei de você. "

"Oh Deus. Eu o matei. Eu na verdade... eu..." Ela pareceu se engasgar, com as palavras. "Como posso ir para casa e segurar Emmy? Como é que eu...?"

"Ash. Pare com isso. Agora. Não vá lá. Apenas segure-se em mim."

Obrigado foda, ela fez isso. Ela se enterrou, segurando-me, até as unhas estarem cavando. Não dei a mínima. Ela poderia me fazer sangrar, contanto que a mantivesse junto. Ela segurou naquele caminho, um aperto punitivo, uma vez que a coloquei na moto e dei a volta.

Ash saiu da moto, sem ajuda, quando chegamos na fazenda. Ela parecia estar no piloto automático. Uma vez que estávamos na sala, olhou para mim.

"O que faço agora?" Ela perguntou.

A porra de uma pergunta carregada, não foi?

Havia sangue em seus braços, em suas roupas. Eu estava achando que era de Ace. Ela, provavelmente, tentou manter a pressão na ferida, antes de ligar o Barton. Eu não precisava olhar para baixo, para saber que estava em mim também.

"Chuveiro", respondi.

Seus olhos caíram, como se apenas notassem a bagunça. Deveria estar pronta para isso, eu deveria ter acabado de levá-la ao banheiro, sem dizer nada, para que pudesse lavá-la, antes que percebesse o problema.

Porra.

Ela começou a enxugar os braços, mas as mãos não estavam limpas. Tudo o que fez foi espalhar as listras vermelhas ao redor, fazendo-a esfregar mais desesperadamente.

"Oh Deus. Tire isso. Tire isso. Tire isso."

Agarrei seu rosto com as duas mãos, movendo-me, até que eu fosse a única coisa, em sua linha de visão.

"Concentre-se em mim, baby", pedi. "Apenas eu. Vou me livrar disso. Prometo."

"Precisamos ir ao hospital", ela retornou.

"Você está ferida?" Exigi, preocupado por ter perdido alguma coisa e seu choque a distraiu.

"Não. Ace."

Jesus, ela me assustou pra caralho. "Nós vamos mais tarde. Preciso cuidar de você agora."

"Mas..." ela começou a refutar.

"Mais tarde", insisti. "Agora, ele está recebendo a ajuda que precisa. Nós não podemos fazer nada. Tenho meu celular. Qualquer coisa que mudar, alguém ligará. Agora, precisa me deixar cuidar de você."

Tão perdida, quanto ela estava, no momento, pareceu ouvir. Assentiu com a cabeça, o movimento restringido pelo meu aperto, mas senti.

Eu a levei para o banheiro, que ela e Emmy usaram, depois a parei no meio. Ajoelhando-me diante dela, tirei os sapatos, enquanto a instruía a esvaziar os bolsos. Estava levando-a para o chuveiro com suas roupas e a ajudaria a se despir lá. Seria mais fácil limpar a banheira, do que o chão do banheiro.

Percebi que ela só pegou as chaves e perguntei: "Onde está seu telefone, baby?"

"Ele pegou. Na árvore, no túmulo do papai. Ele atirou."

Porra. Peguei meu próprio telefone e liguei para Stone. Eles precisavam pegar o telefone, como parte da limpeza.

Uma vez isso resolvido, levei Ash para o chuveiro. Seu corpo tremeu, mas sabia que não tinha nada a ver com o frio. A água estava quente e a abracei. Ela estava tremendo, com a tensão de se segurar. Tudo nela queria quebrar e a não conseguia segurar as peças, por muito mais tempo.

"Você está segura, Vagalume. Deixe ir."

Ela desmoronou contra mim, seu corpo muito fraco, para continuar a luta. Eu a segurei apenas o tempo suficiente para tirar suas roupas sujas, em seguida, abaixei-nos para o chão da banheira. Lá, ela se arrastou para meu colo e soltou. Soluçou e gritou, sacudida pela força de sua emoção. Segurei-a, mesmo quando essa merda arrancou meu coração. Segurei-a, porque um de nós tinha que fazer.



Depois que o pior de seu colapso passou, consegui limpar Ash e ir para a cama. Ela dormiu quase imediatamente, o dia provou ser demais. Achei que era melhor deixá-la dormir, então fiz. Quando tive certeza de que estava fora, voltei para o banheiro e me limpei. Joguei sua camisa e a minha fora, não havia como limpar essa quantidade de sangue.

Recebi uma mensagem de texto para todos, enquanto estava limpando. Ace estava fora da cirurgia e iria se recuperar totalmente. Considerei acordar Ash, para que ela soubesse, mas decidi contra isso. Eu daria a notícia, quando ela acordasse. Isso foi o suficiente.

Antes de voltar, para deitar ao lado dela, liguei para Deni e perguntei se ela poderia ficar com Emmy durante a noite. Slick já tinha sido atualizado em tudo, então ela estava esperando por isso. Colocou Emmy na linha e perguntei se ela estava bem com isso.

"Sim! Festa do Pijama!" Foi sua resposta. "Tia Deni disse que pintaria minhas unhas de rosa!"

Pelo menos não precisava me preocupar, com uma das minhas garotas.

"Ok, princesa. Você se diverte e te vejo de manhã, sim?"

"OK. Amo você, papai."

Porra. Só de ouvir isso, tornara mais fácil respirar. Depois de tudo o que aconteceu, não teria pensado que era possível, mas ela até me fez sorrir.

"Eu também te amo, princesa."

Com o conhecimento de que nossa filha estava estabelecida, voltei para minha mulher. Ela ainda estava fora, felizmente. No sono, parecia em paz. Era quase como se

nada disso tivesse acontecido, como se ela acordasse sem nada dessa merda em sua cabeça. Odiava que eu não pudesse fazer isso ser verdade.

Ela dormiu por várias horas, quando meu telefone tocou. Ela nem se mexeu, mas saiu do quarto, antes de atender.

"Sim?"

"Como está Ash?" Roadrunner perguntou.

"Adormecida. Desmoronou, não muito tempo depois que voltamos e depois dormiu."

Ele suspirou. Eu sabia o que ele estava sentindo. Não havia como dizer em que forma Ash estaria, quando acordasse.

"Me dói dizer isso, mas você deveria acordá-la. Ace está saindo da anestesia. Ele se mexeu algumas vezes, perguntando por ela."

Porra. Eu não queria acordá-la e obrigá-la a encarar essa merda. Ainda assim, ele provavelmente estava certo. Por mais inútil que isso me fizesse sentir, ser capaz de ver Ace vivo e acordado, provavelmente, faria mais por ela, do que eu poderia.

"Certo. Você, provavelmente, está certo," disse. "Vou buscá-la agora. Estaremos lá, quando pudermos."

"Certo irmão. Apenas veja para ela. Ace acorda de novo, u vou dizer a ele que você a está trazendo."

Desliguei e embolsei meu telefone. Levei um minuto para voltar para o quarto e abrir a porta. Eu sabia que acordá-la era a coisa certa, sabia que era o que ela queria, mas isso não tornava mais fácil.

Ela ainda estava enrolada, em seu lado direito, de frente para o lado da cama. Quando me sentei no limite, ela não teve reação ao movimento. Passei a mão pelo cabelo dela e seus olhos apertaram mais.

"Ash", chamei. Seu corpo encolheu, para que estivesse totalmente em posição fetal. Um mecanismo de defesa. Pode não ter sido uma escolha consciente, mas estava lutando comigo. Estava tentando ficar dormindo.

Com um leve movimento contra o lado dela, repeti o nome dela. Um pequeno gemido foi sua resposta.

"Baby, você tem que acordar."

Finalmente, os olhos dela se abriram. Ainda havia um tom de vermelhidão neles. Pareceu adoravelmente confusa, no início, mas a dura realidade só levou um momento para se estabelecer.

"Ace?" ela questionou com medo.

"Ele está bem. A cirurgia deu certo e ele deve se recuperar logo."

Ela soltou um suspiro pesado e sussurrou: "Bom."

"É por isso que estou te acordando. Ele está saindo da anestesia. Roadrunner disse que acordou algumas vezes e perguntou por você. Quer ir?"

Sua resposta foi imediata e definitiva, mesmo que não tenha dito uma palavra. Ela estava de pé, saindo da cama e indo para o armário, para se vestir.

CAPÍTULO 33



Ash

Uma enfermeira nos levou, através da UTI, para o quarto de Ace. Acabei de vê-la, mas não sabia como ela era na frente. Não sabia como voltar para a sala de espera ou como sair do hospital. Só sabia que estava segurando Sketch e ele me levaria para onde eu precisava ir.

Paramos e percebi que estávamos do lado de fora de uma porta de vidro deslizante. Havia uma cortina fechada, então não podíamos ver por dentro. Isso foi bom. Os quartos, provavelmente se pareceriam como exposições em um aquário, de outra maneira.

"Ash?" Sketch me chamou. Olhei-o. "Você entendeu isso?"

"O quê?" Perguntei, minha cabeça virando, para encontrar a enfermeira já se movendo pelo corredor.

Sketch me deu um olhar que me disse que estava preocupado. Eu também estava meio preocupada. Estava me sentindo muito angustiada, antes de dormir. Demais. Então acordei e...

Realmente, não senti nada.

"Precisamos lavar nossas mãos, antes de entrarmos," explicou ele.

"Oh, certo."

Ele me levou através da porta de correr, que se abria para uma pequena alcova, com uma estação de pia e armários. Havia equipamentos e coisas, que não tinha ideia de como trabalhar e não tocaria. Lavei-me depois de Sketch, colocando toda minha atenção na tarefa. Tive que fazer bem. Tive que ficar limpa. Precisei...

"Foda-se, amor. Pare com isso." ordenou Sketch, arrastando-me para longe da água, com meus dois pulsos nas mãos. Seu toque doeu, mas não entendi porque, até que olhei para baixo.

Minhas mãos e antebraços estavam vermelhos brilhantes. Eu os esfreguei demais. Pude sentir o alívio de tirá-los da água que ,obviamente, estava muito quente.

"Oh", sussurrei.

"O que tem na sua cabeça?" Perguntou Sketch.

mantive meus olhos em minhas mãos. "Eu só precisava ficar limpa. Tenho que estar limpa, para ir lá.

"Olhe para mim, Ash", ele me disse. Parecia estar dizendo muito isso. Eu fiz e notei a maneira como sua testa se enrugou. Tentei estender e alisar, mas ele ainda segurava meus pulsos.

"Por que você está segurando meus braços?"

"Porque preciso da sua atenção. Preciso disso, para passar pela parede que você está colocando agora. " Eu não entendi o que estava falando, então inclinei minha cabeça. Ele ignorou esse movimento e continuou. "Você não está suja. E não precisa ficar limpa. Não precisa fazer isso para si mesma," ele disse, pontuando suas palavras, com um pequeno movimento de meus braços.

Meus olhos se moveram dele para meus braços, novamente. De repente, eu não estava olhando para os meus braços avermelhados de esfregá-los. Estava olhando para meus braços cobertos pelo sangue de Ace.

Pisquei a imagem, mas não consegui tirar da minha cabeça. Mesmo que eu tenha visto que estava limpa, ainda não conseguia me livrar da memória.

"Vagalume," Sketch chamou minha atenção de volta para ele. "Você está limpa."

Olhei para os meus braços novamente. Ele estava certo, estavam limpos. Eu estava limpa.

Demorei um pouco para repetir para mim mesma, mas a imagem na minha cabeça diminuiu, até desaparecer.

"Estou limpa", finalmente disse em voz alta.

Sketch assentiu, depois me soltou, mas agarrou minha mão, para me centrar. Sendo quieto, provavelmente, no caso de Ace estar descansando, ele me levou para o quarto.

Ace estava na cama, com os olhos fechados. Parecia totalmente normal, como se estivesse apenas dormindo. Todas as cores brancas e claras, no entanto, o equipamento muito limpo em torno dele, apitava de vez em quando e se iluminava, parecia tão fora de lugar, em torno de um homem que eu estava acostumada a ver com gordura preta em algum lugar, geralmente cercado pela bagunça que os Disciples pareciam fazer, onde quer que estivessem. Tudo parecia estranho. Errado.

Sketch me levou para uma cadeira, ao lado da cama, puxando-a um pouco, para que eu pudesse sentar. Ele ficou ao meu lado, meio em pé, meio sentado no braço da cadeira. Senti uma vaga sensação de surpresa que a coisa frágil não desmoronou com ele.

Eu não sabia o que fazer. Parecia errado perturbar Ace, enquanto estava descansando. Ele precisava de descanso, certo? Mas estava perguntando por mim. Talvez quisesse saber se eu estava lá.

"Fale com ele", disse Sketch, resolvendo o argumento interno por mim.

Avancei, até que u estava bem na beira do meu assento. Alcançando entre as barras levantadas, ao longo do lado da cama, coloquei minha mão em Ace.

"Ace? Sou eu... Ash..." Comecei, sem saber o que dizer. "Você pode acordar para mim? Quero falar com você e saber se está bem."

Não recebi nenhuma resposta, então decidi continuar falando.

"Sinto muito, por isso ter acontecido. Ele atirou em você e é minha culpa. Você não deveria ter se machucado, pois estava apenas tentando me proteger. Nunca quis que isso acontecesse. Eu..."

A mão de Ace se moveu um pouco, abaixo da minha e congelei. Em uma voz rouca, ele disse: "Cristo, mulher. Peguei uma bala. Nada demais."

Soltei um pequeno soluço e ele abriu os olhos, para olhar para Sketch e para mim.

"Você está bem."

Ele olhou para mim, como se eu fosse louca. "Eles não te contaram isso?"

"Contaram sim."

Ele balançou a cabeça e se encolheu um pouco, com o movimento. Então, para Sketch, ele disse: "Você precisa controlar sua mulher."

Ainda chorando e sem conseguir controlar tudo, respondi: "Bem, desculpe-me por ser grata a você, por salvar minha vida."

Comecei a puxar minha mão, mas ele a agarrou. Parei e encontrei seus olhos. Estavam sérios então. "Fico feliz que você tenha saído bem," disse ele.

"Obrigada por me proteger."

"A qualquer momento."

Sketch colocou a mão nas minhas costas, antes de falar. "Obrigado, irmão."

Minhas lágrimas piorou um pouco.

Ace tentou mudar, mas acabou acalmando um estremecimento. Depois de um segundo, ele disse: "Eu ouvi, sua mulher nos salvou."

Fiquei tensa.

"Sim, ela fez", concordou Sketch.

O que?

"Não, eu não", falei, em protesto. Olhei para Ace, e disse: "Você atirou no outro cara," antes de virar para Sketch, e terminar "e vocês já estavam lá, antes que eu..."

Não pude dizer isso. Mesmo na minha cabeça, não consegui terminar esse pensamento. A imagem de ter a arma apontada em Barton, apareceu em minha mente, mas a desliguei, antes que pudesse reviver o momento mais.

"Você o incapacitou", Sketch me lembrou. "A menos que Ace foi quem colocou a bala no braço."

Não confirmei isso, mas Ace resolveu fazê-lo. "Não fui eu."

"Você não fez isso", prosseguiu Sketch, "você dois podiam não estar lá, quando aparecermos."

"Eu..." não sabia o que dizer. Eles estavam falando como se o que fiz fosse bom.

"Você salvou minha bunda e a sua," Ace preencheu. "Se lutar com essa merda, lembre-se que minha bunda está aqui por sua causa. Você ainda está aqui, ao lado do meu irmão, capaz de ir para casa, para sua garotinha, porque você agiu."

Isso não era verdade. Bem, ok, talvez fosse verdade por pegar sua arma e desarmar Barton, talvez ele estivesse certo que isso nos salvou, mas havia mais do que isso.

Um momento se passou, antes que Ace falasse novamente. "Porra, estou indo para baixo de novo", ele murmurou. Seus olhos já estavam meio fechados. "Fodidas drogas". Ele enfrentou Sketch, e ordenou: "Leve-a para casa e diga aos garotos que quero essa enfermeira sexy aqui, da próxima vez que acordar."

Ele estava adormecendo, enquanto falava e desapareceu completamente, logo depois de terminar.

"Vamos", disse Sketch, estendendo a mão para mim. "Hora de deixá-lo descansar. Nós podemos voltar amanhã."

Ele me levou para fora do quarto, certificando-se de fechar a porta de correr e a cortina atrás de nós, então, pelo labirinto de corredores que, realmente, não tinha visto, no caminho até aqui. Por fim, chegamos a uma sala de espera, onde vários dos Disciples estavam sentados.

Roadrunner veio na minha direção e me puxou para seus braços.

"Estou tão feliz por você estar bem," ele roncou.

Apertei-o com força e murmurei: "Estou bem."

"Não poderia tê-la perdido também."

Meu coração se partiu. Esse homem, que tinha sido uma parte tão importante da minha vida, tinha perdido seu melhor amigo e fui embora, logo depois. Sabia que ele queria dizer que estava feliz, que nada pior aconteceu com Barton, mas entendi, naquele momento, o quão mais profundo foi.

"Você nunca vai me perder de novo", disse a ele. "Desculpe-me por ter saído antes. Foi um erro. Hoffman é minha casa. Sempre foi assim."

Ele me segurou por mais um pouco, antes de dar um passo para trás. "Desde que você saiba disso agora. Não posso deixá-la sair com Emmy," brincou ele.

As duas não sairão mais daqui." Sketch colocou.

Olhei por cima do meu ombro para ele, vendo seu temperamento aumentar, com a simples ideia de eu sair. Apesar de toda a porcaria rolando no meu cérebro, apesar de ter certeza de que nunca estive mais exausta na vida, sorri para ele. Ele não hesitou em se aproximar e envolver seus braços em volta de mim, por trás. Eu o senti descansar o queixo no topo da minha cabeça.

Ah sim, isso era em casa.

O resto dos caras, Stone, Tank, Gauge, Ham e Daz, revezaram-se, para me checar e me disseram que estavam contentes por eu estar bem. Incluindo o toque de Daz: "É uma pena que o mundo não tenha mais mulheres lindas, como voce, nele."

Chorei o tempo todo.



Já passava das três da manhã e eu estava do lado de fora, olhando para o quintal escuro e vendo a pequena luz ocasional de um vagalume. Não consegui dormir. Tentei. Sketch e eu fomos para a cama quase imediatamente, quando voltamos para a casa da fazenda. Ele só atrasou, para nos alimentar.

Nós dois caímos no sono rapidamente, mas acordei uma hora depois. Então, uma hora depois disso. E isso continuou acontecendo.

Toda vez que eu caía no sono, acabava de volta naquelas matas. na beira do cemitério, a arma na minha mão. Toda vez eu acordava com um sobressalto. quando puxava o gatilho. Aconteceu de novo e de novo. Não pude escapar disso.

Eventualmente, cansada de reciclar o mesmo sonho, saí da cama. Felizmente, Sketch continuava dormindo, sem despertar a cada vez e quando saí. Eu o amava, mas não tinha certeza se queria companhia.

Estava fora por um tempo, tentando me concentrar nos pequenos flashes de luz, do outro lado do jardim, não na bagunça na minha cabeça, quando ouvi a porta se abrir. Sketch, provavelmente, percebeu que eu tinha ido embora e foi procurar por mim. Eu não disse nada e esperei que me deixasse ficar por mais algum tempo.

"Não foi você", uma voz profunda retumbou em mim.

Virei-me e vi Jager encostado, ao lado da porta.

"O que?"

"Barton. Não foi você quem lhe fez mal. Eu dei o outro tiro. Bateu nele primeiro."

Ele estava tentando me fazer sentir melhor. "Você não sabe disso."

"Sim, eu sei. Não estou dizendo que não vou explodir sua bunda sobre isso, só porque está lutando, mas estou dizendo a você que eu não estou. Tenho mais experiência com uma arma, do que você. Posso rastrear meu tiro. Bati nele primeiro."

Aceitei isso, escolhendo confiar no que ele estava dizendo. Isso não me fez sentir melhor. "Não importa."

Ele veio e ficou ao meu lado, mas mantive meus olhos no gramado.

"Perdi minha família inteira", disse ele, depois de um momento.

Minha cabeça voou em sua direção, mas ele não estava olhando para mim.

"O que?" sussurrei em horror.

"Há muito tempo. Fogo na casa. Algum idiota, que meu pai dispensou, decidiu que queria retribuição. Bêbado de cair, foi por isso que meu pai o demitiu. Não sei se ele queria machucar alguém ou apenas danificar a casa. Sei que fez isso de propósito."

Put a merda.

"Eu fui o único que conseguiu sair. Ele começou o fogo na extremidade mais distante do meu quarto. Perdi todos eles, naquela noite, a pior maneira que eu poderia imaginar."

Ele não continuou por um tempo e eu sabia que era porque falar sobre isso o estava matando, mesmo que não mostrasse. Meu coração estava sangrando por ele ter experimentado isso.

"Se eu soubesse que o filho da puta ia fazer isso, antes que acontecesse, se ele sequer ameaçou e foi apenas uma possibilidade, eu o teria matado mesmo."

Oh Deus. Onde que estava indo com isso.

"Jager..."

"Não, Ash. Você tem que ouvir isso. Poderia ter sido apenas uma chance que ele poderia fazer e eu o teria matado, sem questionar. Teria que fazer isso sozinho, para saber que foi feito e feito corretamente. Nada mais satisfaria esse medo."

não falei nada. Eu estava muito sobrecarregada.

"O que estou dizendo, é que você não tem uma porra de coisa para ser arrancada. Aquele idiota tomou muito de você e ameaçou machucar sua filha. Você não deveria estar perdendo nem uma merda de sono, pelo fato de ter tentado removê-lo desta terra. Você não fez isso, eu sei cem por cento. Mas não deve nem lutar com o fato de ter tentado. Estava protegendo sua garotinha. Não é uma coisa ruim sobre isso."

não sabia o que dizer, porque estava pensando que ele estaria certo.

"Você pode lutar com isso por um tempo, mas lembre-se do que aquele filho da puta estava ameaçando tirar. Você segura sua filha e sabe, por experiência, que faria de tudo para protegê-la. Não há uma coisa ruim nisso. Isso é apenas uma prova do quanto você a ama."

Com aquelas palavras ecoando em minha cabeça, enquanto permanecíamos juntos, em silêncio, percebi que ele estava certo. Barton era um monstro e ele ameaçou Emmy. Eu fiz o que precisava fazer.

"Obrigada," finalmente disse na paisagem escura.

Jager não disse nada de volta, mas não esperava que fosse. Depois de um tempo, decidi voltar para dentro. Antes de sair, coloquei a mão no braço dele. Quando olhou na minha direção, eu disse a ele, com toda a gravidade que senti " desculpe-me."

Ele ergueu o queixo para mim e decidi que era hora de deixá-lo sozinho. Ele abriu algumas feridas muito profundas por mim, o mínimo que poderia fazer era deixá-lo ter paz, para tentar parar o sangramento.

Quando entrei, Sketch estava parado ali. Estava encostado na parede, uma visão clara das costas de onde ele estava.

"Ele ajudou?" perguntou.

Balancei a cabeça, então ele espelhou o movimento. Sem uma palavra, estendeu a mão. Andando o resto do caminho até ele, coloquei a minha na dele e fomos de volta para meu quarto e para a cama. Não tive o pesadelo, novamente.

CAPÍTULO 34



Sketch

"Como você está, aniversariante?" Perguntei, quando Carson levou um momento para sacudir a mão e me dar um suspiro.

Emmy estava sentada em uma cadeira, ao meu lado, uma escrivaninha roxa sobre as pernas, colorindo. No final do crayon, em sua mão, estava o presente de aniversário que Jess lhe deu, quando chegamos à loja. Era uma réplica de madeira, pintada de rosa, de uma máquina de tatuagem. Mesmo rosa, era legal pra caralho e Emmy adorava. Ela pensou que era incrível que fosse exatamente como eu e amava que ela queria ser.

Ela estava ainda mais animada para usá-lo, enquanto Carson trabalhava no meu peito, com a coisa real.

Fui encarregado de manter Emmy pela manhã, enquanto os caras decoravam o quintal do clube, sob os olhos estritos de Ash, Cami e Deni. Eu estava mais do que feliz em pegar minha garota e dar o fora disso.

Levei-a para o café da manhã, onde deixei que pegasse um waffle com morangos, sorvete e chantilly, mas só depois que jurou que não contaria à mãe. Sorvete, para o café da manhã, Ash iria queimar minha bunda. O garçom até adicionou confeitos rosa e uma vela, ao seu waffle, captando a insinuação, não tão sutil, da camiseta rosa que ela usava, que dizia "A aniversariante" em glitter. Emmy estava na lua.

Desnecessário dizer que minha princesa adorou seu aniversário. Foi um dia inteiro em que ela chegou a ser a estrela e nem sabia o que planejamos para ela.

"Bem," Emmy respondeu, concentrando-se em seu novo livro de colorir princesa.

Bem, desde que ela estivesse feliz. Nós não temos muito mais tempo aqui, de qualquer maneira. Carson estava quase terminando e a montagem da festa deveria estar quase completa.

Ter Emmy saindo, enquanto eu fazia uma tatuagem, não era bem o que pretendia passar a manhã fazendo, mas tinha sido difícil arrumar tempo para trabalhar, na última semana.

Depois da conversa com Jager, Ash pareceu ficar melhor. No entanto, isso não significava que a merda fosse perfeita para ela. Ainda tinha momentos em que lutou. Quando fomos pela primeira vez pegar Emmy, na manhã seguinte ao que aconteceu, ela teve que se desculpar, antes de irromper. Nos primeiros dias, os momentos que a dominavam eram mais frequentes.

Infelizmente, também havia caído sobre mim naqueles dias, para contar a ela sobre Jackson. Considerei não contar, mas ela sabia muito sobre nossos planos, para esconder dela. O tempo teria chegado, onde perguntasse sobre o que pareceria falta de progresso em encontrá-lo. Eu não queria que isso a atormentasse, então contei que encontramos Jackson e ele não era mais uma ameaça para ninguém. Fim da história.

Os caras tinham lidado com a eliminação de Jackson, Barton e os capangas dele. Lidaram com o oficial Andrews, em relação aos ferimentos de bala do Ace e o súbito desaparecimento de Barton, dos negócios locais. Não participei em nada disso. Meu foco estava em Ash.

Com tudo isso acontecendo, pedi a Jess para reprogramar meus clientes, para que pudesse estar com ela. Isso significava que, quando ela começou a se sair melhor, eu tinha um cronograma de trabalho pesado para fazer.

Finalmente terminei o desenho da tatuagem que queria, para preencher o espaço intocado no meu peito, alguns dias antes da merda com Barton acontecer. Carson me ajudou a resolver algumas das falhas de design. O que não tivemos a chance de fazer

foi, realmente, sentar, para que ele pudesse colocar em mim. Eu tinha planos para essa tatuagem e esses planos significavam que precisava disso.

"Acabamos aqui. Só tem que finalizar alguns dos sombreamentos, " disse Carson. Ele mergulhou a agulha em uma das pequenas tampas de tinta, ao lado dele e voltou ao trabalho.

Cerca de meia hora depois, ele limpou o último sangue e excesso de tinta e me entregou um espelho, para dar uma olhada no produto acabado.

"Fodido, incrível, cara," eu disse a ele, quando olhei. Era exatamente o que queria e que planejei obter, por anos.

"Acho que isso significa que estou, oficialmente, aposentado agora", disse Carson, enquanto estudava sua própria obra. "Também significa que este lugar é seu."

Porra.

Sailor's Grave era meu.

"Eu vou te orgulhar," prometi.

"Sei que vai," ele retornou.

Enquanto ele limpava, voltei para Emmy. Ela ainda estava colorindo, mas olhou para cima, quando cheguei perto.

"Pronta para ir, princesa?"

"Onde vamos em seguida?" Ela perguntou.

"Isso é uma surpresa."

Isso chamou sua atenção e sua excitação. Ela foi rápida em pegar seus lápis de cera e livro de colorir e colocá-los em sua mochila. Uma vez que estava pronta para ir, olhei para Jess e Carson, os únicos na loja, com a gente.

"Vocês dois estão a caminho de lá?"

Com os acenos de assentimento deles, nós saímos. Enviei um texto para Ash, para que soubesse que estaríamos lá em meia hora, dando-lhes bastante tempo para

terminar qualquer coisa que tivessem que fazer e dando tempo a Jess e Carson para chegar lá, antes de Emmy e eu.

Quando, finalmente, chegamos ao clube, tive o prazer de perceber que Emmy não entendeu a importância do número de motos e carros na frente. Peguei-a do caminhão e a carreguei pelo prédio, até os fundos. Enviei um texto pré-digítado para Ash, quando estacionei, para que ela preparasse todos.

No momento em que saímos para o quintal, um coro de gritos nos cumprimentou.

“Surpresa!”

Emmy começou a aplaudir, descontroladamente e se contorcer, para que eu a colocasse no chão. No momento em que fiz, ela estava fora como um tiro, para sua mãe. Ash a pegou e lhe deu um beijo. Isso foi tudo o que ela recebeu de Emmy, antes de nossa garota sair, para cumprimentar o resto de seus convidados.

Fui até Ash, abraçando-a, mas a mantendo encostada no meu lado direito, longe da minha nova tatuagem. Tentei não sorrir, ao vê-la vestindo o couro preto, com um patch que dizia "Vagalume", no peito. Na parte de trás, muito maior, em uma declaração que seria um idiota porra, foram as palavras "Propriedade do Sketch". Eu estava planejando colocar esse remendo nela, desde que tinha seis anos de idade. Finalmente fiz isso, no dia seguinte à queda de Barton.

Ela queria ir visitar Ace, novamente, então nos preparávamos para sair para lá, assim que o horário de visitas começou. Uma vez que estava vestida, ela foi direto para a porta.

"Onde está indo, baby?" Eu perguntei.

Ela me deu um olhar impaciente. *"Quero chegar ao hospital."*

"Você ainda não está pronta," disse. Ela não entendeu, mas eu não queria que ela fizesse isso. Fui para a cama, pegando a bolsa, que escondi embaixo. De costas para ela, coloquei a segunda parte da surpresa no meu bolso. Então, virei-me, para entregar a primeira parte.

Ela chorou, assim que viu o couro preto em minhas mãos. Ela sabia, exatamente, o que era e percebi que estava esperando tanto tempo para tê-lo, quanto eu de dar a ela. Não passou um momento, antes que pegasse e puxasse. Enquanto foi até o espelho, afixado no interior da porta do armário, peguei seu segundo presente do meu bolso.

Fui atrás dela, enquanto Ash admirava a visão de si mesma no corte. Por um momento, recuei um pouco, para poder queimar permanentemente a imagem do meu adesivo, nas costas dela. Quando tive certeza de que estava lá, mudei para perto. Seus olhos se aproximaram dos meus, no espelho, enquanto sorria e me agradeceu. Enquanto a atenção dela estava lá, deslizei o anel em sua mão esquerda.



Foi assim que propus. Não fiquei de joelhos. Não perguntei, não importava quanta merda ela me desse depois. Ela já era minha e eu era dela. Esse foi apenas o meu símbolo, dizendo-lhe que iríamos torná-lo legal.

Ainda não estava acostumado com a visão dela usando meu patch ou meu anel, embora adorasse ver os dois. Então, embora eu tentasse não fazê-lo, estava sorrindo como uma idiota, quando cheguei perto dela, cercada pelos convidados do aniversário de Emmy, que eram, praticamente, as mesmas pessoas que sempre estavam por perto, os Disciples.

"Oi, Vagalume," eu disse, antes de lhe dar um beijo.

Ela me beijou de volta, depois moveu os olhos para Emmy, que estava nos braços de Daz. Parecia que ela estava jorrando sobre a festa surpresa.

"Você acha que ela gostou?" Ash perguntou.

Eu estava prestes a dizer o que era bastante óbvio e ressaltar que não havia como nossa princesinha não amar o fato que as mulheres tinham encontrado todo pedacinho de decoração rosa e brilhante, que poderiam jogar por todo o quintal, quando um grito soou.

Nós dois nos viramos para Emmy, que ainda estava nos braços de Daz, com as mãos cobrindo a boca e os olhos enormes. Então, ela moveu as mãos, para gritar novamente.

"Um pônei!"

Sim, nós pegamos um maldito pônei. Não para ela manter, claro. Estava ali com o seu dono, pela tarde.

"Acho que ela gosta," afirmei o óbvio.

CAPÍTULO 35



Ash

Algumas horas depois, estávamos sentados ao lado de uma grande mesa cheia de presentes. Os abutres, que chamei de família, já haviam consumido o bolo, mas só depois de cantar o mais alto e estrondoso *Feliz Aniversário* para a "Princesa Emmy" e vê-la assoprar suas quatro pequenas velas.

A maioria dos presentes já havia sido aberta, quando Sketch declarou que era sua vez. Ele pegou o par de sacolas de presentes da mesa e entregou o primeiro a Emmy. Ela rasgou, imediatamente e apareceu com um pedaço de papel. Desde que eu estava sentada mais perto dela, ela entregou para mim.

"O que diz, mamãe?"

Olhei para a papelada que Sketch e eu tínhamos arquivado, alguns dias atrás e depois olhei para ele. Fizemos nossa pesquisa e descobrimos a adição da Certidão de Nascimento de Sketch a Emmy, pois o pai dela não exigiu nenhum teste de paternidade, apenas assinou declarações de que ele era. Nós cuidamos disso imediatamente, mas não explicamos a Emmy ainda. As lágrimas estavam picando meus olhos já.

"Ele diz", respondeu Sketch a Emmy, "você é, oficialmente, minha filha e sou seu pai."

Emmy, abençoe seu pequeno coração, não entendeu. "Você já é meu pai."

Sketch sorriu enorme, pegou-a e se sentou no chão, com ela em seu colo. "Sim, mas esse pedaço de papel diz ao mundo inteiro."

"Realmente?" Ela perguntou, maravilhada.

"Sim, princesa."

"Esse é um bom presente", ela disse a ele e isso quebrou o selo. Lágrimas desceram pelo meu rosto e não fiz nada para detê-las. A partir dos suspiros que ouvi, nas proximidades, supus que Cami e Deni estavam chorando também.

Enquanto me recompus, Sketch seguiu em frente, pegando as duas últimas sacolas de presentes. Ele entregou um para Emmy e o outro para mim. Dei a ele um olhar curioso, quando o peguei.

Em resposta ao meu olhar interrogativo, ele me disse: "Você, provavelmente, terá uma preocupação ou duas, sobre esse presente. Seu presente é a resposta para essas preocupações."

Eu não tinha ideia do que estava falando, mas fui com ele. Conseguindo o bem de seu pai, Emmy rasgou a nova bolsa e desenterrou uma bola de tênis. Ela olhou para ele, mas Sketch estava olhando para a porta. Na hora certa, Tank entrou no quintal, com um cachorrinho pastor alemão em seus braços.

Emmy ficou de pé. "Um cãozinho!"

Observei, quando ela correu para Tank, que se ajoelhou na frente dela e a ajudou a pegar seu novo cachorrinho. Estava muito tão animado, para vê-la como era. Pulou em cima dela, tentando lambe seu rosto. Fiquei feliz, quando vi Cami com o telefone fora e inclinando, para uma foto. Essa era uma memória que nós íamos querer ter para sempre.

"Abra o seu", disse Sketch, ao meu lado.

Vasculhando o papel de seda, tirei algumas folhas de papel grampeadas. Pareciam uma impressão de um site imobiliário. Folheei as páginas, lendo sobre uma casa de dois andares e três quartos. Na última página, dei uma olhada na propriedade.

"Você..." Eu não conseguia nem colocar em palavras. Estava olhando para uma foto da minha casa de infância.

"Ela voltou ao mercado há alguns meses. Eu estava de olho nisso," ele explicou. "Fechei o negócio na quarta-feira."

"Você comprou a casa do meu pai?" Perguntei. Não pude acreditar.

Ele sorriu. "Comprei a nossa casa."

Nossa casa. Uma casa que nós dois, Emm e seu novo filhote chamaríamos de lar. Uma casa em que a criaremos. Uma casa em que poderíamos dar a ela um irmão. E era uma casa, que eu já conhecia como lar.

Foi perfeito.



Horas depois, Sketch e eu estávamos no quarto, que uma vez fora meu, mas comecei a pensar na nossa, na fazenda. Emmy já estava na cama, seu filhote, Duncan, em uma caixa, no corredor, diretamente entre o quarto dela e o nosso. Ela nocauteou cedo, depois de toda a excitação.

Sketch e eu passamos a noite, desde que lhe contamos, falando sobre a casa. Planejamos como iríamos mobiliá-lo, em quais quartos instalaríamos Emmy e chorei mais do que um punhado de vezes, ao perceber que iríamos criá-la onde meu pai me criou.

Estávamos na cama, Sketch sentado contra a cabeceira da cama, eu, relaxando contra ele, quando disse: "Tenho outro presente para você."

Sentei-me e me virei para olhá-lo. "É o aniversário da Emmy, não meu."

“Talvez, mas quatro anos atrás, você trouxe a garota perfeita para o mundo. Isso merece celebrar também.”

Porcaria. Ele realmente estava indo para o sistema hidráulico, durante todo o dia.

Inclinando-se para o lado da cama, enfiou a mão na mesa de cabeceira e tirou uma folha de papel. Seu rosto estava sério, de uma forma que me deixou cautelosa, quando ele se acomodou em seu lugar.

“Antes de mostrar isso para você, quero que entenda por que fiz isso. Pensei que você precisava disso, para seguir em frente. Se houvesse um resultado diferente, eu não lhe mostraria e levaria esse segredo comigo para o túmulo. Você nunca teria conhecido. Mas quero que veja isso agora.”

Peguei os papéis dele, preocupada que já soubesse o que era.

O relatório impresso foi carregado com informações que não consegui entender, mas a parte superior incluía uma palavra, que me deixou muda. "Paternidade."

Meus olhos dispararam para ele. "Eu sou o pai dela," declarou ele.

Apertei o papel, até que estava enrugando, mas não me importei.

Ele continuou. "Sei que você não queria fazer o teste, porque estava preocupada que não fosse eu. É por isso que não te contei. Se tivesse voltado negativo, teria mantido esse segredo. E teria amado Emmy da mesma forma. Fiz isso por você, então poderia, finalmente, deixar o que aconteceu. Emmy é nossa, pelo sangue e por algo muito mais importante. "

Ele parou de falar, mas começou a se mexer. Seu corte saiu e então sua camisa. Por baixo, do lado esquerdo do peito, havia um curativo. Eu sabia, mesmo antes de começar a descascar a fita, segurando-a fechada, o que ele fez. Aquele local era a única parte de seu torso que não tinha tatuagens. Pelo menos, tinha sido.

A tatuagem que se revelou, roubou minha respiração. Apesar do creme brilhante que a cobre e da vermelhidão nas bordas, era a tatuagem mais bonita que já tinha visto.

Era uma jarra, desenhada como uma pintura em aquarela. No interior, havia duas formas amarelas brilhantes.

Vagalumes.

“Decidi, há muito tempo, que este ponto,” disse ele, indicando o peito, “era para você. Mantive isso nu todo esse tempo, porque era seu. Agora, pertence a você e Emmy.”

Por anos, a vida tinha saído do curso, levando-me por uma estrada, que nunca esperaria. Aceitei que nunca voltaria aos sonhos que tive. Estava preparada para aceitar um feliz diferente, uma alegria totalmente centrada em Emmy. Olhando para a tinta, em seu peito, com os presentes que ele me deu, por trazer nosso bebê, *nossa filha*, ao mundo, há quatro anos, ele me presenteou com meus sonhos de volta.

"Você fez isso," sussurrei.

“O que?”

“Quando éramos apenas crianças, você me disse que teríamos tudo isso, um dia. ia se tornar um Disciple, casar comigo e termos filhos juntos. E também me disse que me faria a esposa mais feliz de todas.” Olhei para ele, não tendo ideia de como reagir a tudo o que estava sentindo. "Você fez isso."

Ele me beijou então, até que meu corpo estava em chamas e eu estava pronta para ele me fazer um tipo diferente de feliz, enquanto retornava o favor. Bem contra meus lábios, ele sussurrou: "Faria qualquer coisa por você, Vagalume."

Ele sabia e eu sabia disso. Ele reivindicou a filha de um Disciple, aos seis anos de idade e fez um dos seus próprios. Já havia feito isso, quando fez todo meu mundo mudar.